

José Roberto Walker

Neve
na
manhã
de
São
Paulo



COMPANHIA DAS LETRAS



Sumário

PARTE I — A CIDADE

1. Vinte e três de outubro de 1954
2. Oswaldinho
3. A nossa roda
4. A velha cidade
5. Kamiá
6. A bailarina
7. A garçonnière

PARTE II — MARIA DE LOURDES, DAISY OU MISS CYCLONE

8. Ela
9. *A yankee girl*
10. Os doutores
11. Os operários
12. Greve!
13. Encontros
14. Nossa miss
15. O perfeito cozinheiro das almas deste mundo
16. O frio de maio
17. As diversas formas do amor e os ciúmes correspondentes
18. A cidade branca

PARTE III — CENAS DE AMOR E DE GUERRA

19. O desastre
20. O amor não conhece barreiras
21. Três cartas
22. A guerra chega até nós
23. A peste
24. O terror

- 25. Carnaval
- 26. As incertezas do amor
- 27. Venha já!
- 28. Quinto ato
- 29. *Acta est fabula*

Sobre este livro

PARTE I
A CIDADE

1. Vinte e três de outubro de 1954

Eu me lembro.

Eu me lembro de tudo. Vivo num mundo de lembranças. Desde aquele tempo remoto, quando éramos jovens e eu sonhava com um futuro de glórias literárias, jamais deixei de me lembrar deles. Dela mais do que dele. Oswaldo e eu vivemos próximos desde que tínhamos dez anos de idade e a vida toda mantivemos contato, mesmo quando distantes. Mas ela... acho que não houve um só dia, desde que a vi pela primeira vez, em que deixei de pensar nela. No tempo em que a conhecemos, eu ainda morava com os meus pais e, mais ou menos resignado, ganhava meu sustento num escritório de advogado, enquanto preparava minha primeira obra, que, eu tinha certeza, causaria enorme impressão assim que fosse publicada. Essa era a opinião de Oswaldo também. Nosso grupo de rapazes, permanentemente embriagados pelo futuro, mal cabia nos limites que a cidade nos impunha. Naqueles dias em que “sorriamos para a vida”, como ele dizia, todos seguíamos pelo mesmo caminho. Enquanto aguardávamos nossas primeiras obras-primas se concluírem, exercitávamos nossa literatura nos jornais e revistas da cidade e, vez ou outra, até do Rio. O grupo, que ela chamava de Os Gravatas, vinha todo, ou quase todo, da velha Academia de São Paulo, a Faculdade de Direito instalada havia quase um século no antigo convento do largo de São Francisco. Apesar de nossa origem acadêmica, nenhum de nós, nem remotamente, pretendia terminar os dias lendo processos ou redigindo contratos. Havia muita vida pela frente e queríamos vivê-la com intensidade.

Hoje, mesmo depois de tantos anos, ainda me lembro de tudo, tanto do que de fato ocorreu quanto daquilo que eu gostaria que tivesse acontecido mas que, afinal, nunca se realizou.

Lembro do nosso Retiro, que Oswaldo montou no início de 1917, e do que lá se passou. Lembro do prédio na rua Líbero Badaró recém-alargada, quase na esquina da avenida São João. Para quem saísse da praça Antônio Prado, que era o verdadeiro centro da cidade, por onde todos passavam e onde todos se

encontravam, bastava descer a avenida e virar à esquerda para achar nosso Covil, logo no início da ladeira. Era um prédio de três andares e de aspecto imponente, quando fora construído poucos anos antes. Com os novos edifícios que passaram a ocupar os dois lados da rua e os que continuavam a ser erguidos no lugar das velhas casas, ele já parecia meio atarracado, quando nos instalamos lá. Lembro da porta de madeira escura da entrada, com seus vidros guarnecidos por grades de ferro em volutas trabalhadas, do corredor longo e estreito que conduzia ao pequeno hall do elevador, da garçonnière no fundo do terceiro andar, dos móveis, dos quadros na parede, das fotos nas molduras. Lembro da música que tocava na fonola e dos ruídos que entravam pela janela, vindos da rua e das janelas vizinhas. Lembro do som do elevador e do barulho da porta metálica que o menino ascensorista abria e fechava. Lembro do guincho que o bonde produzia, subindo e descendo a ladeira, e da campainha que o motoneiro acionava para espantar os pedestres.

Lembro dos cheiros. Lembro, sobretudo do cheiro da cidade. Ela tinha um perfume próprio, que misturava a fumaça que saía continuamente das chaminés das fábricas com o gás que escapava dos lampiões da iluminação pública. Esses odores do progresso confundiam-se com os dos excrementos dos cavalos e burros que circulavam pelas ruas e com mil outros aromas espalhados pelo ar. Quem deixasse a cidade, ao voltar, imediatamente percebia aquele seu odor característico. Não se podia dizer se era bom ou ruim, apenas que estava lá e quem chegava logo o percebia. Havia também aromas mais específicos, que se sentiam o tempo todo, andando pela rua ou mesmo dentro de casa. Lembro do cheiro do café torrado na hora, que se podia sentir em qualquer lugar, das castanhas assadas vendidas nas ruas pelos italianos, do mofo que saía das aberturas dos porões e que se percebia quando se caminhava pela calçada. Do querosene das lamparinas que ainda se usavam, dos couros expostos nas lojas da 25 de Março, do bacalhau pendurado na porta de todas as vendas. Do cheiro forte de gás nas proximidades do Gasômetro, no caminho do Brás, que as crianças com bronquite e tosse comprida iam cheirar porque as mães acreditavam que fazia bem. Lembro do cheiro de farmácia, do carvão do ferro de passar roupa que invadia as casas no meio da tarde, do perfume das damas-da-noite nos jardins.

Lembro das calçadas sempre cheias e da multidão que ia e vinha o tempo todo sem parar. Lembro das vozes. Das vozes dos amigos e das vozes das ruas. Da algaravia de línguas misturadas: italiano, espanhol, árabe, alemão, algumas facilmente identificáveis; outras, desconhecidas e indecifráveis.

Na cidade daquele tempo naturalmente também se falava português, mas quase sempre com algum acento especial. Havia a fala carregada dos portugueses, e sempre se ouvia em todos os lugares a prosa cantada dos italianos, misturando um pouco da língua da nova terra e muito de sua língua natal. O mesmo acontecia com os espanhóis, que também eram muitos e rivalizavam com os italianos. Havia ainda a língua arrastada que falavam os poucos nativos, comendo erres e esses no final das palavras. No entanto, os paulistanos nascidos aqui pareciam uma minoria prestes a se extinguir; os demais habitantes eram quase todos estrangeiros e recém-chegados — como eu, que sempre fui estrangeiro na cidade. Talvez por isso muitas vezes a tenha observado com um olhar de turista, como o de quem está de passagem. Mas me apaixonei por ela desde que a vi, ainda criança, e andei por suas ruas com meu pai.

Indo com ele fazer compras, depois de me matricular no colégio, surpreendi-me pela primeira vez com São Paulo. Assim que saímos da escola, seguimos pela rua do Carmo até o largo da Sé. Para meus olhos de menino, aquele largo acanhado — que poucos anos depois seria destruído para dar lugar à praça da Sé — pareceu enorme. O que mais me espantou foram os tálburis e fiacres, o grande número de carros de aluguel que se amontoavam no velho largo à espera de fregueses. Para quem não viveu na cidade naquela época, é preciso explicar que se chamava de “carro” todo veículo movido por tração animal. Os poucos veículos a motor, estes, sim, eram os automóveis; ninguém diria “carros” para se referir a eles. Além dos carros, havia um número infinito de pessoas andando apressadas, indo de um lado para o outro, num movimento que eu nunca tinha visto igual. Para quem vinha de uma pequena cidade do interior, onde só se viam ruas movimentadas em dias de festa, aquilo me pareceu estranho e maravilhoso.

Lembro-me de ter perguntado ao meu pai se era dia de procissão e se toda aquela gente estava ali esperando o cortejo sair da igreja. Ele, um pouco surpreso, achou graça da minha ingenuidade. Disse que ali era sempre assim, que estávamos na capital e que eu veria ainda mais gente na rua Direita, onde compraríamos meus livros e cadernos. Saindo do largo da Sé, seguimos como se de fato acompanhássemos uma procissão, tal o número de pessoas que iam e vinham transbordando das calçadas para muitas vezes invadir o leito da rua, obrigando os pedestres a se espremerem toda vez que o bonde passava. Foi a primeira e mais marcante impressão que tive da cidade e da qual me recordo nitidamente até hoje — a multidão que sempre ocupava as ruas centrais. No fim da rua Direita ficava o viaduto do Chá. Embora não fosse nosso caminho, fiz

meu pai levar-me até lá. Era extraordinário como parecia ser tão grande e tão alto, diferente de tudo que eu conhecia. Atravessá-lo foi uma aventura para quem tinha apenas dez anos e nunca vira nada igual. Formadas por grandes vigas de madeira, suas calçadas deixavam frestas que permitiam entrever, a cada passo, o fundo do vale lá embaixo. Quando os bondes elétricos, cujo serviço tinha sido recentemente iniciado, cruzavam o viaduto, faziam tremer a estrutura de ferro à sua passagem.

Desde aquele primeiro dia, jamais deixei de contemplar a cidade com um olhar curioso. Com o passar dos anos, acostumei-me a reunir suas histórias. Talvez por tê-la visto mudar tanto e tão rapidamente, sempre quis conhecer seu passado. Durante toda a minha vida, colecionei relatos de viajantes, memórias de seus moradores e um número infinito de recortes de jornais. Guardei também nossas histórias e tudo que se publicava sobre algum de nós. Nós, não. Eu, desde que voltei para o interior, apenas acompanhei de longe os sucessos do meu velho grupo. Meu nome, de fato, nunca mais saiu no jornal, mas os deles, sim. Alguns alcançaram a glória de imortais da Academia Brasileira de Letras e todos tiveram sua parcela de fama, uns mais, outros menos. Eu não me tornei um escritor. Minha pobre literatura, esparsa, ficou apenas publicada nos jornais e revistas daquela época. Mas houve um tempo em que até Oswaldo anteviu para mim um brilhante futuro literário. Chegou a me considerar quase um Stendhal — ele, sempre excessivo, nunca teve medida, tanto nas críticas quanto nos elogios. Eu publiquei pequenos contos e trechos de livros que nunca concluí e foi só. Para ser franco, por mais de trinta anos somente o *Diário Oficial* publicou o meu nome, de quando em quando, nas minhas férias, promoções ou transferências. Minha vida literária se acabou com a minha juventude. Casei, acomodei-me e segui a rotina ordenada do funcionalismo público. Cada um escolhe a vida que leva. Eu escolhi a minha. Não reclamo.

Agora todos comemoram o progresso de São Paulo. Nos bondes, cartazes dizem que é a cidade que mais cresce no mundo. Talvez seja, não sei; de qualquer forma, é inegável que cresceu muito. Todos querem lembrar do seu passado, mas eu o tenho entre os meus guardados. Na metrópole, que neste ano completou quatrocentos anos e não para de festejar as suas glórias, cada um quer redescobrir uma história perdida.

São Paulo é uma cidade singular, que guarda seu passado sempre escondido. Mesmo quem assistiu às suas transformações sente dificuldade de lembrar-se delas, tal a sua velocidade. Mas eu me lembro.

Hoje são as lembranças que me conduzem de um lado a outro. Foram elas que

me trouxeram para cá, foram elas que me levaram à casa dele. Não foi fácil encontrá-la. Nos últimos tempos, ele se mudava muito, estava a cada hora num lugar. Vivia do pouco que obtinha com seu trabalho na imprensa e dos restos dos terrenos que vez ou outra conseguia resgatar da confusão em que, ao longo dos anos, transformara-se sua rica herança. Todas as vezes que nos falávamos, eram as dificuldades da vida o seu principal assunto. Pelo menos comigo. Ele me contava de seus passeios com os filhos pequenos nos fins de semana, pelas ruas de Pinheiros, em busca de terrenos baldios que, depois de árduas pesquisas nos cartórios, podiam, às vezes, ser incorporados ao espólio de seu pai e vendidos para financiar um curto desafoço. Mas na última vez foi diferente. Fui vê-lo no hospital uns meses atrás. Estava acabado, magro, abatido — ele, que sempre fora tão gordo. Continuava escrevendo, embora já não acreditasse em sua literatura. Achava que não havia conseguido produzir a obra que pretendia e que ninguém se lembraria dela. Fazia tempo que seus antigos livros estavam esgotados e os últimos que publicou tiveram escassa repercussão. Dos nossos contemporâneos, só o Mário sobreviveria, ele me disse. Entrara numa fase mais mística do que lhe era natural. Sempre tinha sido um católico rebelde, acreditava supersticiosamente na religião, porém descreia dos religiosos. Fizera grandes doações à Igreja e brigara com quase todos os padres. Agora tinha dúvidas e vivia numa angústia que parecia insuportável.

Nessa minha visita, logo que entrei no quarto ele falou sobre ela. Nunca, em todos estes anos, havíamos tocado nesse assunto penoso para nós dois. No entanto, a lembrança dela voltara a atormentá-lo. Fez-me apanhar no seu armário uma velha mala, daquelas antigas que ele seguramente usara nas inúmeras viagens que fizera à Europa. Nela havia diversas etiquetas de navios e uma tão curiosa — com a estampa de um camelo em frente a uma pirâmide — que de imediato chamava a atenção. Era do Shepherd's Hotel, no Cairo, onde nos bons tempos ele se hospedara. A mala, bem pesada, que levei até a cama dele, estava repleta de cartas, cadernos e fotos. Não podia acreditar que, depois de tantos anos, ele ainda tivesse aquelas lembranças guardadas. Praticamente tudo que era dela e até as cartas que eu lhe escrevi estavam lá. Tivemos uma conversa longa e difícil. A cada frase, eu percebia, ele se inquietava mais e mais e se exaltava. Nessa época já respirava com dificuldade por causa do problema cardíaco e cansava-se facilmente. Era visível que esse assunto o preocupava mais do que tudo. Mais até do que sua literatura ou do que as questões do dia a dia que o atormentavam nos últimos anos. Sua angústia era saber se havia agido certo e se tinha tomado as decisões corretas. Durante nossa conversa, por diversas vezes

ele me perguntou:

— Você, que acompanhou tudo, que sempre esteve junto de nós, acha que eu fui o culpado?

— Talvez tenha sido apenas azar — respondi debilmente, procurando enganar a nós dois.

O que eu poderia lhe dizer? Eu nem sequer sabia qual o tamanho da minha própria culpa! Procurei de todas as maneiras fugir daquele assunto, até para evitar inquietá-lo mais. Mas ele não permitiu, parecia que vinha aguardando por aquela conversa havia muito tempo. Depois de tantos anos, finalmente fomos capazes de falar sobre aquilo. Mas eu não lhe disse tudo. No final, mostrou-me um texto que acabara de escrever e que iria enviar para sua coluna no jornal. Dizia que “de pé diante do irreversível, o homem deve se deixar devorar sem medo, não é outra a função da vida”. Anotei a frase. Apesar de abatido e pessimista, ainda mantinha a paixão e o talento. Mas creio que sentia medo. Assim como eu.

Há uma semana o telefone tocou na minha casa tarde da noite. Eram já dez horas passadas e todos estavam dormindo. Eu não. Até hoje não consigo dormir e acordar cedo. Quando a telefonista me disse que era um interurbano de São Paulo, me assustei. Era ele. Sua voz estava muito baixa e débil e era fácil perceber que respirava com dificuldade. Perguntou-me sem preâmbulos:

— O que você acha?

— Acho do quê, Oswaldo? Não estou entendendo.

— Eu estava morto de ciúmes. Você acha que fui o culpado?

Deus me deu mais aquela oportunidade, mas eu apenas procurei acalmá-lo e encerrar depressa aquele telefonema caríssimo, que eu sabia que ele não poderia pagar facilmente.

Foi a última vez que nos falamos.

Dos velhos amigos, acho que quase nenhum mais o procurava. Ele cultivava as divergências. Comigo manteve um bom relacionamento até o fim, apesar do livro das memórias. Da sua antiga prosperidade pouco restou. Lutava para acudir aos seus compromissos e parece que nem sempre havia o suficiente para o aluguel. Preocupava-se muito com seus filhos pequenos. Do último endereço que eu tinha, um apartamento na Bela Vista, ele se mudara havia poucos meses. Durante a nossa infância, foi nesse pedaço da cidade que ele viveu com os pais, na rua Santo Antônio, no alto da ladeira. Eu morava na Liberdade e nos

encontramos pela primeira vez na escola da rua do Carmo. Isso foi há mais de cinquenta anos. Com o porteiro do prédio consegui o seu último endereço, numa rua um pouco distante na Vila Mariana. Cheguei lá de bonde. Mesmo assim andei um bom pedaço. A casa, térrea, era mediana e ficava numa rua sem importância que termina nuns terrenos baldios e de onde se vê o obelisco em memória da Revolução de 32, que há anos está sendo construído e parece que finalmente será inaugurado.

No entanto, ele já não estava lá. A empregada que me recebeu deu-me um pouco de água. Entrei por um momento na sala. “Foi ali que ele morreu tranquilamente, sentado”, ela me disse, apontando para uma poltrona verde. Nas paredes ainda estavam os quadros que faziam um contraste gritante com a simplicidade da casa. Os belos quadros que ele tanto amou e conservou por toda a vida. De Chirico, Picasso, Léger, Di e Tarsila. Eram suas bandeiras, ele dizia. Oswaldo tinha sido levado para a Biblioteca Municipal. Parece que querem dar o nome do Mário a ela. Curiosa ironia. Os dois, que praticamente não se falaram desde 1929, eram obrigados a se encontrar em cada passo da vida. Até neste último. Será que seu nome também seria dado a alguma obra pública, uma rua, praça, viaduto? Não sei, quem poderia saber? Mário de Andrade tinha discípulos, admiradores, gente que o seguia por toda a parte. Oswaldo, ao contrário, passou a vida perdendo amigos e se afastando dos antigos companheiros. Quem o defenderia hoje em dia? Quem estaria com ele neste último momento? Nem eu, se não me apressasse.

Como eu não conseguiria alcançá-lo na biblioteca, fui direto para o cemitério da Consolação. Mais um bonde, outra caminhada. Na minha idade essas coisas já não são tão fáceis. Chegamos juntos. Ele ia acompanhado por uns poucos. O caixão, modesto, era o retrato do que ele tinha vivido nos últimos anos. Não reconheci quase ninguém. Curiosamente, havia mais jovens do que velhos como eu. De longe, vi Paulo, o único dos companheiros do nosso Retiro que, além de mim, foi acompanhá-lo pela última vez. Ele acabou de se reeleger deputado federal. Desde jovem nunca conseguiu ficar longe do poder. Eu não o via há muitos anos. Não sei quantos, mais de vinte com certeza. Nos cumprimentamos de longe. Acho que ele, como eu, imediatamente evocou os velhos tempos, aqueles anos em que vivêramos todos tão juntos, que parecia impossível que pudéssemos nos separar algum dia. Entrei no cemitério atrás de todos. Não me aproximei da família. Em frente ao portão de entrada, uma alameda mais larga conduzia à pequena capela branca. Não consegui entrar nela. A capela, na realidade todo aquele ambiente, me fazia voltar ao nosso passado de um modo

incontrolável. Senti que podia chorar. Não sei se por ele, por ela ou por mim mesmo. Tive o bom senso de me afastar e acompanhei todo o resto de longe. Dois ou três discursaram ao pé do túmulo branco. Um deles foi Paulo. Não ouvi bem o que ele disse, eu estava a uma distância considerável e o ruído da rua encobria sua voz. De mais a mais, eu só ouvia os sons do passado. Sabia que não conseguiria me aproximar daquele lugar mesmo depois de tantos anos. Afastei-me dali antes do fim da cerimônia. Saí sem falar com Paulo e nem com nenhum outro dos poucos conhecidos.

Desci a pé a rua da Consolação, embora estivesse cansado, e fui andando até a estação. Foi uma boa caminhada, gastei nela uma hora. Precisava daquele esforço para me recompor. Comprei passagem para o das três e meia e embarquei.

Enquanto o trem me leva de volta para casa, não posso evitar as lembranças. Dele, de quem me despedi hoje. E dela, de quem jamais consegui verdadeiramente me despedir.

2. Oswaldinho

Já é tarde mas ainda escrevo. Mesmo no silêncio da minha rua, nesse interior calmo, não consigo dormir. Apesar do esforço da viagem o sono não vem. Minha cabeça, povoada de lembranças, não é ainda capaz de descansar e as memórias me perseguem. Depois de tantos anos passados, datas se misturam e as lembranças se atropelam.

Acho que foi em 1917, quando tínhamos já vinte e sete anos, que as nossas vidas começaram a mudar. Mas nos encontramos muito antes disso.

Quando o conheci no Ginásio Nossa Senhora do Carmo, onde ambos estudávamos, logo fizemos amizade. O acaso nos fez dividir o mesmo banco numa daquelas velhas carteiras de ferro e madeira que ainda hoje se usam nas escolas. No Carmo, nas salas das primeiras séries, as carteiras eram duplas e nós estávamos entre os alunos mais novos. Foi uma provação nos adaptarmos à escola, onde éramos tratados sem dó nem piedade pelos garotos mais velhos, que já podiam se orgulhar de ter doze ou treze anos e se consideravam homens feitos. Depois de algumas semanas de aulas, eu facilmente convenci meu pai de que não era necessário que Arminda, a empregada portuguesa de confiança de minha mãe, fosse me levar e trazer da escola todos os dias. Afinal o colégio ficava a poucas quadras de casa e a pequena São Paulo daquele tempo não oferecia riscos. Livrar-me dela era minha maior preocupação, pois não havia nada mais denunciador da nossa insuportável infantilidade do que não poder sair da escola e circular livremente por aquelas imediações, como os alunos maiores. O mesmo não acontecia com Oswaldo. Enquanto estive no colégio, uma velha empregada o levava à escola e o pai ia buscá-lo todos os dias na saída. Demorou muito para que ele pudesse andar pela rua sem companhia, como faziam os outros garotos. A dependência dos mais velhos, nessa idade em que as crianças já não querem ser crianças, era mortal para nós. Os outros alunos, principalmente os mais graúdos e atrevidos, rapidamente localizaram Oswaldo e fizeram troça dele. Para

piorar, ele era gordo e logo foi chamado de Pipa, apelido que obviamente detestava. Nós, os novatos, tínhamos poucos meios de resistir aos veteranos. Oswaldinho detestava a escola e os irmãos maristas franceses que a dirigiam. Formamos uma dupla inseparável e nos defendíamos mutuamente. Bem, na verdade eu o defendia, porque além de gordo Oswaldo não tinha nenhuma agilidade ou aptidão física. Era péssimo nos esportes. Eu, devo dizer, jogava bem futebol, coqueluche da época, o que acabou por me fazer respeitado na escola. Era um dos poucos garotos capazes de fazer um charles-miler, passe feito com o calcanhar e inventado pelo introdutor do futebol em São Paulo e que só o próprio Charles Miller sabia executar com perfeição nas emocionantes partidas em que se enfrentavam os times do Paulistano e do São Paulo Athletic, no principal evento futebolístico da nossa infância. Eu torcia para o São Paulo, mas Oswaldinho era mackenzista, torcedor do Mackenzie College, outro grande time da época. Andávamos sempre juntos.

Lembro-me da primeira vez que fui à sua casa. O sobrado da rua Santo Antônio tinha um grande quintal que descia quase até o córrego que desaguava no Anhangabaú, onde bem mais tarde se construiria a avenida Nove de Julho. Sua mãe, que já ouvira Oswaldinho falar muito de mim, queria me conhecer e, assim que entrei na sala onde ela estava, submeteu-me a um verdadeiro inquérito. Perguntou sobre minha família, o que meu pai fazia, quais eram as minhas notas, se eu ia à missa, quantas vezes comungava, quis saber das minhas leituras e mil outras coisas que estão sempre na cabeça das mães. Lembro que fiquei extremamente intimidado e só conseguia pensar em sair dali o mais depressa possível e nunca mais voltar. Oswaldinho, roxo de vergonha, assistia a tudo paralisado, querendo, também como eu, fugir dali. Mas foi só a primeira impressão. Talvez por eu ter sido aprovado nesse minucioso interrogatório, daí em diante ela sempre me tratou muito bem.

Dona Inês era uma senhora gorda, baixinha, muito afável e carinhosa, tinha lindos e meigos olhos claros como os do filho, e passava os dias num sofá de palhinha da sua sala de visitas cuidando de tudo e de todos. Sofria de asma e sua respiração muitas vezes era ofegante. Locomovia-se pouco e sempre com esforço. O sofá era seu trono e de lá comandava a casa, a vida do filho e ainda ajudava seu Andrade nos negócios. E rezava, rezava muito. Havia sempre uma novena em curso ou um padre ou uma freira em visita à casa. Logo que fui aceito como o melhor amigo de seu filho, me vi incluído na família. Confesso que ela me mimava também, era da sua natureza maternal. Sempre nos enchia de comida e de doces, muitos doces. Nunca faltavam nossos doces favoritos, baba

de moça para Oswaldinho e cocada mole para mim. Nessa época, eu adorava uma água mineral muito gasosa que seu Andrade mandava vir especialmente de Caxambu. Não era propriamente uma novidade, mas na minha casa não havia. Cheia de bolhas e com um gosto forte, tinha o sabor que a infância dá às coisas, mesmo as mais simples. Sempre que eu ia lá, dona Inês fazia questão de pedir às empregadas “um copo daquela água para o Pedrinho”. Quando entrávamos ou saíamos da sala onde ela vivia, íamos beijá-la e abraçá-la. Sua gordura perfumada e seus abraços macios me confortavam. Quando eu brigava em casa ou minha mãe ralhava comigo, era com ela que eu ia me consolar. Eu gostava muito dela e sempre ia vê-la. Por seu lado, ela fazia os maiores esforços para que Oswaldinho ficasse sempre por perto. Detestava quando ele ia à minha casa e com frequência insistia para que eu fosse lá, onde podíamos brincar no seu enorme quintal. Só muito depois compreendi que ela tinha medo. Oswaldo tinha tido um irmão que morrera com dois anos, e essa morte do filho tinha sido um trauma insuperável na vida de dona Inês. Hoje eu posso entender que era o medo que a fazia cercar Oswaldinho de todos aqueles cuidados. Medo de que lhe acontecesse alguma coisa na rua, se ela não estivesse olhando, de que ele ficasse doente ou de que um raio lhe caísse sobre a cabeça. Havia medo no olhar dela, um medo permanente, avassalador. Seu Andrade fazia de tudo para sossegá-la, mas também cercava o filho de mil cuidados. Os dois eram bem mais velhos que os meus pais e nunca mais teriam filhos. Oswaldo era tudo o que eles tinham e tudo o que tinham era para ele.

Desde criança Oswaldo percebeu que podia pedir muito aos pais, mais do que nós, os outros garotos, sonharíamos. E ele pedia. Antes de terminar nosso primeiro ano no Ginásio do Carmo, ele já estava em campanha para deixar a escola. Descobriu, nem eu sei como, uma vizinha na rua Santo Antônio — dona Matilde — que muitos anos antes havia trabalhado como preceptora em casas ricas e que, segundo ele, poderia muito bem ensiná-lo. Enquanto convencia a mãe, encarregou-se também de convencer dona Matilde, que, retirada e cuidando de seus afazeres, nem pensava mais em voltar a dar aulas. Tanto fez que dona Inês acabou concordando e ele passou a estudar em casa. Quando conseguiu esse feito extraordinário, nenhum de nós, seus colegas de escola, acreditou. Mas era verdade. Ele conseguiu livrar-se dos Irmãos Maristas, do Ginásio do Carmo, e dona Matilde tornou-se, por invenção dele, professora novamente. Mais tarde, quando o novo Ginásio de São Bento foi inaugurado no mosteiro dos monges alemães, Oswaldo, já com treze anos, concordou em se matricular ali. Eu, que queria voltar a estudar com ele e tampouco apreciava o Ginásio do Carmo, pedi

em casa que me transferissem para lá. No meu caso foi fácil convencer meu pai a matricular-me também no São Bento. O novo abade do Mosteiro, d. Miguel Kruse, que fundara a escola, tinha imenso prestígio e havia se transformado em poucos anos, desde que chegara à cidade, numa verdadeira celebridade, seu Ginásio de São Bento tornou-se rapidamente a principal escola paulistana. Oswaldo e eu nos juntamos outra vez e lá conhecemos o Guy. Quando nos formamos, em 1908, nosso destino era claro: iríamos para a Academia. Só Oswaldinho não se conformava. Para ele, era Paris!

Oswaldo nunca teve vontade de entrar na velha São Francisco. Quando saímos do colégio, ele dizia a todos que seu sonho era estudar medicina em Paris. Mas duvido que pensasse seriamente em ser médico. O que ele queria, e disto eu tenho certeza, era conhecer Paris e depois se estabelecer por lá. Tentou de todas as formas fazer com que seus pais permitissem que ele estudasse na Europa. Sua família estava ficando mais rica a cada dia e seu pai, um velho corretor de imóveis que prosperou com o crescimento desmesurado da cidade, possuía um gigantesco loteamento que ia do alto do espigão da avenida Paulista, em frente ao cemitério do Araçá, até as margens do rio Pinheiros, que ele batizou de Vila Cerqueira César, em homenagem a um dos chefes políticos do PRP, partido pelo qual seu Andrade fora vereador por muitos anos. Nesse período consolidou seus negócios de loteador e esses terrenos, que se valorizavam a cada dia, eram a base da fortuna da família e faziam de Oswaldo um jovem e rico herdeiro. Portanto não lhe faltavam recursos para estudar na Europa. Porém Oswaldinho — como os pais o chamavam — era o filho único de dona Inês e de seu Andrade, que, já velhos, nem sonhavam em permitir que ele se afastasse por tanto tempo para estudar fora. Sua mãe nunca apreciou que Oswaldinho saísse de perto das suas vistas. Foi sempre assim.

Apesar de sua insistência em viajar e, considerando que a mãe lhe permitia quase tudo e o protegia sempre, mesmo contra a opinião do marido, dessa vez ele não conseguiu o que queria e acabou, como todos nós, matriculado na escola do largo de São Francisco, um convento velho e decrépito, muitas vezes reformado. Naquele tempo, para pertencer à elite da elite — o lugar que nos era destinado — era preciso necessariamente ter o título de doutor.

No entanto, Oswaldo levaria um tempo recorde para concluir o curso. Eu e o Guy, que entramos na faculdade com ele, nos formamos muitos anos antes. Em compensação não conhecemos a Europa. Oswaldo interrompeu o curso no terceiro ano para finalmente viajar. Depois de muito insistir, convenceu a mãe de que conhecer a Europa seria mais importante do que perder um ano da escola.

Os pais concluíram que a viagem de fato seria proveitosa para a formação do filho e lhe daria cultura e traquejo social para enfrentar a vida. Lembro-me que Oswaldo embarcou em fevereiro de 1912, com a promessa de escolher uma estação de águas adequada à dona Inês, onde os pais poderiam encontrá-lo no verão europeu. Embora ricos e com uma origem vagamente aristocrática, seus pais eram pessoas simples que nunca sonhariam em ir à Europa sozinhos. Se os planos dessem certo voltariam todos juntos em outubro no fim da temporada europeia.

Seu Andrade, Guy, eu e alguns amigos e primos o acompanhamos até Santos. As despedidas em casa foram emocionadas, pois era a primeira vez que Oswaldinho se separava dos pais em toda a sua vida. Dona Inês, com o rosto lavado de lágrimas, se despediu no portão da casa da rua Santo Antônio, acompanhada pelos empregados e pela irmã Úrsula, uma freira da Santa Casa e velha amiga da família.

Sáímos logo cedo para a estação da Luz para pegar o trem para Santos. Naquele tempo, sempre que um grande vapor partia, um trem especial levava os passageiros, parentes e amigos para as despedidas no cais. Oswaldinho embarcaria às dez da manhã no *Martha Washington*, um moderno transatlântico da Austro-Americana de Trieste, que fazia a linha entre a Europa e a América do Norte e a do Sul. Era um navio enorme com mais de cento e quarenta metros de comprimento, capaz de transportar mais de dois mil passageiros na terceira classe e usado no transporte de imigrantes de Trieste e Nápoles para Nova York e América do Sul. Na volta, sem os passageiros da terceira classe, carregava café em Santos para os portos europeus, segundo informava o prospecto que fui lendo durante a descida da serra e que Oswaldo me emprestara. Ele, naturalmente, era um dos sessenta passageiros da luxuosa primeira classe. Embarcar num transatlântico para a Europa era o sonho de todos nós, e ele seria o primeiro do nosso grupo a ter essa oportunidade. Eu, como a maioria, nunca havia pisado num grande navio e tinha muita curiosidade.

Depois das trabalhosas providências de embarque, fomos todos conhecer o *Martha Washington*. Havia um amplo salão de jantar, um salão de jogos e uma pequena orquestra para a distração dos passageiros da primeira classe, que tanto podia se apresentar numa área coberta do tombadilho quanto na sala de refeições. Enquanto passeávamos pelo deque, fomos procurando reconhecer, no tumulto do embarque, os futuros companheiros de viagem de Oswaldo. Vimos ingleses, argentinos e alguns brasileiros. Não pudemos, porém, aguardar a partida, pois o navio, que voltaria para a Europa com milhares de sacas de café,

ainda permaneceria muitas horas atracado, carregando. Não podíamos perder o último trem para São Paulo e fomos obrigados a deixá-lo. Nos despedimos no deque superior da primeira classe e saímos para o cais. Enquanto descíamos pela prancha, pudemos ver a imensa fila de homens que carregavam nos ombros duas sacas de sessenta quilos de café cada um e faziam isso sob o sol escaldante, por longas horas, até lotar os porões do barco. O seu Andrade foi o último a sair, depois de mil recomendações e no tempo justo de não perdermos o trem de volta. Oswaldo ficou na amurada do navio acenando para nós.

Cerca de três meses depois de sua partida, a saúde de dona Inês se complicou, e a viagem dos pais à Europa foi sendo continuamente adiada. Dona Inês proibiu à família e aos amigos que contassem a Oswaldo o que se passava em sua casa. Com a ajuda da irmã Úrsula, que lhe amparava as mãos, escrevia ao filho, escondendo seu estado. Mas Oswaldinho desconfiava. Depois de seu regresso, me contou que um dia estava na Calábria, contemplando um pôr do sol num fim de tarde, quando pensou ver nas nuvens a imagem da mãe que o chamava e decidiu voltar. Era ainda agosto e o verão e a temporada turística estavam no auge. Ele encerrou precipitadamente a viagem e embarcou em Trieste, no primeiro navio disponível. Telegrafou para a mãe assim que aportou na Bahia, mas já era tarde. Dona Inês morreu em casa, no dia 7 de setembro, com o telegrama do filho nas mãos. Aflito por regressar, Oswaldo desembarcou no Rio de Janeiro e tomou o trem para São Paulo a fim de ganhar tempo. Isto anteciparia em um dia a chegada. Fomos esperá-lo na estação da Luz, eu, Guy e seus primos. Quando nos viu, compreendeu tudo imediatamente. Para ele, encontrar a mãe morta foi um choque tremendo, do qual nunca se recuperou. Durante toda a vida lamentaria essa perda. O manto protetor da mãe lhe garantira a felicidade de seus primeiros anos e a independência de sua juventude. Sem ela, sua vida se transformaria radicalmente.

Daí em diante viveu num ritmo frenético, misturando aventuras e desventuras com mulheres, o jornalismo e a literatura. Desde que saímos do Ginásio de São Bento, ele dizia que iria viver a vida com V grande. Até aquele momento vinha conseguindo.

Cinco anos depois da morte da mãe, ainda permanecia deslumbrado com o futuro, como todos nós. Embora houvesse prometido a ela retomar o curso assim que voltasse da Europa, não havia feito isso. Agora, com a insistência do pai e dos amigos, se propunha a finalmente ser bacharel.

Já era tempo.

3. A nossa roda

A rua, coberta pela neblina, estava quase invisível naquele fim de noite de maio de 1917. Apenas muito de perto se distinguia um ou outro passante encapotado que voltava para casa. O calçamento de pedra brilhava, ainda úmido da garoa da tarde. Para nós, que vivíamos a vida boêmia, essa era a hora em que tomávamos posse da cidade. Fazíamos isso quase todos os dias.

— Cuidado com esse maldito portão! — disse Oswaldo, dirigindo-se ao Guy, que tentava com muito jeito abrir a pesada porta de madeira sem fazer barulho. — Se os vizinhos acordarem novamente, amanhã sou eu que terei de ouvir as reclamações do Fiore!

Sáímos do prédio com cuidado e procuramos nos afastar em silêncio, tarefa bem difícil para nós, que falávamos sempre o tempo todo e todos ao mesmo tempo.

— Acho melhor irmos ao Bar Viaducto — disse Guy. — O Ignacio deve estar lá.

— Podemos ir ao Guarany — falei. — Já está quase na hora dos jornais fecharem e podemos encontrar o pessoal saindo das redações e saber as notícias.

Mas Oswaldo tinha fome.

— Já é tarde, temos que comer. Vamos para a Pizzaria Napoli — decidiu. — Os outros vão acabar nos encontrando.

Para comer sem gastar muito, a novidade das pizzas napolitanas na São João era mesmo o mais conveniente, além da pizzaria ficar aberta até a madrugada. Subimos a ladeira até o largo do Paissandu. Ainda havia obras. A cidade vivia em obras e elas pareciam não ter fim. Enquanto subíamos, Oswaldo ia encontrando um ou outro colega da Academia. Ele havia se matriculado no início daquele ano, com a interferência de Jairo, que além de colaborar na nossa revista, *OPirralho*, trabalhava na secretaria da faculdade para se manter e cuidou da complicada burocracia da escola.

Em maio São Paulo começava a esfriar, isso ocorria depois do veranico, uma onda de calor típica da cidade que marcava o início do inverno. Naquele ano de 1917, porém, o calor acabou bem mais cedo. A temperatura caiu de repente e não havia como se defender do frio que entrava pelos ossos. Oswaldo, que subia a ladeira um pouco à nossa frente, encontrara um grupo de rapazes da Academia. Como sempre acontecia naqueles dias, formou-se uma roda e a discussão se acendeu imediatamente.

— O Lauro Müller é um germanófilo. Foi uma vergonha para o Brasil tê-lo como ministro das Relações Exteriores enquanto a Alemanha afunda os nossos navios — disse um dos estudantes.

— Certamente estaremos melhor servidos com Nilo Peçanha! — respondeu Oswaldo, olhando para mim com um sorriso mal disfarçado que eu conhecia muito bem. O ex-presidente da República acabava de ser nomeado ministro das Relações Exteriores e todos nós mergulhamos pela primeira vez na política justamente na campanha civilista de Ruy Barbosa contra o marechal Hermes da Fonseca, que tinha vencido com o apoio de Nilo.

— Mas morreram três marinheiros no afundamento do *Paraná*! No torpedeamento do *Tijuca* não morreu ninguém por milagre! — acrescentou o estudante, já exaltado.

— Este país tem que ser capaz de defender a sua honra! — disse outro. O grupo, com quatro ou cinco rapazes na faixa dos vinte anos, estava todo contra Oswaldo, que parecia se divertir com a discussão.

— Mais calma, meus asnos! Marinheiros acham-se às dúzias e se fosse apenas isso ninguém se importaria com eles. O que de fato ofende a honra nacional são as duzentas mil sacas de café que foram para o fundo do mar. Isso, patrioticamente, não podemos suportar!

— Não se esqueça que já empastelamos o *Jornal Alemão* — disse um dos estudantes, que aparentava ser o mais jovem.

— Sim, e foram solenemente espaldeirados pelo Fontes de Rezende, aquele exemplo de policial racionalmente nacionalista. E vocês acham que este governo é capaz de declarar guerra à Alemanha? Já foi um assombro termos rompido relações enquanto algum dos nossos navios mercantes ainda flutua!

— Mas os acadêmicos não vão deixar de lutar pela honra nacional. É o nosso dever de brasileiros — disse um dos outros para Oswaldo.

— À troça, hein? *Aux armes académiciens! Formez vos bataillons! Marchons, marchons!* — E Oswaldo começou a cantar a sua versão de *A Marselhesa*.

Diante da perplexidade dos estudantes, virou-se para mim e declarou:

— O furor guerreiro da Academia está de apetite. Vamos jantar! — E entrou.

No interior da pizzeria, podíamos ver, através da vidraça das vitrines, o grupo, agora inflamado, gesticulando freneticamente. Era sempre assim: Oswaldo tinha um solene desprezo pelo ambiente da Academia e sua convivência com os colegas nunca foi pacífica. Na mesa, jantamos literatura e política. Também era sempre assim. Guy, ponderado, argumentava:

— Não se pode negar que o afundamento de navios brasileiros exige uma atitude.

— E o que você espera que aconteça, Guy? Acha, então, que o Brasil vai declarar guerra às Potências Centrais? O que vai acontecer é que o Lessa e o Steidel vão reunir na faculdade um bando de cretinos nacionalistas e organizar um desfile. Se os ânimos se exaltarem, pode ser que vão um alemão que passe distraído pela rua Quinze. Se a coisa esquentar e a polícia se descuidar, talvez quebrem uma vitrine da Casa Alemã e levem para casa os cacos de vidro como troféus de guerra.

— Diabos, Oswaldo, com você não se pode discutir! Veja pelo menos o soneto que escrevi para *O Pirralho* desta semana. Aquele reles pasquim está necessitando de mais poesia, em vez de maravilhosos anúncios de tônico capilar.

— Pois, para variar, estás enganado! O brilhante Ristore Welman pode não fazer crescer os teus cabelos, mas tonifica o nosso caixa, que há muito anda raquítico. Já teus versos pagam tributos apenas às musas que só aparecem para ti!

Enquanto conversávamos, os outros foram chegando. Primeiro veio Edmundo, depois Ignacio junto com Jairo. Nossa roda estava quase completa.

— Não é verdade — disse eu. — Elas também marcam encontros noturnos com o Ignacio!

— Quando o Ignacio sai à procura das musas, tudo o que ele encontra é a Pina — disse Jairo.

Ignacio, bacharel como quase todos os do nosso grupo, vivia com uma modista italiana, gorda e feroz, que atendia numa sala da Benjamin Constant, ao lado da Academia, onde ele a havia conhecido quando ainda era estudante. As fugas de Ferrignac, nome de arte do nosso Ignacio, eram épicas e quase sempre encontravam a barreira intransponível da italiana, que o vigiava como um cão de guarda.

— E a Tullia, Oswaldo? — perguntou Ignacio, querendo logo mudar de

assunto para fugir das nossas brincadeiras.

Ferrignac era o desenhista do grupo e já havia feito, no ano anterior, uma exposição de seus desenhos e caricaturas, além de desenhar todas as semanas para *O Pirralho*. Enquanto falava ia desenhando tudo num caderno de rascunhos que carregava sempre.

— Só nesta cidade de hábitos feudais se pode ver uma mulher esbofeteada quase em público. E o Saldanha ainda a demitiu. Tirou outra italiana do Vergani, que está no Colombo, para substituí-la; parece que estreia amanhã. — Oswaldo se referia a uma atriz que fora espancada pelo empresário. — Fui visitá-la, está numa pensão no Paissandu. Me disse que irá para o Rio, já que por aqui ninguém mais vai contratá-la.

— E então, abichaste? — perguntou Ignacio, animado com a mudança de rumo da conversa.

— Nada disso. Fui me desculpar por esta cidade de brutos. Não houve nada além de uma conversa elegante. A coitadinha já estava fazendo as malas. Vamos dar a história no *Pirralho*!

— Calma lá — disse Jairo, secretário de redação e um dos mais preocupados com a sobrevivência da revista. — Afinal ela é apenas uma cômica enquanto o Saldanha tem amigos e é respeitado. Vamos é arranjar mais inimigos. Como se os que temos já não nos bastassem.

— Não há dúvida de que o Saldanha foi deselegante fazendo o que fez — disse Edmundo, o mais jovem do nosso grupo e ainda estudante. — Mas se *O Pirralho* se puser a defender cada atriz que leva uns tabefes, com ou sem razão, logo acabará empastelado como o *Jornal Alemão*.

— Aqui está a nossa mocidade acadêmica! De olhos postos no futuro e com os quatro pés fincados na senzala — respondeu Oswaldo. — Nesta cidade ainda há quem ache que as mulheres deveriam continuar atrás das rótulas e sair cobertas de mantilhas!

Logo *O Pirralho* se tornou o assunto principal. Todos nós, de uma forma ou de outra, colaborávamos. A revista saía aos sábados e passávamos a semana discutindo a pauta e selecionando o que iria ao prelo. Sempre fui um dos redatores mais entusiasmados e era lá, principalmente, que eu publicava a minha nascente literatura.

A revista também era resultado da força de persuasão de Oswaldo junto aos pais. Ele passara semanas convencendo dona Inês a financiar o negócio. Como

de costume, ela dificilmente resistia quando Oswaldinho punha uma coisa na cabeça e não demorou muito a ceder e a adiantar-lhe o dinheiro necessário. Porém impôs a condição de que seu Andrade cuidasse do caixa.

A oportunidade de ter sua própria revista foi rapidamente aproveitada. Oswaldo já era jornalista conhecido e havia assinado a coluna “Teatros e Salões” no *Diário Popular*, emprego que o pai lhe arranhou logo que saímos do São Bento, onde ganhava sessenta mil-réis por mês, uma insignificância para ele, que gastava o ordenado em presentes para a mãe. Ele juntou os amigos e assim fizemos o primeiro número de *O Pirralho*, que saiu num sábado, 12 de agosto de 1911. No frontispício, o nome de seu pai, José Oswald N. de Andrade, constava como diretor-proprietário. Como secretário, Oswald Júnior. Em sua primeira aventura comercial, a tutela do pai e da mãe sobre os negócios era total, mas a revista tinha a marca da irreverência do filho. Na capa do primeiro número, apareciam o compositor Pietro Mascagni e a famosa atriz siciliana Mimi Aguglia, que haviam estado na cidade naqueles dias. Oswaldo conseguiu convencer os artistas de que seria uma honra para o recém-nascido *Pirralho* tê-los como padrinhos. Ambos lhe deram fotos autografadas e dedicadas “ao meu afilhado”.

Todos sentíamos que São Paulo estava sendo velozmente transformada e *O Pirralho* pretendia refletir essas transformações em suas páginas. Eu e Oswaldinho crescêramos numa São Paulo da qual não se encontrava mais sinal. Lembro-me que a única desavença séria que tive com dona Inês durante nossa infância ocorreu quando, numa tarde de domingo, saímos sorrateiramente do quintal de sua casa para irmos alegremente pescar no córrego Anhangabaú, que ainda era famoso por seus lambaris. Oswaldo encontrara umas varas de pescar que seu Andrade tinha comprado e com elas, mais uns anzóis feitos de alfinetes, enfrentamos a aventura de descer os barrancos que ainda existiam naquele trecho da cidade ocupado por chácaras. Aos pés do viaduto, onde as enormes torres de ferro se erguiam do vale, cavamos a terra úmida e delas extraímos as minhocas para as nossas iscas. Embora eu fosse um garoto do interior e com mais experiência de pescarias do que ele, foi Oswaldinho quem fiskeou o único mísero lambari que foi o resultado final da nossa aventura. É claro que perdemos a noção do tempo, e quando nos demos conta, já anoitecia. Dona Inês, ao perceber nossa falta, mobilizou os empregados da casa para nos procurar e depois, já desesperada, acionou o marido e os vizinhos. Nunca tínhamos feito aquilo — desaparecer sem aviso — e o alvoroço que causamos foi enorme. Quando finalmente regressamos, dona Inês teve uma crise de asma e ficou prostrada no

sofá da sala. Seu Andrade, furioso, nos passou uma descompostura em regra. Eu queria sumir dali o mais depressa possível e acabei carregando para casa, além do remorso, o minúsculo lambari que foi a causa material daquele incidente. Demorou alguns dias até dona Inês me perdoar e tudo voltar ao normal.

Naquela São Paulo da nossa infância, podia-se pescar no Anhangabaú. Pouco mais de dez anos depois, quando lançamos a nossa revista, a cidade já era outra. *O Pirralho* nasceu com a intenção de se aproveitar desse crescimento. Já se vislumbrava um início de vida noturna que não se restringia apenas aos estudantes da Academia, mas envolvia também a elite da sociedade e os imigrantes, que traziam consigo hábitos culturais muito diferentes daqueles dos velhos paulistanos. Em seu primeiro número, *O Pirralho* não escondeu suas intenções e, numa seção chamada “A vida mundana”, Oswaldo escreveu:

A nossa capital já é um centro onde as manifestações de vida mundana se fazem sentir fortemente. Já não somos os tristes moradores de uma cidade provinciana que às nove horas dormia a sono solto depois dos mexericos através das rótulas ou à porta das farmácias.

Que contraste tremendo com a cidade dos nossos pais! A velha cidade silenciosa das mulheres de mantilha já não existia. A nova cidade que surgia diante dos nossos olhos era a *nossacidade*! Cabia-nos tomar posse dela e nossa arma para isso seria *O Pirralho*. A revista logo fez um inegável sucesso e se tornou parte da vida da metrópole que ia nascendo. Embora, cada vez mais, Oswaldo fosse visto como um jornalista influente e poderoso, continuava sendo o filho de dona Inês e se mantinha sob a tutela materna. Num dos primeiros números, numa nota escrita por mim com a cândida ingenuidade que tínhamos naqueles anos, *O Pirralho* anunciava:

Acaba de se dar uma importante transformação n’*O Pirralho*. O nosso bom amigo Oswaldo Júnior afasta-se temporariamente, partindo para Caxambu em companhia de seus excelentes pais. Assume a direção da revista o nosso distinto colaborador Paulo Setúbal.

Era assim, dividido entre suas vastas pretensões intelectuais e as limitações impostas pelos pais, que Oswaldo ia tocando a vida e a sua revista. Depois que dona Inês morreu, seu Andrade continuou a guiá-lo nos negócios, embora seu objetivo nunca tenha sido ganhar dinheiro com *O Pirralho*. A meta de Oswaldo sempre foi tornar-se escritor. Livre das preocupações comerciais que a proteção familiar lhe permitia, procurou dar à revista o seu espírito, por natureza libertário e contestador. Embora fosse filho da elite da terra — tendo seu nome citado entre as famílias paulistas de “quatrocentos anos” na *Genealogia paulistana* —,

Oswaldo nunca foi capaz de se ajustar perfeitamente a ela nem conviver com seus modismos. Na Europa, conheceu a literatura francesa moderna e viu ali um vigor novo, que não podia encontrar em sua terra natal limitada e provinciana. Não fazia questão de evitar conflitos — acho até que os apreciava. E nós, seus amigos, seguíamos com ele mais ou menos tolhidos pelas mesmas contradições.

4. A velha cidade

Quando saímos da pizzaria, passava de uma da manhã. Já não havia bondes. Segui a pé pela São João até o Anhangabaú e, do outro lado, subi novamente a ladeira. A praça Antônio Prado estava deserta e as luzes das vitrines apagadas. Quase não havia mais ninguém no Triângulo e, quando entrei na rua Quinze, começou a garoar novamente. Com o vento, meu pobre guarda-chuva me defendia debilmente da chuva fina e fria e, mesmo apertando o passo, cheguei ao largo da Sé encharcado. Caminhava o mais depressa que podia, descendo a rua da Glória. Dobrei à direita na rua dos Estudantes e entrei em casa tremendo.

Eu ainda queria escrever um pouco antes de dormir. Naqueles dias, eu trabalhava furiosamente num livro sobre a vida da cidade na época da fundação da Academia. Era um romance sobre os estudantes e as jovens paulistanas, cheio de lances aventureiros e romanescos, muito influenciado pela poesia e pelas cartas de Álvares de Azevedo, que eu lia com frequência. Jairo, que trabalhava na secretaria da Faculdade, me facilitava o acesso à rica biblioteca acadêmica. Com a ajuda dele e o apoio entusiástico de Oswaldo, o trabalho ia avançando com lentidão. Enquanto escrevia, mergulhava no passado.

Meu trabalho me fazia perceber que, embora não pareça, esta é uma velha cidade. Apenas é preciso saber observar. Dos fundos da casa em que morava com os meus pais, eu podia ver o largo de São Paulo, antigo largo da Glória, onde no século passado um cemitério fazia frente com a Chácara dos Ingleses. Ela pertencera ao comerciante inglês John Rademaker — daí o nome — e se estendia até as margens do rio Tamanduateí, encosta abaixo. Dominava a propriedade um sobradão colonial e de suas janelas se via, subindo a encosta, o cemitério dos Aflitos, destinado aos pobres que não podiam ser enterrados nas igrejas como era o costume. Aos pobres e aos enforcados, pois subindo um pouco mais a colina, logo além do cemitério, ficava o largo da Forca, que mais tarde, não sei se por ironia, se transformaria em praça da Liberdade.

Pouco antes da Independência, o casarão se tornou a residência de uma

beldade paulistana chamada Domitila de Castro. Dizem as lendas da cidade que foi ali que o jovem e impetuoso príncipe d. Pedro a conheceu e se apaixonou. Depois que ela se mudou para o palacete da rua do Carmo, já marquesa de Santos, o velho sobrado serviu à Santa Casa. Mais tarde, transformou-se em república de estudantes e lá moraram Álvares de Azevedo, o maior poeta acadêmico, e o futuro romancista Bernardo Guimarães. O casarão, a chácara e o cemitério desapareceram ainda no século XIX, invadidos pela cidade que crescia, mas durante muitas décadas essa área foi dominada pelos estudantes da Academia de São Paulo. É em memória dessa época remota que aquela minha rua ainda se chama rua dos Estudantes, guardando a lembrança das repúblicas que durante muito tempo os abrigaram, no que era então um arrabalde da cidade. Da minha janela, tantos anos depois, eu via, por entre as árvores e a garoa, o lugar onde os mais famosos dos nossos antecessores enfrentaram o frio e a solidão que marcavam a vida de São Paulo naqueles dias.

O frio e a garoa sempre impressionavam quem vinha de fora. Eu, que cheguei do interior ainda criança, me assustei com o clima, tão diferente da minha terra natal, quase sempre quente. O baiano Castro Alves, quando veio estudar na Academia, disse que a cidade era um pedaço do polo grudado nos trópicos. Os estudantes que chegavam para o curso de direito eram os únicos, por sinal, que na pacata São Paulo do século XIX enfrentavam o frio das madrugadas numa cidade que à noite era quase deserta. Praticamente não existia vida social e ela se restringia quase que só aos homens. As mulheres pouco saíam, e jamais desacompanhadas. Aliás, as mulheres de São Paulo, até bem avançado o século XIX, só eram vistas nas ruas cobertas dos pés à cabeça, usando uma espécie de véu, como as muçulmanas. As mantilhas e as capas de baeta negra eram requisitos indispensáveis do vestuário feminino. De forma alguma elas mostravam o rosto em público.

Este hábito de as mulheres andarem inteiramente cobertas veio da Península Ibérica e foi herdado dos árabes. Porém, conforme descobri em minhas leituras na Biblioteca Acadêmica, já em 1649 a prática era execrada como sinal de atraso e incultura. Apesar da oposição dos governantes vindos de Portugal e habituados a costumes mais cosmopolitas, a norma persistiu. No século XVIII, um governador da Capitania, Martim Lopes Lobo de Saldanha, recém-chegado de Portugal, estranhou o uso e o proibiu. Com o intuito de acabar com costume tão tacanho, ampliou a proibição para todas as mulheres, independente de condição ou classe social. No entanto, o espírito renovador de Lobo de Saldanha foi insuficiente para mudar os hábitos arraigados dos insubmissos paulistanos.

Em 1810, outro governador se incomodou com o costume e enviou carta ao Príncipe Regente, que já se encontrava no Rio de Janeiro, pedindo a interferência do soberano para fazer valer a proibição que ele mesmo também já emitira e que, pelo visto, não vingara. O futuro d. João VI, atendendo ao pedido, lançou uma Ordem Régia na qual frisava:

O Príncipe Regente nosso senhor fica na inteligência de haver Vossa Senhoria proibido solenemente o andarem as mulheres nessa cidade embaçadas em baetas cominando-lhes as penas que se acham impostas pela lei, e ordenou o mesmo senhor que o produto das condenações impostas aos transgressores por semelhante delito Vossa Senhoria o aplique no Hospital dos Lázaros dessa cidade. Deus guarde a Vossa Excelência. Palácio do Rio de Janeiro em 30 de agosto de 1810.

Tudo inútil. Os paulistanos não só eram famosos por seus hábitos um tanto brutos como por sua rebeldia. Nos poucos documentos que o tempo preservou, deixados pelos raros viajantes estrangeiros que visitaram a cidade, sempre esteve presente a descrição detalhada dessas mulheres que só saíam à rua totalmente cobertas. Mesmo em casa, as paulistanas de antigamente apareciam diante de estranhos apenas em raras ocasiões. E o mundo à volta delas só podia ser observado sob regras estritas. Nas casas, as varandas eram cobertas por uma treliça de madeira — rótula ou muxarabiê —, outra herança dos árabes e da Península Ibérica, através das quais as senhoras e as meninas observavam o movimento sem serem vistas. Sair à janela naqueles tempos, nem pensar.

No final do Império, com o declínio da escravidão, tudo mudou. Depois que a cidade começou a ser invadida pelas dezenas de milhares de imigrantes que todos os anos chegavam para “fazer a América”, as velhas tradições foram se dissolvendo. As mulheres já andavam livremente pelas ruas e muitas trabalhavam nas fábricas. A antiga vila foi sendo transformada com grande rapidez numa metrópole moderna e agitada, que recebia cada vez mais gente vinda de todas as partes do mundo.

Em 1917, São Paulo já não estava circunscrita pelos dois rios — o Tamanduateí e o Anhangabaú — que durante os primeiros três séculos de sua história lhe serviram de limite. Depois da inauguração do viaduto em 1892, a maior obra pública até então realizada na cidade, a região que ficava além do antigo Morro do Chá foi sendo habitada principalmente pelas elites e classes médias, que procuravam ares mais saudáveis e os terrenos mais elevados. Para além da praça da República, estendiam-se agora os bangalôs e mansões das velhas famílias paulistanas, que se instalaram no antigo Campo Redondo, que recebeu o poético nome de Campos Elíseos. Na parte mais alta, na subida da Consolação além do cemitério, surgiu o novo bairro de Higienópolis — *a cidade*

higiênica — de ar puro e ruas arborizadas, onde também residiam as boas famílias e os profissionais liberais. Mais alto ainda, erguia-se a avenida Paulista, onde, a partir do final do século XIX, passaram a morar os não apenas ricos, mas os que mandavam e que eram os verdadeiros donos da cidade.

Do lado oposto, nas regiões mais baixas além da várzea do Tamanduateí, que se estendia plana por quilômetros, viviam os novos habitantes: operários, artesãos, comerciantes — alguns ricos — e até pequenos industriais, a variada multidão dos que vieram iniciar uma nova vida, aproveitando as muitas oportunidades. Eram quase todos recém-chegados e habitavam uma outra cidade. O centro dessa outra cidade, onde se falava o italiano mais do que qualquer outra língua, era o Brás.

Ao contrário da cidade antiga, de ruas estreitas e sinuosas, cheia de ladeiras e becos, o Brás era mais moderno, com um traçado regular de ruas retas, largas e planas. A maioria delas não possuía calçamento, mas sua avenida central, a Rangel Pestana, que atravessava o rio ao lado do Gasômetro, era uma das mais largas e extensas da capital e certamente uma das mais movimentadas. Milhares de pessoas a ocupavam durante todo o dia, indo e vindo, do centro, das fábricas, lotando os bondes e suas calçadas, num trajeto que só era interrompido pelas porteiras da São Paulo Railway, que volta e meia se fechavam e paralisavam o tráfego de veículos e pedestres para a passagem do trem.

Não podíamos ainda perceber claramente, mas enquanto a guerra assolava o velho mundo, aqui em São Paulo, debaixo de nossas vistas, se construía um novo. Já não havia mulheres de mantilhas e atrás das rótulas como no tempo dos nossos pais, nem as velhas chácaras ocupavam o centro da cidade. Nós e a esmagadora maioria dos paulistanos antigos ou recém-chegados vivíamos apenas para o futuro. Mas àquela altura eu ainda não sabia que o passado me acompanharia por toda a vida.

5. Kamiá

Na cidade que crescia e aspirava se igualar um dia às grandes capitais europeias, as mulheres também começavam a exercer um novo papel. Elas agora lotavam as ruas, as lojas — porque eram as senhoras que faziam as compras para a casa —, os teatros e cinemas. Nos cafés e restaurantes, principalmente depois dos espetáculos, havia muitas famílias e os pais começavam a levar as filhas solteiras para essas noitadas, um hábito chic, restrito ainda aos mais ricos e cosmopolitas. Nas tardes de domingo no Velódromo, boa parte da assistência que acompanhava os jogos de futebol era composta de senhoras e senhoritas, e o mesmo acontecia no Hipódromo nos dias de corrida. Em certos lugares e horários mais tardios, já se podia encontrar também as mulheres de teatro, que depois dos espetáculos iam se divertir, sozinhas ou acompanhadas. Esses lugares — cafés e restaurantes em torno do Triângulo — evidentemente não podiam ser frequentados pelas famílias e nenhuma senhora poria os pés lá. Mas eram os locais favoritos dos estudantes e boêmios. Era a vida mundana que nascia na cidade antes tão pacata. Porém as regras antigas ainda vigoravam e estes dois mundos, o das famílias e o da boemia, tinham limites bem definidos e fronteiras que não podiam ser transpostas. Nenhum rapaz de boa família seria recriminado se, no seu tempo de estudante, houvesse feito loucuras e frequentado a vida boêmia e até se excedido nela. Todos nós conhecíamos histórias desse tipo e Oswaldo contava muitas vezes o episódio de um tio dele, farrista de fama, que invadira o palco ao final de uma apresentação de Sarah Bernhardt, pondo aos pés da diva sua casaca e pedindo-lhe que a atriz caminhasse sobre ela. Porém estas já eram histórias do passado e na nova cidade que víamos nascer gozávamos de uma liberdade que antes era inimaginável. Mas os limites eram claros e todos sabíamos quais eram.

Oswaldo, no entanto, tinha um estranho relacionamento com as mulheres, muito diferente daquele que todos nós mantínhamos com elas naquela época. Em

meados de 1917 ele já era dono de uma bem estabelecida fama de barba-azul, suficientemente conhecida e comentada para que qualquer senhora de família lhe escondesse as filhas. Reputação conquistada graças a dois escândalos que se tornaram públicos e que foram motivados por suas primeiras paixões.

Dizer isso assim, desta maneira, pode levar à impressão de que ele vivia mergulhado numa vida de orgias e farras monumentais. Nada poderia ser mais diverso da realidade. A nossa inocente boemia por muito tempo se resumiu a encontros com os amigos nos cafés e intermináveis discussões sobre literatura e, algumas vezes, sobre política. Mulheres mesmo, Oswaldo só foi conhecer depois de já ter entrado para o jornalismo. Quando saímos do Ginásio de São Bento, éramos ainda puros e inocentes, embora já tivéssemos nossa roda boêmia. Ou melhor, frequentávamos a roda de Indalécio de Aguiar e Ricardo Gonçalves, dois estudantes crônicos das Arcadas que seguiram o curso durante quase toda a primeira década do século e que nunca mostraram grande empenho em concluí-lo. Ser acadêmico, na época, era fazer parte da vida cultural e política da cidade, e sob certo ponto de vista os estudantes da Faculdade de Direito sempre foram personagens relevantes nesse cenário. Ricardo Gonçalves era o mais notório poeta acadêmico daquele tempo — herdeiro da grande tradição lírica que a Academia produziu ao longo da sua história — e sua personalidade magnética reunia o que considerávamos a elite intelectual da cidade, pelo menos entre os mais jovens. Ricardo fora um dos componentes do Cenáculo, um grupo de estudantes da Academia que, até 1905, se reunia numa república do Belenzinho, naquele tempo nos arrabaldes de São Paulo. O grupo marcou época e, além de Ricardo Gonçalves, era composto, entre outros, pelos futuros escritores Godofredo Rangel e Monteiro Lobato, que mais tarde se tornou o mais famoso deles. Mas naqueles dias era Ricardo quem brilhava e que, como um ímã, atraía os jovens com pretensões intelectuais. Foi uma grande conquista para nós, aos quinze anos e ainda alunos do Ginásio de São Bento, sermos aceitos naquele grupo de iluminados, todos muito mais velhos. Ricardo tinha a típica figura do poeta romântico, era muito bonito, usava os cabelos compridos e uma capa negra permanentemente jogada sobre o ombro, que disfarçava um pequeno defeito no braço esquerdo. Mais do que um verdadeiro poeta, ele exibia a aparência e os modos de um poeta, condição que transparecia nos menores atos de sua vida. Nunca mais conheci figura igual, que tivesse usado a própria atitude como parte da sua expressão lírica. Suas poesias eram decoradas e repetidas pelos estudantes e era um privilégio ouvi-lo declamá-las. Qualquer estudante da cidade sabia recitar os versos singelos de um dos seus sonetos mais conhecidos:

*A casa onde mora aquela
Menina cor de açucena,
É uma casinha pequena,
Casa de porta e janela.*

Versos simples e facilmente lembráveis, mas com a força das coisas que não se explicam. O que tornava Ricardo especial era sua capacidade de declamar poesias, próprias ou alheias, um repertório inesgotável de poemas clássicos e modernos que sabia de cor e recitava com incrível eloquência. Ele fazia isso com um agudo senso de dramaticidade, ao qual era impossível resistir. Sua figura boêmia dominava as madrugadas paulistanas e produzia em nós, que éramos ainda quase meninos, uma impressão tremenda. Nunca vou me esquecer de uma noite muito fria e garoenta em que saímos de nosso reduto predileto, um bar simples no largo da Sé, onde comíamos bifes duros e discutíamos poesia e literatura. Indalécio, que liderava nosso grupo, resolveu encontrar Ricardo e sua roda, que deviam estar no Café Guarany, um local muito mais elegante e respeitável, frequentado por estudantes, pelo público que saía dos teatros e também por jornalistas que, depois do trabalho nas redações, iam beber uma média antes de voltar para casa.

Era tarde e, quando chegamos, o Guarany já estava quase vazio. Ricardo e seus companheiros do Cenáculo iam saindo e resolvemos acompanhá-los. Lembro que era julho. O frio cortante tinha deixado as ruas do centro totalmente desertas, havia um luar muito claro e sua luz azulada, somada à dos lampiões de gás, dava à cidade um tom triste e fantasmagórico. Ricardo, não sei se inspirado pelo aspecto do cenário, começou a declamar uma sucessão de lindos sonetos românticos, como só ele sabia fazer. Mantínhamos um silêncio respeitoso e na rua apenas a voz dele soava, alta e clara, dizendo aqueles belos poemas que cantavam amores eternamente irrealizados. Subíamos pela rua Quinze, totalmente deserta. Em frente à livraria Garraux, avistamos de longe um túburi parado. Era um daqueles túburis antigos e um pouco despinguelados que existiam às dúzias na cidade e que nunca chamavam a atenção, pois faziam parte da paisagem. O cocheiro não estava em seu posto e o cavalo, um animal velho, triste, magro e desconjuntado, tinha a cabeça caída e dormia em pé, atrelado ao veículo abandonado. Ao luar a cena era de fato melancólica e o silêncio que a voz de Ricardo impunha tornava o quadro pungente. Ricardo, que ia adiantado, aproximou-se do cavalo e o encarou fixamente durante um momento. De repente, num impulso, abraçou-lhe o focinho e o beijou como se beijasse a mais desejada das mulheres. Depois seguimos todos em silêncio até nos separarmos.

Além de poeta lírico, Ricardo era também libertário e seus versos denunciando a sociedade opressora eram lidos e decorados pelos anarquistas, que dominavam a iniciante vida sindical daquele tempo. Numa das grandes greves do período, ele foi ferido com um tiro no braço num piquete de ferroviários. Era um verdadeiro herói romântico, pelo menos para nós, que estávamos descobrindo o mundo e pela primeira vez ouvíamos falar dessas coisas. Ser estudante fazia parte de seu papel no mundo e quando entramos no Ginásio de São Bento ele já cursava a faculdade, permanecendo lá até 1912, quando eu fazia o terceiro ano.

Era essa a nossa boemia, recheada de poesia e literatura.

Nossa iniciação com as mulheres, por outro lado, se deu nos bordéis, que durante a nossa juventude existiam na rua Líbero Badaró. Todos nós conhecemos as mulheres ali. Só depois nos aventuramos a cortejar atrizes e cantoras dos teatros e as outras moças que viviam a vida boêmia. Oswaldo foi o último do nosso grupo a percorrer esse caminho e, mesmo assim, a contragosto. Havia nele um ideal romântico que espiritualizava essas relações e que cobrava delas uma poesia que as profissionais evidentemente não poderiam lhe oferecer. Numa das primeiras vezes em que foi buscar romance em uma casa da rua Líbero, a moça, muito jovem e bonita que ele havia tempos cobiçava, lhe disse, logo que ele entrou no quarto, que não era preciso tirar as botinas. O aviso aniquilou de imediato todas as fantasias de Oswaldo, que pagou e mais que depressa se retirou, frustradíssimo. Quando viajou pela primeira vez para a Europa, ele conheceu o amor em outros termos e pôde viver mais intensamente suas fantasias. O fato de ter tido contato com várias moças de vida boêmia e percorrido a Europa com uma delas o convenceu de que as estreitas regras vigentes aqui eram consequência do nosso atraso cultural e dos modos feudais que herdávamos de nossos avós. Se antes da viagem Oswaldinho já desprezava os costumes da cidade, quando voltou não teve medo de enfrentá-los. Prevendo que sua vida seria pautada pela monótona alternância entre os falsos amores pagos das pensões e os rápidos namoros com as atrizes que visitavam a cidade, resolveu trazer consigo uma mulher livre e moderna, com quem poderia se relacionar de maneira menos limitada.

Quando voltou da Europa em 1912 e fomos recebê-lo em seu desembarque na Luz, foi uma surpresa para todos nós vê-lo acompanhado de uma jovem francesa, que Oswaldinho não teve nem tempo de nos apresentar e a quem praticamente abandonou, ao nos ver ali com semblantes graves, adivinhando de

imediatamente que sua mãe havia morrido. Embora soubesse que a mãe tinha sérios problemas de saúde, e tivesse tido a premonição de que ela não estava bem, a ponto de antecipar sua volta da Europa, acho que nunca lhe passou pela cabeça, nem ao menos remotamente, a hipótese de que um dia dona Inês pudesse morrer. Oswaldo ficou arrasado e foi incapaz de reagir ou pensar. No entanto, lá estava a francesa e tínhamos que fazer alguma coisa com ela. Não podíamos simplesmente hospedá-la num hotel. Nenhum hotel decente da cidade receberia uma jovem desacompanhada. Nas pensões que aceitariam uma moça como ela, não ousaríamos levá-la. Enquanto colocávamos Oswaldo num automóvel que estava à espera, Guy, Marcos, primo dele, e eu confabulamos em busca de uma solução para o caso. A jovem, cujo nome nem sabíamos, pois Oswaldo não tivera tempo de nos dizer, estava lá petrificada, sem entender direito o que estava acontecendo, pois, é claro, não sabia uma palavra de português. Depois de uma rápida conversa, combinamos que Guy, o mais hábil diplomata de todos nós e com um francês fluente e perfeito, se encarregaria dela. A melhor solução que encontramos foi hospedá-la no Grande Hotel, o mais elegante da cidade, como convidada da família Andrade e parente de uma tia francesa de Oswaldinho. Guy explicaria o caso no hotel. Toda a cidade sabia da morte da mãe de Oswaldo, cuja missa de sétimo dia se realizaria no dia seguinte, conforme os jornais anunciavam. Com essa solução, precária mas eficiente, Kamiá, como Oswaldo a chamava, instalou-se provisoriamente em São Paulo.

Depois da missa, Oswaldo foi com o pai ao cemitério da Consolação visitar o túmulo de dona Inês. No final da tarde, Guy, alguns dos nossos do *Pirralho* e eu fomos visitá-lo em sua casa. Ele estava arrasado, incapaz de falar ou pensar. Guy e eu lhe falamos da francesa e da história que inventamos. Ele achou a solução excelente e disse que iria procurá-la imediatamente.

Porém no dia seguinte tínhamos de retirar as muitas malas que Oswaldo trouxera da Europa e que estavam num armazém em Santos à sua espera. A lenta e complicada burocracia alfandegária acabou por distraí-lo e, com isso, contávamos que aos poucos ele fosse se recuperando. Mas foram momentos fugazes de alívio, pois a cada mala liberada Oswaldinho lembrava que ela continha algum item da enorme lista de encomendas que sua mãe lhe fizera e que ele não poderia lhe entregar. Isso bastava para fazê-lo cair num choro convulsivo que nos deixava totalmente sem ação. Depois de despacharmos as bagagens que seguiriam pela ferrovia no dia seguinte, embarcamos no último trem de volta para São Paulo. Na viagem, ele se lembrou da francesa, já que a bagagem dela também seguiria junto com a dele. Na estação da Luz, nos

separamos para que ele fosse vê-la no hotel e lhe desse ao menos alguma satisfação pessoalmente.

As exigências da vida foram fazendo com que ele aos poucos voltasse ao normal. Seu Andrade, arrasado, só queria abandonar a velha casa cheia de lembranças onde dona Inês morrera. Comandada com mão de ferro por ela, a casa agora seguia sem rumo. Não havia quem se encarregasse da vida doméstica e cuidasse do pai e do filho, sempre muito mimados pela constante proteção de dona Inês. Dias depois Oswaldo, num lance de ousadia, apresentou a francesa ao pai. O velho ainda muito abalado não fez grande caso. A francesa, que não era inábil, ajudou Oswaldo a organizar, ainda que precariamente, a casa. Quando Oswaldo, para distrair seu Andrade, resolveu levá-lo a Lambari, Kamiá foi junto. Para encobrir a situação, sua tia Alice, a salvadora tia francesa, e o marido os acompanharam e Kamiá foi como sobrinha do casal. Salvas as aparências, foram todos viajar.

Na volta, instalaram seu Andrade na casa de um compadre, na rua Oscar Freire, e Oswaldo e Kamiá ocuparam um chalé nos fundos. Com sua costumeira habilidade e poder de convencimento, Oswaldo conseguiu criar uma boa convivência entre a francesa e o pai. Apelou para a memória da mãe e apresentou mil argumentos para convencer o velho dos benefícios daquela coexistência. Enfraquecido pela perda da esposa e tocado pela presença da jovem, que logo nos primeiros dias passou a cuidar dele como uma nora exemplar, seu Andrade se rendeu e tudo foi se acomodando no âmbito doméstico.

Oswaldo havia conhecido Kamiá durante a sua temporada em Paris. Ele ainda estava no início da sua viagem pela Europa e teve tempo de percorrer com ela a Alemanha, Inglaterra e Itália. Como mais tarde me contou, na hora das despedidas resolveu trazê-la consigo. Era uma decisão de profundas consequências, porque, afinal, a provinciana cidade de São Paulo não teria, com certeza, lugar para aquela francesa de vida boêmia que não era nem atriz nem prostituta. Chegando, ele pretendia alojá-la no hotel de um amigo até conseguir montar um apartamento adequado. A morte da mãe alterou totalmente seus planos.

Fazer de uma jovem francesa sua amante e viver a vida boêmia com ela não provocaria maiores comentários na São Paulo daquele início de século, a não ser os resultantes da inveja dos amigos. Trazê-la diretamente da Europa só parecia mais chic. As mulheres que os velhos coronéis do café, industriais e comerciantes abastados ou os estudantes ricos mantinham nas garçonnières da

cidade eram todas mais ou menos da mesma origem. Vinham quase sempre das casas de prostituição de luxo ou das companhias de teatro que permanentemente nos visitavam. Manter uma espécie de domicílio boêmio e sustentar uma amante para diversão pessoal e exibição aos amigos era um sinal de distinção e enfim, naquela época, já poderia ser considerado uma conquista da civilização, resultado do desenvolvimento e da modernização da cidade que ia contaminando suas elites.

Não quero parecer cínico, porém naqueles novos tempos os senhores já não podiam mais desafogar suas ânsias na senzala com negras rudes e analfabetas, como faziam nossos antepassados. E agora eram os ricos comerciantes e industriais que dominavam e movimentavam a vida de prazeres secretos da metrópole que nascia. Na nossa cidade, tomar uma estrangeira dos teatros ou bordéis e estabelecê-la como amante fixa podia ser considerado, sem dúvida, um hábito elegante. Quando ainda éramos estudantes do São Bento, era famosa uma certa Margarida, para a qual um rico industrial tinha feito construir uma mansão na aristocrática rua Dona Veridiana, onde moravam muitas famílias da elite mais tradicional, além, claro, da própria dona Veridiana Prado, locomotiva social de São Paulo, aristocrata que vivia num palacete em estilo francês que era, talvez, a mais suntuosa residência da cidade. Não contente com isso, mandou enfeitar as molduras das janelas com margaridas de argamassa no estilo art nouveau — uma grande novidade — em homenagem à moradora. Poucos anos depois, também fez furor nas ruas uma moça chamada Glória, ligada a um fazendeiro de café, que dirigia uma baratinha e foi certamente uma das primeiras mulheres da cidade a possuir um automóvel. Essas mulheres faziam parte da vida galante de São Paulo e eram conhecidas por todos.

Assim, trazer diretamente de Paris uma francesa que não tinha esse perfil seria, sem dúvida, muito mais elegante e Oswaldo poderia se vangloriar da posse dela entre os amigos. Alojá-la, porém, na casa onde residia com seu velho e respeitável pai ia além daquilo que se poderia remotamente imaginar. Só isso já seria um escândalo enorme na São Paulo daquela época. E, ainda, poucos meses depois de chegarem da Europa, Kamiá ficou grávida e, em janeiro de 1914, deu à luz ao primeiro filho de Oswaldo. Assim, o conhecido jornalista, dono do semanário mais lido pela elite culta e moderna, com coluna diária nos principais jornais da cidade, passou a viver amancebado com uma francesa, na casa do próprio pai, respeitadíssimo e rico comerciante, e, ainda por cima, tinha publicamente um filho com ela. Oswaldo, que já gozava da fama de rebelde e era objeto de comentários que se espalhavam pela cidade, ia ganhando um perfil que

deixava qualquer pai ou mãe de família de cabelos em pé.

Oswaldo não se importava com isso. Dizia que a sociedade paulistana era atrasada e feudal, embora ele mesmo fosse, em muitos aspectos, um típico produto dela, como todos nós. Mas ele nunca quis limitar seus desejos e comportamento a esses padrões. Sua temporada na Europa foi a concretização dos seus sonhos de uma vida livre e sem limitações, como tantas vezes havíamos discutido na nossa adolescência. Ele foi o primeiro a ter a oportunidade de frequentar as rodas boêmias de Londres e Paris, com as quais sonháramos a vida toda. Quando voltou a São Paulo, seu desgosto com a mesquinhez do dia a dia só se acentuou. Ele fazia questão de repetir isso e eu acho, hoje, que afrontar esses padrões estabelecidos era uma espécie de reafirmação dos seus desejos de uma vida além daqueles limites.

Ele apresentou Kamiá aos amigos como a rainha dos estudantes de Montparnasse. Ela era uma moça alegre que realmente vivera a vida boêmia em Paris como a conhecíamos somente através dos romances. Era um pouco mais velha que nós, tinha vinte e quatro anos quando chegou ao Brasil. Sua mãe, Oswaldo me contou em segredo, era cozinheira em Paris e trabalhava em casas de famílias ricas. Para nós, meninos criados na pequena São Paulo da nossa juventude, ilustrados na velha Academia do largo de São Francisco e que havíamos lido *A dama das camélias* e assistido a *La Bohème* no teatro, Kamiá parecia uma figura de romance. Quando estava conosco, nas raras ocasiões em que Oswaldo a levou aos cafés da cidade, nas nossas noites de pizza ou bife com batatas, ela se mostrava sempre alegre e descontraída. Sabia cantar as brejeiras canções dos estudantes, algumas positivamente inconvenientes e impossíveis de apresentar em público, que ela só ousava cantar quando os cafés já se fechavam e apenas os garçons ou algum retardatário, além de nós, podiam ouvi-la. Tinha muitas histórias de Paris para contar e sua presença encantava a todos. Acho que os outros, como eu, enxergavam nela aquela figura dos nossos sonhos, sonhos de uma vida alegre e boêmia em Paris, que os livros nos ensinaram a invejar e que para todos nós constituía um ideal muito distante e difícil de ser alcançado. Dos nossos, só Oswaldo havia conseguido. E trouxera de lá essa prova viva da alma feliz daquela cidade de fantasia.

Se Kamiá parecia tão jovial e à vontade, quando vista nos cafés com Oswaldo, em casa se comportava de maneira completamente diferente. Embora a princípio não tenha sido fácil entendermos isso, acabamos percebendo que ela, apesar de seu passado livre em Paris, tinha a firme determinação de se estabelecer aqui e levar uma vida de mãe de família com Oswaldo. No ambiente doméstico, e

principalmente com seu Andrade, ela desempenhava um papel recatado e severo e de fato assumira o comando do lar dos Andrade com mão hábil e de inegável competência e se portava como se de fato fosse a senhora da casa. Além de tudo, decerto por influência da mãe, sabia cozinhar e era capaz de fazer maravilhosos pratos franceses que logo conquistaram a todos, em especial seu Andrade, ainda carente dos cuidados que dona Inês sempre dispensara à família.

Oswaldinho, ao contrário, não pretendia se comprometer com ela. Mesmo tendo vivido uma espécie de romance, sobretudo depois que Kamiá ficou grávida, não era uma relação que ele pensasse em formalizar. Nenhum de nós, boêmios ou não, haveria de admitir se casar com uma mulher que tivesse tido relações com outros homens. Nesse ponto, não havia dúvidas. Além disso, conforme Oswaldo me contou muito em segredo, ela já havia tido outros filhos, que deixara na Europa e, quando podia, mandava dinheiro para lá.

Kamiá, no entanto, se empenhava em conquistar a todos, a seu Andrade, em primeiro lugar, e a nós, os amigos, também. A todo momento procurava demonstrar como seria uma boa esposa e tentou até mesmo limitar a extensa liberdade de Oswaldo, que pela primeira vez enfrentou uma mulher que pretendia mandar nele. Durante certo tempo, ele não conseguiu mais seguir sua rotina costumeira e, sob certo ponto de vista, parecia já se adaptar à vida de homem casado. Kamiá era ciumenta e não lhe dava folga. Forçava de todas as maneiras para que ele chegasse em casa na hora certa e fazia o possível, embora sem muito sucesso, para que não saísse à noite sem ela. Seu Andrade, que a princípio tivera muitas restrições àquela moça, que afinal de contas não podia saber de onde vinha, acabou por considerá-la uma influência positiva na vida de Oswaldinho e chegou a pensar que ele assumiria suas responsabilidades familiares. Quando Nonê, o primeiro filho deles, nasceu, parecia que, enfim e apesar dos pesares, Kamiá acabaria se acomodando na família. Seu Andrade se encantou com o neto, e o próprio Oswaldo passou a ficar mais tempo em casa. Tudo ia muito bem e a vida deles seguia quase normal, até que a bailarina apareceu.

6. A bailarina

Quando seu Andrade ficou viúvo, todas as suas preocupações se concentraram em Oswaldinho. Assim como o filho, ele também não estava preparado para a perda de dona Inês. Mas, ao contrário de Oswaldo, que chorou em público por dias seguidos, seu Andrade sofreu sua dor em silêncio. Depois da morte da mulher, ele se tornou ainda mais taciturno e lacônico do que lhe era natural. Para ele, aquela perda pareceu um tanto contrária à lógica e resultado da violação de alguma lei insondável e desconhecida. Nas raras vezes em que seu Andrade permitia que nossas conversas se prolongassem e falava um pouco, repisava esse tema. De acordo com o seu raciocínio, ele, que era bem mais velho que a mulher, deveria ter ido primeiro. Simples assim. Numa tarde em que estávamos só nós dois na casa da rua Augusta e eu esperava o Oswaldo, que demorava, ele me disse:

— Por toda a minha vida, eu me preparei para deixar a minha família amparada quando Deus me chamasse. Porém sempre acreditei que seria a Inês que me fecharia os olhos no último momento. Confesso a você, Pedrinho, que nunca me passou pela cabeça a ideia de ficar aqui sozinho. Não fossem as minhas atribulações, eu pediria a Ele que me levasse o mais depressa possível para junto da Inês. Mas eu bem sei que o Oswaldinho ainda não pode cuidar de tudo.

Essa era a sua maior preocupação. Preparar Oswaldo para sucedê-lo nos negócios e garantir que ele pudesse tocar a vida adiante. Embora, à sua maneira, amasse o filho mais do que tudo, não conseguia se reconhecer nele. Era fácil perceber isso. Dificilmente se poderia conceber personalidades tão díspares. Seu Andrade, sempre de preto, era magro e seco na figura e no proceder. Usava todos os dias um chapéu *melon* também preto e raras vezes o vi rindo. No entanto, era muito bem relacionado. Durante doze anos foi vereador em São Paulo, numa época em que as eleições eram decididas pelos chefes políticos em atas lavradas “a bico de pena”, como se dizia, e de acordo com as ordens dos poderes locais.

Convivia com as figuras mais proeminentes da cidade — dos negócios e da política —, mas me dava a impressão de que não era um deles. Tratava os poderosos com certa reverência, que eles não usavam entre si. Não tinha íntimos, ao menos que eu soubesse. Porém aconselhava-se sempre com os padres e sua dedicação aos deveres religiosos era extremada e chamava a atenção, mesmo naqueles dias em que a religião era parte tão integrante da vida de todos. Sua casa sempre foi frequentada por gente da Igreja e às vezes até o bispo se via por lá.

Oswaldinho, ao contrário, puxara em tudo à mãe. Nos olhos claros, no espírito romântico e fantasioso, naquela cordialidade inata que o fazia se aproximar facilmente de qualquer um sem muitas prevenções. O caráter seco e o sentido prático que norteavam a vida de seu Andrade — base de sua atividade como corretor e negociante — nunca fizeram parte dele.

Embora fossem tão diferentes, era Oswaldo o parceiro do pai nos negócios, em geral difíceis. Ainda assim, seu Andrade tinha muitas dúvidas quanto à capacidade do filho para tocar os empreendimentos imobiliários depois de sua morte. Preocupava-se com a falta de tino comercial dele e tentava incansavelmente orientá-lo. É evidente que o pai estava certo, Oswaldinho não possuía mesmo nenhuma das aptidões que o comércio de terrenos exigia e, sinceramente, creio que desprezava aquelas figuras de capitalistas e políticos com os quais seu pai convivia. No entanto, esforçava-se em participar, em parte para agradar ao pai e um pouco porque sabia que seu futuro e sua fortuna dependiam daquilo. Os negócios deles sempre necessitavam de grandes adiantamentos e empréstimos de terceiros e ambos se empenhavam em descontar letras e renovar hipotecas. Viviam nessa roda-viva e o prosseguimento de suas atividades comerciais dependia muito da habilidade de seu Andrade em concretizar as transações e das relações que ele mantinha com os grandes capitalistas e políticos da cidade. Mas muitas vezes os conflitos afloravam.

Me lembro de uma ocasião em que seu Andrade, ainda em São Vicente, instruíra Oswaldo sobre um encontro que haveria na Câmara Municipal, ao qual ele não poderia comparecer. Oswaldo tinha certeza de que seria capaz de concluir o negócio sozinho e, na sua ingenuidade, aparentemente falou mais do que devia. Num domingo, enquanto saíamos da missa de São Bento, ele me contou o desfecho do caso. O pai havia lhe mandado uma carta longa, cheia de recriminações, e ele estava arrasado.

— Seu Pedro, o negócio da praça pelo jeito gorou. Escrevi ao papai, mas ele nunca concorda com as minhas opiniões e acha que a culpa foi minha. Veja a

resposta que ele me mandou.

Oswaldinho,

Eu estava procurando papel para te escrever censurando o modo como v. se conduziu no negócio do terreno para a praça quando recebi a sua carta. Eu já esperava esse resultado porque v. tem se conduzido como verdadeira criança, está completamente dominado pelo cabotinismo doentio, apesar das minhas zangas v. não se emenda. Aonde já se viu uma pessoa que pretenda uma desapropriação falar no preço antecipadamente, esta novidade cabe a v. O negócio estava perfeitamente aparelhado para se obter a lei, mas infelizmente te falta o traquejo de negócios e é teimoso tendo o grande defeito de se descobrir. É preciso que se emende porque eu não posso mais trabalhar e se v. continua a pensar que negócio é literatura não poderemos sair desta situação. Deus te abençoe e te dê outra orientação.

Noutra ocasião, quando estávamos no primeiro ou segundo ano do curso de direito, Oswaldo teve uma questão com um colega da faculdade. Tendo lhe emprestado uma quantia, não só não obteve a devolução como o rapaz, que lhe tomara um bom dinheiro e o perdera em jogatina, passou a falar mal dele, difamando-o pelos corredores da escola. Quando fomos com seu Andrade conhecer uns terrenos na Vila Mariana, no bonde ele nos apresentou suas ideias a respeito das relações humanas.

— O que importa nesta vida é a família, os laços que o sangue cria. Vocês, quando constituírem as suas, vão compreender melhor. Isto de amizades é muito bonito, porém as amizades não duram nem merecem confiança. Eu não tenho amigos nem inimigos, amo o próximo como a mim mesmo e posso servir ou me desviar de quem quer que seja. Confie excessivamente num amigo e em algum momento ele o decepcionará. Só o sangue é que importa, porque os laços de sangue não se dissolvem.

Era assim que ele entendia a vida.

Depois de Oswaldo, sua maior preocupação era o neto. À medida que Nonê crescia, mais o velho se afeiçoava a ele. O menino era extremamente apegado ao avô e o acompanhava por todos os lados. Foi seu Andrade quem o levou para ver o mar pela primeira vez, em São Vicente. Faziam longos passeios, iam até os penhascos da ilha Porchat e beber água na Biquinha nos fins de tarde. Apesar da insistência do pai, Oswaldo demorou a registrar o filho; quando finalmente o fez, o garoto tinha já uns dois anos. Com o nascimento do neto, o velho se animou com a possibilidade de Oswaldinho se acertar com a francesa e finalmente constituir família. Kamiá, como era óbvio, não era a nora de seus sonhos, mas estava lá, era gentil e prestativa, tinha um filho com Oswaldinho, e seu Andrade não podia nem pensar na hipótese de seu único neto ser bastardo. Acho que ele

alimentava a secreta esperança de que a chegada de Nonê fizesse Oswaldo refletir, se entender definitivamente com a francesa e se estabelecer. Houve um momento em que todos nós também chegamos a acreditar nisso. Por pressão de Kamiá, depois do nascimento do filho, Oswaldo começou a voltar mais cedo para casa e até passou uma longa temporada com eles em São Vicente. Na nossa roda, que havia semanas ele não frequentava, isso nos pareceu espantoso, pois ele nunca ficava mais do que um dia ou dois na praia, ao contrário do pai, que fugia para lá todo fim de maio, aos primeiros sinais do inverno, e só regressava em agosto.

Aos olhos de seu Andrade, tudo corria razoavelmente bem, não fosse Oswaldo ter recebido a carta de uma certa madame Schindelar que, de volta ao Brasil tangida pela guerra na Europa, pedia a ajuda do influente jornalista de São Paulo para iniciar a carreira da neta bailarina.

Oswaldo tinha conhecido a bailarina em sua primeira viagem à Europa. Embora o *Martha Washington*, que seguia para o porto de Nápoles, fosse um grande navio, a primeira classe comportava apenas sessenta passageiros e rapidamente todos acabaram se conhecendo. Quando fizeram escala no Rio de Janeiro, mais passageiros embarcaram. Entre eles uma senhora de cerca de cinquenta anos, acompanhada de uma menina, uma bailarina de apenas nove anos, que se dirigia a Milão para estudar balé na renomada escola do Teatro alla Scala. A senhora se apresentou como sua mãe. Mais tarde, no auge do caso da bailarina, acabamos descobrindo que na realidade ela era sua avó e que a mãe verdadeira vivia na Alemanha em condições um tanto obscuras. A avó morava no Rio e era casada com um negociante americano que trabalhava para um famoso personagem da época, o magnata Percival Farquhar, também americano, que era o maior investidor privado do país. A impressão que a menina lhe causou foi profunda e, como pudemos perceber anos depois, duradoura.

Na longa travessia, Oswaldo, sem muito o que fazer, aproximou-se da senhora e da menina. Carmen era extremamente desenvolta e desembaraçada para a idade e, talvez incentivada pela avó, que queria fazer dela uma artista, sabia encantar quem se aproximasse. Logo acabou por monopolizar as atenções de Oswaldo. Nas preguiçosas tardes passadas no navio, ele lia a pequena biblioteca que levava para a viagem e se distraía em longas conversas com a dançarina e a avó. Oswaldinho incentivava os sonhos de artista que madame Schindelar incutira na neta e esta sabia retribuir sendo encantadoramente sedutora. Entre as fotos que os jornais publicaram durante o escândalo, havia uma de Oswaldo ao lado da menina, no convés do navio, em que ela fazia uma pose

extraordinariamente sensual para uma criança, afinal, de apenas nove anos.

Era a segunda vez que Carmen viajava para a Europa. Ela já estivera em Paris quando tinha apenas seis anos, em 1909, acompanhada também da madame Schindelar, para estudar balé na Opéra. Ao final de dois anos na cidade, sua saúde estava abalada pelo frio e, depois de algumas semanas de um tratamento inútil, os médicos aconselharam a avó a levá-la para um clima mais quente. Voltaram ao Brasil para morar no Rio de Janeiro, na pensão Schray, na rua do Catete, em frente ao palácio onde residia e governava o presidente da República Hermes da Fonseca. Depois de um ano no Brasil, voltava à Europa para continuar seus estudos, dessa vez em Milão, no Teatro alla Scala, que possuía uma importante escola de dança.

Numa dessas conversas de fim de tarde, surgiu a história do batizado, que teria tantas consequências. A menina não era batizada e, no Rio, atazanava a avó com a ideia de que queria ser. Talvez para distraí-la, a avó lhe disse que então escolhesse um padrinho. Ao assistir à parada militar de um Sete de Setembro, ela escolheu o personagem que lhe pareceu o mais importante e vistoso da cerimônia, ninguém menos que o presidente da República, presente ao desfile. A avó limitou-se a rir do atrevimento da neta. Numa tarde, entretanto, a criança achou um jeito de atravessar a rua do Catete e ir bater na porta do palácio. Embora os guardas a barrassem, um senhor de aspecto importante, talvez um ministro, achou graça na história da menina e a fez entrar. Ela foi levada a uma antessala, de onde ouviu uma acalorada discussão política. Quem estaria do outro lado da porta? O presidente? Ela aguardou por uma boa meia hora, mas depois, com medo de perder a aula de balé, saiu escondida do palácio. Essa história ela mesma viria a nos confirmar anos mais tarde, com aquela graça e desembaraço que a caracterizavam. Por medo da avó e da professora de dança, perdeu a oportunidade de “ter como padrinho, talvez, o próprio presidente da República”, ela dizia, rindo e jogando para trás seu cabelo muito loiro, que magnetizava a imaginação de Oswaldinho.

Ao saber dessa história na viagem, o místico Oswaldo se propôs a ser seu padrinho e batizá-la quando chegassem à Itália. Prometeu batizar a menina em Milão, quando fosse para lá depois de passar por Nápoles e Roma. E cumpriu a promessa. Logo que chegou à cidade, foi ao Duomo marcar a cerimônia, que foi presenciada por um grande número de turistas, que naturalmente estranharam a idade da batizada. Semanas depois, já acompanhado de Kamiá, Oswaldo voltou a visitá-las.

Quando a guerra as trouxe de volta ao Brasil em 1915, a primeira ideia de

madame Schindelar foi procurar o padrinho rico e influente, que muito poderia fazer pela carreira da jovem. Oswaldo, no entanto, não veria as coisas simplesmente dessa forma. Ao rever Carmen crescida e já com quase treze anos, ele se encantou e imediatamente convidou as duas para se hospedarem em sua casa — onde viviam seu pai, Kamiá e seu filho —, com a justificativa de acolher uma jovem artista e apresentá-la ao meio cultural da cidade, dando o impulso inicial à sua carreira. Ali, a presença sedutora da menina foi se transformando numa verdadeira obsessão para ele.

Todas as manhãs, na casa ampla e clara da rua Augusta, o piano que Kamiá insistia em tocar, apesar da sua completa inaptidão para a música, servia para que a avó e a neta ensaiassem. Esses ensaios foram o estopim de uma crise. Em roupa de balé, o corpo jovem de Carmen Lydia excitava Oswaldo além dos limites que ele podia suportar. As conversas entre os dois rapidamente evoluíram para muito além das fronteiras que as convenções morais considerariam aceitável para um padrinho e uma afilhada. As atenções que Oswaldo dedicava a Carmen incomodavam cada vez mais Kamiá. Se não era exatamente a “sra. Andrade” — e agora ela percebia que nem passava pela cabeça dele a hipótese de um dia se casarem —, isso também não significava que estivesse disposta a permitir que uma pirralha de treze anos a passasse para trás. Em poucos dias Kamiá pôs as duas para fora de casa, com o apoio de seu Andrade, que, envenenado por ela, já desconfiava das intenções do filho. Oswaldo as instalou rapidamente num hotel do centro, mas o ambiente familiar começou a ficar adverso para ele.

A imaginação fantasiosa de Oswaldinho logo começou a conjecturar planos mirabolantes, como a ideia de fazer um filme com Carmen. Para a realização desse filme, os dois foram diversas vezes a Santos sozinhos. Ele passou a manter um romance semissecreto com a menina, que do dia para a noite virou o grande amor da vida de Oswaldinho, pelo qual ele estava disposto a fazer as maiores loucuras, inclusive se casar com ela. Como a menina incentivava esses impulsos, o relacionamento dos dois foi crescendo e já estava à vista de todos, menos da sra. Schindelar, que não via, ou fingia não ver, o que se passava. Quando a coisa atingiu o auge, ele desapareceu das nossas vistas e até eu, que era seu companheiro mais próximo, o via raramente e sempre às pressas.

Por essa época, seu Andrade passava por uma terrível crise comercial, provocada pela baixa dos terrenos em razão da guerra. Com o prolongamento do conflito na Europa, os negócios tomavam um ritmo cada vez mais lento e as vendas decaíam, assim como os preços. Como todo o negócio dependia de

capitais de terceiros, eles necessitavam manter o ritmo das vendas para saldar os compromissos. A baixa ameaçava o pagamento das hipotecas que gravavam os terrenos da Vila Cerqueira César, o principal patrimônio da família. Seu Andrade vivia o dia inteiro atrás dos credores e em busca de novos empréstimos que lhe permitissem ganhar fôlego e superar as dificuldades do momento. Oswaldo o acompanhava, mas o pai percebia que sua atenção era permanentemente desviada pela bailarina. Em meio à crise, ele percorria a redação dos jornais e mobilizava amigos para introduzir Carmen em São Paulo, apresentando-a como uma jovem artista internacional.

A cidade dos cafés e dos teatros já sabia que Oswaldo mantinha um novo romance, porém naquela altura os comentários limitavam-se às rodas boêmias e de jornalistas que frequentávamos.

As coisas começaram a mudar para pior quando, por acaso, a sra. Schindelar interceptou uma carta de amor da menina para Oswaldo. Mais que depressa, e sem aviso, ela carregou Carmen para o Rio. Privado da noite para o dia da sua mais recente paixão, Oswaldo enlouqueceu e correu atrás delas. Ao chegar ao Rio, porém, encontrou a sra. Schindelar e seu marido inflexíveis e foi proibido de voltar a vê-la. Oswaldo ficou obcecado com a separação e passou a ir ao Rio continuamente, buscando por todos os meios refazer o contato com a menina. Na cidade, procurou seus conhecidos do jornalismo e da literatura, inclusive Emílio de Meneses, a língua mais afiada da Capital Federal. Com a máxima imprudência, tornou o mais público possível seu assédio à garota, mesmo contra a vontade dos responsáveis por ela. Sem sucesso, traçou planos mirabolantes de rapto e casamento e para isso pediu a ajuda dos amigos.

Numa noite em que eu, Edmundo, Jairo e Guy o acompanhamos até a Luz, onde ele embarcaria no noturno para mais uma viagem ao Rio de Janeiro, ele nos expôs sua mais recente ideia, enquanto esperávamos o trem no bar da estação.

— Amanhã, no Rio, vou preparar tudo e, quando estiver pronto, telegrafo para vocês e nos encontramos lá. Vou alugar um caminhão e uma câmera de cinema e ficaremos à espera deles. Quando o Schindelar voltar com ela da praia, como faz todos os dias, um de vocês, em cima do caminhão, vai fingir que está filmando. Eu dou um safanão no americano e empurro a menina para um carro que estará nos esperando. Se alguém tentar reagir, o Guy, que é menos atlético, ficará na calçada e dirá que é fita de cinema. É a coisa mais simples.

— Mas, Oswaldo... — eu comecei. Mas ele nem quis ouvir minha argumentação.

— É uma coisa simples e não tem por que dar errado. É preciso apenas de um

pouco de arrojo.

— Oswaldinho — disse Guy —, e se o pobre homem chamar a polícia?

— Já estaremos longe, é evidente!

— Mas isso é uma violência — disse Edmundo.

— Qual violência, qual nada! A realidade é que vocês são uns frouxos! — disse Oswaldo, se levantando. E embarcou furioso conosco.

Nenhum de nós, evidentemente, aderiu àquele plano maluco. Por causa disso, Oswaldo ficou dias sem falar comigo, exasperado pela minha falta de solidariedade. Mas não era verdade. Eu sempre o acompanhava em tudo e, devo reconhecer, o apoiei em sua decisão de se casar com a menina. Achava, naquele tempo, que o amor não podia ser tolhido por conveniências e deveres impostos pela sociedade. Via tudo aquilo como um drama romântico — um pouco exagerado, é certo, pelo caráter sanguíneo e sentimental que Oswaldo herdara de seus antepassados amazônicos —, mas torcia por ele e me empenhei sinceramente para que o romance se consumasse. Em meio à crise familiar e com pouco dinheiro, ele passou a viver no trem noturno para o Rio, onde pela primeira vez viajava sem cabine, sendo obrigado a dormir nos bancos ou no carro-restaurant. Eu o levava até a estação da Luz e ali nos despedíamos. Fiz isso mais de uma dezena de vezes.

No Rio, em pouco tempo toda a gente conhecia o caso e muitos já fugiam dele. Oswaldo buscava o apoio de quem fosse e logo arranjou novas amizades, inclusive alguns conhecidos valdevinos da cidade, dentre os quais sobressaía um tal que se intitulava barão, lia cartas, fazia profecias e adivinhações.

Por muito tempo, nós todos buscáramos ser reconhecidos como literatos no Rio de Janeiro e, do nosso grupo, Oswaldo foi quem mais se empenhou nisso. Ele participou da organização da recepção a Olavo Bilac em sua visita a São Paulo e *O Pirralho* sempre ajudava Emílio de Meneses, que vinha à cidade frequentemente. Durante anos apoiado por seu tio, o escritor Inglês de Sousa, um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras, Oswaldo procurara construir uma rede de relações nos meios jornalísticos e literários do Rio de Janeiro. Naquela época, São Paulo era apenas uma província, onde se ganhava muito dinheiro, é certo, mas sem nenhuma relevância cultural. Havia no Rio uma acentuada prevenção contra a cidade que crescia e enriquecia ano a ano. O próprio Bilac, que adúlava os poderosos de São Paulo, uma vez no Rio não se cansava de caçar do jeito provinciano e do incansavelmente alardeado orgulho dos paulistanos por sua terra. Ser um escritor paulista reconhecido na capital não

era fácil, e por anos esse foi um dos nossos principais objetivos.

Todo esse esforço foi jogado por terra, pois Oswaldo não deixou de procurar nenhum dos seus conhecidos no Rio para que intercedessem em seu favor junto à bailarina. Criara também, valendo-se da ajuda das amizades de ocasião que amealhara no Rio, uma rede de informantes que lhe permitia acompanhar os passos da menina, mandar e receber recados.

O casal Schindelar organizava a estreia de Carmen Lydia no Rio de Janeiro, dando seguimento aos planos adiados pela intempestiva saída da neta e da avó de São Paulo. Eles cumpriam o mesmo roteiro que Oswaldo traçara e angariavam o apoio de jornalistas e literatos cariocas para um espetáculo que lançaria a jovem artista no Teatro Municipal. Enquanto isso, levavam Carmen Lydia a saraus e jantares de intelectuais, para apresentá-la à sociedade. Conseguiram até mesmo o apoio e o patrocínio do escritor Coelho Neto, também um dos fundadores da Academia e o mais famoso escritor brasileiro daquele tempo, figura literária que, aliás, todos nós detestávamos. Oswaldo, num dos momentos de maior loucura, chegou a telefonar para o próprio Coelho Neto fingindo-se de um padre italiano que propunha a participação da bailarina em um sarau beneficente. Caso o truque desse certo, pretendia aproveitar a ocasião para raptá-la e casar-se com ela. Já havia preparado um ninho de amor, num subúrbio carioca, onde passariam a noite, para consumir o matrimônio. No entanto, esse arranjo fantasioso também não deu certo.

Enquanto ele se envolvia nessa luta de amor inglória, seu Andrade enfrentava uma crise enorme que punha em risco seu patrimônio. Prestes a vencer, a hipoteca da Vila Cerqueira César poderia levar os negócios da família à ruína. Seu Andrade precisava mais do que nunca do filho, que só tinha cabeça para a bailarina. Quando ficou claro para o pai que Oswaldinho pretendia de fato casar-se com a menina, abriu-se um abismo entre os dois. O velho era capaz de aceitar Kamiá como nora, ainda que tivesse muitas dúvidas sobre o passado dela. Porém a francesa, ao longo dos anos, se mostrara uma mulher dedicada e prestimosa que fazia o papel de esposa fiel, sofrendo em silêncio o desprezo de Oswaldo. O lar dos Andrade já dependia inteiramente dela, que ocupara o lugar de dona Inês no comando da casa. E ainda havia o filho e todos eram testemunhas de que ela era uma mãe exemplar.

A bailarina, por outro lado, estava longe disso. Durante a crise, muitas vezes ouvi seu Andrade se referir a Carmen como “uma cômica”, “uma mulher de teatro”, coisa que naqueles tempos equivalia quase a qualificá-la como prostituta. Além do mais, havia a questão da idade; embora Oswaldo alegasse

que ela tinha dezesseis anos, depois se soube, e era visível, que ela tinha apenas treze. Isto só fazia Oswaldo se obstinar mais e mais em seu delírio e se imaginar um Dom Quixote salvando uma pobre criança das mãos dos mais terríveis vilões. Kamiá incentivava discretamente o conflito entre pai e filho, mas fazia isso em silêncio, no papel da vítima inocente de um alucinado.

As brigas entre os dois ficavam cada vez mais violentas, e eu, apesar de acompanhar tudo com o intuito de ajudar, não percebi que o afastamento entre eles ia se tornando profundo e definitivo. Oswaldo não acreditava nas advertências do pai e o velho já não via no filho um parceiro em quem pudesse ter a menor confiança. Digo isso hoje, quando vejo esse episódio do passado à distância e afinal de contas sou também um velho como era seu Andrade na época. Naqueles dias, no entanto, fui incapaz de avaliar a extensão do desastre que se formava e confesso que também via em Oswaldo uma espécie de Dom Quixote e torcia por ele. Eu era jovem e, como já disse, acreditava que o amor era um valor supremo. Seu Andrade, certo de que o filho se casaria com a menina, tentou de todas as formas impedi-lo: ameaçou deserdá-lo, denunciá-lo publicamente e até se suicidar nos penhascos da ilha Porchat.

Nem o pai nem ninguém teria conseguido demovê-lo de seu objetivo — e esta é a minha opinião até hoje, passados tantos anos — se não fosse pelo fato de que, de repente, a bailarina mudou de ideia.

Nas primeiras semanas no Rio, a menina respondia aos recados de Oswaldo e chegou até a acenar para ele, às escondidas, da janela da pensão da rua do Catete. Mas com o passar do tempo, ao conhecer outras pessoas e ser adulada e assediada por muita gente, pode ter concluído que aquele sonho de casamento era prematuro. Não sei, são apenas conjecturas, mas o fato é que Carmen passou a evitar Oswaldinho. Os inúmeros estafetas do affair, que faziam contato com ela nem sei por quais meios, levavam ao pobre Oswaldo as piores notícias, insistindo em lhe dizer que ela não queria mais fugir com ele; chegaram até a insinuar que ela tinha um outro amor. Com isso o desespero dele só aumentou e suas idas e vindas entre São Paulo e Rio se tornaram ainda mais frenéticas e quase diárias. Mas todas as suas tentativas de contato foram frustradas. Na última vez em que esteve no Rio atrás dela, ficou, como costumava fazer, rondando a rua que ligava o Catete à praia do Flamengo, esperando vê-la ao voltar do banho de mar. Embora tivesse feito a mesma coisa inúmeras vezes sem sucesso, nesse dia conseguiu encontrá-la. A reação da menina ao vê-lo foi de inequívoco pavor, como Oswaldo mesmo nos contou depois. Cobrindo o rosto com as mãos, Carmen correu para se refugiar na pensão, fugindo dele. Com mais

esse revés, Oswaldo voltou para São Paulo fragorosamente derrotado.

Nessa noite, organizamos um jantar na casa dele, aproveitando a ausência de seu Andrade, Kamiá e do menino, que estavam em São Vicente. Lembro de ter feito um pungente discurso tendo como tema central a cabecinha loira da pequena bailarina.

— Uma linda cabecinha loira que se aproxima do peito e se toma com carinho. Mas cabeças loiras, ruivas, morenas, pedaços de mulher, quem não as teve? Mas uma mulher inteira...? — concluí num arroubo, sob os aplausos da nossa pequena plateia.

Ah, juventude!

As semanas foram se passando e as coisas se acalmaram quase que como por encanto. Oswaldo e seu Andrade associaram-se a uma das notabilidades dos negócios da cidade e, com o seu concurso, obtiveram a renovação da hipoteca da Vila Cerqueira César e realizaram a venda de uma grande área por cem contos de réis, uma fortuna na época. A crise se afastou e Oswaldo até chegou a ensaiar, entre lágrimas, uma reconciliação com Kamiá. Nessa ocasião finalmente registrou o filho, para a alegria de seu Andrade. A sombra da bailarina, entretanto, permanecia e ele volta e meia tornava a falar nela. Nesse período, afastei-me um pouco dele e da nossa roda, pois queria me preparar para uns exames na polícia. Oswaldinho e Guy escreveram duas peças de teatro em francês — língua que falavam com perfeição e conheciam melhor do que qualquer um de nós —, nas quais Oswaldo procurava extravasar seus sentimentos pelas mulheres em geral e pela bailarina em particular. Compuseram as peças nas madrugadas dos cafés e cabarés da cidade e concluíram a obra em poucos dias. Oswaldo mandou imprimir — com uma dedicatória ao prefeito Washington Luís — um volume elegante, no melhor papel que havia, cuidadosamente desenhado por um artista amigo de Guy que acabara de chegar da Europa. Foi o primeiro dos nossos livros que foi publicado. As peças foram lidas nas redações de *O Estado* e da *Cigarra* e um ato foi representado no Municipal por uma atriz francesa em turnê na cidade. Fez algum sucesso, fato que animou a todos e nos levou a retomar com mais ímpeto nossos escritos. Oswaldo escrevia nessa época suas *Memórias sentimentais*, Guy concluía um livro de poesias e eu lutava para avançar nos meus romances. Cada um de nós preparava algo. Sentíamos que havia um lugar reservado para nós no mundo das letras, bastava que nos apresentássemos para ocupá-lo. Eu, talvez ainda mais do

que os outros, acreditava nisso.

Naqueles dias, nos fins de 1916, Isadora Duncan, a grande deusa da dança, realizou uma série de apresentações no Brasil. Oswaldo e Guy, que estavam no Rio de Janeiro para divulgar o livro recentemente publicado e que foi lido na inauguração da nova sede da Sociedade Brasileira de Homens de Letras, fundada por Olavo Bilac e da qual fazíamos parte, a conheceram no hotel onde estavam hospedados, em Santa Teresa. A famosíssima bailarina recebeu um exemplar das mãos de Oswaldo e, por algum motivo, se encantou com ele. Na despedida, o convidou para ir vê-la em São Paulo na semana seguinte. Quando ela chegou à cidade, tiveram um affair espetacular, que nos encheu de inveja. Durante os poucos dias que Isadora Duncan passou aqui, não tivemos notícias de Oswaldo. Eu e Guy apenas o vimos uma noite num táxi, cruzando a cidade com ela. Depois que Isadora Duncan partiu num trem, na estação da Luz, todos nós achamos que a sua cota de bailarinas estava completa e a vida seguiria em frente, na direção de outras mulheres e de novas aventuras de amor boêmio. Mas...

Depois de meses de ensaios e muitos contatos no Rio de Janeiro com a elite intelectual da cidade, finalmente Carmen Lydia estreou no Municipal. O espetáculo foi um fracasso. Além da falta de público — não havia mais do que sessenta pessoas na plateia —, obteve críticas frias, até mesmo hostis. Oswaldo e todos nós percebemos que a estreia da jovem bailarina havia sido um retumbante fiasco, apesar do apoio que ela e a avó conseguiram angariar na cidade. Com isso, suponho, as portas por lá se fecharam e não restou alternativa à madame Schindelar senão tentar lançar mais uma vez a menina em São Paulo. Dias depois da partida de Isadora Duncan, Oswaldo recebeu uma carta delas, comunicando a intenção de regressarem à cidade. Embora Oswaldo garantisse que não tinha a menor intenção de reatar suas relações com a menina, eu sabia que não se podia acreditar muito nisso. O que mais me preocupava é que a volta de Carmen Lydia colocaria em risco o delicado equilíbrio familiar que ele enfim havia obtido depois de meses de crises contínuas.

E o resultado não se fez esperar. Tão logo a menina e a avó desembarcaram, o drama recomeçou. Oswaldo fez de tudo para retomar o romance com a bailarina, mas ela, dessa vez, resistiu vigorosamente. Desiludida com sua estreia no Rio e cansada da rotina feroz de ensaios e exercícios imposta pela avó, parecia também decidida a deixar a vida de jovem estrela. De fato, quando a revi o seu desânimo era visível. Acho que ela se deu conta de que as meninas de sua idade

não tinham uma vida igual à dela, tão cheia de compromissos e obrigações, sempre rodeada por gente muito mais velha. De mais a mais, quem sabe tenha percebido, depois do fracasso no Rio, que o futuro de glórias nos palcos não fosse tão fácil de alcançar. Afinal, ela se preparara durante toda a sua curta vida para uma estreia de sucesso e esse sucesso prometido tantas vezes pela avó simplesmente não viera. A realidade é que ela já não se entusiasmava com a perspectiva de um novo espetáculo e talvez tivesse medo do resultado. Oswaldo, mais do que nunca convencido de seu papel de Dom Quixote, resolveu libertar a pobre donzela das garras que a prendiam. Ao contrário do que eu ou qualquer outro dos nossos esperava, ele não pretendia simplesmente casar-se com ela, mas também libertá-la das mãos da velha. Era uma decisão temerária, pois envolvia a situação legal da menina. Para isso ele mobilizou os amigos, afinal de contas éramos todos advogados. Conversou com juízes, com o arcebispo, com o abade do mosteiro de São Bento e com quantos conseguiu, para armar um plano que permitisse retirar a menina da tutela da avó. Era arriscado, mas a mim me pareceu razoável, considerando que naquele tempo eu avaliava as coisas do mundo com uma simplicidade que só a juventude permite. Com a insistência dele, todos nos mobilizamos e conseguimos obter o apoio do juiz de menores da capital, que aceitou acolhê-la, caso ela fosse até ele pedir ajuda por sua livre vontade. Dias antes do espetáculo de Carmen Lydia no Teatro Municipal, Oswaldo se encarregou de distrair a velha num almoço, enquanto a neta saiu com a desculpa de que precisava ir até o teatro buscar uma partitura esquecida. Vicente Rao, que já era advogado atuante e tinha uma grande banca, levou-a de táxi até o fórum, onde o juiz de menores a aguardava. Ele rapidamente despachou seu pedido e encaminhou Carmen a um colégio de freiras em Santana.

A notícia explodiu na imprensa, a princípio de uma maneira que nos pareceu inofensiva. No dia seguinte, os jornais publicaram a versão que Oswaldo e nossos amigos se encarregaram de espalhar: a menina era uma pobre criança vilmente explorada por seus tutores, que pretendiam se aproveitar dela para auferir lucros. O que não contávamos era com a reação de madame Schindelar, que não se intimidou. Imediatamente ela contratou um dos mais prestigiados advogados da cidade para contestar a ação e atribuir toda a responsabilidade a Oswaldo. Quando a imprensa tomou conhecimento de que o drama da bailarina envolvia também uma história de romance entre a menina de treze anos e o famoso e rico jornalista, o assunto pegou fogo. Oswaldo tornou-se o assunto mais comentado na cidade e quase todos os jornais e revistas trataram do caso

sem tréguas. Carmen procurou o juiz numa quarta-feira, na quinta a notícia explodiu na imprensa e já na sexta-feira *O Imparcial*, do Rio de Janeiro, publicava uma longa entrevista com o sr. Arthur Schindelar, marido da avó da menina, defendendo-se das acusações e indicando Oswaldo como o pivô do affair. Na entrevista, reproduzida por vários outros jornais, ele dizia que Oswaldo havia lhe pedido a mão da menina e que ele, como seu tutor, teve de negá-la, já que Oswaldo era casado, ou pelo menos vivia maritalmente com uma francesa em sua própria residência e com ela tinha um filho. Além disso, como se não bastasse, narrou todas as peripécias do fracassado romance dos dois da maneira mais negativa possível. Daí em diante, os principais jornais do Rio e de São Paulo cobriram a história todos os dias, trazendo entrevistas com madame Rosa Schindelar, com Oswaldo, que procurava se defender, com os moradores da pensão Schray e, no final, até com o escritor Coelho Neto, que também acabou envolvido no escândalo. As revistas e os semanários também trataram do caso. Um dos mais venenosos, *O Parafuso*, de Baby de Andrade, editou seis números tendo o romance como assunto principal. Baby foi nosso companheiro na primeira fase do *Pirralho* e um dos que arrendaram a revista quando Oswaldo viajou para a Europa. Na volta, brigaram feio e quase houve um duelo entre eles na rua Quinze. Rompido conosco desde então, ele não perderia essa oportunidade de se vingar.

O que mais efeito causou na casa dos Andrade, no entanto, foi a nota de três ou quatro linhas que *O Estado* publicou na primeira semana do escândalo na capa da edição de domingo, que era sempre dedicada aos grandes assuntos internacionais e, desde 1914, vinha sendo ocupada quase toda pelo desenrolar da guerra na Europa. Só raras vezes entravam nela telegramas ou notícias nacionais, e além disso, o jornal tinha verdadeira aversão a qualquer coisa que se parecesse, ainda que vagamente, com sensacionalismo. Depois de (quase) uma semana de notícias diárias sobre o caso Oswaldo e Carmen Lydia publicadas em quase todos os jornais, o vetusto *O Estado de S. Paulo* demonstrou em poucas linhas seu desagrado e desprezo com assunto tão inconveniente e um tanto sórdido:

Rio, 20 — Embora nada adiantando, os matutinos e vespertinos continuam a ocupar-se, com largos comentários, do caso de Carmen Lydia.

Era a máxima reprovação que a elite bem pensante da cidade, representada pelo *Estado*, podia fazer a um dos seus que se desencaminhara.

Na casa da rua Augusta, o resultado foi desastroso. Seu Andrade, convencido de que Oswaldo armara aquele golpe para, no fim, casar-se com a menina, ameaçou deserdá-lo. Surgiram os mais diversos boatos, inclusive o de que a menina estivesse grávida. Os jornais acusavam Oswaldo de ser o sedutor. Oswaldo passou a ser tratado como um barba-azul e seu nome aparecia diariamente nos jornais da maneira mais adversa possível. Seu Andrade, envenenado por Kamiá e vendo a foto e o nome do filho nos jornais, ligado a um escândalo daquelas proporções, não sabia como reagir. As brigas recomeçaram e pai e filho se afastaram cada vez mais. Para remate de males, *O Imparcial*, do Rio de Janeiro, publicou cartas que Kamiá, no auge do conflito, enviara à avó e à menina. Eram cartas terríveis, e sua publicação, urdida pela avó, que procurava se defender, expunha o drama íntimo da família, o filho de Oswaldo e também seu Andrade, citado agora em todas as reportagens. Numa das cartas, Kamiá dizia:

*Ayez pitié de mon enfant, parce que Oswaldo et Carmen s'aiment.
Il m'a dit qu'il va se marier avec elle.**

Na carta endereçada a Carmen, os termos eram mais duros, e o jornal publicou tudo, inclusive a intervenção de seu Andrade.

Je vois très bien que je ne sers pas comme marraine et que tu dois en chercher autre.

Quant à moi c'est assez.

*Je me vois forcée d'être franche avec toi. Ma chère, écoute-moi: ne me donnes pas les restes; prends l'argent et l'homme. Je t'en fais cadeau, car je suis plus orgueilleuse que tu le crois. Je te pardonne et maintenant je ne sais pas si Dieu te pardonnera.***

E o jornal completava o desastre:

No mesmo papel em que está escrita esta carta, o pai do sr. Oswaldo acrescentou o seguinte:

“De acordo. Não queremos relações.
ass. José Oswaldo”

Ele, sempre tão discreto, já dizia a qualquer um que seu filho era um irresponsável, um estroina, adjetivo que naquele tempo tinha um peso tremendo. Quase não se falavam, e o ambiente familiar ficou insuportável para Oswaldo, principalmente depois que seu Andrade tomou partido de Kamiá e se dispôs a protegê-la e ao neto das ações do filho. No auge do escândalo, até as empregadas da casa da rua Augusta se voltaram contra ele e se recusavam a servi-lo.

Oswaldo lutou estoicamente para se defender, naquele estilo obstinado que lhe era tão característico. Dividia-se entre o Rio de Janeiro e São Paulo, mas no Rio

não havia mais ambiente que lhe favorecesse. No início de março de 1917, já com o assunto quase esgotado, a *Gazeta de Notícias* publicou uma nota venenosa que pôs fim a seu empenho de se justificar através da imprensa.

Alguns cavalheiros, de quando em quando, pelem por desfrutar da popularidade. Está neste caso o interessante sr. Oswaldo de Andrade. Desde que se viu envolvido no escândalo da menor Carmen Lydia, dirige diariamente aos jornais longas cartas, em estilo literário suspeito, com que procura adquirir uma posição de destaque na imprensa nacional.

O “escrevem-nos” é hoje privilégio seu.

Num dia concede entrevista e no seguinte lá vai carta, no tal estilo duvidoso.

A coisa acabou enfastiando...

*

Depois de um agitado processo, a tutela da menina foi finalmente retirada dos avós e transferida a Amadeu Amaral, secretário de redação de *O Estado* e amigo de Oswaldo. A menina se acomodou no colégio das freiras de Santana e não quis mais sair de lá. Oswaldo insistiu em visitá-la em segredo por duas vezes, mas ouviu dela que esquecesse o passado, pois pretendia se tornar freira. Já exausto, acabou desistindo.

Meses se passaram e um dia a vimos por acaso na rua Quinze, gordinha e satisfeita, caminhando ao lado de uma das irmãs do colégio. Depois de mais de um ano de aventuras rocambolescas, terminou assim o caso da bailarina. Mas o preço que Oswaldo pagou foi alto.

* “Tenha misericórdia do meu filho, porque Oswaldo e Carmen se amam. Ele disse que vai se casar com ela.”

** “Tenho certeza que não sirvo como madrinha e você deve procurar outra./ Para mim basta./ Eu me vejo forçada a ser franca com você. Minha cara, escute: não me dê as sobras: pegue o dinheiro e o homem. Eu te dou de presente porque sou mais orgulhosa do que você imagina. Eu te perdoo mas não sei se Deus te perdoara.”

7. A garçonnière

Pouco a pouco, tudo foi se acalmando e os jornais, cansados do escândalo, se ocuparam de outros assuntos, até as notícias sobre Oswaldo e Carmen rarearem e desaparecerem por completo. Passados três meses de contínuo bombardeio, os estragos na casa dos Andrade eram tremendos. Lá sempre fora um refúgio para Oswaldo, onde ele se sentia protegido mesmo depois da morte da mãe. No entanto, desde o episódio da bailarina algo mudara e eu percebia que muitas vezes as pessoas, na casa, paravam de falar ou mudavam de assunto quando ele entrava. Os padres e as freiras eram cada vez mais presentes lá, havia muitas rezas e novenas. A casa, antes tão alegre, ganhara um clima sombrio que só se desanuviava um pouco quando seu Andrade, Kamiá e o menino iam para a praia. O certo é que Oswaldo também já não se sentia inteiramente à vontade ali e procurava um refúgio onde pudesse estar mais a seu gosto.

Desde o início daquele incomparável 1917, ano repleto de eventos que nos assombraram, Oswaldo queria montar uma nova garçonnière. Até pouco antes de sua viagem à Europa, ele mantivera, em sociedade com o pintor Oswaldo Pinheiro, uma espécie de ateliê na rua Dr. Falcão, a ladeira que ligava a rua Líbero, junto ao viaduto, ao vale do Anhangabaú, na época ocupado por chácaras. Lá tivemos nossas primeiras aventuras, lá Oswaldo cultivou um romance com uma jovem atriz italiana da companhia de Giovanni Grasso. Cinco anos depois, no entanto, conseguir um endereço conveniente era quase impossível. A cidade crescia sem parar e já não era em nada parecida com aquela em que nos havíamos criado.

Em 1890, ano em que Oswaldo e eu nascemos, São Paulo tinha sessenta e cinco mil habitantes e ainda guardava muitas marcas da vila colonial que tinha sido. Quando cheguei à capital e nós dois fizemos dez anos, ela já possuía duzentos e quarenta mil habitantes e, em 1917, ultrapassara folgadoamente os quinhentos mil. Para acompanhar esse crescimento vertiginoso, São Paulo vivia uma febre permanente de construção, ruas eram demolidas, alargadas e

reconstruídas com uma rapidez estonteante. As velhas chácaras que existiam no centro foram todas loteadas e mais e mais casas se construíam a cada dia. As antigas torres das igrejas, que por séculos haviam dominado a paisagem, começavam a conviver com prédios que já rivalizavam com elas em altura. Em 1913, a família Guinle, do Rio de Janeiro, que se tornara concessionária do porto de Santos e enriquecera extraordinariamente quase da noite para o dia, inaugurou na rua Direita, um pouco adiante do largo da Sé, um impressionante edifício de concreto armado, um dos primeiros de São Paulo, com incríveis oito andares e mais de trinta e cinco metros de altura — três vezes mais alto do que qualquer outro existente na cidade. Não foi fácil construí-lo; durante muito tempo técnicos da prefeitura criaram obstáculos para conceder a licença de uma edificação tão destoante do resto da cidade. Muitos consideravam que São Paulo, como as grandes cidades europeias, deveria ter um perfil de construções mais baixas e mais uniformes e que a paisagem urbana seria agredida pelos novos arranha-céus. Os atentos e dedicados funcionários municipais tinham como modelo Paris e Londres, porém logo a influência de engenheiros e arquitetos formados nos Estados Unidos, como Christiano das Neves, se faria sentir e pouco a pouco edifícios mais altos tomariam conta da cidade. Naquela época, entretanto, só o edifício Guinle se erguia muito acima das torres das velhas igrejas, enquanto elas também iam sendo demolidas para ceder espaço à cidade que crescia.

Depois de quase um mês de procura, Oswaldo achou um local conveniente nos fundos do terceiro andar de um prédio da rua Líbero Badaró, quase na esquina da ladeira de São João. Era um prédio novo, reflexo do crescimento da cidade. Construído por Samuel das Neves, o engenheiro responsável por quase todas as obras da nova Líbero, foi anunciado nos jornais como “a primeira casa de apartamentos para solteiros da cidade” e possuía seis pequenos apartamentos por andar, com sala, quarto e banheiro, sem cozinha. O alargamento da rua fora uma das iniciativas de modernização da cidade que seu Andrade apoiara quando vereador. A Líbero era até então uma rua estreita, como todas as do centro antigo, dominada por casas baixas e simples, em geral de porta e duas janelas, separadas por uns poucos sobrados. Antes da nossa época, chamava-se rua de São José e fazia par com a de São Bento, que lhe era paralela. Quando éramos crianças, embora o nome já tivesse sido mudado fazia tempo, as pessoas ainda a chamavam de São José, baixando a voz ao se referir a ela. O motivo era que, em suas casas simples e antigas, viviam e trabalhavam moças alegres que se exibiam nas janelas e portas, às vezes em trajes íntimos, e atendiam a uma concorrida freguesia a qualquer hora do dia ou da noite. Durante a nossa infância e primeira

mocidade, passávamos diariamente por ela quando íamos e voltávamos do Ginásio de São Bento, onde, além de Oswaldo e eu, Guy também estudava. A rua ainda chamada de São José era o caminho natural entre a escola e nossas casas, e costumávamos observar o movimento das moças através das portas abertas. A maioria dos jornais considerava uma vergonha tal espetáculo numa cidade como a nossa, com pretensões de se colocar perante o restante do país como um grande centro urbano. Em 1912, a rua começou a ser alargada, o lado que dava para o Anhangabaú foi todo demolido e a nova Líbero Badaró, que se transformou numa das mais largas e modernas da cidade, foi sendo rapidamente ocupada por elegantes construções, expulsando as pensões de moças para outros lugares. Agora parecia uma rua londrina, larga, suntuosa e respeitável.

Fui com Oswaldo tratar do aluguel. O pequeno apartamento pertencia a um italiano gordo, baixinho e alegre chamado Fiore, que administrava o edifício e morava com a família no primeiro andar. O prédio tinha uma fachada mais ou menos neoclássica, com poucos ornamentos, bem diferente da moda daquele tempo. Um elevador no fundo do estreito e comprido corredor de entrada, sinal claro de modernidade, ocupava parte do pequeno hall do prédio e era operado por um garoto franzino de uns doze anos que logo se tornou nosso amigo e cúmplice.

Foi uma negociação difícil e sabíamos que, se não fechássemos logo o negócio, perderíamos o apartamento.

— Mas, seu Fiore — disse Oswaldo —, cento e oitenta mil réis de aluguel é uma exorbitância. Com esse dinheiro se pode alugar uma casa boa.

— *Sì, giusto, dottore! Sí pudia, ma a ora... con questa carestia, non si può vivere in questa citá. Guarda chi é un apartamento belo, belo e quasi nuovo.*

— Mas cento e oitenta é demais! Seu Fiore, tenha dó! — Eu queria ajudar, mas não encontrava argumentos, já que tínhamos visto lugares piores e ainda mais caros.

— *Vá benne dottore! Centosettanta e io recebo nel primo giorno del mese. Giusto?*

Concordamos, que remédio? O apartamento que ficava nos fundos do prédio, ao lado do elevador, possuía uma pequena sala na entrada e um quarto amplo com banheiro. Era um pouco frio, as janelas davam para um poço de ventilação, por onde entrava apenas uma nesga de sol, porém era conveniente e bem localizado. Tão logo fechou o negócio, Oswaldo foi providenciar a mobília. Reuniu uns velhos móveis que tinha em casa, um canapé de palhinha que viera da casa da rua Santo Antônio, um *étagère* que pertencera à mãe, algumas coisas

mais, e fizemos a mudança. Enquanto íamos levando coisas para a garçonnière, fizemos amizade com o garoto do elevador, que em troca de algumas moedas nos ajudava. Seu nome era Pippo, um menino pequeno, loiro e sardento. Usava um uniforme azul com jaleco de alamares amarelos e uma faixa também amarela na lateral da calça, que exibia como se fosse uma farda de general. Tinha pose, inegavelmente, e procurava se portar de acordo com o uniforme e a importância de seu cargo. Em poucos dias, tornou-se indispensável, nos auxiliando em todos os pequenos serviços necessários para a nossa instalação ali. Com o tempo, passou a servir como secretário da garçonnière, informando a todos os nossos quem havia passado por lá e que recado deixara para os outros. Como ele, no início, não sabia nem queria se dar ao trabalho de decorar o nome de cada um, cunhou apelidos e assim nos informava quem tinha estado lá.

— *Ih, seo dottore, passô aqui o Bingala e o Pinçanê. Disseram que von a noite no Guarany.*

Eram Léo Vaz, que andava com uma bengalinha elegante, e Edmundo, que usava um pincenê um pouco fora de moda. Embora Pippo fosse brasileiro, filho de italianos, nascido no Brás — na rua Caetano Pinto, onde morava, como saberíamos depois —, ele tinha aquele inconfundível acento italiano característico da fala das ruas e que já não se sabia se pertencia aos imigrantes ou à cidade. Lembro que uma vez, indo visitar um dos clientes do dr. Otto, o advogado para o qual eu trabalhava, fui à casa de um comerciante italiano da rua 25 de Março para colher algumas assinaturas da mulher dele para um inventário. Chegando lá, fui recebido por um empregado negro, muito solícito e formal, que me disse gentilmente: “*La spósa non é a casa!*”, informando que a mulher que eu procurava não estava. A língua das ruas era essa.

Nossas relações com Pippo se estreitaram quando Oswaldo mandou de sua casa um antigo guarda-comida de sua mãe que não pôde subir pelo elevador por ser pesado e grande demais. Os carroceiros que levaram o móvel tentaram, então, subir com ele pelas escadas. Eram dois raquíticos e subiam com muita dificuldade. Pippo, sempre intrometido, se dispôs a ajudá-los, mas obviamente o peso era demasiado para ele e, na primeira curva da escada, escorregou e por pouco o móvel enorme não caiu sobre ele. Quando, minutos depois, Oswaldo e eu chegamos, o valente Pippo chorava como uma criança e tinha o tornozelo inchado e vermelho, dando a impressão de que alguma coisa havia se quebrado. Fiore sugeriu que o levássemos até a farmácia Ypiranga, que ficava na esquina do Viaducto, num dos palacetes do conde Prates; ela havia sido inaugurada fazia alguns meses e tinha fama de ser uma das melhores da cidade. Para isso, porém,

teríamos que carregar o moleque pelo longo quarteirão até o viaduto, subindo a ladeira, e Oswaldo achou mais prático, além de mais garantido, levá-lo a um dos médicos que tinham consultório no edifício em frente ao nosso, em cima do Café Colombo.

Com a ajuda dos carroceiros, atravessamos a rua e levamos o choroso Pippo, já um pouco recomposto, para lá. Havia três ou quatro médicos no prédio e Oswaldo escolheu um deles, não me lembro se já o conhecia. Depois de um exame rápido, o médico disse que ele não havia quebrado nada, mas tinha tido uma torção muito forte no tornozelo e precisava ficar com o pé imobilizado por pelo menos uma semana. Depois de entalar o pé ferido e receitar alguma coisa, nos devolveu o menino manco, que precisou ser novamente carregado. A essa altura, a dor já diminuía e Pippo começava a se divertir com o episódio, principalmente com a parte que dizia que ele deveria descansar uma semana em casa, de papo para o ar. Coube a nós avisarmos Fiore de que o elevador ficaria sem seu comandante por sete dias e providenciarmos uma condução para despachar o ferido para casa. Os carroceiros que haviam trazido os móveis não dispunham de acomodação adequada em seu veículo e, ademais, iam para os lados do Bixiga, onde moravam. Oswaldo tinha um encontro marcado no *Jornal do Comércio* e precisava voltar à redação. Eu, que deveria passar a tarde no fórum e podia fugir do escritório e do dr. Otto, acabei incumbido de devolver Pippo à sua casa. Como não seria possível levá-lo de bonde, para a alegria dele chamei um tálburi e seguimos de carro até o Brás.

Descobri então que Pippo morava na rua Caetano Pinto, perto da Rangel Pestana. A rua, uma das mais agitadas do bairro, era habitada, em sua maioria, por italianos do Sul, principalmente napolitanos, que viviam amontoados em pequenas casas e nos enormes cortiços que dominavam a região. Era uma rua de casas baixas, apenas com um ou outro sobrado. As casas compensavam a relativa estreiteza de suas fachadas com enormes extensões de fundos, que permitiam construir um número infinito de quartos, aos quais se tinha acesso por um corredor central. Quando chegamos, já no fim da tarde, as calçadas estavam ocupadas por hordas de crianças que corriam, pulavam, jogavam bola ou simplesmente gritavam naquele curioso dialeto das ruas. Tão logo dobramos a Rangel Pestana e entramos na Caetano Pinto, o barulho das crianças foi diminuindo e elas aos poucos foram se aglomerando e correndo em torno do nosso carro. O motivo era fácil descobrir. Pippo, com seu uniforme de general de elevador, ia sentado a meu lado, no tálburi aberto, com o olhar no horizonte e a expressão grave de quem vinha imerso em altas cogitações. Sua entrada de carro

na rua onde morava e onde, pelo visto, todos o conheciam causou furor, efeito que ele espertamente tinha previsto. Para aquela gente pobre, o único meio de transporte possível era o bonde; nunca andavam de carro. Quando chegamos à sua casa, uma casa de cômodos mais ou menos no meio do quarteirão, uma verdadeira multidão de crianças de todos os tamanhos e feitios e até alguns adultos observavam o espetáculo. Compenetradíssimo, Pippo desceu do carro ajudado pelo cocheiro e por mim da maneira mais lenta possível, para prolongar e saborear pelo maior tempo o espetáculo. Quando se despediu de mim e entrou em casa, um quase silêncio dominava a pequena multidão postada ali fora. Para quase todos aqueles trabalhadores pobres, andar de carro era um privilégio inacessível e os mais afortunados, ou que tinham menos filhos para sustentar, só se permitiam esse luxo em enterros e casamentos. Pippo sabia muito bem disso e do sucesso que sua chegada faria.

À noite, Oswaldo, Guy, Ignacio, Edmundo e eu nos reunimos na garçonnière ainda semimobiliada e tomamos lá nossa primeira garrafa de vinho. Guy fez o discurso de inauguração e benzeu — com o vinho — nosso novo refúgio. Todos nós falamos e, se bem me recordo, nos discursos reafirmamos os nossos projetos futuros e todas as grandes coisas que haveríamos de realizar e que eram nossa única preocupação na época. Acredito que todos achamos, nessa noite, que alguns dos nossos sonhos se realizariam naqueles dois cômodos da rua Líbero Badaró.

Em parte, foi assim.

PARTE II
MARIA DE LOURDES,
DAISY OU MISS CYCLONE

8. Ela

Eu a vi pela primeira vez na praça da República, num fim de tarde, quando os alunos da Escola Normal saíam das aulas. Oswaldo me pediu que eu o acompanhasse, queria que eu visse uma moça que ele conhecera e que achara fenomenal. Ele se entusiasmava facilmente e o fato de fazer grande alarde sobre essa normalista não queria, em si, dizer muita coisa. No entanto, a descrição que me fez dela também chamou minha atenção. Ao contrário das moças que conhecíamos, que em geral sorriam suavemente e respondiam com monossílabos quando diante de homens de fora de seu círculo familiar, essa parecia ter respostas prontas para tudo e, segundo ele, era impossível encabulá-la. Oswaldo a conheceu em casa, numa ocasião em que ela acompanhou a prima que dava aulas de piano para Kamiá. Desde que chegara com Oswaldinho da Europa, ela vinha tentando aprender a tocar piano, sempre sem sucesso. Depois que o filho nasceu, seu empenho em aprender música aumentou, mas sua aptidão permanecia a mesma. Foi Kamiá quem descobriu a Antonieta, que morava perto deles, na rua Olinda, e tocava esplendidamente. A moça, enquanto esperava que o noivo marcasse a data do casamento, ganhava a vida e o enxoval dando aulas de piano. Todas as manhãs Antonieta ia à casa dos Andrade, logo no começo da rua Augusta — eram só dois ou três quarteirões de distância —, para as aulas. Um dia, no fim de maio, levou com ela uma prima que morava com a família enquanto estudava na Escola Normal. Oswaldo, que de manhã quase sempre estava em casa, logo que viu a tal prima, notou nela certo ar de atrevimento que, de fato, chamava imediatamente a atenção e foi também a primeira impressão que todos nós tivemos dela. Seu nome era Maria de Lourdes, mas todos a chamavam de Daisy, não sei por quê. Não era linda, era apenas bonita, morena e esguia, bem-feita de corpo e o cabelo curto, sempre um pouco revoltado, lhe caía sobre o olho, formando uma mecha que era a sua marca distintiva. Não era ainda exatamente uma mulher, era apenas uma menina que parecia muito madura. Falava olhando diretamente nos olhos da gente e tinha um olhar atrevido que

intimidava um pouco e tornava difícil esquecê-la. Oswaldo me disse que logo que ficaram sozinhos, percebeu nela algo de diferente e mesmo desafiador. Como era muito ousado e um tanto cínico quando queria impressionar uma mulher, perguntou-lhe de chofre se ela não gostaria de amá-lo. Ela, sem pensar nem um segundo, respondeu tranquilamente: “Sim, mas sem premeditação”. A resposta desarmou Oswaldo e ele percebeu logo que havia feito uma descoberta sensacional.

Daí em diante passou a assediá-la quase que diariamente. Eles já haviam se encontrado várias vezes na saída da escola. Oswaldo chegou a obter dela a promessa de um dia fugir das aulas para ir encontrá-lo na garçonnière. Esperou ansiosamente, mas ela não apareceu. Agora, depois de quase um mês de idas e vindas, ele tinha resolvido mostrar seu novo achado aos amigos. Como quase sempre acontecia, eu fui o primeiro.

*

A Escola Normal da praça da República, como era conhecida a mais alta instituição de ensino da cidade plenamente acessível às mulheres, formava as professoras do ensino primário daqueles tempos. Não era a única, no mesmo prédio funcionava o Curso Complementar, que também formava professores, mas este tinha menos prestígio. Quem de fato buscava uma profissão, em geral fazia o Curso Complementar. Para a Escola Normal, iam principalmente as moças das boas famílias em busca de uma formação cultural mais ampla. A escola não era frequentada só por mulheres, embora elas fossem a grande maioria, e permitia acesso a uma profissão considerada decente para as moças que pretendiam ou precisavam trabalhar. E também preparava as mais modernas, que já não se contentavam com a formação limitada que suas mães haviam recebido e que queriam ter acesso a uma educação melhor.

Para as mulheres, o acesso à educação ainda era bastante limitado. O mais comum é que aprendessem apenas o necessário para exercer com eficiência o comando doméstico, enfeitando — as que podiam ter este luxo — sua formação com noções de música, para tocar o piano da família nos saraus, e com algum francês, para que pudessem acompanhar as revistas da moda e ler os romances mais recentes, que a livraria Garraux, da rua Quinze, trazia tão logo eram lançados em Paris. Na Faculdade de Direito, não havia alunas; ninguém considerava aquele ambiente de rebeldia boêmia apropriado para qualquer mulher. Nem os alunos admitiam tal hipótese. No início do século, no entanto, uma corajosa pioneira tinha sido capaz de se formar na Academia; tivemos

notícia de que ela chegara mesmo a atuar no Tribunal do Júri, algo rigorosamente espantoso. Contudo, havia abandonado o exercício da profissão e parece que se dedicava ao magistério. Depois dela, mais umas pouquíssimas se aventuraram, duas ou três, nenhuma que tivéssemos conhecido. Sabíamos que duas moças cursavam medicina na faculdade recentemente inaugurada, e só. Naquele tempo, as jovens que desejavam estudar iam mesmo era para a Escola da Praça.

Os alunos saíam pelas laterais do prédio, dividido internamente em duas alas. De um lado, estudavam os rapazes e, de outro, as moças, ambos rigorosamente separados. Cada grupo tinha sua saída própria e eles nunca se misturavam. No entanto, na calçada em frente ao portão de saída das alunas, sempre havia um pequeno grupo de rapazes mais velhos aguardando. A regra era apenas observar a saída e a aproximação máxima permitida pela decência comum era uma prolongada troca de olhares entre os interessados. Oswaldo, naturalmente, nem cogitava uma coisa dessa e, logo que ela apareceu, acompanhada por duas colegas, atravessou a rua para encontrá-la. O gesto atrevido não provocou surpresa nem dela nem das amigas. Com certeza não era a primeira vez que ele a abordava na saída da escola.

— A miss leu *O Pirralho*? — perguntou Oswaldo, que tinha publicado uma carta atrevidíssima para ela em nossa revista, chamando-a de Miss Cyclone, o apelido que tinha inventado para ela.

— Não — ela respondeu. — Eu não me ocupo de pirralhos, ainda não me formei. — E olhando diretamente para mim: — E este belo rapaz? É um pirralho também?

Foi assim que a conheci. Senti o meu rosto corar imediatamente e o meu desconcerto ficou evidente, tenho certeza. As amigas mais que depressa se despediram, quase sem nos olhar. Contornamos a escola e o Jardim de Infância, que ficava atrás do prédio principal, e subimos juntos a rua Araújo até a igreja da Consolação. Enquanto caminhávamos, íamos despertando olhares reprovadores nos transeuntes. Daisy usava o inconfundível uniforme das alunas da Escola Normal, blusa branca com uma ampla gravata no pescoço e saia azul-marinho. Nossa presença a seu lado tornava a situação totalmente imprópria; certamente poucas alunas se atreveriam a aceitar a companhia de rapazes na saída das aulas. Se alguém conhecido dela nos visse, seria encrenca na certa. Mas Daisy não parecia preocupada, e a conversa seguia como havia começado, com frases rápidas e atrevidas. Procurei me integrar o melhor que pude, disfarçando a surpresa que ela obviamente me causara. Não havia dúvida, Oswaldo tinha feito

uma descoberta!

Sua casa ficava logo depois da igreja, numa rua que ligava a Consolação à rua Augusta, no início da ladeira. A rua Olinda, onde ela morava com seus tios, era tranquila e possuía praticamente só dois quarteirões. Sua única agitação era a entrada e a saída dos alunos da Deutsche Schule, a escola alemã recém-construída ali. O prédio imponente e moderno, erguido sobre um talude alto no estilo *Jugendstil*, o art nouveau em voga na Alemanha e na Áustria, dominava a paisagem naquele trecho da cidade. A escola recebia não só filhos de alemães como também muitos dos jovens da elite local, fortemente influenciada pela cultura germânica. Nos horários de entrada e saída, viam-se diversos automóveis indo levar ou buscar os alunos mais ricos. A presença deles contrastava com a rua pacata de casas simples, ainda com muitos terrenos baldios e habitada por gente do comércio e pequenos funcionários.

Quando nos aproximamos da igreja, Daisy se despediu. Disse que queria entrar para rezar por sua avó, que estava muito doente. Ficamos na calçada vendo-a desaparecer no interior da igreja. Oswaldinho tinha estampada na cara a satisfação por haver me mostrado aquele achado, gozando alegremente meu espanto. Não encontrei o que dizer. Vendo que ele esperava impacientíssimo meu veredicto, só pude reconhecer que, de fato, ela era totalmente fora do comum.

— Só mesmo você — disse eu — para encontrar neste burgo medieval uma moça como esta!

Enquanto voltávamos para a cidade, ele ia gabando as qualidades de sua mais recente revelação. Apressamos o passo, já próximos ao viaduto. Oswaldo iria encontrar os amigos na redação de *O Estado* e eu precisava estar no escritório do dr. Otto antes que ele voltasse do fórum. Nos veríamos à noite.

9. *A yankee girl*

Antes de permitir que eu a conhecesse Oswaldo passou um mês tentando conquistá-la. Animado com sua nova descoberta e desafiado pelo atrevimento de Daisy, que parecia não ter limites, ele um dia ousou convidá-la para conhecer a garçonnière. Para a sua surpresa ela aceitou e prometeu ir na semana seguinte. Marcaram o dia, mas ela simplesmente não apareceu. Numa segunda ocasião o resultado foi o mesmo e Oswaldo ficou plantado horas seguidas sozinho no Covil vazio. Ela fez isso inúmeras vezes, deixando Oswaldo mais e mais impaciente, porém, em vez de desanimar, a cada dia ele falava mais dela, até que o assunto se tornou sua nova obsessão. Nós, os seus amigos, já sabíamos que nos finais de tarde não se podia contar com ele, porque agora quase todos os dias ele ia encontrar Daisy na saída da escola. Depois de mais de um mês dessa história, ele me disse que iria publicar uma carta para ela no *Pirralho*. Era quase uma súplica e percebi que aquele caso ficaria sério. Me assustei, porque Oswaldo ainda não havia enterrado completamente o episódio da bailarina, que estava nítido na memória de todos.

Nesse começo de noite, nos encontramos na redação do *Pirralho*: ele, depois de cumprir seu plantão à porta da Escola Normal; eu, depois de encerrar meu expediente no escritório do dr. Otto. Conteí-lhe minhas preocupações.

— Oswaldo — eu lhe disse —, você não acha que colocar esta história no *Pirralho* vai acabar tornando tudo público, mais do que já está, e manchar a reputação da moça? E, veja bem, *O Parafuso* ainda não se cansou de bater em você por causa da bailarina que ainda outro dia foi para o colégio das freiras.

— Olhe, Pedrinho, se eu fosse me preocupar com as razões da sagrada família paulistana, teria ido eu próprio me internar no colégio das freiras! Nesta cidade, como você bem sabe, se cometeram os maiores desatinos atrás das rótulas. Só mesmo a hipocrisia desta gente para gastar tanto tempo com a vida alheia.

Eu acabei por me convencer naquela ocasião que a falta de medida e a

incapacidade dele de absorver as contrariedades, principalmente as amorosas, poderiam colocá-lo em situações terríveis, como já havia acontecido. Eu gostava muito dele e começava a me preocupar seriamente com suas aventuras e com seu solene desprezo pela opinião geral. Se, por um lado, tinha sincera inveja da sua ousadia, por outro temia as consequências que suas atitudes imprudentes provocavam. Muitos de nossos amigos chegaram a falar mal dele abertamente e o qualificativo “barba-azul” ia se disseminando inclusive entre gente da nossa roda, sobretudo por conta do caso da bailarina. Para mim, era absurdo ele tornar públicas suas desventuras e falar delas a todos os amigos e conhecidos e, muitas vezes, até mesmo a estranhos. Creio que Oswaldo não sabia ser contrariado e residia aí, talvez, sua principal fraqueza. Os obstáculos não só não o intimidavam como radicalizavam sua ação.

Para dobrar Daisy, apelou para *O Pirralho*. Escreveu uma carta para ela usando o apelido de Miss Cyclone que inventara. Mas a carta deixava perceber que era dirigida a uma normalista. Quando a li, vislumbrei de imediato um novo desastre no horizonte. Nossa cidade, que tanto havia crescido, ainda era pequena o suficiente para que todos se conhecessem, principalmente no círculo da elite em que vivíamos. Na Escola Normal, estudavam as filhas de gente importante, dos negócios e da política. A notícia de que uma aluna vinha sendo assediada em público por um jornalista do *Pirralho*, que não podia ser outro senão Oswaldo, o mais famoso barba-azul da cidade, correria como um rastilho de pólvora. Além do mais, considerando a imprudência com que ambos se comportavam, não demoraria nem um dia para que se identificasse a moça em questão. Seria mais um escândalo a envolvê-lo. À noite, quando nos reunimos no Guarany, ele nos mostrou a segunda versão da carta. Depois de horas de uma discussão que começou séria e acabou virando motivo de muitas risadas, gerando até uma versão pícara e quase pornográfica escrita por Ignacio e Edmundo, Oswaldo concordou com um texto que não permitia a identificação de Daisy, mas que deixava sugerida a dele. Desejava impressioná-la. Daisy era muito ousada e ele não queria de maneira nenhuma parecer tímido. No sábado, *O Pirralho* a publicou sob o título “Cartas perdidas”:

Miss Cyclone não foi ao rendez-vous marcado. Miss Cyclone é bem bonita, excessivamente moça, esguia, sorrindo sempre e dizendo doidices. Miss Cyclone não foi com certeza por preguiça. Empolga-se no contato, na chama, brilham-lhe os olhos envenenados, estende os lábios... Mas, preparar-se, premeditar, mesmo um encontro de amor, é quase burguês, quase... E Miss Cyclone, que se me prometeu serenamente, como quem cede a criança rabugenta, uma laranja cobiçada, não foi.

Miss Cyclone é a *yankee girl*. Não ama nem quer ser amada. Como outro dia, apostando ambos quem era capaz de pecar mais, eu me maravilhasse e lhe dissesse num movimento ingênuo de simpatia: —

Amo-te! ela, rápida, cobrindo-me a boca com a boca murmurou: — Não! Estragas o nosso poema.
É assim Miss Cyclone.

No pé da coluna ia a nota da redação que identificava Oswaldo inequivocamente:

Este trecho da carta foi encontrado nos primeiros dias do mês, na pasta de música de uma travessa celebridade do nosso mundo social.

Na segunda-feira fui conhecê-la, como já contei. Daisy simplesmente fingiu ignorar a carta. Oswaldo, dessa vez, encontrara uma adversária à altura.

Depois que a conheci melhor e nos tornamos muito amigos, soube de sua história. Daisy havia nascido em São Paulo e sua infância aqui foi marcada pela doença do pai, que ficou tuberculoso quando ela era pequena. Ele trabalhava como representante comercial na Manderbach & Cia., uma empresa de artigos de papelaria e impressão na rua São Bento, que importava também as máquinas de escrever alemãs Adler, muito famosas na época. Quando ele morreu, a filha não tinha ainda doze anos e a família foi morar com um dos irmãos de seu pai. Mais tarde a mãe, ainda moça, acabou por arranjar um novo casamento. O padrasto em pouco tempo mudou-se com elas para Cravinhos, no interior do estado, onde encontrou melhores oportunidades de trabalho, e a família de Daisy passou a viver no centro da região cafeeira mais próspera do país.

No início de 1915, Daisy voltou para São Paulo para se matricular na Escola Normal. Morava na casa do tio, Antônio Pontes, irmão mais velho de seu pai e viúvo havia anos. Ele era guarda-livros na Economizadora Paulista, que ficava no largo da Sé, e tinha quatro filhos: dois homens e duas mulheres, todos mais velhos que Daisy. Os rapazes trabalhavam no comércio e as irmãs aguardavam o casamento. Antonieta, a mais nova e professora de piano de Kamiá, estava noiva e se casaria em breve. A outra prima de Daisy namorava um rapaz das vizinhanças que trabalhava na Casa Lebre, uma das primeiras lojas de departamentos da cidade. Na época em que a conhecemos, morava também com eles uma tia, casada com um diretor do Grupo Escolar no Brás e que viera cuidar da mãe, a avó de Daisy, que estava muito doente. Era uma família típica da São Paulo daqueles tempos, que conseguira superar a origem humilde e alcançar certa estabilidade graças ao progresso imenso da cidade e às inúmeras oportunidades que se abriam para quem possuísse alguma habilidade e quisesse trabalhar.

Daisy, no entanto, parecia não ter nada a ver com aquilo e sua inadaptação

àquele ambiente era total. Suas pretensões literárias e sua rejeição natural à vida burguesa eram, à primeira vista, um mistério. Conforme viemos a descobrir depois, quando a conhecemos melhor, sua família em Cravinhos também não se diferenciava muito dos parentes com os quais ela morava. A mãe era uma senhora simples e de poucas letras, como todas as mães daquele tempo, mas o pai gostava de ler e tinha deixado alguns livros que Daisy logo monopolizou e foram o embrião da sua pequena biblioteca. Não havia ali nada de muito especial — Camilo, Júlio Dinis, Eugène Sue —, velhos romances populares que existiam mais ou menos em todas as casas. O que era diferente nela, como mais tarde percebi, e a fazia tão invulgar, era sua capacidade de absorver todas as informações que conseguia, incorporando tudo com incrível facilidade, coisa que nenhum de nós podia esperar de uma mulher.

Seu encontro com Oswaldo e, por consequência, com todos nós, como ela mesma me revelou depois, havia sido uma iniciativa dela, e Daisy sabia muito bem com quem estava lidando. Ela também vinha acompanhando a história dele com a bailarina através da imprensa e, como sua prima dava aulas para a mulher de Oswaldo, a curiosidade de conhecer personagem tão controverso a fez pedir para acompanhá-la. Naqueles dias, Daisy namorava um primo chamado Jorge, que, como todos os rapazes da época, mantinha com a sua pretendida um diálogo por correspondência que preenchia os intervalos entre os poucos encontros possíveis para os jovens, sempre vigiados pelas famílias. Esse primo era o mais convencional dos rapazes, o que irritava sobremaneira Daisy. O pobre Jorge achava escandaloso que ela frequentasse os inocentes bailes de domingo à tarde no Grêmio Anita Garibaldi, onde suas primas iam acompanhadas dos irmãos e às vezes da avó e a que ela assistia por pura falta de ocupação melhor, pois os considerava tolos e desinteressantes. Esses bailes reuniam a elite da classe trabalhadora e dos empregados do comércio, na sua maioria imigrantes, principalmente italianos e portugueses, e eram realizados no salão da Associação das Classes Laboriosas, na rua do Carmo. Jorge lhe escrevera uma longa carta em que a proibia terminantemente de frequentar tais bailes. A carta, para ela, foi um verdadeiro desafio. Não podia imaginar submeter-se a uma ordem dessas, vinda de quem quer que fosse. Entre um namorado que queria sujeitá-la à sua vontade e proibi-la de fazer o que achava conveniente e os insossos bailes dominicais, ela não teve dúvida. Antes os bailes ridículos do que um petulante que se atrevia a lhe dar ordens.

Um pouco para provocá-lo, um pouco por curiosidade, resolveu não perder a chance de conhecer Oswaldo pessoalmente. Logo depois que Kamiá começou a

ter as aulas de piano, estourou nos jornais o escândalo envolvendo o jornalista e a bailarina. Quando a história atingiu o auge e já era assunto em toda a cidade, Daisy, como todo mundo, acompanhava a história com grande interesse e fazia mil perguntas à prima Antonieta, que obviamente tinha pouco a contar, visto que Kamiá jamais fazia quaisquer comentários. Mal poderia imaginar o pobre e ingênuo Jorge que Daisy não só não pretendia permitir suas censuras aos inocentes bailes das Classes Laboriosas, como estava decidida a conhecer o mais escandaloso personagem da cidade, cuja biografia explosiva de pecados públicos era comentada por todos. Para Daisy, a decisão de conhecê-lo tinha o sabor da transgressão, que a atraía inexoravelmente.

Mesmo para uma moça atrevida como ela, uma coisa era conhecer Oswaldo e coisa muitíssimo diferente seria visitá-lo na garçonnière e ficar sozinha com ele. Um passo arriscado desses poderia marcar sua vida de maneira indelével, se fosse descoberto.

Depois de mais de um mês de insistência, ela resolveu finalmente encontrar-se com ele numa tarde de quinta-feira. Fez uma minuciosa preparação que incluía a participação cúmplice de suas colegas. Mesmo naquela época de regras severas de comportamento, as alunas da escola da Praça tinham seus métodos para fugir sorrateiramente e gazetear aulas. O prédio da Escola Normal, que ocupava um vasto terreno na praça da República, tinha nos fundos vários anexos, como o ginásio para educação física e o Jardim de Infância, um bonito prédio octogonal cercado de magnólias e grandes árvores. Quem conseguisse chegar até lá depois do intervalo poderia, sem muita dificuldade, pular o muro que dava para a rua Araújo. Mas havia um problema. A mala das alunas, muito pesada com cadernos e livros, impedia essa operação. Por isto a cumplicidade das colegas era essencial. Enquanto uma ajudava a fugitiva a subir o muro fazendo uma escadinha com as mãos, outra se encarregava de passar-lhe a mala, que a gazeteira recolhia do outro lado. Todas as alunas conheciam esse sistema e diziam entre si: “Se você fugir eu prometo amá-la!”. Muitas saíam escondidas para dar a volta ao Triângulo e ver as vitrines das lojas de modas, em vez de ter de suportar os professores mais maçantes. Era o que Daisy dizia que iria fazer. Seu destino, porém, não seriam as vitrines do Triângulo, mas o nosso Retiro, a garçonnière de Oswaldo na Líbero Badaró.

Ela fugiu no fim de um intervalo. Pretendia ter saído mais cedo, porém a presença de um inconveniente jardineiro a atrasou. Seu tempo era curto, as aulas terminavam às quatro e meia e ela tinha que estar em casa no máximo às cinco da tarde. Nem podia pensar em se atrasar. Daisy contornou o prédio da escola o

mais rápido que pôde e seguiu pela praça da República até a rua Barão de Itapetininga. Mesmo indo o mais depressa que conseguia, ao chegar ao viaduto já passava das três da tarde. Cruzou o viaduto, entrou à esquerda, descendo a Líbero. Lá pelo meio da ladeira, notou o vulto de Oswaldo, que esperava por ela na calçada à porta do prédio. Ao se encontrarem, a primeira coisa que ela disse foi:

— Estou atrasada, sinto muito. Preciso estar em casa antes das cinco. Subo apenas se você me prometer que não vai me atrasar. Você não faz ideia do desastre que será se eu não voltar a tempo.

Um Oswaldo muito contrariado e um pouco decepcionado concordou. Mas ela ainda não o conhecia o suficiente e ele fez de tudo para que ela ficasse mais um pouco. Quando se deu conta, já eram cinco e meia e o desastre estava desenhado. Ela saiu às carreiras da garçonnière e não quis de jeito nenhum que ele a acompanhasse.

— Numa hora dessas já quase de noite, se alguém nos vir será pior — disse. — Eu vou sozinha! — E saiu apressada.

Como depois ela me contou, em uma de nossas muitas conversas, naquele começo de noite o acendedor de lâmpões já subia a rua Líbero, fazendo seu trabalho. Pela primeira vez ela chegaria tarde em casa, não estaria lá antes das seis e não sabia como iria explicar o atraso. Foi pensando em mil desculpas pelo caminho, porém em nenhuma plausível e capaz de convencer os tios, ou pelo menos a avó, que mesmo doente sempre a protegia. Enquanto caminhava, foi se dando conta de que a cidade parecia estranhamente movimentada. Ao chegar à esquina da rua Direita, onde o viaduto do Chá desembocava, percebeu bondes parados e grupos de operários aglomerados em frente à igreja de Santo Antônio e impedindo a circulação dos veículos. Era mais um piquete de grevistas, que desde o mês anterior vinham agitando a cidade. Desde o início de maio daquele 1917, operários de São Paulo vinham movimentando a cidade em protestos por aumento de salários e contra a carestia, a aparentemente inexplicável alta dos preços dos alimentos e dos produtos mais necessários que, depois de três anos de guerra, tornava difícil a vida de trabalhadores do mundo todo.

Em São Paulo não era diferente. O mundo convulsionado pela guerra na Europa necessitava cada vez mais de alimentos e matérias-primas, o que fazia com que os preços no mercado internacional subissem para níveis nunca antes alcançados, assustando a todos, até os que não eram pobres e viviam com certa folga. Os produtores brasileiros, pressionados pela demanda internacional, ao invés de vender para o mercado interno, transformaram-se rapidamente em

exportadores. Os alimentos que eles embarcavam em Santos para aplacar a fome internacional faltavam em São Paulo e os preços aqui subiam dia após dia. Para fazer frente ao que se considerava ação de atravessadores, a prefeitura, por iniciativa de Washington Luís, decidiu instituir feiras livres nas ruas da cidade, para que os agricultores pudessem, eles mesmos, vender à população gêneros alimentícios de sua produção. Criadas como solução provisória, as feiras acabaram se tornando permanentes, porém o seu efeito sobre os preços dos alimentos foi quase nulo. Pelos mesmos motivos, também os produtos importados tornavam-se escassos e, os poucos que havia, custavam mais caro. O resultado era a agitação social a que a cidade assistia.

Ao se defrontar com o piquete e percebendo a aproximação dos cavalos da Força Pública que vinha dissolvê-lo, Daisy logo percebeu que ali estava a justificativa que tanto procurava. Que melhor desculpa poderia encontrar para o seu atraso? Naqueles dias, a cidade ia se acostumando com a luta operária e todos sabiam da tensão social que a eletrizava. Liderada pelos anarquistas a agitação envolvia cada vez mais gente e manifestações iam se tornando quase rotina.

Ela olhou rapidamente para o tumulto e apressou o passo para atravessar o viaduto. Dessa vez, o fato de estar sozinha e andar às carreiras pareceria natural, dada a confusão na cidade. Cumpru boa parte do trajeto em tempo recorde, mas notou que o movimento diminuía conforme se afastava do Triângulo. Passado o viaduto, a rua Barão de Itapetininga estava tranquila como sempre, apenas alguns moradores na frente de suas casas comentavam os acontecimentos, enquanto os mais curiosos procuravam ver, do meio da rua, o que se passava do outro lado da cidade. Daisy subiu pela rua Ipiranga e viu que, em frente à Escola Normal, não havia nem o menor sinal de problema. Precisava arranjar uma boa desculpa para ter se envolvido no movimento, que, estava claro, só havia atingido as ruas do Triângulo e, com certeza, a Sé. Seus primos e seu tio, que trabalhavam ali, teriam visto a confusão e contariam tudo quando chegassem em casa. E como ela explicaria sua presença lá, exatamente no sentido oposto ao de seu caminho? Entrou na rua da Consolação, passou rápido pela igreja e virou à esquerda para entrar na rua Olinda. A ruazinha estava tranquila e vazia, mas os lampiões, todos acesos, denunciavam que era já noite fechada naquele começo de inverno em São Paulo. Daisy nunca havia nem sonhado em chegar sozinha em casa tão tarde, mas ela pensava rápido e era capaz dos maiores prodígios, como nós depois constataríamos. Respirou fundo, abriu o portãozinho de ferro e subiu os quatro degraus da entrada. Quando abriu a porta, sua tia e as primas,

alvoroçadas, vieram correndo da cozinha.

— Minha filha, o que foi que aconteceu? Já passam das seis! Onde você ficou até essa hora? Eu estava esperando seu tio chegar para ir procurá-la. Estamos aqui desde as cinco e meia com o coração na mão e você que não chega! — disse a tia, com uma aflição sincera. — A sua avó já perguntou duas vezes por você... Eu não sabia mais o que dizer!

— Pois a senhora nem imagina, tia! Fui com a Nenê, que está fazendo a novena na igreja de Santo Antônio e, quando íamos saindo, ouvimos o barulho dos operários. Vocês acreditam que em frente à igreja um espanhol se pôs a fazer um discurso?! Os bondes pararam e logo chegou a cavalaria. Nem nós nem ninguém teve coragem de sair e ficamos lá, presas, esperando. As lojas baixaram as portas e, quando a cavalaria avançou, os operários seguiram pela rua São Bento e foram na direção do largo de São Francisco. Saímos correndo dali! Nossa que susto! — disse Daisy, se abanando com as mãos.

— Filha, mas que ideia! Você sabe muito bem que eu quero que você venha da escola direto para casa. Essa história de moças irem sozinhas à igreja não me agrada nada. Onde já se viu? Imagine se no meu tempo duas moças iriam sair pela rua sem uma pessoa mais velha para acompanhar, seja para ir à igreja ou a qualquer outro lugar. Além de tudo, se alguém visse, o que não iria pensar? Pois veja bem, enquanto eu estiver aqui e for responsável por vocês, não quero saber dessas histórias! Essa Nenê não é a tal que apareceu numa foto da *Cigarra*? Eu já disse que esse tipo de moça não é companhia que te convenha.

— ... tia Rosa — Daisy tentou argumentar, aproveitando rapidamente a mudança de assunto —, a Nenê é de uma família distintíssima de Higienópolis, o pai dela... — Mas não conseguiu concluir.

— Pois é isso mesmo que eu estou dizendo. Essa gente de Higienópolis, muito distinta, muito moderna, não é como nós. Não me agradam nada essas modernidades e se o seu tio fica sabendo disso você há de ver! Você tem que dar graças a Deus e à Nossa Senhora Aparecida que te protege, que o meu irmão ainda não chegou. Se eles chegam e não te encontram em casa, nem sei o que não seriam capazes de fazer. Onde já se viu? Imagine se lhe acontece alguma coisa... O que nós íamos dizer à sua mãe?!

Quando a conversa parecia prosseguir num caminho totalmente inconveniente para Daisy, elas foram interrompidas pelo barulho do portão. O tio e os primos chegavam juntos, trazendo as novidades e os jornais da noite.

— Vocês não imaginam como estava a cidade hoje — disse o tio —, as lojas

tiveram que baixar as portas. Por causa dos operários do Crespi. Também com essa carestia, quem é que aguenta? Está tudo pela hora da morte! Vocês acreditam que um pacote de fósforos está por quatrocentos réis no Au Bon Marché? Quatrocentos réis por um pacote de fósforos! Onde é que vamos parar?

Para a sorte de Daisy, a conversa tomou outro rumo e todos passaram a falar da carestia que angustiava a vida da cidade.

10. Os doutores

À noite, quando nos reunimos no Guarany, queríamos saber como, afinal, havia transcorrido aquele tão aguardado primeiro encontro. Oswaldo fez um pouco de charme, como era de seu feitio, depois acabou nos contando tudo. Para nossa decepção, nenhum detalhe *cochon*. Ele havia conseguido apenas dois beijos, sendo um “profundo”, como disse. Daisy havia feito uma revista em regra na nossa garçonnière e examinado tudo nos mínimos detalhes, livros, discos, a fonola. Segundo Oswaldo, ela “queria sentir o cheiro do pecado”. Abriu gavetas, o guarda-comida, tudo. Quis saber sobre o florete e a pele de tamanduá que ele conservava presos à parede. E, afinal, se pôs a discutir literatura.

— Ela leu meia dúzia de velharias, Herculano, Júlio Dinis, Sue, até os infames Humberto de Campos e Coelho Neto, e acha que sabe coisas! Imaginem que adora o maneta e sabe versos do “Goza, goza de amor” — disse Oswaldo, referindo-se ao livro *Rosa, rosa de amor*, de Vicente de Carvalho, velho poeta santista que não tinha um braço e era unanimemente detestado por nós.

— Disse isso e outras exorbitâncias mais. E, como se não bastasse, ainda contou que escreve e me prometeu mostrar uma novela sua, de crimes. Para resumir a história: é um fenômeno de petulância e presunção e eu pretendo me apaixonar! — Oswaldo dizia isso exaltado e quase se levantando da cadeira.

— Bem, não deixa de ser um progresso — disse Guy, olhando para ele meio desconsolado. — Depois de uma atriz italiana, uma francesa que canta e uma bailarina quase internacional, teremos agora uma jovem escritora genuinamente paulistana. Isso pede pinga com limão! Vamos chamar o garçom!

— Além do quê, assim pelo menos ele economiza as passagens de trem — disse Ignacio.

Nos dias que se seguiram, as coisas se mantiveram calmas. Daisy, com medo da família, não cogitou em voltar à garçonnière e Oswaldinho, um pouco mais discreto, já não a esperava na porta da escola e sim numa esquina adiante e a

acompanhava até a Consolação. No começo de julho, no entanto, veio outra novidade.

— Pedrinho — disse ele —, a Antonieta, a prima da Daisy, convidou Kamiá e a mim para a festa de anos dela no sábado. Nós vamos!

— Nós quem? — perguntei sem entender.

— Eu e você, meu asno. Vamos à festa de aniversário da prima da Daisy. Ela faz anos, compreendeu? Kamiá, papai e Nonê vão para São Vicente, como sempre. Você sabe, o seu Andrade não suporta este frio; por vontade dele, já teria ido antes para a praia. Eu não posso ir sozinho, portanto você vai comigo.

— Mas, Oswaldo, ela convidou Kamiá e nós é que vamos? Não lhe parece um pouco estranho? — perguntei.

— Nada disso, meu caro, és muito ingênuo! Somos dois doutores numa festa de caixeiros. Vão nos receber com todas as honras da casa.

E assim foi. No sábado nos apresentamos à porta da pequena casa da rua Olinda. Era uma casa comum, como havia milhares em São Paulo, com grandes janelas na frente e um porão alto. Tinha um portão de ferro na entrada e uma pequena escada lateral, por onde se subia para a sala. Oswaldinho estava certo, fomos muito bem recebidos. Na verdade, exceto pelos escândalos, ele era quase uma celebridade. Filho de um dos mais bem-sucedidos empreendedores imobiliários de São Paulo, acadêmico e jornalista, com colunas na *Gazeta* e no *Jornal do Comércio*, editor de *O Pirralho*, Oswaldo sabia usar as armas que sua situação social lhe proporcionava. Eu, que afinal também era doutor e jornalista, fazia pendant com ele.

Na São Paulo daquela época, as divisões sociais eram bastante claras. Havia os simplesmente ricos, as boas famílias, as famílias consideradas decentes e os outros. Os ricos eram ricos e isso já dizia tudo, em São Paulo como em qualquer parte do mundo. Aqui os ricos eram sobretudo imigrantes, em geral muito ricos, e moravam em grandes mansões nos Campos Elíseos, Higienópolis e principalmente na avenida Paulista. Esses imigrantes não pertenciam às boas famílias da cidade, porém haviam se tornado ricos e isso bastava. Os ricos que não eram imigrantes certamente pertenciam às boas famílias, mas para pertencer a elas não era necessário ser rico. Relacionar-se por casamento, parentesco ou amizade com outras boas famílias era suficiente para garantir o acesso ao círculo fechado “da boa sociedade” paulistana, com suas festas, bailes e negócios. Todos nós éramos de boas famílias, embora a de Oswaldo fosse muito mais rica. A

minha era apenas remediada, mas indubitavelmente boa e se relacionava com outras mais e menos ricas, mas todas boas. Os filhos das boas famílias estudavam na Academia; frequentá-la era um sinal distintivo claro. Naqueles anos, novas escolas superiores surgiram em São Paulo — medicina, engenharia, odontologia — e ali também estudavam os filhos das boas famílias. Todas as boas famílias tinham também seu ramo mais pobre, filhos de algum irmão ou cunhado que morrera moço ou que se envolvera em negócios que não deram certo. Ou, como muitas vezes acontecia, em algum caso mais grave, comentado apenas em voz baixa e não na frente das senhoras. Esses primos pobres, no entanto, sempre eram convidados para as festas e recebidos nas casas das boas famílias.

Havia também as famílias apenas decentes, gente arrumada que não frequentava as boas famílias, mas era reconhecida socialmente. No nosso círculo do *Pirralho*, formado por rapazes de boas famílias, também havia gente apenas decente. Era o caso da família de Daisy, trabalhadores que conseguiram estabilizar-se na cidade e prosperar em meio às dificuldades. Suas filhas podiam se tornar professoras ou casar-se com filhos de famílias decentes como as deles. Porém, dificilmente receberiam em casa os filhos das boas famílias, como nós, acadêmicos ou doutores. Às vezes, podia acontecer que uma moça muito bonita e de classe inferior se casasse com um rapaz de boa família. Mas o casamento, independentemente das qualidades da moça, seria considerado uma *mésalliance* e a futura senhora carregaria para sempre sua marca de origem, que seria apontada de maneira inexorável em qualquer deslize de comportamento ou de etiqueta que cometesse ao longo da vida. Muitas vezes se lamentaria o fato de o marido haver feito um mau casamento ou de ter se casado com uma moça sem preparo e abaixo da sua condição, mesmo que o casal fosse feliz e se desse bem pelo resto da vida. Os filhos seriam considerados gente de boa família, é claro, embora um ou outro maledicente pudesse de vez em quando comentar isto ou aquilo sobre seus avós ou bisavós maternos.

Por outro lado, ser doutor naquele tempo significava ocupar uma posição social acima das pessoas comuns e fazer jus às honras que o título garantia. Éramos uma escassa minoria e tínhamos o valor daquilo que é raro. Minha mãe costumava contar que, em sua juventude em Itaporanga, era cortejada com insistência pelo fazendeiro mais rico do lugar, um tipo um tanto rude e um pouco mais velho do que ela que, quando ia à cidade, passava trotando devagar sob a janela da casa da minha avó, matriarca incontestada de uma das mais antigas famílias da região. Assim que ouvia o trote, minha mãe corria para se esconder

nos fundos da casa. Minha avó, um tanto inconformada, dizia: “O que você está esperando, filha? Um doutor?”, como quem dissesse que ela vivia sonhando acordada. Pouco depois meu pai, engenheiro da Estrada de Ferro Sorocabana, que fazia os primeiros estudos para a construção do ramal de Itararé, concretizou, para a surpresa da minha avó, os sonhos de minha mãe e a levou primeiro para Tatuí e depois para São Paulo, onde eu cresci.

No aniversário da prima de Daisy, recebemos todas as honras da casa. Havia uma alegria de gente simples e franca, estimulada pela cerveja de barril, acompanhada dos tremoços portugueses distribuídos com abundância e que às vezes faziam Oswaldo torcer o nariz disfarçadamente. Daisy, o motivo de nossa presença lá, quase não aparecia, ocupada com a avó, muito velha e doente, que recebia filhos e netos em seu quarto. Mas, pouco antes do final da festa, as duas vieram para a sala e Daisy conversou conosco por alguns minutos. Manteve uma postura estudadamente fria e distante, adequada para não levantar a menor suspeita na parentela. A avó, muito combalida, quase nem se movia e pouco conseguia falar. Uns dias depois, soubemos que morreu. A presença da velhinha esfriou o entusiasmo dos convidados e, depois de termos visto Daisy e falado com ela, achamos que era já hora de ir embora. Antes de sairmos, Oswaldo combinou com ela um novo encontro na garçonnière na terça-feira seguinte. Não sabíamos ainda que a semana que iria se iniciar ficaria marcada na história da cidade e que os planos de Oswaldo seriam varridos pelos acontecimentos.

11. Os operários

No dia seguinte, nos encontramos, como de hábito, na missa de São Bento. Oswaldo tinha pressa em sair da igreja, pois pretendia almoçar na praia. Seu Andrade, Kamiá e o filho estavam em São Vicente e ele queria que eu fosse junto. Pegaríamos o trem de dez e meia e poderíamos voltar no primeiro horário do dia seguinte, com tempo ainda para que eu não me atrasasse no trabalho.

Os almoços familiares organizados por Kamiá sempre eram divertidos e ela cozinhava esplendidamente. Sendo filha de uma cozinheira que a vida toda trabalhara em casas ricas de Paris, tinha sido criada nessas cozinhas junto à mãe. O resultado prático disso, do nosso ponto de vista, eram os espetaculares almoços e jantares franceses que passamos a desfrutar depois de sua chegada.

Para mim, no entanto, era impossível ir a São Vicente naquele domingo. Eu estava encalacrado em um caso com uma atrizinha da Companhia Lahoz e precisava de qualquer maneira me livrar dela, pois já tinha em vista outra moça muito mais interessante, que acabara de chegar à cidade com a companhia do Vergani. A linda francesa, loira e de olhos verdes, ficaria em São Paulo apenas quinze dias. Era uma dessas oportunidades que naquela época eu não perderia de maneira nenhuma. Disse isso a Oswaldo quando saímos da igreja e ele, para minha surpresa, iniciou um sermão sobre minha futilidade e desfaçatez.

Foi talvez a maior discussão que tivemos naqueles dias e ela começou quando ele me repriminou por eu, que nem bem acabara de comungar, já me propor a pecar mais.

— Você quer desfrutar do Paraíso sem perder os prazeres que o Inferno proporciona! — ele me disse, já levantando a voz.

Meu argumento de sempre era o de que o homem é de natureza pecaminosa e que só a graça divina o redime. Lembrei-lhe do poema de Gregório de Matos, que eu sabia de cor.

— Veja, Oswaldo, esta sua dúvida é velha como a religião. O Gregório de

Matos, a quem você tanto admira, já resolveu há trezentos anos esse problema:

*Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa piedade me despido,
Porque quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.*

Mas meu surto declamatório, apresentado assim espontaneamente na rua semideserta daquela manhã paulistana, o irritou ainda mais.

— Você é um cínico, isso é o que você é! — exclamou, nervoso. — Você é o retrato desta terra, que comunga pela manhã para pecar mais tranquilamente à noite. E vocês ainda acham que eu tenho satisfações a dar à sociedade! Ah! Tenha paciência!

Enquanto passávamos pelas lojas fechadas, subindo a Líbero Badaró, continuamos a discutir e nos despedimos já irritados um com o outro. Naquela época, o carolismo dele, que parecia um pouco extemporâneo, me incomodava. Ele, por sua vez, me acusava de ser um beato cínico. Como quase todos os rapazes daquele tempo, nós dois havíamos passado a infância e a juventude em colégios de padres, igrejas, nas procissões e em suas festas. Em nossas famílias, a religião tinha papel central e, na dele, mais ainda. Vivíamos cercados pela igreja e por seus representantes, e a religião, de fato, fazia parte integrante da nossa vida. Sei que hoje não é mais assim, que agora até existem jovens que se dizem ateus e que a maioria dos comunistas não tem religião, muito embora Oswaldo, no tempo em que foi comunista, nunca tivesse deixado de usar no pescoço sua medalhinha de N. Sra. Aparecida nem abandonado a devoção. Mas naquele tempo isto simplesmente não existia. Todos éramos católicos, sem discussão, e isso incluía todos os rapazes que conhecíamos e todas as famílias que frequentávamos. Eu, tanto quanto Oswaldo, procurava seguir o que nos haviam ensinado e esses dilemas também me preocupavam, porém meus argumentos eram sinceros e isso ele não aceitava. Sempre achei que aquela fase da nossa vida fosse justamente a dos pecados e que, com o tempo e a idade, nos conformaríamos e nos ajustaríamos como nossos pais haviam feito. De todo modo, o impulso que eu sentia era mais forte e era de fato incapaz de resistir às tentações que o mundo me oferecia.

Passados tantos anos, eu cheguei já àquela idade provecta em que a virtude se impõe mais pela realidade do que como exercício da vontade. Hoje, pensando nele e em mim naquele tempo, sou obrigado a reconhecer que, apesar da nossa intensa amizade, sempre houve certa competição entre nós, sobretudo — ou

melhor, acho que exclusivamente — nesse assunto de mulheres. Não quero parecer cabotino, nem minha idade me permite mais isso, no entanto era inegável que eu fazia muito mais sucesso com as mulheres do que ele. Oswaldo sempre foi um tanto gordo e muito tímido, características que ele procurava disfarçar de todas as maneiras. Eu, ao contrário, além de ter um físico mais atlético, era despachado. Ele tinha dificuldade em se comportar entre pessoas desconhecidas e não dançava, o que o tornava nulo nas festas de nossa juventude. Eu sempre fui pé de valsa. Além do quê... Bem, não tenho mais por que não dizer: as mulheres sempre me acharam bonito. Com dezoito ou dezenove anos, eu já tinha um bigode farto e sólido e meu tipo moreno fazia sucesso. Ele fez a primeira barba aos vinte e tinha cara de menino, pelo menos até quase completar trinta anos.

Naqueles dias, eu gozava a minha juventude, tinha vinte e sete anos e compromisso apenas com o futuro. As mulheres estavam à minha disposição e eu, ao contrário dele, não tinha a menor intenção de me apaixonar. Talvez fosse isso o que de fato incomodava Oswaldo. As suas paixões eram sempre loucas e extremadas. Embora tivesse fama de estroina, como até seu pai o chamara um dia, no auge do caso com a bailarina, todas as suas relações com as mulheres eram alimentadas pela paixão. Oswaldo, quando de fato envolvido com uma mulher, e elas não foram muitas, era capaz dos maiores desatinos, que lhe custaram muito caro no fim das contas. Já eu, até aquela época, nunca havia me envolvido amorosamente com mulher nenhuma e talvez residisse aí a exasperação dele. Eu só posso entender isso agora que sou um velho. Nos meus vinte anos, essas coisas eram de fato incompreensíveis para mim. Oswaldo não era assim. Apesar de seu envolvimento com as mulheres ser muito escandaloso e amplamente reprovado até pelos amigos, seus casos eram sempre motivados por uma paixão romântica e por vezes algo irracional por determinadas mulheres. Agora percebo que o pecado que ele via em mim talvez fosse a falta de paixão, ou melhor, a falsa paixão que sempre tínhamos que simular com as mulheres, mesmo com as mais boêmias. E eu, modéstia à parte, era especialista nisso. Ele não. Oswaldo não era um conquistador, embora a sua fama fosse essa. Os meus pecados — que reconheço, eram muitos — tinham a hipocrisia das boas normas sociais e ninguém fazia caso deles. Já com Oswaldo, tudo era diferente e o escândalo estava sempre ao seu lado.

Na segunda-feira, antes de ir ao escritório do dr. Otto, passei pela garçonnière para ver se alguém havia deixado algum recado. Queria também me encontrar

com Oswaldo e enterrar de vez a discussão que havíamos tido. Sentia que a nossa conversa desandara e temia ter me excedido um pouco. Sabia que Oswaldo passaria logo cedo na redação da *Gazeta*, que ficava na Líbero, próximo ao largo de São Bento, onde tinha amigos e negociava para se tornar colaborador permanente do jornal. Era bem possível que, antes ou depois, parasse na garçonnière. Eu queria pelo menos deixar um recado com o Pippo. Porém, quando cheguei, o menino não estava, embora já passasse das oito da manhã. Era estranho, porque ele assumia seu posto todos os dias às sete. Subi inutilmente até o terceiro andar pelas escadas, mas também não encontrei ninguém na garçonnière. Quando eu ia saindo do prédio, vi o Fiore discutindo numa roda, embaixo do lampião de gás em frente ao edifício.

— *He dottore, ha visto?* — Fiore me perguntou, apontando para o lampião ainda aceso. — *O Brás istá em polvorosa.*

Tão logo me integrei à discussão, soube que os boatos corriam a cidade e havia notícias de conflitos entre trabalhadores e policiais. Falava-se também em mortos e feridos. Na nossa rua, todos os postes de iluminação permaneciam acesos até aquela hora denunciando que o homem dos lampiões não havia passado nas primeiras horas da manhã para apagá-los, como acontecia todos os dias. Seu Magalhães, português dono da livraria em frente e que morava na rua do Gasômetro, disse que viera para a loja bem cedo e tomara o bonde normalmente, mas que dois de seus funcionários ainda não haviam chegado. Enquanto conversávamos, Pippo surgiu.

— *Mannaggia! Istá um frege dus diabo no Brás* — disse. — *Os operário tô parando us bondi. A cavalaria já chegô, má tem uma bruta quantidade de operário na rua.*

Enquanto ouvíamos as notícias pela boca do Pippo, vi Oswaldo subindo a ladeira; com certeza ele vinha da *Gazeta*, do outro lado da São João, e traria as últimas novidades da redação do jornal.

— Há uma grande confusão no Brás e na Mooca — ele contou —, mas parece que a coisa está pior na porta da Antartica. Os operários estão na frente da fábrica e não deixam as carroças carregadas de cerveja saírem. Parece que a polícia atirou num grupo e acabou ferindo um empregado. O Thyrsó Martins mandou reforço de cavalaria para lá.

— É verdade que morreu gente? — perguntou seu Magalhães.

— Não sei, ninguém sabe. O pessoal da *Gazeta* está indo para lá agora e o Covello pensa em segurar as máquinas para publicar em primeira mão. Não sei

se vai dar, porque ao meio-dia e meia o jornal precisa ir para o prelo. Por quanto tempo vão conseguir segurar a edição?

— *U mio cunhado disse que onti na Mooca formaro um comitê di greve. É pra pará tuda as fábrica* — contou Pippo, que ainda não saíra da roda e, pelo visto, estava sem ânimo para ir se trancar no cubículo do elevador, com toda aquela agitação pelas ruas.

— Vamos pegar um carro e ver pessoalmente — disse Oswaldo, dirigindo-se a mim.

— Mas, Oswaldo, e o dr. Otto? — perguntei.

— Você passa lá e diz que vai ao fórum ou a outro lugar qualquer. Vamos saber o que está acontecendo.

Fizemos isso. No escritório só estava o Almeidinha, que morava na rua da Assembleia e costumava ir sempre a pé para o trabalho. Ele não sabia de nada nem notara qualquer coisa de excepcional. O Triângulo, de fato, continuava tranquilo e, exceto alguns lampiões ainda acesos àquela hora da manhã, não se percebia nada de extraordinário. Disse a ele que iria ao fórum e depois à Inspeção de Rendas ver um processo. Isso garantiria a minha manhã fora do escritório e nos daria tempo de correr a cidade para ver o que acontecia.

Tomamos um carro na Sé e pedimos ao cocheiro que descesse a ladeira do Carmo e seguisse pela Rangel Pestana. Cruzamos o aterro do Brás e, tão logo nos aproximamos da rua Caetano Pinto, vimos grupos de operários que se juntavam e seguiam pela avenida em direção à igreja do Bom Jesus. No pequeno largo, em frente à igreja, centenas de operários se aglomeravam. Muitos tinham no chapéu uma faixa de papel com a inscrição “Boicodem os produtos Crespi”, o que parecia indicar o principal inimigo do movimento. O Cotonifício Rodolpho Crespi, que ficava na rua dos Trilhos, na Mooca, era uma das maiores fábricas de São Paulo e possuía milhares de empregados.

Crespi, Gamba, Matarazzo eram os principais nomes da indústria paulista e tinham todos um passado mais ou menos comum. Havia imigrado como operários ou pequenos empreendedores no final do século XIX e aproveitaram-se do enorme crescimento da cidade que ajudaram a construir. Agora dominavam a nascente manufatura e suas fábricas empregavam milhares de trabalhadores, quase todos imigrantes como eles, embora certamente menos afortunados. Apesar de terem cruzado o Atlântico como os seus operários, ou talvez por isso mesmo, conduziam seus negócios com mão de ferro e sem muita contemplação. Crespi, principalmente, tinha fama de homem intransigente e muito severo. A verdade é que naquela época a vida de qualquer trabalhador não era fácil e eles

enfrentavam jornadas longas e duras. Com a carestia que atingia a todos, as dificuldades aumentavam para os pais de família, que precisavam sustentar os filhos com um salário que cada vez valia menos. Além disso, o crescimento da cidade, por si só, tornava a vida mais cara e a moradia, escassa. Acho que os trabalhadores sentiam que o progresso de São Paulo, que se tornava mais e mais rica a cada dia, não os incluía e, enquanto muitos prosperavam, os operários empobreciam. Foi essa, mais ou menos, a opinião do nosso cocheiro, quando lhe perguntamos sobre o movimento na cidade. Ele era um velho português de uns sessenta anos, falante como todos os cocheiros e que não se fez de rogado em nos mostrar seu ponto de vista.

— Vejam só os senhores como são as coisas — disse. — Eu trabalho há vinte anos para o Frazão, meu contrerrâneo lá de Fafe. Quando cheguei à cidade, ele tinha já seis carros e me deu este para conduzir. Hoje tem lá mais de vinte, enquanto eu vivo na mesma casa desde que cheguei, que é também de outro minhoto, que tem uma mercearia no Pari. Há quinze anos eu pagava quarenta mil réis; hoje o senhorio quer setenta. Se eu sair, não acho outra nem por cem mil. É, meus senhores, não quero ofender ninguém, porém esses anarquistas que estão por aí dizem todo o tempo que a propriedade é o roubo e ladrão quem a possui. Vossas senhorias me perdoem, mas não é assim mesmo?

Fizemos o carro parar em frente à igreja. Pagamos a corrida e pedimos ao cocheiro que nos esperasse. O movimento das ruas contrastava com a calma reinante no centro da cidade. Tão logo descemos, demos com uma aglomeração na esquina da rua Piratininga, onde dois operários discursavam, em cima de caixotes de cerveja, para um grupo de mais ou menos cinquenta trabalhadores. Um dos oradores, loiro, alto, muito forte e com uma voz que dominava a pequena aglomeração, falava em italiano e vestia um terno muito apertado e camisa sem colarinho. O outro, baixinho, moreno, de gravata e chapéu-coco, era dono de uma voz aguda, difícil de ouvir claramente na distância em que nos encontrávamos. Falava em espanhol e procurava compensar a falta de potência de sua voz agitando o chapéu com a mão, como se ele fosse um porrete. Não foi difícil deduzir o que diziam. Discursavam contra a carestia e os baixos salários, e, em todas as línguas que pudemos distinguir no tumulto que tomava as ruas naquele momento, se ouvia a palavra “greve”. Nos poucos minutos em que ficamos ali, o pequeno largo foi se enchendo de uma multidão de operários e pela primeira vez vi, na rua, dois jovens com bandeiras negras nas mãos. No meio da aglomeração, procuramos atravessar o largo e voltar à igreja e ao nosso carro. A pequena escadaria já estava ocupada e ali outras pessoas discursavam.

Do nosso carro, que deveria estar nos esperando, nem sinal e achamos melhor entrar na igreja para decidir o que fazer. Embora não estivesse lotada, muita gente ocupava seus bancos, porém poucos rezavam.

A igreja do Bom Jesus do Brás era uma das maiores da cidade, talvez maior até que a de São Bento. Fora reconstruída anos antes para substituir a velha igreja do Bom Jesus de Matosinhos, que existia naquele local desde o século XVIII, quando era ponto de parada para os peregrinos que iam à Penha, caminho que, antigamente, levava um dia inteiro para ser cumprido. Sempre que os paulistanos esperavam alcançar alguma graça especial, prometiam a Nossa Senhora uma peregrinação à Penha. A nova igreja, construída pelos imigrantes italianos, possuía a grandeza e o aspecto que a cidade adquirira desde a chegada deles. Muito maior e mais opulenta que a velha construção, talvez fosse a mais bela igreja moderna da cidade, competindo apenas com a do convento de São Bento, também rica, mas num estilo românico alemão, muito mais austero.

— Nunca vi tantos operários na rua! — comentei. — A esta altura certamente as fábricas estão vazias.

— Pois é! Pena que o Ristori não esteja aqui. Você se lembra do nome daquele amigo dele que ficou com a revista quando ele foi para a Argentina?

— Depois de tantos anos, não faço a menor ideia — respondi.

Oreste Ristori era um anarquista italiano que fundara em São Paulo uma revista chamada *La Battaglia*. Nós o conhecêramos quando frequentávamos a roda de Ricardo Gonçalves, e depois Oswaldo acabou ficando muito amigo dele. Ele emigrara para a Argentina, ou fora expulso do país, não me lembro, na época em que *O Pirralho* foi lançado, deixando outro italiano no seu lugar. Uma grande greve sempre fora o objetivo dos anarquistas de São Paulo e nem Oswaldo nem eu nos lembrávamos de ter visto um movimento tão grande como aquele.

— O fato é que as bandeiras anarquistas dominam — disse Oswaldo. — Já contei mais de dez. A coisa vai ficar feia. Temos que resolver para onde ir. Acho que os grevistas devem estar indo para o Crespi ou para a Antártica. Você viu este panfleto que os moleques estão distribuindo na porta da igreja? — perguntou, me estendendo um impresso.

Eu tinha visto os panfletos, mas acabei não pegando nenhum. Com o título “Aos Soldados!”, um dos trechos dizia:

Não vos presteis soldados, á servir de instrumento de opressão dos Matarazzo, Crespi, Gamba, Hoffmann etc., os capitalistas que levam a fome ao lar dos pobres e gastam os milhões mal adquiridos e que esbanjam com as cocottes.

Soldados!

Cumpri o vosso dever de homens! Os grevistas são vossos irmãos na miséria e no sofrimento; os grevistas morrem de fome, ao passo que os patrões morrem de indigestão.

Soldados! Recusavos ao papel de carrascos!

— O português não está muito bom, porém a mensagem é clara — eu disse. — Só não acho que vamos conseguir chegar até o Crespi, na rua dos Trilhos, nem na Antartica, que é quase no Ipiranga. Como faremos? Não há bondes circulando e não vamos achar um carro nem por milagre.

— O melhor é sairmos daqui. Enquanto procuramos condução, vamos vendo o que acontece — sugeriu Oswaldo.

Quando deixamos a igreja, o largo estava tomado de grevistas e a maioria gritava “morras” à polícia. Já não se distinguia quem discursava, a massa humana parecia não obedecer a nenhum comando, mas as diversas bandeiras vermelhas mostravam que a liderança da greve se dividia entre anarquistas e socialistas. Não se viam policiais. Por sorte, encontramos o Adelino Gonçalves, jornalista do *Estado*, que nos localizou em meio ao tumulto. Adelino era um dos jornalistas mais antigos da casa e conhecia a cidade e todos os seus personagens como a palma da mão. Era assíduo frequentador do Guarany e muitas vezes havia se sentado em nossa mesa. Oswaldo e eu o enchemos de perguntas, que ele, com toda a calma mesmo naquela confusão, procurou responder minuciosa e detalhadamente como era o seu estilo e consultando de tempo em tempo seu caderninho de anotações.

— A situação está se agravando a cada hora que passa — disse. — Desde o começo da manhã, as fábricas estão parando e os piquetes da greve não deixam entrar os operários. Logo cedo um grupo parou a Antartica e impediu a saída de mercadorias. Houve tiroteio com a polícia e um cocheiro austríaco da companhia foi ferido. Querem saber o nome dele? — Apanhou o lápis apoiado na orelha e correu as anotações de seu caderno. — Chama-se Marco Glibenk e tem cinquenta e quatro anos. A fábrica da Antartica continua parada, com uma multidão lá ainda impedindo a passagem dos veículos. O Crespi não parou, mas muitos operários não voltaram depois do intervalo do almoço e lá também as mercadorias não podem sair. O subdelegado Marmo mandou chamar o delegadogeral, Thyrsó Martins, que chegou perto das onze da manhã com cinquenta homens da cavalaria. Mas o que cinquenta policiais a cavalo podem fazer contra essa multidão? — perguntou-se Adelino. — Na hora do almoço havia um piquete de mais de duzentas pessoas na porta da Fábrica de Tecidos Mariângela, do Matarazzo, que fica aqui atrás da igreja, e a cavalaria foi recebida a pedradas.

Também houve tiroteio e pelo menos um operário saiu ferido. Segundo me disseram, ao contrário do trabalhador da Antartica, este levou um tiro no estômago e está mal. Não sei o nome dele, mas verei isso mais tarde na Santa Casa. Foi levado para lá.

— E a polícia? — perguntei.

— Muita gente já foi presa, mas a greve se espalha. Tudo indica que esta vai ser maior que a de 1906. Os carcamanos desta vez vão suar! E provavelmente terão que fazer o que mais detestam, ou seja, enfiar a mão no bolso e dar aumento para os operários. Vocês sabem muito bem que alguns desses industriais prefeririam perder a mão a ter que abri-la, porém agora acho que será difícil. Também, quem é que pode com essa carestia? Até no jornal já conversamos com o Amadeu Amaral para ver como fica a nossa situação. A continuar assim, ninguém mais poderá viver nesta cidade. Veja o meu caso, que tenho dois filhos já no colégio...

Quando Adelino ia começando a nos contar seus problemas, Oswaldo o interrompeu.

— Se correremos até o Matarazzo, poderemos descobrir o que aconteceu. Quando voltarmos para a cidade, passamos no *Estado* e lhe contamos tudo. Vamos lá! Adeus!

Deixamos Adelino com suas anotações e fomos até a fábrica Mariângela, que, como ele nos informara, ficava logo atrás da igreja, na rua Monsenhor Andrade, que ia do largo do Brás, onde estávamos, até a linha férrea que, saindo da Luz, atravessava o Tamanduateí e fazia uma curva na direção sul, cortando os bairros do Brás, da Mooca e do Ipiranga. Era uma rua que misturava fábricas com pequenas oficinas e residências de operários, a maioria casas baixas e estreitas. Como todas as ruas daqueles bairros, vivia cheia o dia inteiro, principalmente de crianças. Naquele dia, no entanto, estava estranhamente vazia, embora em quase todas as janelas houvesse alguém espiando. Quando Oswaldo e eu atravessamos a rua do Gasômetro, também com pouco movimento, vimos os grandes edifícios do Matarazzo, a fábrica de tecidos e o moinho de trigo, enormes, com suas chaminés de mais de vinte metros de altura. Seguimos até lá pela rua quase deserta e silenciosa. Os poucos passantes andavam na direção oposta à nossa, indo para o largo do Brás. Em frente às fábricas, que ocupavam, cada uma, um grande quarteirão, não havia praticamente ninguém. Da rua se ouvia o ruído das máquinas em funcionamento, indicando que a greve não conseguira paralisá-las. Na esquina, um grupo de garotos cercava uma mancha no calçamento de paralelepípedos que parecia ser de sangue. Conversamos com algumas pessoas,

mas ninguém havia visto muita coisa. Tudo fora muito rápido. A polícia chegara, a multidão reagira, ouviram-se tiros e um operário caiu. O conflito aparentemente assustara a todos, grevistas e policiais, e os dois grupos se retiraram o mais rápido possível. Como não havia mais o que ver por ali, voltamos à rua do Gasômetro, onde por sorte conseguimos apanhar um bonde para a Cidade. Quando chegamos, a notícia da greve e dos tumultos já havia se espalhado e ninguém falava de outra coisa.

No dia seguinte, toda a cidade conhecia o nome de José Martinez, o jovem sapateiro espanhol que, atingido no confronto do Brás, agonizava na Santa Casa. Os jornais estavam repletos de relatos emocionados que davam uma dimensão mais ou menos épica às lutas entre trabalhadores e polícia. Os choques do dia anterior impressionaram a opinião pública. A imprensa, à exceção dos jornais operários, procurava manter-se neutra, embora em todos os artigos destacasse a justiça das reivindicações dos trabalhadores. A *Gazeta* daquele dia trazia manchetes que ocupavam todo o alto da primeira página:

A agitação proletária estende-se por todas as fábricas
A capital paulista ameaçada de uma greve geral
Adesões e mais adesões
É gravíssima a situação
Reuniões, meetings, conferências, desordens

Covello escrevera pessoalmente um artigo que abria o jornal e dizia:

A gravíssima situação, originada da resistência que os industriais paulistas ofereceram às justas pretensões dos operários, degenerou num colossal movimento, que ameaça perturbar integralmente a vida econômica da cidade e afetar diretamente a população da capital.

Há muitos meses, a imprensa paulista, e principalmente *A Gazeta*, reproduzindo com fidelidade o mau estar que lavrava pelas classes pobres da capital, em sucessivas publicações, chamou a atenção dos poderes públicos para a grave ameaça de uma greve resultante das dolorosas condições de vida que asfixiavam as classes pobres.

Embora o *Correio Paulistano* e o *Estado* se mostrassem mais comedidos e procurassem aparentar certo distanciamento, nenhum jornal condenara a greve, e alguns, como *O Combate* e a *Fanfulla*, chegaram a apoiar, quase com entusiasmo, o movimento operário. Nenhum poupou a intransigência dos patrões, lembrando os nomes dos grandes magnatas da indústria de São Paulo — Crespi, Gamba, Hoffmann, Matarazzo —, todos, sem exceção, imigrantes. Embora isto hoje pareça curioso, a polícia, ao mesmo tempo que buscava manter a ordem pública, colocava-se como mediadora, conclamando patrões e

empregados a buscarem um acordo. O próprio delegado-geral, Thyrso Martins, lançou um boletim dirigido aos operários no qual afirmava que “só na calma e no respeito à lei são possíveis a vitória do direito”, reconhecendo obliquamente as razões dos operários. Este boletim foi a notícia que dominou a manhã de terça-feira, juntamente com a da formação, na noite anterior, de um Comitê de Defesa Proletária, que uniu os jornais anarquistas e socialistas na causa comum da greve. Mas todas essas notícias acabaram ofuscadas quando, na hora do almoço, correu a informação de que o operário atingido no conflito da Matarazzo havia morrido na Santa Casa. Todos sentiram que aquele evento acabaria radicalizando ainda mais a situação.

O Comitê de Defesa Proletária, formado majoritariamente por dirigentes das publicações anarquistas e socialistas, percebeu depressa que essa morte poderia mobilizar a opinião pública a favor dos grevistas e unir os trabalhadores, ampliando o movimento. Naquela mesma tarde organizou-se o enterro, para o qual foram convocados todos os operários e milhares de panfletos foram impressos e distribuídos nas fábricas e nos bairros pobres.

À noite, quando nos encontramos no Guarany, em todas as mesas a greve era o assunto único. Apesar de duas novas companhias teatrais estrangeiras haverem chegado naquela semana a São Paulo e a rapaziada alegre dos cafés costumasse avaliar detalhadamente as atrizes que estreavam, naquela noite não foi assim. Só se falou em greve. E todos tinham mais ou menos a mesma avaliação. Tudo estava custando cada vez mais caro e os únicos beneficiários disso eram os ricos estrangeiros, os grandes industriais e comerciantes. De maneiras variadas, a carestia alcançava cada habitante da cidade e um clima de hostilidade se difundia contra os capitães de indústria imigrantes. Mesmo a elite local, que sempre mandou e continuava mandando na cidade, embora continuasse rica, já não era páreo e nem podia competir com esses novos milionários, que em poucos anos amealharam fortunas colossais.

Todos os da nossa roda viam as coisas mais ou menos da mesma maneira. Nós — mesmo aqueles que precisavam ganhar a vida no jornalismo ou na advocacia — éramos filhos da terra e nossas famílias tinham raízes fundas fincadas na cidade. Quando o dinheiro nos faltava, e isso acontecia com frequência, tínhamos contatos sociais e familiares que nos permitiam manter nosso estilo de vida, mesmo que às vezes enfrentássemos dificuldades. A crise, a guerra e a carestia não nos afetavam realmente. O que nos incomodava e, me parece, incomodava a todos do nosso círculo, jovens e velhos, é que os frutos mais suculentos do enorme progresso que São Paulo vivia pareciam se concentrar

exclusivamente nas mãos desses recém-chegados, que dominavam a indústria e os grandes negócios.

Quando cheguei ao Guarany, a roda já estava formada e Edmundo, o mais jovem e sempre o mais exaltado de nós, resumia a situação:

— Desta vez os carcamanos vão penar. Passei à tarde no *Estado* e o Adelino me disse que mais de trinta fábricas estão paradas. Amanhã, com o enterro, irão parar muitas outras.

— O Amadeu Amaral contou ao meu pai — disse Guy — que o Thyrso Martins foi procurar pessoalmente o Crespi, para sugerir um acordo, e quase foi posto para fora. O “*Cavaliere*” por pouco não teve uma síncope e acusou a polícia de incentivar os grevistas, e o governo, de perseguir os industriais. Disse isso na cara dele!

— Mas esta greve não é nada para o nosso Oswaldinho — acrescentou Ignacio. — Acreditem que, apesar de todo este tumulto, o nosso don Juan passou a tarde em seu covil esperando visitas! Ele, como o Crespi, é radicalmente contra a greve e lamenta a falta de energia da polícia, que, permitindo essa confusão, atrapalha os seus amores.

Foi só nesse momento que notei que Oswaldo, ao contrário do que lhe era natural, ouvia a conversa mudo, com um mau humor enfezado que era bem típico dele, quando contrariado. Eu ainda quis zombar, mas concluí que o momento não era propício. Ele estava irritadíssimo porque havia marcado um novo encontro com Daisy na garçonnière e ela, naturalmente, não aparecera. Com a cidade em polvorosa, só mesmo Oswaldo para esperar que ela se arriscasse a encontrá-lo.

— Pois saibam os senhores que eu tenho uma notícia sensacional — eu disse. — O ilustre operário morto, que Deus o tenha, morava justamente em frente à casa do nosso Pippo, na rua Caetano Pinto e, segundo ele me contou, era amigo do seu cunhado e, como ele, anarquista. Portanto, amanhã pretendo ir ver a saída desse enterro de camarote, junto com o Pippo, e escrever depois uma história de arromba para *O Pirralho*.

Com essa informação, Oswaldo esqueceu o mau humor e voltou à conversa. Estava tão obcecado pelo encontro com Daisy que nem se dera ao trabalho de, ao menos, dizer um bom-dia ao Pippo e, portanto, não falara com ele. Mas decidiu rápido.

— Amanhã, depois do enterro, vamos à Escola Normal. Se ela não estiver lá, mando-lhe uma carta pelo *Pirralho*.

12. Greve!

Combinei com Oswaldo encontrá-lo logo cedo na praça da Sé, onde ele esperava achar um cocheiro que habitualmente o servia e que poderia nos levar até o Brás. A praça já não era o acanhado largo da Sé da nossa infância e juventude; no lugar da antiga igreja, havia um descampado que se estendia até as obras da nova catedral, uns duzentos metros acima, no local onde antes havia o Teatro São José, destruído por um incêndio. Os carros de praça continuavam a fazer ponto no mesmo trecho do antigo largo, porém agora havia ali também um ponto de táxi, que foi um dos primeiros da cidade. Mas encontrar um carro naquele dia não seria assim tão simples.

Ao chegarmos à praça, vimos pouquíssimos carros e a maioria dos condutores não se dispunha a ir até o Brás, com medo dos tumultos. Além disso, alguns anarquistas mais exaltados estavam obrigando os cocheiros e os motoneiros de bonde a pararem de trabalhar, arrancando-os à força dos veículos. A muito custo e com a promessa de uma boa gorjeta, conseguimos um que nos levasse, mas minha ideia de encontrar Pippo logo se mostrou impossível. Quando descemos a ladeira do Carmo, uma multidão lotava o Brás e não pudemos chegar nem perto da rua Caetano Pinto. Apesar da manhã fria de julho e da garoa fina que caía, um número enorme de pessoas parecia disposto a acompanhar o operário morto até o cemitério do Araçá. Sugeri que voltássemos para o Carmo e acompanhássemos dali de cima, no adro da igreja, a chegada do cortejo vindo do Brás.

Por volta das nove horas, pudemos avaliar a multidão que seguia ao longo da Rangel Pestana e se aproximava da ladeira do Carmo pelo aterrado do Brás. Era um cortejo enorme que se estendia desde as proximidades do Gasômetro até quase a igreja do Carmo. Devia ter milhares de pessoas e era impossível calcular quantas. Quando ele se aproximou e começou a subir a ladeira do Carmo, vimos que, na frente, um grupo de mulheres com bandeiras vermelhas escoltava o caixão que vinha nos braços dos operários. Oswaldo estava tão surpreso quanto eu.

— Pedrinho, você já viu coisa igual?

— Bem, meu pai sempre me contava, quando eu era criança, a história do enterro de Luís Gama. Para o meu pai, que era estudante e também abolicionista, foi a maior multidão já vista em São Paulo. Ele dizia que o cortejo, que também veio do Brás, onde Luís Gama morava, no momento em que chegou ao centro ia do Carmo até a ilha dos Amores, no Tamanduateí. E a cidade era muito menor!

— Bem, este então não faz feio, porque o caixão já está no Carmo e ainda se pode ver gente saindo do Brás. E olhe que está garoando!

Seguimos o enterro. Havia agitação e silêncio ao mesmo tempo. Em vez dos ruídos da cidade, ouvia-se apenas, e nitidamente, o arrastar de passos da multidão. Ao chegar à rua do Carmo, as mulheres que lideravam o funeral viraram à direita e atravessaram a Sé em direção à rua Quinze. Todos sabiam que cortejos fúnebres não podiam transitar pelas ruas do Triângulo, contudo nenhum policial interferiu. Ao chegarem ao largo do Tesouro pararam novamente e um grupo de mulheres foi até a Polícia Central, no Pateo do Colégio, pedir a libertação de um dos anarquistas presos. A multidão aguardou em silêncio. Nessa altura, Oswaldo e eu estávamos próximos à livraria Garraux, que, como quase todas as lojas da cidade, tinha suas portas metálicas baixadas. Sob o toldo aberto, observávamos tudo e procurávamos nos proteger da garoa que teimava em cair de vez em quando. A maioria dos operários tirou os chapéus e permaneceu imóvel num silêncio quase total. Até Oswaldo, que em geral falava alto, conversava comigo aos sussurros. Passados uns quinze minutos, as mulheres voltaram e uma delas, uma espanhola magra e de aspecto severo, subiu num caixote de frutas e, apoiada nas companheiras, fez um rápido discurso naquele português cantado dos espanhóis, dizendo, em resumo, que os exploradores do povo iriam manter os líderes presos até o final do enterro. A multidão respondeu com gritos e “morras” à polícia e aos patrões. A atmosfera já tensa foi atingida como que por uma faísca elétrica. Percebia-se claramente que a multidão poderia explodir a qualquer instante. Como um animal inquieto, a massa humana se agitava sem sair do lugar.

Nós, lá do nosso ponto de observação privilegiado, víamos que os líderes não sabiam o que fazer e vacilavam entre reagir à negativa das autoridades e levar os trabalhadores até a Polícia Central, para arrancar à força os anarquistas presos, ou seguir adiante com o cortejo. Um grupo de portugueses ao nosso lado começou a gritar: “Vamos à polícia!” e logo foram seguidos por alguns jovens com bandeiras negras nas mãos. Por um momento, nos pareceu que a massa explodiria e avançaria contra a Polícia Central, onde seguramente não haveria

guardas suficientes para enfrentar uma turba como aquela. Estávamos bem no meio da multidão e, se houvesse um tumulto, certamente seríamos engolidos por ele. Mas, enquanto a massa se agitava, o grupo de mulheres à frente do enterro, entre elas a espanhola que havia discursado, voltou a erguer as duas bandeiras vermelhas que iam ao lado do morto e se pôs a andar. O caixão seguiu atrás delas e a multidão se movimentou, lentamente. O cortejo foi retomado e os operários seguiram em silêncio pela rua Quinze.

Oswaldo e eu apertamos o passo e procuramos acompanhar tudo caminhando um pouco à frente da multidão. Quando o corpo chegou à praça Antônio Prado, as líderes viraram à esquerda na rua São Bento, bem mais estreita, o que fez com que a multidão se aglomerasse à espera de passagem. Como a massa humana seguia devagar, resolvemos acelerar o passo, descendo pela ladeira de São João e subindo a Líbero para aguardar a passagem do corpo no Grande Hotel, em frente ao viaduto do Chá. Já estávamos suficientemente exaustos e encharcados e achamos mais conveniente observar tudo pelas janelas do bar da Rotisserie, um dos poucos lugares abertos na cidade. O Grande Hotel de La Rotisserie Sportsman, que ficava bem em frente ao viaduto, era o hotel mais chique de São Paulo, onde se hospedavam os visitantes mais ricos e as estrelas do teatro e da ópera que se apresentavam no Municipal. Refeitos e aquecidos, acompanhamos todo o resto dali. Com a cidade paralisada pela greve, ninguém tinha para onde ir e o saguão e o bar do hotel estavam apinhados de gente. A maioria dos hóspedes e até alguns dos funcionários observavam pelas grandes janelas o desfile dos operários. Levou quase meia hora para que a enorme multidão cruzasse o viaduto, e, da nossa janela, podia-se ouvir com nitidez os ruídos que a velha estrutura metálica produzia sob o peso da massa compacta. Quando os últimos manifestantes passaram pelo viaduto, também no hotel se fazia um silêncio fúnebre. Não havia como escapar à impressão que aquele movimento causara.

Conforme soubemos depois, o funeral só terminou por volta do meio-dia, quando o infeliz operário foi finalmente sepultado no cemitério do Araçá, em meio a discursos inflamados em italiano, espanhol, alemão e até português, alguns proferidos por mulheres, como tínhamos visto ocorrer no largo do Tesouro. Oswaldo e eu comentamos que nunca havíamos visto mulheres assim, ocupando tão escancaradamente a posição de homens. Foi mais uma surpreendente novidade que pudemos ver naqueles dias.

— Será que daqui a pouco veremos *suffragettes* por aqui também? — perguntei a Oswaldo, que voltara da Europa impressionado com as manifestações de mulheres pelo direito de voto, que ele vira em Londres anos

antes.

— Bem, nenhuma delas se assemelha à sra. Pankhurst, mas me parecem igualmente capazes de atear fogo nos prédios de seus adversários. Porém é evidente que, enquanto elas estiverem à frente, vai ser difícil acabar com esta greve.

Todo o trajeto, do Brás ao Araçá, foi percorrido a pé: quase sete quilômetros, incluindo a tremenda ladeira da rua da Consolação até o alto do espigão da avenida Paulista. Aliás, a chegada do cortejo à Paulista foi, provavelmente, o momento de maior tensão naquela manhã extraordinária. A polícia receava que a turba, ao chegar à Paulista, onde moravam o secretário de Justiça, Eloy Chaves, e as famílias Matarazzo, Pinotti Gamba, Scarpa e as de muitos outros capitães da indústria, poderia se ver tentada a atacar as casas onde seus patrões viviam cercados de luxo e conforto, sem ser, nem de leve, afetados pela carestia que arrastava para a penúria seus empregados. Mas nada ocorreu. Exausta da caminhada, a multidão talvez só quisesse mesmo concluir o enterro e voltar para casa. Conforme Adelino Gonçalves nos contou à noite, no Guarany, o grande contingente de cavaleiros da Força Pública que protegia o cruzamento da avenida Paulista com a rua da Consolação limitou-se a observar a passagem pacífica do cortejo.

Depois do enterro a cidade foi sendo paralisada. A polícia e o governo, que a princípio viam com um certo humor as dificuldades dos industriais com seus trabalhadores, passaram a levar a sério a ameaça de uma rebelião operária. Mas a greve, então, já tinha impulso próprio e aos poucos tudo foi parando na cidade. Primeiro os carros de praça, depois padeiros e leiteiros. Na manhã de quinta-feira, o leite e o pão não foram entregues nas casas. Pelo meio do dia o gás foi cortado. Os bondes não conseguiam circular, muitos veículos foram apedrejados e alguns motorneiros acabaram espancados pelos piquetes de greve. O clima entre os próprios trabalhadores se tornou tenso e os que não aderiam ao movimento grevista eram acusados de sabotadores e de vendidos aos patrões. Esses fura-greves passaram a ser tratados como verdadeiros párias da classe operária e os grevistas não viam problema em atacá-los. A tentativa da polícia de fazer um guarda acompanhar cada motorneiro não deu certo e a própria Light, com medo dos danos que seus veículos poderiam sofrer, decidiu suspender a circulação dos bondes por volta da hora do almoço. O comércio fechou as portas e os teatros e cinemas suspenderam as funções daquela noite. O centro ficou deserto, apenas policiais e grevistas circulavam pelas ruas. Todos achavam arriscado sair de casa e os ânimos foram ficando cada vez mais exaltados. No

fim daquela quinta-feira, um dia depois do enterro, já nada funcionava em São Paulo.

Naturalmente não fomos procurar Daisy na Escola Normal. Não havia aulas nem era possível Oswaldo ter contato com ela de outro modo. Na quinta-feira, e com a cidade paralisada, fechamos nossos artigos para *OPirralho* como pudemos e, com muito esforço, se conseguiu imprimir o número da semana. Sem conter sua ansiedade e sem outra alternativa, Oswaldo escreveu para ela através da revista. Dessa vez não quis mostrar a carta a ninguém e acho que só eu a vi, quando fechávamos a edição e eu revisava as provas em meio às máquinas na tipografia.

Minha adorada fugitiva.

Vais dizer que exagero a adjetivação. É possível. Contrariando aquele axioma geométrico que diminui as figuras na distância, há o axioma sentimental que engrandece e apura. Prometes. Vens. Apenas deixas-me tocar o paraíso que traz a tua mágica presença e já o retiras e o escondes, atarefada de preocupações que a tua fantasia somente cria e movimenta.

Prometes ainda e não vens mais. Mal sabes que horas longas, cheias da sonoridade inútil das coisas — tic-tacs de relógio, pregões de rua, bondes que passam — são estas em que fico à tua espera no mundo deserto da minha garçonnière.

Dirás com a tua estranha filosofia que deve ser assim a vida para ser bela e para ser sentida. Creio bem. A amargura das coisas falhadas as diviniza. E que de melhor há neste mundo que manter cultos e não deixar se extinguirem jogos sagrados?

Encontrei uma vez, num boudoir abandonado esta linda frase gravada rudemente na madeira preciosa de um leito:

Here is the Paradise Lost I have lost.

E tenho ímpetos agora, de repetir o desabafo anônimo, insultando a ponta de punhal, a gravidade secular dos meus móveis portugueses.

É aqui o Paraíso Perdido que eu perdi! Sim, porque da tua visita nervosa, ficou nesta casa deserta, irradiando para o passado e para o futuro, a graça luminosa do teu sorriso e a ligeira aparição da tua silhueta.

Desfaze o encantamento, reduz a exatas proporções de um ultramoderno idílio, a nossa aventura, que, de contrário, vai trazer-me o contágio doloroso dos invernos da alma — quando se suspira e se chora perto da lareira crepitante que evoca e ressuscita os fantasmas queridos.

Volta, Miss Cyclone da minha fantasia, vem inundar de loucura
o coração que tímido te aguarda.

Paulo Victor

Depois de ter escrito a carta, Oswaldo nada mais podia fazer a não ser esperar. Enquanto a greve não acabasse e a cidade voltasse ao normal, não haveria aulas. E não haveria jeito também de ver Daisy nem saber de sua reação à carta. Portanto, depois de colocar *OPirralho* no prelo, ele ficou ainda mais impaciente e nervoso.

Enquanto corríamos de um lado para o outro, fomos assistindo ao paulatino

esvaziamento da cidade e, à medida que a tarde caía, mais deserta e escura ela ia ficando. Pelas seis da tarde, descemos a rua Quinze, quase sem cruzar com ninguém, até a praça Antônio Prado. Queríamos passar na redação do *Estado* e saber das últimas notícias. Subimos Tateando pelas escadas já sem luz. Chegando lá, encontramos numa roda, na redação iluminada por velas, Julinho Mesquita, Amadeu Amaral, Guy, Vicente Rao e alguns jornalistas, entre eles o Adelino Gonçalves, todos discutindo a situação. Pegamos a conversa pelo meio.

— O Eloy Chaves já tentou pessoalmente convencer os principais industriais a fazer um acordo — ia contando Amadeu Amaral, chefe da redação do *Estado*. — Ontem, quando se reuniu com os maioraes, por pouco não foi tratado como o Thyrso Martins no dia anterior. O Crespi só faltou culpá-lo pela greve. Os italianos estão se sentindo perseguidos e acham que a polícia é nossa e faz corpo mole apenas para prejudicá-los. Creem que o governo só se mexeria se a greve atingisse o interesse dos cafeicultores. Aliás, o Gamba disse isso com todas as letras.

— Era só o que faltava! — retrucou um dos redatores. — Esses carcamanos chegaram aqui ontem, com uma mão na frente e outra atrás, tomaram conta de tudo, encheram as burras de dinheiro e agora já estão virando até condes. “Conde” Matarazzo... Onde já se viu? Até outro dia ele era só o dono de uma fábrica de banha enlatada. Aquele anão do Vittorio Emanuele não tinha mais o que fazer?

— Pois é! Logo, logo teremos marquês Crespi e duque Gamba! E talvez no futuro tenhamos que fazer reverência quando eles passarem pela rua — disse outro jornalista.

— A realidade é que chegamos a um ponto em que, com a cidade às escuras, nem o dr. Sorriso tem mais graça.

O Rao referia-se ao apelido do secretário de Justiça, Eloy Chaves.

— Seja de quem for a culpa, a verdade é que a cidade parou e as coisas estão fugindo ao controle. E amanhã, como vai ser? — perguntou ele.

— Sem um acordo será difícil acabar com a greve — continuou Amadeu. — Agora não há como obrigar os operários a voltarem, até porque seria impossível sem luz, sem gás, sem bondes e com tudo fechado. E depois, os industriais não querem ceder. Apenas o Jorge Street concordou com a proposta de conciliação de vinte por cento de aumento e apoiou a revogação das demissões, embora ele mesmo não tenha demitido ninguém na sua fábrica. Disse que achava as reivindicações justas e coisa e tal.

— E daí? — perguntou Oswaldo.

— Daí, hoje de manhã os operários fizeram uma homenagem a ele na fábrica — contou Adelino, que sabia de tudo o que acontecia na cidade. — Entregaram-lhe uma carta de agradecimento, fizeram discursos, mas disseram que continuarão em greve por solidariedade aos demais companheiros. Assim...

— ... assim não adiantou nada — disse Rao.

— Deram-lhe uma soleníssima banana, isso é que foi — completou Oswaldo.

— Vejam só, é como eu disse. Agora não há como terminar com isso. O *Estado* já vinha advertindo as autoridades sobre a crise. Previmos essa situação desde a quebra da safra de trigo na Argentina, no começo do ano, e principalmente depois que os Estados Unidos entraram na guerra e pararam de vender trigo e outros alimentos para o Brasil. Sem contar que, com os Estados Unidos na guerra, as exportações de alimentos aumentaram ainda mais — explicou Amadeu Amaral, que sempre defendera uma intervenção para impedir as exportações desenfreadas de produtos alimentícios. — Vejam só: matamos a fome dos países em conflito e morremos à míngua!

— O fato é que a greve atinge a todos e é preciso fazer alguma coisa! — disse Júlio. — Nesta situação só sobramos nós. Os grevistas se recusam a dialogar com o Eloy e os industriais só faltaram atirá-lo pela janela. Agora o dr. Sorriso está pedindo que se forme um comitê de jornalistas para conversar com os grevistas. Parece ser a única solução. Ou, pelo menos, é a única que temos no momento.

— Quer dizer, Julinho, que isto amanhã não acaba? — quis saber Oswaldo, impacientíssimo com a greve.

— Nem por milagre! Os operários agora ampliaram suas demandas e exigem também redução de trinta por cento nos aluguéis e semana inglesa. Ou se acha logo uma solução, ou a coisa vai longe e São Paulo para.

À noite nos encontramos na casa de Oswaldo na rua Augusta. Com tudo fechado na cidade, não havia o que fazer nem para onde ir. Acabamos por ter uma boa noitada e Oswaldo me pareceu esquecer por uns momentos a sua ansiedade. A agitação em São Paulo contaminara a todos e estávamos apreensivos com aquela situação, que era para nós completamente nova e inesperada.

No dia seguinte, uma sexta-feira 13, pouca coisa funcionava na cidade. Passei pelo escritório do dr. Otto à toa. Sem gás, sem luz e sem transporte, nada se podia fazer. Havia telefones, mas quem garantiria até quando eles continuariam

funcionando? Nas ruas, só se viam a polícia e grupos de manifestantes. Os jornais matutinos, impressos e distribuídos a duras penas, dada a desorganização vigente na cidade, relatavam os inúmeros conflitos do dia anterior entre a polícia e os grevistas. O mais grave havia ocorrido em frente a um café na avenida Rangel Pestana, quando um grupo da cavalaria da Força Pública foi recebido a tiros e revidou. Espalhou-se a notícia de que havia morrido muita gente no confronto, fato que depois acabou não se confirmando. Os rumores sobre os tiroteios correram a cidade de manhã e quase ninguém saiu de casa. No centro também houve tumultos. Um grupo de operários tentou paralisar uma fábrica de malas na rua Florêncio de Abreu, a uns cem metros do largo de São Bento. Como os trabalhadores não haviam aderido à greve, o prédio foi apedrejado e os vidros quebrados. Os proprietários naturalmente chamaram a polícia, que também foi recebida a pedradas. Houve tiros, correria e alguns manifestantes foram presos. Tudo isso bem no centro da cidade! Os boatos que se espalhavam davam conta de dezenas de mortos e era difícil saber o que de fato ocorria. A Light, desde a tarde anterior, tirara os bondes de circulação e naquela sexta-feira nem com a proteção da Força Pública eles voltaram a circular. Nas ruas, além de policiais e grevistas, restavam uns poucos jornalistas que se esforçavam por cobrir os acontecimentos e deixar a população minimamente informada.

Almocei em casa. Apesar das reclamações de minha mãe, preocupadíssima com os boatos, resolvi sair de novo no início da tarde, eu queria encontrar alguém e saber notícias. Para mim era impossível ficar em casa sem fazer nada enquanto os outros talvez estivessem acompanhando em primeira mão os acontecimentos. Ia correr as redações dos jornais e decerto em alguma delas toparia com Oswaldo, Guy, Jairo ou com algum dos nossos amigos. Quando saí, não pude deixar de notar que minha rua estava extraordinariamente quieta. Ninguém passava e os moleques que o dia todo costumavam descer a ladeira em seus carrinhos de rolimã davam a impressão de também terem aderido à greve e não faziam o costumeiro barulho que todas as tardes infernizava a sesta de meu pai. Certamente as mães, preocupadas como a minha, haviam proibido a molecada de sair de casa. Como sempre, subi a rua da Glória. Muitos lampiões estavam com os vidros quebrados e o externato São José, na esquina com a rua dos Estudantes, sem aulas desde o princípio da greve, permanecia vazio e silencioso e as meninas de saias marrons, que todos os dias movimentavam aquele trecho da Liberdade, haviam sumido da paisagem. Na frente de quase todas as casas, na porta ou na janela, alguém espiava cautelosamente o movimento. Como eu constataria dias antes no Brás, também não havia crianças

na rua. A tensão já atingira o centro da cidade e não se limitava mais apenas aos bairros operários.

Em frente à igreja dos Remédios, ouvi os primeiros tiros. A praça estava tomada pela cavalaria e os poucos transeuntes correram para se abrigar na igreja. Na confusão, corri para lá também. Havia umas quinze pessoas assustadas na velha nave, duas senhoras esbaforidas abanavam uma terceira, prostrada num dos bancos e aparentemente sofrendo uma crise de asma. Dali se ouviam mais tiros, vindos da direção da catedral em construção. Um soldado da Força Pública entrou para vistoriar a igreja e nos disse que um grupo de operários se entrincheirara nas obras da catedral e de lá atirava nos policiais. Mas, passados uns minutos, os tiros cessaram. O silêncio vindo de fora acalmou os ânimos e, um a um, os refugiados foram saindo da igreja. Sem saber muito bem para onde ir, acabei resolvendo atravessar a praça João Mendes e, do outro lado, seguir pela rua Riachuelo e evitar a Sé. Daria a volta pelo largo de São Francisco e aproveitaria para ver se havia alguém na Academia. Quem sabe lá eu conseguiria alguma informação.

Na Riachuelo, o panorama era o mesmo. Nenhum carro na rua, lojas fechadas, apenas uns poucos pedestres andando apressados e, nas janelas, sempre alguém espiando. Em cinco minutos, cheguei à Academia. No velho convento onde todos nós havíamos estudado, sempre se poderia obter notícias, pois a Academia tradicionalmente era o centro de toda a manifestação havida em São Paulo desde a Abdicação de d. Pedro I em 1831. Sempre que algum acontecimento político agitava a cidade, era lá que o movimento fervia, contra ou a favor. Nos últimos meses, quando a entrada do Brasil na guerra eletrizou São Paulo e o caso do cônego Valois, que abraçara o diretor do *Jornal Alemão*, provocou manifestações e passeatas pelas ruas do Triângulo, o largo de São Francisco foi o centro da agitação, e a Academia, o local onde se reuniram os protagonistas dos debates. Agora não era assim e, quem sabe pela primeira vez em quase cem anos, a agitação que tomava conta da cidade não tinha nada a ver com os estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo e eles, como todo o resto dos paulistanos, também procuravam tomar pé da situação.

Poucos alunos e professores circulavam pelos corredores e logo encontrei Jairo e Edmundo; também eles tinham ido à escola em busca de informações. À porta da biblioteca, vimos uma roda discutindo acaloradamente as últimas notícias e todos falavam em tiroteios. Jairo, que conhecia a maioria dos alunos, rapidamente me fez um resumo dos últimos acontecimentos.

— Parece que há tiroteios em toda a cidade e certamente morreu mais gente.

Um dos rapazes do segundo ano, que mora na Barra Funda, diz que lá uma menina foi atingida por um tiro perdido. Como os dois lados atiram a esmo, não se pode dizer quem atirou na garotinha que, parece, morreu na porta de casa.

Vimos outros grupos zanzando pelos corredores, mas ninguém sabia de mais nada, tudo era apenas boato. Como não tínhamos mais o que fazer ali, Jairo e eu decidimos tentar chegar à redação do *Estado* ou do *Correio Paulistano*, que eram quase vizinhas, embora houvesse certo risco de cruzar a cidade naquelas condições. Edmundo, que ainda cursava a faculdade, preferiu ficar por ali com alguns colegas. Nossa alternativa seria ir para casa e aguardar os vespertinos que ninguém sabia se seriam impressos e, muito menos, distribuídos pelos meninos jornalheiros, pois, como todos os outros trabalhadores, eles haviam desaparecido das ruas.

Saímos cautelosamente. Descemos a rua São Bento, onde havia pouco movimento e nenhum tumulto, e, apertando o passo, em poucos minutos chegamos à praça Antônio Prado. A redação do *Estado* era a mais próxima e fomos direto para lá. Logo ao pé da escada, cruzamos com o Thyrso Martins, delegado-geral, que descia apressado e mal nos cumprimentou. Desta vez havia grande movimentação na redação e muitos jornalistas de outros jornais estavam por ali. Localizamos logo o Pereira, da *Gazeta*, e o Adelino, do *Estado*, conversando.

— Estão todos reunidos na sala do Nestor Rangel Pestana — disse Adelino assim que nos aproximamos. — Vão formar uma comissão de imprensa para negociar, a pedido do Eloy Chaves. Estão convocando os diretores dos principais jornais da cidade para compor a tal comissão. Já estão lá o Covello e o José Maria Lisboa, do *Diário Popular*. Nós é que vamos ter que encontrar uma saída para esta situação.

— Parece que agora que a coisa entortou, os industriais se assustaram e querem negociar — acrescentou o Pereira, que era o braço-direito do Covello, dono da *Gazeta*.

— Mas qual vai ser a proposta? — quis saber Jairo.

— A mesma do início e que ninguém quis aceitar — respondeu Pereira. — Vinte por cento de aumento nos salários e a garantia de que os patrões não irão demitir nem punir ninguém. Só que agora, com a cidade parada e tiros pelas ruas, todos parecem achar as condições excelentes.

— E os operários? — perguntei.

— Bem, estes terão de ser convencidos. Com a cidade nesta balbúrdia e na

mão deles, os operários têm outras dezenas de reivindicações, que vão da redução dos aluguéis ao tabelamento de preços...

— ... jornada de trabalho de oito horas, semana inglesa, proibição do trabalho das crianças — acrescentou Adelino. — E o melhor de tudo é que o Amadeu Amaral garantiu que o acordo se estenderá aos linotipistas e gráficos dos jornais que declararam apoio à greve mas que não pararam de trabalhar porque os jornais são úteis ao movimento operário. Os gráficos também vão entrar no acordo, sendo assim...

— Sendo assim — acrescentei — os jornalistas também vão receber a sua parte... Porém, antes os operários vão ter que aceitar a proposta, não se esqueça!

Logo a reunião terminou e Amadeu e os outros saíram da sala com as novidades. O *Estado de S. Paulo* iria coordenar uma Comissão de Imprensa, que se reuniria às dez horas daquela mesma noite. Estavam convidados chefes de redação e proprietários dos principais jornais. A comissão formularia uma proposta e no dia seguinte procuraria os industriais e o Comitê de Defesa Proletária para tentar um acordo. O clima era de urgência, todos sentiam que a solução precisava ser encontrada o mais rápido possível. Jairo e eu decidimos ficar por ali e acompanhar o movimento. Antes eu tinha de avisar a minha mãe que iria me demorar e usei um dos telefones da redação para ligar para casa. Eu sabia que ela não sossegaría enquanto eu não voltasse ou tivesse notícias minhas. Quando eu terminava de falar com ela, Oswaldo apareceu trazendo novidades sobre os distúrbios que ele mesmo presenciara na rua Augusta.

— Os ânimos estão cada vez mais exaltados e agora a situação está fugindo do controle. Imaginem vocês que, quase em frente de casa, um grupo atacou um bonde que passava e que, por infelicidade, tinha um “urbano” armado ao lado do motorneiro. Ao se ver cercado, o soldado atirou e pegou em cheio um dos operários, que morreu na hora. A verdade é que isto vai piorando a cada minuto que passa.

Todos concordamos. A situação não parecia melhorar e mesmo a perspectiva de um acordo, já admitido por todos, não refreava o ímpeto dos grevistas. Na falta de coisa melhor a fazer e com a cidade naquele estado, resolvemos ficar por ali e aguardar o resultado da reunião de logo mais à noite. O problema era para onde ir.

— Os teatros e os cafés estão fechados, não há ninguém no Triângulo — eu disse. — O Guarany, o Bar Viaducto, o Campo Bello, nenhum deles abriu as portas hoje. Talvez o bar do Municipal — arrisquei.

— Não, o Municipal também não está aberto — disse Oswaldo —, eu passei por lá. Só se formos ao Ilha, aquele frege-moscas português do largo da Sé aonde íamos nos tempos do São Bento. O seu Manoel, dono do botequim, não fecha a casa nem debaixo de tiro.

— Bem, recordar é viver! Será que ainda servem aqueles bifos duros com batatas? Estou com fome! — eu disse.

Seguimos pela rua Quinze quase totalmente deserta até a Sé. Não havia luz, porque o gás fora cortado, e de toda a forma não haveria quem a acendesse, visto que os homens dos lampiões também entraram em greve. Os trechos em que já se haviam instalado os postes com lâmpadas elétricas também estavam às escuras. Apenas o luar combatia a escuridão da cidade. Encontramos o botequim iluminado por velas e seu Manuel firme no balcão como nos velhos tempos, em mangas de camisa e com um galhinho de arruda na orelha direita. Apesar de tudo, o bar estava cheio e, na penumbra, vimos diversos jornalistas que, como nós, resolveram fazer hora por ali. Nos acomodamos numa mesa dos fundos — mais ou menos limpa e de pernas bambas — para comer os bifos com batatas que, por sinal, estavam ótimos! — regados a cerveja de barril, que o português tirava com habilidade. Enquanto isto recordávamos os dias da nossa adolescência em que, saídos das aulas de filosofia do abade Sentroul, vínhamos nos reunir naquele botequim com Indalécio de Aguiar, Oswaldo Pinheiro e Ricardo Gonçalves. Era impossível entrar naquele bar e não se lembrar do Ricardo, que no ano anterior suicidara-se com um tiro, em razão de uma tenebrosa história de amor entre sua mulher e um médico muito conhecido, na qual ele fora o traído. Quando Ricardo morreu, parte da nossa juventude se foi com ele e, embora não quiséssemos admitir uns para os outros, ficamos muito abalados. Oswaldo e eu fomos vê-lo ainda no necrotério. Como disse o Lobato, que era o seu melhor amigo, o Ricardo não era deste mundo, havia caído aqui de um céu qualquer e não se acostumava. Seu fim trágico era o ponto-final de uma vida romântica como a dos poetas do século XIX, poetas que ele tanto prezava e, de certa forma, imitava. Enquanto bebíamos, fomos nos lembrando de seus versos simples que sabíamos de cor desde a infância. Para nossa surpresa, ainda nos recordávamos de uma boa quantidade deles.

— Esta greve teria entusiasmado o Ricardo e a estas horas ele certamente estaria entre os operários, declamando seus poemas, fazendo discursos. Não teria perdido o enterro do espanhol de jeito nenhum — disse Jairo.

— Não nos faltava mais nada. Tudo o que não precisamos é de alguém que

pusesse mais lenha na fogueira e prolongasse esta situação — retrucou Oswaldo, que, por mais que se interessasse pela greve, não deixava de pensar um só minuto na normalista.

— Vocês se lembram dos poemas socialistas do Ricardo? — perguntou Jairo. E começou a declamar alto, para todos ouvirem.

Eu, primeiro, e Oswaldo, depois de hesitar um pouco, acabamos acompanhando-o, já aos berros, e o bar inteiro fez silêncio para ouvir os versos revolucionários de Ricardo:

*Como um vago murmúrio,
Mansa a princípio, ela ecoa,
Depois é um grito bravio
Que pela noite reboa,
Que para a noite se eleva
Num pavoroso transporte,
Como um soluço de treva,
Como um frêmito de morte.
Ah! Nesse grito funesto
Nesse rugido, palpita
Um rancoroso protesto.
É o povo, a plebe maldita
Que, sombria, ameaçadora,
Nas vascas do sofrimento,
Mistura aos uivos do vento
A grande voz vingadora.
E quando começa a luta,
Quando explodir a tormenta,
A sociedade corrupta,
Execrável e violenta,
Iníqua, vil, criminosa,
Há de cair aos pedaços
Há de voar em estilhaços
Numa ruína espantosa.*

Terminamos, sob os aplausos de todo o bar, brindando ao Ricardo, o primeiro poeta de verdade que todos nós conhecêramos.

Ao contrário do que havíamos planejado, com a ajuda da cerveja e da poesia, fomos ficando. Mesmo com o avanço das horas, o movimento do bar não diminuiu e por volta da meia-noite quase que só jornalistas ocupavam as mesas. Numa delas achamos o Pereira, da *Gazeta*, que nos contou como tinha terminado a reunião no jornal.

— A Comissão de Imprensa vai convidar os industriais para uma reunião amanhã ao meio-dia no *Estado* — ele informou. — Parece que vêm todos,

inclusive os maiores.

— Será que agora esta confusão acaba? — perguntou Oswaldo.

— Pode ser — disse Pereira. Tudo indica que os industriais concordam em ceder um pouco dos seus lucros de hoje para poder continuar lucrando amanhã! Vocês sabem como são esses carcamanos. E os operários cancelaram os encontros que fariam e só vão se reunir amanhã à tarde, depois da reunião.

Com essa informação e visto que já era tarde, resolvemos ficar por ali. No dia seguinte iríamos ao *Estado* ver o que aconteceria.

No dia seguinte, um sábado, pouco depois do meio-dia já estávamos na redação do *Estado* para acompanhar a chegada dos industriais. Como o Pereira adiantara, um a um, foram chegando os maiores: Rodolpho Crespi, dono do Cotonifício Crespi, acompanhado de seu irmão; Pinotti Gamba, dono dos Moinhos Gamba; os ingleses da Alpargatas; Jorge Street, o industrial mais simpático à causa dos operários; e vários outros. Ermelino Matarazzo, filho e herdeiro do novo conde, foi um dos últimos a aparecer. Ficamos ali observando a situação e ouvindo as discussões entre os chefes da imprensa e os chefes da indústria. Nestor Pestana, que era o anfitrião e representava O *Estado* junto com Amadeu Amaral, abriu a reunião e apelou em favor dos operários, ressaltando ainda a “necessidade imperiosa de que a calma e a normalidade voltassem à cidade”. Pinotti Gamba reconheceu a necessidade de um acordo que pusesse fim à greve, disse aceitar o aumento de vinte por cento que fora a reivindicação original dos operários, mas pediu que o Comitê de Imprensa fizesse um apelo para que os operários voltassem imediatamente ao trabalho. A seguir falou Jorge Street, o mais favorável às reivindicações. Foi dele o discurso mais longo e a impressão que passou foi que ele pretendia demonstrar aos chefes da imprensa paulistana que a greve não era sua responsabilidade e que, como industrial, tinha uma posição totalmente diferente da dos demais capitães da indústria. Disse que desde o início concordara com o aumento de vinte por cento e que “na sua fábrica os operários dispunham de um armazém onde os gêneros mais necessários eram vendidos a preço de custo e mais baratos do que no comércio”. Contou que oferecia a seus empregados moradia a preço reduzido e ajuda quando eles adoeciam ou eram hospitalizados e, nestes casos, eles ainda recebiam cinquenta por cento do pagamento, mesmo sem trabalhar. Manifestou, porém, restrições ao compromisso de pagamento dos salários com pontualidade que, segundo ele, seria muito fácil para as pequenas empresas, mas impossível

para as grandes indústrias. Também disse não ver com bons olhos a proibição do trabalho infantil, pois, na sua opinião, “essas crianças estavam melhor nas fábricas do que nas ruas ou no abandono em suas casas”. No entanto concordava positivamente com os demais pontos das reivindicações dos operários, principalmente no que dizia respeito à livre associação, e garantiu que nunca lhe passou pela cabeça demitir nenhum empregado por causa da greve. Depois de sua intervenção, os debates esquentaram e a reunião se prolongou por mais de duas horas.

Ao final, os jornalistas redigiram um comunicado ao povo e aos operários de São Paulo que todos os jornais publicaram.

Os industriais abaixo-assinados, reunidos em assembleia a convite da Comissão de Imprensa que ontem se reuniu nesta capital, atendendo às ponderações que a mesma comissão lhes fez em relação a urgente necessidade de se normalizar a vida da cidade, perturbada pela greve, resolvem:

- a) Manter a concessão feita de vinte por cento sobre os salários em geral;
- b) Afirmar que não será dispensado do serviço nenhum operário que tenha tomado parte na presente greve;
- c) Declarar que respeitarão absolutamente o direito de associação dos seus operários;
- d) Efetuar os pagamentos dos salários dentro da primeira quinzena que se seguir ao mês vencido;
- e) Consignar que acompanharão com a máxima boa vontade as iniciativas que forem tomadas no sentido de melhorar as condições morais, materiais e econômicas do operariado de São Paulo.

Agora bastava esperar que os operários aceitassem o acordo.

No final da tarde, mais de três mil trabalhadores se reuniram no Hipódromo da Mooca e aceitaram, ainda que com restrições, a proposta dos patrões.

Foi o fim da greve.

Aos poucos, a cidade foi voltando ao normal. Muitas fábricas ainda iriam permanecer sem funcionar por alguns dias, mas o tráfego dos bondes, a luz e o gás foram restabelecidos e o pão e o leite voltaram a ser entregues nas casas. Foi a primeira e última vez que São Paulo parou em virtude de uma greve geral. Eu ainda a veria parar novamente, se bem que por terríveis motivos. Porém, naquele fim de semana, nem imaginávamos o que o futuro nos reservava. No sábado à noite os cafés e os teatros reabriram as portas e tivemos uma noitada no Bar Viaducto que terminou muito tarde. De todos, o mais animado era Oswaldo. Para ele, mais importante que o fim da greve era que as aulas recomeçariam na segunda-feira e a sua agonia finalmente ia ter fim.

13. Encontros

A vida na cidade foi se normalizando devagar. Embora algumas fábricas ainda permanecessem em greve, a cidade voltou a funcionar e quase todos retornaram à sua rotina costumeira. Na segunda-feira, o Triângulo teve o movimento de sempre e, no final da tarde, Oswaldo, que ardia de impaciência, já estava a postos fazendo o seu plantão na saída das alunas da Escola Normal. Mas, para a sua frustração, Daisy não apareceu. Eu gastei a tarde na Delegacia Fiscal, a serviço do dr. Otto, e quando saí de lá passei pelo nosso Covil, que ficava a dois passos. Nem cheguei a subir, porque o Pippo foi logo me avisando:

— Ih, seo Pedro, o dottore Osvarado tá fulo da vida. Num quis nem cunversá e disse que ia pra *Gazeta* e qui era pro signore passá lá!

Fui para lá e, mal havia atravessado a São João, vi Oswaldo descendo a Líbero, vindo na minha direção. Cansado de esperar e impacientíssimo, resolvera voltar à garçonnière.

— Veja só, seu Pedro, ela não apareceu — ele me disse. — Depois de todo esse tempo e quando as coisas pareciam se normalizar, agora essa!

— Ora, Oswaldinho — ponderei —, talvez seja o luto. Afinal a avó morreu há apenas uma semana e... — Não consegui terminar a frase.

— Nada disso, já faz mais de uma semana! A velha morreu na segunda-feira passada, não foi? Portanto a missa deve ter sido ontem. Mas você deu uma boa ideia. Vamos hoje mesmo à casa dela fazer uma visita de pêsames. Afinal, quando a velha morreu eu dei uma nota na *Gazeta*, conforme Antonieta me pediu.

— Santo Deus, Oswaldo, pense bem! A Antonieta é professora da Kamiá e, para todos os efeitos, a relação da família é com ela. Já corremos um grande risco indo àquela festa de aniversário. Se aparecermos por lá de novo, com certeza vai dar na vista. Sem contar que, se a Kamiá souber através da Antonieta, perceberá imediatamente do que se trata e armará mais um escândalo na sua

casa.

Com esses argumentos e a muito custo o convenci a esperar mais um dia. Esperar era o ato mais difícil para ele e a simples menção da palavra quase que o ofendia. No fim, acabou concordando que seria mais sensato aguardar o dia seguinte e, caso ela não aparecesse, pensaríamos o que fazer. Como ele não teria paciência para esperá-la sozinho, no dia seguinte saí um pouco mais cedo do escritório do dr. Otto e fui lhe fazer companhia na praça da República. Para a sorte de Oswaldo, que, eu bem sabia, não seria capaz de esperar nem mais um minuto, a greve preencheria os dias de luto de Daisy e na terça-feira ela voltou à escola, com muitas novidades.

— Rapazes, estou exilada — disse tão logo se juntou a nós.

— Como assim? — Oswaldo e eu perguntamos quase em uníssono.

— Acabo de mudar-me para o Brás! Minha tia Rosa, que cuidou da vovó enquanto ela esteve doente, voltou para a casa dela e agora, sem a minha avó para se responsabilizar por mim, minha mãe decidiu que eu devo morar com a tia Izabel, irmã dela no Brás. Ela também é professora.

— No Brás? — Oswaldo exclamou, já antevendo novas dificuldades. — E a escola?

— O marido da tia Rosa, que é diretor do Grupo Escolar do Brás, disse que poderia me transferir facilmente para a Escola Normal de lá, mas mamãe não quis. Disse que só me falta um ano para obter o diploma e que a escola da Praça tem muito mais renome. Eu já estava me preparando para brigar muito, mas pelo menos isso eu consegui. Porém tive que me mudar. Mamãe acha que o meu tio, sem a vovó, não pode se responsabilizar por mim. Além do mais, ele é viúvo e já tem as filhas dele para se preocupar. Agora preciso andar um pedaço a pé e aguentar quarenta minutos de bonde.

— E essa agora?... — disse Oswaldo, pego totalmente de surpresa.

— Bem, agora eu tenho que apanhar o bonde o mais rápido possível. Minhas colegas estão me esperando. A tia Ziza é uma águia e controla até os minutos. Se eu me atrasar, vai ter.

No dia seguinte, os dois se reencontraram na saída da escola e dessa vez Oswaldo exigiu de todas as maneiras que ela fosse vê-lo na garçonnière. Para convencê-la, ameaçou segui-la até sua casa e ficar ali até que ela saísse. Não sei se temendo que Oswaldo se excedesse ou se movida pelo seu espírito aventureiro, o fato é que Daisy concordou em ir à garçonnière no dia seguinte. Como fugir da aula depois do intervalo quase havia provocado um desastre na

primeira vez e diante da nova situação os riscos seriam ainda maiores, ela resolveu simplesmente não assistir a aula nenhuma e cabular aquele dia. Só teria que estar na praça às quatro e meia para encontrar, na saída, as amigas que também moravam no Brás e que voltariam com ela para casa. Se alguém a visse desembarcar com as colegas, não desconfiaria. Assim poderia passar a tarde inteira na garçonnière. Porém, para a contrariedade de Oswaldo, impôs uma condição. Só iria se eu estivesse junto e permanecesse com eles o tempo todo. Se não, nem entraria. Pelo tom que ela usou e considerando a sua ansiedade, Oswaldo concluiu que isso era melhor do que nada e concordou, naturalmente sem nem me consultar. Quando à noite me contou a história, eu me surpreendi.

— Ora, Oswaldo, só me faltava essa. Servir de castiçal para segurar a vela para vocês! Além do mais, o dr. Otto já não engole tão facilmente as minhas desculpas e não tenho como abandonar o escritório a tarde inteira para fazer as honras para um casal de enamorados. Você me desculpe, mas isso eu não vou fazer de maneira nenhuma. Pode tirar o cavalo da chuva. De jeito nenhum! — eu disse com toda a convicção de que dispunha.

Mas Oswaldinho era terrível e tanto fez que acabou me convencendo a lhe fazer aquele favor apenas daquela vez. Ele já estava conformado com a ideia de que Daisy não voltaria a ficar sozinha com ele em nosso Covil e, sendo assim, eu seria mesmo a melhor companhia possível. De mais a mais, o escritório do dr. Otto já não tinha lá muitos atrativos para mim e eu já havia feito um concurso para a Polícia e esperava ser aprovado. Depois de tanto tempo, minha paciência para a rotina estéril do trabalho havia se esgotado e eu aproveitava, devo confessar, qualquer oportunidade, por menor que fosse, para escapar. Passar o tempo lendo infundáveis processos de inventário, a especialidade do dr. Otto, ir ao fórum e percorrer repartições públicas, recolher taxas, pagar custas, pedir isenções havia se transformado num fardo insuportável para mim. Eu sentia que o tempo que eu perdia ali me era roubado das grandes coisas que eu certamente estaria fazendo caso não fosse obrigado a estar lá todos os dias. Ainda assim, foi a contragosto que aceitei o arranjo, que quase a pulso, me fez engolir.

Na quinta-feira, inventei uma desculpa qualquer, pedi que Almeidinha avisasse o dr. Otto da minha ausência e, conforme o combinado, fui me encontrar com Oswaldo. Não era ainda meio-dia e meia quando cheguei à garçonnière e ele já estava lá, a postos. Para passar o tempo e tentar diminuir a ansiedade dele, fomos tomar um café no Colombo em frente ao nosso prédio. Dali poderíamos observar toda a ladeira da Líbero Badaró e veríamos quando Daisy chegasse.

A Líbero era então uma das ruas mais modernas e imponentes da cidade, não lembrando em nada a velha rua de São José da nossa infância. Tinha muitas lojas novas e os pedestres lotavam suas calçadas, dificultando nossa vigília. Embora estivesse fora do Triângulo, que concentrava o melhor do comércio e os principais endereços da cidade, era muito larga e os prédios novos e elegantes que dominavam ambos os lados da rua davam-lhe certo ar londrino. Era movimentadíssima a Líbero, bondes subiam e desciam sua ladeira a todo instante. Guardava muitas marcas do passado e do nosso lado ainda sobreviviam algumas casas antigas e, na esquina da São João, um velho sobrado colonial resistia bravamente às mudanças e mantinha na fachada um grande lampião a óleo que, em outros tempos, devia ter iluminado aquela esquina. Do lado oposto, os suntuosos prédios novos ocupavam a rua de ponta a ponta e, no alto da ladeira, dominavam os dois grandes palacetes gêmeos em estilo francês do conde Prates, que, junto com o viaduto e o Municipal, compunham o cartão-postal da cidade.

— Já é quase uma hora e esse diabo de mulher que não vem! — exclamou Oswaldo, impaciente. — Com certeza não vai aparecer.

— Calma — eu disse. — As alunas entram ao meio-dia e meia e, se ela foi até a escola, vai gastar uns quinze minutos, no mínimo, de lá até aqui, a pé. Tenha paciência.

Porém, cansado de esperar, Oswaldo não conseguiu mais permanecer no café e, enquanto eu pagava a conta, foi para a calçada tentar ver, em meio aos bondes e transeuntes, se ela aparecia.

Olhávamos a ladeira na direção do viaduto, quando Daisy nos surpreendeu pela retaguarda, vinda do Anhangabaú.

— E então, rapazes, os fiz esperar muito?

— Vinte e três dias! — respondeu Oswaldo, que certamente tinha essa conta na cabeça.

— Ué, mas por que você veio cá por baixo? — perguntei.

— Achei melhor. Tenho que tomar muito cuidado agora. Fui com a tia Rosa almoçar na casa das minhas primas, na rua Olinda, pois fazia dias que não nos víamos. Na hora do almoço, tio Antônio disse que tinha umas questões para resolver na Cidade e faria isso no caminho, antes de chegar na Economizadora. Não quis me arriscar. Imaginem se cruzei com ele no viaduto! Achei melhor vir pela rua Ipiranga e descer a São João. Se alguém me pega na rua na hora das aulas, seria um desastre. Minha tia Ziza é muito desconfiada e vocês não fazem

ideia de como me vigiam. Ela e a tia Rosa sempre disseram que a vovó me dava muita liberdade.

Enquanto ela dava essas explicações, entramos no nosso prédio. Graças a Deus Fiore não estava em seu costumeiro posto de observação, junto à porta de entrada, e não nos viu chegar com Daisy no seu inconfundível uniforme. Pippo, à porta do elevador, já ia abrindo sua boca enorme para esboçar um comentário, mas engoliu o que ia dizer quando viu minha cara séria. De todos nós, a única que parecia à vontade era ela. Oswaldo um pouco sem jeito e muito contrariado por ter que dividir o seu tão esperado encontro romântico comigo; e eu, por estar naquela situação de tia velha que acompanha um casal de namorados. Daisy, no entanto, não fazia caso de nada disso e, logo que entramos na garçonnière, foi vasculhando os discos espalhados sem ordem sobre os móveis e rapidamente pôs um deles na fonola e nós ouvimos:

*It's a long way to Tipperary,
It's a long way to go.
It's a long way to Tipperary
To the sweetest girl I know!
Goodbye Piccadilly,
Farewell Leicester Square!
It's a long long way to Tipperary,
But my heart's right there.*

Era uma canção inglesa sobre um irlandês que deixou na aldeia natal sua doce namorada. Durante aqueles anos de guerra, a canção tornou-se muito popular entre os soldados britânicos. Passamos a ouvi-la sempre e Daisy a punha para tocar assim que chegava. Tipperary transformou-se em símbolo dos nossos desejos, era a nossa meta, nosso lugar de sonho. Cada um de nós tinha o seu. Podia ser um livro, um cargo de delegado — como era o meu caso naqueles dias —, uma conquista amorosa ou outra coisa qualquer. O fato é que todos tinham um Tipperary que desejavam alcançar e a música acabou se tornando o hino do nosso grupo. Depois que a Cyclone entrou em nossas vidas nós a cantávamos sempre e quase que por qualquer motivo e, embora eu nunca tenha ouvido aquela música fora do nosso Retiro da Líbero Badaró, ela está presente dentro de mim até hoje e posso ouvi-la nitidamente em meus pensamentos, com o mesmo som fanhoso da fonola de Oswaldo.

*It's a long way to Tipperary,
It's a long way to go.
It's a long way to Tipperary
To the sweetest girl I know!*

— Quero ouvir todos os discos que o Paulo Victor esconde no seu covil — ela disse, admitindo que havia lido a carta que Oswaldo mandara para ela no último número do *Pirralho*.

Fora isso, não fez mais nenhum outro comentário sobre o assédio que lhe fazia o pobre Oswaldinho. Ela se aproveitava da minha presença, que obviamente tolhia os arroubos do Oswaldo, e passamos aquela tarde inteira ouvindo discos e falando de coisas sem importância. Entre um assunto e outro, fazia mil perguntas sobre tudo e queria saber nossa opinião. Para a minha surpresa, ela havia lido um dos contos que eu publicara no *Pirralho* dois anos antes e se lembrava dele. Também acompanhava nossa enquete sobre Fradique Mendes, que os mais notórios da nossa roda publicaram na revista. Sem que nos déssemos conta, mantivemos com ela uma conversa exatamente igual àquelas que tínhamos todos os dias, discutindo literatura e os acontecimentos cotidianos. Oswaldo, um pouco complacente de início, ao final discutia como nas nossas noites no Guarany e, sem que percebêssemos, conversamos como se ela fosse um de nós e não uma moça que ele queria impressionar ou seduzir. Às quatro horas da tarde, ela se levantou e disse que iria embora. Não permitiu que a acompanhássemos e contou que faria o mesmo caminho da vinda, dando uma larga volta para fugir das ruas mais movimentadas, onde alguém poderia vê-la e denunciá-la. Fomos com Daisy apenas até o elevador e quando ela desceu ficamos ali parados olhando um para o outro sem saber muito o que dizer. Eu precisava voltar ao escritório do dr. Otto antes do fim do expediente e Oswaldo iria para a *Gazeta*. Simplesmente fechamos o apartamento e saímos. Quando entramos no elevador o Pippo estava ansioso por saber das novidades e quem, afinal, era aquela moça, mas Oswaldo não deu trela e o menino calou-se. Nos despedimos rapidamente.

À noite, quando nos encontramos no Guarany, todos queriam saber como havia sido o tão aguardado encontro. Edmundo, Guy, Ferrignac e Jairo, os mais assíduos na nossa roda naqueles dias, nos encheram de perguntas, principalmente para mim, que ficara na ridícula posição de assistente dos amores do Oswaldinho. Depois de muita amolação, tudo o que pude dizer foi que Daisy era muito diferente de todas as moças que conhecíamos.

Depois daquele estranho encontro a três, eles continuaram a se encontrar rapidamente nas saídas das aulas e Oswaldinho não perdia a oportunidade de insistir para que ela voltasse à garçonnière. Mas ela não podia faltar mais à escola sem dar muito na vista e, além disso, no final do mês haveria provas e ela

precisava se preparar. Sendo assim, levou semanas para que ela pudesse anunciar que voltaria a visitar o nosso Retiro e, para a renovada decepção de Oswaldo, novamente fez a ressalva de que só iria nas mesmas condições anteriores e não ficaria com ele sozinha. Porém, dessa vez não seria eu a acompanhá-los. Finalmente eu havia sido aprovado no concurso para delegado de polícia e precisava comparecer à Secretaria de Justiça naquele exato dia para entregar documentos e tomar diversas providências. Se tivesse sorte, no ano seguinte conseguiria ser nomeado para alguma delegacia do interior e me livraria de vez do dr. Otto, do Almeidinha e de todos aqueles processos cacetes que me azedavam a vida naqueles dias. Eu queria — e era isto que estava negociando — ser designado para uma delegacia da minha região ou pelo menos próxima à minha terra, onde ainda tinha parentes da minha mãe e me sentiria mais à vontade. E, naturalmente, desejava ir para uma cidade onde houvesse trem, de preferência o mais direto possível, para São Paulo.

O maior receio dos novos delegados era ser nomeado para um local distante das linhas férreas, onde às vezes era preciso viajar dias a cavalo para chegar ao posto. Precisava me empenhar muito e usar todos os meus contatos, os do meu pai e até de amigos para conseguir uma boa colocação. Embora estivesse animado com a ideia de me livrar do dr. Otto e me tornar autoridade, não queria de maneira nenhuma ficar tão longe de São Paulo que não pudesse vir à cidade com certa facilidade e acabasse por me afastar da minha roda e dos meus contatos na capital. Eu tinha certeza de que este novo cargo seria apenas uma etapa na minha vida e iria me garantir uma posição conveniente, enquanto a minha primeira literatura não desse os seus frutos.

Como eu não poderia ir, o Edmundo, o único de nós que ainda cursava a Academia e não tinha impedimentos de trabalho, se dispôs a assumir, naquele dia, o original papel de testemunha dos amores do Oswaldo. Na realidade, tanto quanto os outros, ele estava curiosíssimo para conhecer essa novidade e o reclame que eu fizera de Daisy atiçava a imaginação de todos. Edmundo acabou sendo o escolhido, mas no final Guy deu um jeito de também aparecer e ambos a conheceram. O efeito que ela causou neles foi igualmente extraordinário e, como eu, nossos amigos também invejaram a descoberta de Oswaldinho. Com mais esse reforço de propaganda, o resultado foi que todos queriam vê-la e terminamos por combinar que na próxima visita iríamos estar lá para recebê-la. Com essa perspectiva de audiência, Daisy marcou uma nova ida à garçonnière para logo depois das provas daquele mês. No dia combinado, além de mim e de Oswaldo, compareceram Guy, Edmundo e Ferrignac. Apenas Ignacio ainda não

a conhecia, mas como falássemos muito dela, ele a desenhou tendo como base as nossas descrições animadamente relatadas numa noite no Bar Viaducto. Num dos encontros em frente da escola, Oswaldo lhe deu de presente o desenho.

Quando Daisy entrou na garçonnière trazida pelo Oswaldo, que a fora esperar na porta, ela logo se dirigiu a Ignacio.

— Ah! Este é o nosso artista da pena! Eu soube que, mesmo sem me conhecer pessoalmente, andou me desenhando. Que falta de modelos! Acho que o senhor, como artista, dá pena!

Foi assim que ela foi entrando e se viu envolvida pela nossa curiosidade, conquistando a todos. Naqueles tempos, havia a mania dos trocadilhos e dos jogos de palavras. Entre a juventude que se considerava culta, era uma forma de demonstrar agilidade de raciocínio e às vezes até alguma erudição. Éramos exímios nessa arte e ela, que sabia disso muito bem, fez questão de marcar sua chegada à nossa roda usando as mesmas armas que usávamos.

Acho que essa era a sua maior preocupação nesses primeiros encontros conosco. Ela queria ser vista de alguma forma como uma de nós, embora na época não percebêssemos, ou melhor, não entendêssemos isso. Para o nosso grupo de rapazes, ela era um pássaro raro, de um tipo que nunca havíamos visto igual, que por algum capricho do destino viera pousar no nosso meio e a qualquer momento poderia voar para longe. Ela, muito ao contrário, não pensava assim. Queria ser uma de nós e viver, ainda que em parte, a vida que vivíamos.

Ainda hoje, passados tantos anos, penso nesse estranho mistério que foi sua chegada ao nosso círculo e o domínio que ela assumiu instantaneamente sobre nós. Todos se apaixonaram por Daisy, sem exceção. É claro que seu par oficial era Oswaldo, que a descobriu e que de certa forma a namorava. Ele até já a havia beijado, coisa que naqueles dias era um avanço tremendo, pois a maioria dos casais só se permitia um primeiro beijo depois do noivado com casamento marcado e olhe lá! Mas a realidade é que todos fomos atingidos pela força da sua presença e até o Lobato — muito mais velho do que nós, casado, com filhos, responsabilidades *etc.* e cuja vida boêmia terminava com o cair da tarde, quando ia para casa jantar com a família —, assim que a conheceu, uns dias depois, também se encantou com ela imediatamente, como os outros.

Muitas vezes ao longo da vida, quando me recordo daqueles anos felizes, ainda me pergunto o que a levou a visitar o Covil e se misturar ao nosso grupo. Era um passo arriscadíssimo para uma moça daquele tempo. Quando, na época em que conversávamos quase todos os dias, eu quis saber isso, ela me deu uma resposta que eu não consegui entender.

— Quando entrei pela primeira vez no Covil dos Gravatas, sabia que a partir daquele momento a minha vida passaria a ser somente minha; que eu estava pela primeira vez, e para sempre, me separando da minha existência anterior, da minha família e de tudo aquilo que eles queriam que eu fosse e que eu não queria ser. Era a minha vida, a minha vida verdadeira, aquela que me pertencia exclusivamente, que começava — ela me disse, muito séria, numa tarde em que a acompanhei no bonde muito tempo depois. — Nunca nenhum deles poderia mais saber de mim, o que eu fazia, aonde eu ia, o que eu pensava, nem minha mãe, nem minhas tias, meus irmãos, meus primos, ninguém. A minha vida daquele momento em diante passava a ser só minha e o destino deles era nunca saber nada que fosse completamente real a meu respeito. Eles estavam fadados a conhecer apenas a Dasiinha, a que eles viam em casa todos os dias. A outra só eu conheceria e só eu controlaria.

Na época achei tudo um pouco bizarro e não percebi claramente o que ela pretendia dizer. Hoje acho que compreendo um pouco melhor.

14. Nossa miss

Aos poucos ela foi entrando mais e mais em nossas vidas. Agora já era oficialmente a Miss Cyclone, como Oswaldo a tinha apelidado nas primeiras cartas que lhe escreveu através do *Pirralho*. Ele sempre teve grande poder de síntese e esta talvez fosse sua maior qualidade quando escrevia e que ficou muito visível quando mais tarde começou a fazer poesia. Nenhum apelido cairia melhor para Daisy e refletiria tão bem o que ela era para nós do que aquele. Ela de fato entrara em nossa vida como um ciclone e revirara muitas das nossas certezas apenas com a sua simples presença.

Embora lhe fosse muito custoso e arriscado faltar às aulas da Escola Normal, principalmente no final do ano, quando as provas se acumulavam, ela nos visitou ainda mais duas ou três vezes e, nessas ocasiões, nosso encontro foi planejado com todo o cuidado e ansiosamente aguardado. Em geral todos comparecíamos e essas visitas acabavam sendo objeto das nossas conversas por vários dias. Mas para ela era cada vez mais difícil fugir das aulas e da vigilância da família para estar conosco. Mesmo os encontros com Oswaldo foram sendo reduzidos, pois Daisy agora temia efetivamente ser descoberta e já não queria colocar em risco a possibilidade de fugir da sua rotina de normalista e poder frequentar a companhia daquele grupo de quase literatos que faziam um contraste tão grande com sua vida caseira e a aproximavam do mundo intelectual e literário do qual ela sonhava fazer parte.

Naquele final de 1917, o mundo, a nossa cidade e nós mesmos vivíamos num turbilhão. Cada um dos membros da nossa roda lutava furiosamente para terminar sua primeira obra literária. Apesar de Guy e Oswaldo já terem publicado um livro de pequena tiragem, com as duas peças em francês que haviam escrito nas noites no Bar Viaducto e no Café Suisso, ainda se consideravam quase inéditos, porque as suas verdadeiras obras, aquelas nas quais eles colocavam todo o seu esforço, não estavam prontas. Oswaldo escrevia e reescrevia as *Memórias sentimentais*, da qual o *Pirralho* chegou a publicar um

capítulo inteiro. Além desse romance, tinha em projeto várias outras obras, inclusive peças de teatro, mas, assim como os outros não se sentia capaz de dar por terminada nenhuma delas. O mais adiantado era Guy, que possuía pilhas de sonetos, muitos dos quais publicados também no *Pirralho* e em outras revistas da cidade, e que iria lançar seu primeiro livro antes do final daquele ano. Eu lutava por dar forma aos meus romances e arriscava apenas publicar alguns contos nas revistas, mas meu livro... bem, este estava longe de ficar pronto. Ferrignac preparava uma grande exposição de seus desenhos. Léo Vaz, que se incorporou ao nosso grupo naqueles dias, vindo do interior, já tinha bem adiantado um romance baseado em sua antiga vida de professor primário e o Edmundo trabalhava numa série de contos sobre o passado da cidade, embora ele, ainda cursando a Academia, não tivesse, como nós, tanta pressa em se fazer lido.

A nossa cidade, depois do impacto dos eventos de julho, constataria com bastante surpresa que os operários existiam de fato e não eram apenas parte da paisagem, como as chaminés fumegantes das fábricas, e poderiam eventualmente influenciar a vida de todos com a simples força da sua união. A cidade, assim como todos nós, foi surpreendida pela erupção explosiva da greve, que ninguém esperava e, sobretudo, ninguém imaginava que pudesse ter alcançado o vulto que tomou. A greve, porém, foi uma tempestade imprevista e, passado aquele choque inicial, o que realmente mobilizava os nossos corações não era o conflito social que explodira bem debaixo dos nossos olhos e que pudemos assistir de camarote sem muito compreender, mas sim a guerra na Europa e, sobretudo, naquele ano, a possibilidade da entrada do Brasil no conflito.

Todos éramos a favor da Entente contra as Potências Centrais e, na Academia e nas ruas, a discussão fervia, com os estudantes cada dia mais exaltados em favor da França. Éramos todos francófilos, acompanhando com grande interesse a cobertura da guerra pelos jornais, e todas as semanas aguardávamos os longos artigos de Júlio Mesquita no *Estado*, resumindo o desenrolar da guerra europeia. Desde o início daquele ano, os ânimos da cidade se exaltavam contra os ataques dos submarinos alemães aos navios brasileiros e, por incrível que pareça, também com o cônego Valois de Castro, senador estadual que, nos dias seguintes a um dos torpedeamentos de navios brasileiros pelos submarinos alemães, foi visto cumprimentando amistosamente o diretor do *Deutsche Zeitung*, o *Jornal Alemão*. Esse ato, em outras circunstâncias corriqueiro, serviu de estopim para um sem-número de manifestações públicas e arruaças durante todo aquele 1917. Para os estudantes e boa parte da opinião pública paulistana, a luta contra a

Alemanha era essencial e indispensável para a satisfação da honra nacional e também tinha lastro em nossas raízes culturais, totalmente fincadas na tradição francesa. Discutíamos a guerra como se de fato estivéssemos envolvidos nela e os ânimos muitas vezes se exaltavam. As lutas dos operários foram rapidamente esquecidas e todos nós estávamos mobilizados pelas discussões sobre a guerra na Europa.

Todos menos Oswaldo, que sempre fora um cético e fazia troça do nosso entusiasmo guerreiro. Ele tinha cada vez mais olhos apenas para a Miss Cyclone, embora agora só a visse com dificuldade e os seus rápidos encontros fossem cheios de cuidados. Era visível que estava a cada dia mais envolvido com ela e ele, sempre tão ousado, agora tomava mil cuidados para que o seu romance não fosse descoberto e sobretudo não provocasse a ira familiar que poderia afastar Daisy definitivamente. Ela, assim como a bailarina, também era menor de idade e havia acabado de completar dezessete anos. Se a relação entre os dois ficasse conhecida, as consequências poderiam ser mais uma vez terríveis. Sabendo bem disso, diferentemente dos primeiros tempos, quando ambos faziam alarde da própria ousadia e se exibiam de forma provocativa, desafiando a tudo e a todos, ele agora evitava ser visto com ela em público e seus encontros eram cada vez mais furtivos e planejados com cuidado. Mas era difícil para ela faltar às aulas sem chamar a atenção. Enquanto morou na rua Olinda, com a avó muito doente e a tia ocupada em cuidar dela, Daisy desfrutara de uma relativa liberdade e a família, preocupada com a velhinha, não a vigiava tanto. Em sua nova casa no Brás, a tia professora era muito mais severa e a controlava atentamente.

Se os contatos entre eles já não eram fáceis, não lhes faltava a imaginação necessária para superar os obstáculos. Em pouco tempo, Daisy inventou outro estratagema para fugir da vigilância e se encontrar conosco. Olga, colega de classe que morava na rua Major Sertório, a meio caminho entre a rua Olinda e a escola, logo se tornou sua cúmplice. Antes de nos conhecer, elas haviam estudado juntas e uma vez, como Daisy nos contou, Olga até havia almoçado na casa dela. Ela também esteve no enterro da sua avó e a sua tia Ziza a conheceu. Embora morassem próximas, Olga era filha de um médico da Santa Casa e as respectivas famílias viviam em mundos diferentes e não havia grande risco de se cruzarem.

Olga, portanto, era um disfarce perfeito e um dia Daisy avisou ao Oswaldo que convencera a tia a deixá-la estudar de manhã na casa de Olga para uma prova e que, com esse artifício, ela poderia almoçar no Retiro. Ela chegaria às nove horas e todos nos preparamos para estar ali, a postos. Até Lobato prometeu

largar mais cedo a *Revista do Brasil* e comer conosco.

Entretanto, não tinha sido fácil encontrar uma forma de ir à casa de Olga, pois não havia ninguém para acompanhá-la, a tia dava aulas de manhã e nem cogitava permitir que Daisy fosse à Cidade sozinha: “Tomar bonde desacompanhada nem pensar!”. Naquele tempo, uma moça não saía sozinha de casa e mesmo mulheres mais velhas não andavam desacompanhadas. Não era aceitável que uma senhora que fosse fazer compras, por exemplo, saísse sem a companhia de um filho ou de uma pessoa mais velha, mãe, sogra ou uma tia solteira, personagens presentes em praticamente todas as casas. As moças podiam ir à escola desde que formassem um grupo de colegas e depois voltassem juntas. Nenhuma família permitiria que uma normalista tomasse um bonde sozinha e portanto Daisy só poderia ir à casa da Olga se arrumasse alguém para acompanhá-la. Assim, o plano não teria dado certo se o acaso não a tivesse favorecido. Dona Aurora, uma vizinha do Brás, comentou casualmente que precisava ir à Cidade para ver uns colchões que se vendiam na rua do Arouche a preço muito em conta, para a filha mais nova que, já crescida, pedia cama de gente grande. A vizinha se prontificou a acompanhar Daisy e foi a salvação do nosso almoço com a Cyclone. Como ela era hábil e insinuante, não foi difícil desvencilhar-se de dona Aurora, que, acompanhada da filha, não estava com muita vontade de caminhar da praça da República, onde desceram do bonde, até a rua Major Sertório, alguns quarteirões acima. Como Daisy garantisse que da praça até a casa da amiga ela não levaria mais de cinco minutos, e sobretudo porque a filha não era dela, dona Aurora concordou em deixá-la seguir sozinha o resto do caminho. Tão logo se viu livre da vizinha, Daisy deu meia-volta e foi nos encontrar no Covil do Oswaldinho, novamente descendo a São João e evitando o Viaducto sempre repleto de gente e onde haveria o sério risco de ela ser vista por algum conhecido.

Oswaldo havia encomendado um grande almoço no Colombo logo cedo. Ela foi pontual dessa vez. Para chegar ao nosso Covil, Daisy, como todos nós, teve de atravessar uma cidade festivamente embandeirada. Na maioria dos estabelecimentos comerciais, em todos os bancos e até nas redações dos jornais, havia bandeiras brasileiras e paulistas hasteadas. Várias lojas tinham as vitrines decoradas com temas patrióticos e em muitas delas viam-se também a bandeira francesa e, um pouco mais raramente, bandeiras inglesas. A explicação é que naqueles dias, o navio brasileiro *Macau* fora torpedeado por um submarino alemão e a indignação popular chegou ao auge. O governo brasileiro, que já vinha sendo muito pressionado, declarou finalmente guerra à Alemanha e um

furor guerreiro tomou conta da cidade. Na Academia, há dias não havia aulas e todo o tempo era dedicado a discussões, discursos e manifestações da Liga Nacionalista. Formavam-se batalhões acadêmicos e o clima na Escola Normal não era muito diferente, com os alunos recebendo treinamento militar precariamente ministrado pelo Tiro de Guerra da Vila Buarque. Daisy também trouxe novidades:

— O Américo de Moura deu à luz mais um hino. Ontem, na aula, nos fez copiar outra grande obra patriótica da sua lavra e vamos ter que cantá-la hoje, imaginem!

— Estes asnos acham que a entrada do Brasil na guerra não só é útil como pode ser decisiva — observou Oswaldo. — O *Correio Paulistano* deu, esses dias, que na França a nossa declaração de guerra à Alemanha causou grande júbilo e tremenda repercussão. Como se os franceses ou alemães, depois de tudo que vem acontecendo na Europa nesses anos, fossem agora se preocupar com este longínquo pedaço da América do Sul.

— Mas a entrada dos Estados Unidos trouxe um novo ânimo aos aliados... — começou a dizer Edmundo. Oswaldo nem lhe deu tempo de terminar a frase.

— Os Estados Unidos têm marinha, exército, máquinas, aviões, os irmãos Wright, Edison, Ford, a General Electric e os apaches! Aqui, até os nossos índios, depois que comeram o bispo Sardinha, ficaram enfasiados. O que podemos fazer nós pela guerra? Mandar café para manter os soldados franceses acordados? Ou mandar o Lessa e o Steidel à frente dos batalhões da Liga Nacionalista, para mostrar aos franceses como é que se ganha uma guerra?

Quando Pippo e um garçom do Colombo trouxeram o almoço, chegou também o Lobato, acompanhado do Léo. Traziam garrafas de vinho alemão e Lobato bradava:

— Brasil invicto, avante! Ao Reno, ao Reno! Devemos formar imediatamente um batalhão e ter a Miss como madrinha, como fizeram os acadêmicos com a srta. Penteado. Poderíamos desfilar na rua Líbero e convidar o Washington Luís, que é amicíssimo do Oswaldinho, para presidir a cerimônia.

— Vejam vocês — eu disse. — Já temos os batalhões do Colégio Salesiano, cuja madrinha é a filha do Altino Arantes, e ontem o *Correio* deu que um batalhão de guerra do Mackenzie irá desfilar pela cidade nesses dias. A madrinha não me ocorre quem seja, porém tenho certeza que nenhuma delas teria a força ciclônica da nossa Miss.

O almoço seguiu assim. Daisy monopolizava a atenção de todos e,

principalmente, a de Oswaldo, que a exibia com orgulho e a enchia de gentilezas. Mas não só ele; todos nós fazíamos o mesmo. Depois que ela se foi para a Escola Normal, ficamos ainda quase a tarde toda conversando. O assunto, além da guerra, era ela, naturalmente.

Daisy ainda nos visitou mais uma vez, fugindo das aulas, mas foi uma visita rápida e ela não pôde ficar nem meia hora. O ano letivo estava acabando e ela tinha as provas com que se preocupar. Um pouco antes do final do ano, depois de muitas idas e vindas, ela finalmente conseguiu marcar outro almoço conosco no Covil da rua Líbero. Todos nos preparamos, mas no dia combinado ela simplesmente não apareceu. No dia seguinte soubemos pelo Oswaldinho que a tia megera do Brás, por algum motivo, havia desconfiado e não permitiu que ela fosse novamente à casa da Olga, a colega que a acobertava. Pior: com a desculpa de que havia compras a fazer na Cidade, a tia foi com ela até a escola e mais tarde a esperou na saída, para voltarem juntas para casa. Daisy, muito espertamente, explicou tudo isso para o Oswaldo — que sabia com certeza que estaria esperando por ela — num bilhete que fez uma de suas colegas entregar a ele antes que ela saísse. Enquanto elas faziam hora no corredor da saída, a pobre menina, apavorada, foi até Oswaldo e lhe entregou depressa o bilhete. Alertado, ele apenas acompanhou de longe a saída dela junto com a tia e as colegas e as viu subir no bonde para o Brás. Com o final do ano e as provas, não conseguimos mais vê-la e um dia Oswaldo anunciou que ela ia embora.

— Seu Pedro, agora que as aulas acabaram ela vai passar as festas no interior, na casa da mãe e só volta no ano que vem. Com a avó morre, não morre, ela não foi ver a mãe e os irmãos nas férias do meio de ano, mas agora não tem jeito. Amanhã ela embarca com essa outra avó para Cravinhos e eu fico aqui à espera. Ela disse que vai escrever aqui para o Covil. Vamos ver.

15. O perfeito cozinheiro das almas deste mundo

Aquele poderia ter sido para mim um verão como qualquer outro, porém foi o último verão da minha juventude. Eu ainda não tinha como saber, mas aqueles dias seriam os últimos da fase risonha da minha vida. Eu me preparava para assumir meu cargo de delegado de polícia e teria, necessariamente, que me mudar de São Paulo para alguma cidade no interior. Minha angústia era saber para qual delas. Havia de vários tipos, das moderadamente progressistas às cidadezinhas perdidas num fim de mundo qualquer, que só se podiam alcançar depois de três ou quatro dias de viagem, a maior parte a cavalo. Havia, claro, alguns postos vagos em cidades boas, mas esses eram ferozmente disputados, inclusive pelos delegados já em exercício, que procuravam se transferir para uma cidade melhor. O que mais me assombrava era o caso do Rebelo, um dos rapazes que conhecemos na Academia e que por algum tempo fez parte do nosso círculo. Ele era já veterano quando entramos e, no ano em que me formei, foi nomeado delegado de uma pequena cidade perdida no mapa, quase nas barrancas do rio Paraná. Depois que tomou posse, desapareceu do nosso meio e praticamente nunca mais ouvimos falar dele. Aparecia em São Paulo uma vez por ano, quando muito, e numa dessas ocasiões, quando nos encontramos na rua Quinze, seu relato foi um rosário de queixas sobre a solidão e o isolamento no fim de mundo em que morava, onde o correio chegava apenas uma vez por semana e ele só podia ler o *Estado* — o único jornal que se recebia na cidade — com no mínimo dez dias de atraso. Ele, sempre muito elegante, com uma sólida fama de dândi e de renomado conquistador, vestia-se agora de maneira simples e quase desleixada, que em nada lembrava aquele rapaz que brilhara nos cafés e nos teatros da nossa juventude. Soube depois que, passados dois anos no posto, acabou por se casar com a filha do maior fazendeiro da região, que não por acaso era também o chefe político local e fazia muito gosto que a filha se casasse com o delegado da cidade, unindo o útil ao agradável. Uma vez arranjado na cidadezinha, já não pretendia voltar. Esse exemplo me apavorava e eu estava

disposto a lutar por um destino melhor. Graças aos muitos pistolões que consegui reunir e com a ajuda de Oswaldinho, que obteve para mim uma audiência com o prefeito Washington Luís, ex-secretário de Justiça e ainda muito influente na Polícia, pude garantir — depois de semanas de peregrinações pelos gabinetes do poder — uma nomeação para Tatuí, cidade onde passei parte da infância e na qual ainda tinha parentes da família da minha mãe. Uma verdadeira sorte grande!

Tatuí era uma cidade que eu conhecia bem. Ela havia se desenvolvido muito nos últimos anos, tinha mais de vinte e cinco mil habitantes e era já uma comarca, com juiz, fórum e o mais importante: uma estação da Estrada de Ferro Sorocabana e um trem diário que alcançava São Paulo em pouco menos de quatro horas onde, no final da tarde, se podia obter os matutinos da capital. Para mim era o ideal. Conseguir um posto tão privilegiado foi um feito notável e, com isso, meus principais problemas pareciam resolvidos, já que a minha maior preocupação era não ficar tão longe de São Paulo a ponto de tornar difícil a vinda para a capital, onde estava tudo o que me atraía e me interessava. Além do mais, como delegado, eu ganharia, de início, mais de trezentos e cinquenta mil-réis por mês, o que, se não era uma fortuna, era bem mais do que eu recebia do dr. Otto. Isso sem mencionar o fato de que agora eu seria uma autoridade importante na cidade onde havia passado os primeiros anos de minha infância. E, por cima de tudo, eu sabia que como servidor público eu teria o futuro garantido e livre de preocupações com a sobrevivência. Tudo, como se vê, ia se encaminhando conforme os meus projetos e a vida seguia risonha, como Oswaldo costumava dizer. É sempre muito fácil para a gente se embriagar com as próprias ilusões. Embora já fôssemos mais maduros e muita coisa houvesse acontecido em nossas vidas, mantínhamos naqueles dias muito da alegria e do otimismo dos anos iniciais da nossa juventude.

Apesar da declaração de guerra do Brasil à Alemanha e do clima de exacerbação patriótica no qual o país e a nossa cidade se envolveram, a vida cotidiana seguia seu curso costumeiro e, afora as bandeiras que tremulavam nas ruas e nos espíritos mais aguerridos, nada aparentemente havia mudado. A declaração de guerra ia se transformando em mera formalidade diplomática, sem que houvesse providências para uma efetiva participação brasileira no conflito, além da formação de batalhões patrióticos nas escolas e discussões vagas sobre como se faria a defesa do Rio de Janeiro. Nisso, até Santos Dumont chegou a ser consultado e deu opiniões pelos jornais a respeito da melhor localização para o

campo de aviação da capital federal e sobre a instrução dos futuros pilotos. E só. No entanto, alguns mais severos defenderam também pelos jornais que o Carnaval daquele 1918 — com o país em guerra e em respeito aos marinheiros mortos no torpedeamento dos nossos navios — deveria obedecer ao clima de mobilização e não se poderia pensar em grandes bailes e diversões públicas, enquanto os soldados franceses, ingleses e americanos, agora nossos aliados, morriam nos campos da Europa. Segundo esses arautos da circunspecção, o que pensariam as nações aliadas quando vissem nossos patrícios envolvidos em batalhas de confete e serpentina, enquanto no Velho Mundo o destino dos Dardanelos se resolvia em sangrentas batalhas navais e milhares morriam todos os dias nas trincheiras? Obviamente, as ponderações dos que pregavam um recolhimento respeitoso não surtiram nenhum efeito e o Carnaval realizou-se com a alegria de sempre, que era muito mais forte do que as preocupações causadas pelo conflito na Europa. Na avenida Paulista, o corso teve um brilho particular, pois dessa vez foi enorme o número de automóveis e caminhões especialmente preparados e decorados com temas carnavalescos.

Quando o corso na Avenida surgiu uns anos antes, havia poucos automóveis na cidade e só os filhos das famílias mais ricas desfilavam. No dia a dia, os automóveis eram sempre conduzidos por um motorista uniformizado e, nos primeiros tempos, havia também a figura do “*groom*, como em Londres”, como se dizia, que envergava o mesmo uniforme do motorista e era encarregado de abrir a porta assim que o veículo estacionava. Todos levavam o monograma de seu proprietário gravado na porta e eram tão poucos que qualquer rapaz sabia a quem pertencia cada um deles. Eu me lembro que, quando estávamos no São Bento, a cidade recebeu a visita de Elihu Root, secretário de Estado norte-americano e a mais alta personalidade política que veio a São Paulo nos tempos de nossa adolescência. Para hospedá-lo, foi escolhido o palacete francês do Elias Chaves, que anos mais tarde foi comprado pelo governo de São Paulo para residência do presidente do Estado e se transformou no Palácio dos Campos Elísios, para aproveitar os monogramas colocados nos portões e nas grades pelo antigo proprietário. Providenciada uma hospedagem à altura do visitante, que não poderia ficar nos hotéis relativamente modestos de que a cidade dispunha naquela época, restava a questão do transporte da numerosa comitiva que acompanhava o secretário norte-americano. Para atender a essa necessidade, as principais famílias paulistas foram convidadas a ceder seus automóveis às autoridades, convite imediatamente aceito. Assim, somados os veículos do governo e dos particulares, obteve-se cerca de dez automóveis, que formaram

um esplêndido cortejo nos deslocamentos do ilustre hóspede. Em pouco mais de dez anos, os automóveis da cidade se multiplicaram e o corso na avenida Paulista cresceu proporcionalmente. Mesmo assim, o desfile continuou restrito ao que na época se chamava “a melhor sociedade”, embora o número de participantes tenha aumentado muito, não só porque havia mais automóveis circulando nas ruas, mas principalmente porque grupos de rapazes e muitas famílias alugavam veículos para a festa. Assim, era praticamente impossível obter um táxi em São Paulo na época do Carnaval, pois todos os veículos eram reservados com muita antecedência para a festa. Além dos táxis, também caminhões passaram a ser alugados, sendo decorados cuidadosamente para receber até vinte entusiasmados passageiros, todos usando a mesma fantasia. Passado o Carnaval, as revistas escolhiam o carro mais bonito, o grupo mais bem fantasiado, os foliões mais animados. Fizemos isso muitas vezes no *Pirralho*, mas *A Cigarra* era a revista que melhor cobria o Carnaval. Todos os anos ela publicava mais de uma dezena de páginas, às vezes em mais de uma edição, com fotos e comentários sobre a festa.

Oswaldo, que muitas vezes participara do corso, naquele ano não se animou. Depois das festas de fim de ano, retomamos nossos encontros na garçonnière, porém tudo parecia mais rotineiro e um pouco sem graça. A guerra na Europa estacionara. A participação do Brasil, depois do entusiasmo inicial, se resumia a cerimônias e discursos patrióticos e, depois, até eles foram rareando. Ao mesmo tempo, cada um de nós parecia ocupado com algum outro assunto que nos afastava da nossa roda. Ignacio andava com a Pina na Europa, Edmundo tinha ido a Santos passar as férias de fim de ano com a família e só voltaria com o reinício das aulas. Léo, aflito em busca de emprego, quase não aparecia, e eu mesmo, às voltas com minha nomeação na polícia, pouco tempo tinha para os nossos encontros. De todos, só Guy continuava em franca atividade e finalmente publicara no final do ano o seu primeiro livro de poemas. Com uma linda capa do Correia Dias, artista português que era uma verdadeira coqueluche na época, o livro foi um sucesso e todas as críticas lhe foram favoráveis. Comemoramos a publicação no Guarany pouco antes do Natal, e essa foi a nossa melhor reunião naqueles dias.

Entre vivas ao Guy, o nosso poeta, Oswaldo, que desde a partida da Cyclone perdera um pouco do entusiasmo, reclamava comigo da falta de notícias.

— A Cyclone pia fracamente de quinze em quinze dias, seu Pedro, e é só. E nem se pode responder a ela, porque isso poderia provocar a ira da família e pôr tudo a perder.

— E se escrevêssemos para ela? — perguntei. — Poderíamos criar uma amiguinha e lhe mandar uma carta. Ela logo saberá que somos nós.

— Pois está aí uma boa ideia, Pedrinho! Mesmo se não conseguirmos nada, passamos o tempo.

Compusemos juntos uma carta “À querida Dasiinha”, cheia de votos de felicidades para o ano novo e saudades da “boa amiguinha Nenê Rodrigues”. Como a letra do Oswaldinho sempre foi infame, coube a mim, que tenho uma boa letra, escrever a versão final da cartinha numa linda e feminina letra redonda, cuidadosamente desenhada. Mandamos a mensagem para Cravinhos e, no remetente abaixo do nome da amiguinha, colocamos o endereço do nosso Retiro da rua Líbero, que só a Cyclone reconheceria.

Terminado o Carnaval, as aulas recomeçaram e Daisy voltou finalmente para São Paulo. Veio animadíssima com um começo de romance de mistério que havia escrito durante as férias em Cravinhos. Assim como nós, ela ensaiava sua primeira obra literária. Embora nenhum de nós levasse essas suas pretensões muito a sério, a cada dia ela mais se parecia conosco e conseguia, quase sem que nos déssemos conta, que a tratássemos como um dos nossos. Com exceção de Oswaldo, claro. Ele se enrabichara de vez pela Cyclone, que agora era oficialmente “o seu atual amor”. Para ele também era difícil acostumar-se a um caso de amor com uma moça tão diferente. Se seus romances anteriores sempre foram de alguma forma tumultuosos e ele se envolvera com mulheres muito diversas entre si, mas todas com algum grau de ousadia — da atrizinha da companhia de Giovanni Grasso à bailarina —, nenhuma delas, por mais boêmia e livre que fosse, tinha a petulância e o atrevimento da Cyclone, que aparentava não ver a menor diferença entre ela e nós. Penso mesmo que ela achava sinceramente que a uma mulher era permitido fazer o mesmo que os homens faziam. Se isso, evidentemente, a transformava numa criatura estranha e de difícil compreensão para nós, que dirá para Oswaldinho, sempre tão voluntarioso e tão senhor das suas vontades. Ser obrigado a discutir com uma moça de igual para igual era uma provação que o Oswaldinho ainda não experimentara. Apesar dos conflitos, a paixão deles era evidente e já não se podia esconder. Daisy, aliás, não fazia o menor esforço nesse sentido. De alguma forma, Oswaldo se transformara no centro de suas preocupações e eles viviam juntos mesmo quando a garçonnière estava repleta e todos nós estivéssemos ali. Muitas vezes, quando lotávamos a sala, eles se afastavam discretamente para conversar a sós na saleta da entrada. Ficávamos, é claro, enciumados e eu muitas vezes tentava

trazê-la de volta para a nossa roda, mas não havia nada a fazer. Oswaldo, todos víamos, estava a cada dia mais apaixonado. Embora Daisy se mantivesse firmemente disposta a não se encontrar sozinha com ele em nosso Covil, desde que voltara das férias fazia os maiores esforços para aparecer sempre na garçonnière, mesmo sacrificando suas aulas na Escola Normal. Apesar de estar agora cursando o último ano, quanto mais ela convivia conosco, mais o seu interesse pelo curso diminuía. O novo mundo que lhe desvendáramos tornava mais mesquinhas e sem atrativos as aulas da Escola da Praça. Ou talvez fosse apenas Oswaldo, não sei. O fato é que, ao contrário do ano anterior, suas visitas ao covil tornaram-se mais frequentes e ela fugia das aulas pelo menos uma vez a cada quinze dias para estar conosco. Isso, porém, durou apenas até meados de março. Daí em diante, passou a ir todas as semanas à garçonnière e, por vezes, até mais de uma vez na mesma semana. Sua avó de Cravinhos voltara para lá e a tia megera dava aulas de manhã no Grupo Escolar do Brás. Ela agora tinha as manhãs livres e ninguém a vigiava quando saía de casa. Assim, conseguia sair mais cedo e nos visitar antes da aula. Com a sua volta, nos reanimamos e nos encontrávamos no Covil do Oswaldo praticamente todos os dias.

Numa tarde, o Edmundo, vindo da Academia, trouxe um grande livro de atas, que encontrara perdido numa das salas da faculdade. Era um daqueles livros de capa preta com duzentas páginas em branco, numeradas à máquina, igual aos que existiam em qualquer escritório daquele tempo. Edmundo sugeriu que o nosso Retiro precisava de um diário de bordo, como o dos antigos navios. Gostei da ideia e me propus a lavrar o termo de abertura, datado da quinta-feira 30 de maio, uma fria manhã de sol, num céu sem nuvens, do outono paulistano de 1918.

Perfeito cozinheiro das almas... deste mundo: na fórmula breve e exótica deste título está a promessa, que, praza a Deus não seja mentirosa, do livro mais útil, mais prático e mais moderno deste século de grandes torturados. Si o nosso pobre corpo, depauperado a tóxicos e reduzido às proporções de carcaça degenerada, precisa dos condimentos que reabilitam, não me negará a posteridade deliquesciente, que se anuncia, serem almas humanas as coisas mais esfomeadas e débeis, que se agitam neste conflagrado planeta dos absurdos e das inverossimilhanças. Aqui, e não foi outro o intuito humanitário dos abnegados autores, encontrarão as irrequietas e contraditórias almas deste mundo com que matar a sua fome de experiência e a sua fome de ilusão. Para os que vêm do sonho e do impalpável, acreditando na bondade nativa da mulher e na felicidade poetizada do amor, alinhar-se-ão como lanceiros espirituais, agressivas e ásperas, as receitas apimentadas com a verdade picante dos desenganos reais, que fervem em volta de tudo, para nosso assombro e desolação.

Muito de arte entrará nestes temperos, arte e paradoxo, que, fraternalmente se misturarão para formar, no ambiente colorido e musical deste retiro, o cardápio perfeito para o banquete da vida. Comendo assim, as almas sãs se farão robustas e as doentes susterrão, com grande encanto e surpresa, a marcha dos seus males. Será o regime ideal e higiênico, nada de excessos, nada de indigestões. Almas

equilibradas e sanguíneas: — o triunfo mais completo da culinária espiritual e o penhor certo da força psíquica das gerações vindouras.

Que o livro produza o bem que há de encerrar.

Naquela noite, com a chegada de Oswaldo e dos outros, entronizamos o livro na mesinha da entrada. Edmundo providenciou penas, tinteiro e lápis de diversas cores. Na guarda do livro, Oswaldo escreveu a lápis: 1918-1919.

Mas nosso diário não duraria tanto.

16. O frio de maio

Em São Paulo sempre fez frio, um frio que não se ajustava à nossa imagem de país tropical e tornava a cidade um tanto exótica aos olhos de quem vinha de fora. Quem não era daqui estranhava imediatamente o clima e havia motivos de sobra para isso. Bastava sair um pouco de São Paulo e ir a Santos ou Campinas, as duas cidades importantes mais próximas, para encontrar um clima consideravelmente mais quente que o da capital. Nessas cidades, era relativamente comum no verão as temperaturas ultrapassarem os trinta e cinco graus, e o clima nelas era normalmente cálido. Em São Paulo, não. Eram raros os dias em que o termômetro passava dos trinta graus e a máxima registrada na cidade até então fora de pouco mais de trinta e três graus. Todos os paulistanos, os antigos e os recém-chegados, estavam acostumados com essa temperatura e os que dispunham de mais recursos, como seu Andrade, fugiam para Santos ou São Vicente assim que o tempo esfriava. Ao contrário de outros lugares do mundo, onde as praias se enchiam no verão, aqui era diferente e o Grand Hotel de La Plage, na praia do Guarujá, o mais chique do litoral paulista, lotava nos meses de junho e julho, quando a nossa boa sociedade fugia do inverno.

Mas, mesmo para quem estava acostumado ao frio e às variações de temperatura típicas da cidade, aquele 1918 começou de um modo estranho. O dia 31 de dezembro de 1917, véspera do Ano-Novo, foi muito quente e à noite fez um calor infernal, sem a mais leve brisa. Na minha família, como em muitas outras, era tradição abrir a casa pouco antes da meia-noite e, na nossa infância, eu e minha irmã Clara nos encarregávamos de abrir todas as portas e janelas para a entrada do ano novo. Desde que alcançamos idade suficiente para permanecermos acordados até a meia-noite, corríamos pelas salas e quartos abrindo tudo e depois íamos esperar, debruçados na janela, a entrada do ano que chegava, trazido pelos sinos das igrejas próximas — dos Remédios, São Gonçalo, da Boa Morte, da Sé, dos Enforcados — que tocavam assim que dava a meia-noite. Eu me lembro que durante a ceia de 1917 minha mãe brincou

conosco enquanto servia o peru:

— Desta vez vocês não precisarão correr pela casa para abrir portas e janelas como faziam quando eram pequenos. A Arminda já deixou tudo aberto e, mesmo assim, parece que agora está mais quente do que durante o dia. Nessas noites de Ano-Bom, sempre me dá saudade daqueles tempos em que vocês ainda eram crianças! Acho que isso é inevitável na minha idade.

— Ora, mamãe, a senhora não perde por esperar. No ano que vem certamente o seu neto já vai estar correndo pela casa, e logo, logo estará pendurado nas janelas — disse minha irmã, que acabara de ter o primeiro filho, que não tinha completado ainda um ano. Clara se abanava com um leque de papel japonês da Casa Ceylão e, dirigindo-se à Arminda, que vinha trazendo uma terrina de molho para o peru, disse:

— Arminda, depois de servir, por favor, vá ver se o menino está bem coberto. É preciso cuidado com a friagem da noite.

— Friagem... — disse meu pai, rindo. Mas estamos metidos num forno! Só me lembro de começo de ano tão quente no tempo em que ainda morávamos em Tatuí.

— Pode ser, papai, mas não estamos no interior e o tempo aqui sempre pode virar — respondeu Clara. — Arminda, me faça o favor de ir lá em cima dar uma olhadinha no menino — concluiu a minha irmã, que, depois de ter tido meu sobrinho, ia ficando mais e mais parecida com nossa mãe.

Surpreendentemente, dois ou três dias depois a temperatura caiu a catorze graus e os agasalhos saíram às pressas dos armários. Durante aquele verão muitas vezes a temperatura caiu brutalmente e, no Carnaval, o calor foi moderado, porém na Terça-Feira Gorda fez frio. E assim foi em todos os primeiros meses do ano e até o tradicional veranico de maio, que esquentava o tempo antes do início do inverno, naquele ano não se apresentou. Houve uns dias quentes no começo do mês, mas foi tudo. A temperatura caiu rapidamente e, no dia em que entronizamos nosso diário no Retiro de Oswaldo, o clima já era polar. Pouco depois de eu terminar de redigir o termo de abertura, Guy chegou trazendo um litro de caninha para espantarmos o frio. Recebemos a bebida como uma bênção. A garçonnière, embora localizada no último andar do prédio, só tinha janelas internas que davam para os poços de ventilação, tanto na saleta da entrada como na outra grande, e ambas apanhavam pouco sol. Era agradável nos dias quentes, mas no inverno era de congelar. À falta de lareiras e outros meios

de aquecimento, era a caninha Morgada que sempre nos ajudava a enfrentar o inverno. Era o sol líquido, como dizia Ignacio.

No dia seguinte, Cyclone nos visitou logo de manhã e foi apresentada ao diário. Veio coberta de agasalhos e imediatamente censurou a primeira frase que OswaldO escrevera, assinando como Miramar. Aquilo acendeu entre nós a discussão. Nem cogitávamos que o nosso livro pudesse ser censurado, e todos protestamos, mas a Cyclone não se incomodou. Conforme OswaldO escreveu logo abaixo: “A Cyclone bateu a borracha”. Ela já tinha certa autoridade sobre ele e — por que não dizer? — sobre todos nós e as suas sentenças não permitiam muitos recursos. Daisy mostrava-se agora muito mais segura de si do que nos primeiros tempos. Muitas vezes passava como um sopro de vento pela garçonnière, ficava quinze minutos, meia hora no máximo, e depois da sua partida todos nós acabávamos falando apenas dela. Naquela sexta-feira gelada foi assim. Passamos a tarde lá, nos aquecendo com a Morgada, depois da partida da Cyclone. Falamos, como sempre, sobre as mulheres, no entanto era ela a personagem oculta de nossas discussões. Lá fora a temperatura chegou rapidamente a zero, um frio fora do comum, muito maior do que aquele que se poderia esperar num fim de maio ou em outra época qualquer. Nenhum de nós havia visto temperaturas tão baixas, o frio surpreendia a cidade, que não sabia como se defender. À noite, quando saímos, estimulados pela Morgada que consumimos até a última gota, o Edmundo anotou no diário: “Só há um momento interessante no dia, é o do crepúsculo, só existe uma idade interessante nas mulheres — a dos trinta anos. Uma mulher de dezoito anos é tão maçante como um mormaço”. É claro, porém, que nenhum de nós acreditava nisso. Quase todas as páginas do nosso diário eram ocupadas com referências a Cyclone, estivesse ela presente ou não. Daisy mudara muito nesses poucos meses em que a havíamos conhecido e já não se parecia em nada com uma jovem normalista, muito ao contrário. Lia avidamente os livros que lhe emprestávamos e outros que ela mesma escolhia e tinha opiniões sólidas sobre praticamente tudo: literatura, a guerra na Europa, a Liga Nacionalista, os lentes da Escola Normal...

Nos primeiros meses de 1918, minha vida também estava mudando. Com a perspectiva da posse no cargo de delegado em Tatuí, abandonei definitivamente o escritório do dr. Otto e, enquanto não assumia o novo posto, tinha o dia inteiro à disposição e flanava pela cidade que a contragosto iria deixar. Sabia que precisava me mudar para Tatuí e já preparava as malas, mas, por mais que estivesse convencido disso, tudo me prendia a São Paulo. Com a desculpa de

providências que ainda devia tomar, adiei um pouco mais a partida; contudo, nos primeiros dias de junho, teria de viajar e assumir o meu posto. Já havia decidido morar, nos primeiros tempos, no Hotel Affonso, bem no centro da cidade e próximo da delegacia. Não imaginava montar casa e, muito menos, me instalar definitivamente. Para mim, aquele posto era apenas uma etapa na minha vida que, eu esperava, fosse breve. Não me passava pela cabeça a hipótese de ficar lá muito tempo, embora a cidade fosse agradável e eu tivesse ali conhecidos e parentes suficientes para não me sentir totalmente estranho no lugar, mas tudo que me interessava estava em São Paulo.

Numa tarde, sem ter muito mais o que fazer, minhas pernas me levaram para a praça da República. Digo que foram minhas pernas porque eu, conscientemente, não queria ir para lá, mas elas foram. E, estando eu na praça e sendo um fim de tarde, busquei com os olhos a saída das alunas da Escola Normal. Não demorei para identificar Daisy, que, ao me ver, afastou-se do grupo de amigas e foi ter comigo. Chegou apressada e me perguntou assim que me viu:

— Se veio atrás do Miramar, dr. Pedro, saiba que por aqui ele não está. E é mesmo melhor que não apareça!

— De fato vim com a esperança de encontrá-lo — menti. — Mas por que essa hostilidade?

Em dois minutos ela me contou tudo. No dia anterior, feriado, comemorara-se a Batalha do Riachuelo. A Liga Nacionalista, que desde a declaração de guerra do Brasil à Alemanha estimulava o clima de mobilização bélica que envolvia a cidade, quis dar grande brilho à data e reuniu, no Parque Antarctica, alguns velhos combatentes da Guerra do Paraguai, forças da Marinha vindas de Santos, do Exército, batalhões de estudantes, inclusive os da Escola Normal e do Mackenzie College, e os escoteiros. De uma maneira muito nossa, lutávamos a guerra apenas com palavras e atos simbólicos. Presidido pelo prefeito Washington Luís, o ato culminou com a entrega da bandeira brasileira — em seda, bordada a ouro e confeccionada por jovens filhas das melhores famílias da cidade — ao 43º Batalhão de Caçadores, a principal unidade do Exército Nacional acantonada em São Paulo. Em meio a discursos patrióticos, as autoridades civis e militares destacaram que a bandeira entregue pela filha do prefeito, que assumiu o papel de madrinha, seria defendida até com o sangue dos jovens soldados “se tiverdes um dia de conduzi-la ao combate”.

À tarde, os batalhões desfilaram pela cidade, desde a praça da República até a rua Quinze, atravessando praticamente todas as vias centrais, ovacionados por uma considerável multidão. Marchando em meio aos soldados e estudantes, iam

também as enfermeiras da Cruz Vermelha e as alunas da Escola Normal, convocadas obrigatoriamente para o evento. Daisy participara de tudo com grande mau humor, pois, além de ter estado sob o sol, numa arquibancada do Parque Antarctica, desde a manhã para aplaudir a cerimônia, teve também, à tarde, que participar do desfile. Como se não fosse suficiente, Daisy ainda acabou por ver Oswaldo acompanhado de Kamiá e do filhinho aplaudindo a parada militar na rua Barão de Itapetininga. A criança, que ia no colo da mãe, agitava uma bandeirola de papel, representando a bandeira brasileira. A mãe abanava uma bandeira igual, com as cores francesas. Ao passarem marchando, Graziella e as outras amigas de Daisy logo localizaram Oswaldo na calçada, mas ela naturalmente fingiu não vê-lo. Ela me contou tudo isso rapidamente, enquanto caminhávamos até o ponto do bonde, onde as amigas a esperavam. Quando nos aproximamos, o bonde chegou e ela apressou o passo e embarcou.

À noite, quando me encontrei com Oswaldo, não lhe contei nada sobre o encontro com a Cyclone.

Numa daquelas manhãs em que eu desfrutava ainda o meu ócio, cheguei cedo ao Retiro, antes de todos. Por volta das dez horas, Daisy apareceu. Estava especialmente bonita, com um capote grosso sobre o uniforme de normalista, cachecol e uma boina de lã azul na cabeça. O frio afogueava seu rosto, dando-lhe um brilho particular, que a tornava mais atraente. Os seus olhos pareciam mais fundos e havia uma sombra azulada em torno deles, muito tênue, que só se percebia olhando com atenção.

— Ué, ninguém ainda no sanatório? — perguntou. — Pensei que a essa altura da manhã já estivessem todos.

Enquanto aguardávamos os outros, fomos conversando. Eu notei que agora ela vinha nos visitar com muito mais frequência e já chegava mais cedo.

— Minha vida mudou completamente depois da morte da vovó. Embora minha tia Ziza me vigie bastante, às sete horas ela precisa estar na escola para as aulas. Depois que a Rosa Júlia, minha outra avó, foi ajudar mamãe a cuidar dos meus irmãos em Cravinhos, de manhã, em casa, estou sempre sozinha. Dessa forma, posso sair mais cedo e frequentar também as aulas deste conservatório. — Ela riu. — Isso enquanto a Graziella e as outras amiguinhas me derem cobertura e fingirem que me acompanham na ida e na volta.

— Elas sabem por onde você anda?

— Bem, elas viram você e, principalmente, o Miramar na praça da República

muitas vezes. Sabem alguma coisa por alto. Mas me acham tão bizarra e incompreensível que não estranham mais nada.

— E você, não tem medo de que descubram? Ou que a escola denuncie suas faltas?

— Isso me atormenta o tempo todo, é claro. Porém, acho que já cruzei uma linha invisível e depois dessa linha não posso mais voltar. É engraçado, mas, aconteça o que acontecer, sinto que a minha vida verdadeira é esta; é ela que o futuro me reserva. Acho que tudo o que eu fiz antes era apenas uma preparação para isso e para o que virá.

— Com o Oswaldo? — perguntei. Não consegui resistir.

— Eu achava mesmo que seria com ele e que nós, juntos, seríamos capazes de enfrentar o mundo inteiro, mas já não sei. O Miramar e vocês são todos mais ou menos iguais. — Ela me disse isso com um ar sério, com aquele olhar que ia diretamente aos olhos da gente e que desarmava qualquer um. — Tiram proveito da vida enquanto podem porque a sociedade lhes permite isso. Mas, mais dia menos dia, se casam com a primeira donzela de boa família que encontram. E vão se lembrar para sempre das rapaziadas da juventude, enquanto engordam e criam filhos iguaizinhos a vocês.

— E você? — perguntei.

— Eu quero algo mais desta vida, não sei bem o que é, mas não pode ser apenas isso. Vou viver o que o destino me designar. Embora eu tenha medo e isso muitas vezes me atormente, não sei de que maneira evitar. E também não quero. Se não, ficaria igual a todos vocês, não é mesmo?

Logo chegaram os outros. Primeiro o Edmundo, depois Ignacio, o Guy e o Léo, o último que se incorporara à nossa roda, vindo do interior. Ele, ao contrário de nós, que falávamos continuamente e muitas vezes todos ao mesmo tempo, era calado e retraído e por isso fazia um contraste curioso com o resto do grupo. Oswaldo foi o último a aparecer e trouxe com ele o Lobato, que terminava de corrigir as provas do seu livro que ia lançar em seguida. Daisy, que já ia saindo, acabou por ficar quando o Lobato começou a ler para nós alguns contos de seu *Urupês* e se demorou em um, no qual o protagonista se chamava Pontes e era um piadista arrependido. Todos, obviamente, procuramos estabelecer o parentesco desse Pontes do Lobato com os Pontes da família de Daisy. Ela, no entanto, pretendia discutir a sério e não entrou na brincadeira. Queria mesmo era saber do Jeca, personagem do conto que dava título ao livro e do qual o Lobato falava muito. Num trecho a respeito da mandioca que facilitava

a vida do matuto lhe tirando a iniciativa e a vontade, o Lobato saiu-se com um provérbio pelo avesso que Daisy adorou: “Há bens que vêm para males”. Cyclone filosofou à vontade sobre ele, para o encanto do Lobato e a irritação muito mal disfarçada de Oswaldinho, que com frequência a acusava de literatice. Ele e Lobato começaram a discutir com ela, a princípio com um ar divertido e debochado, mas depois seriamente e o Lobato, principalmente, tratou de responder a todas as suas questões com atenção. Passados uns quinze minutos, querendo mudar um pouco de assunto e provocar Oswaldo, ele quis saber da vida sentimental da Cyclone. Lobato já havia dito várias vezes que seria o padrinho dela e na realidade, talvez por ser o mais velho de nós, já casado e cheio de filhos, a tratava de maneira um pouco paternal, coisa que Daisy adorava.

— Vejam só vocês que prodígios pode-se obter com a boa literatura! Bastam umas poucas páginas preciosamente escritas e superiormente raciocinadas para distrair até o Oswaldinho e afastá-lo da sua atividade mais combativa, que é a de roubar os beijos da Cyclone na salinha aí do lado, que ele jura que são mais poderosos que os obuses alemães que caem sobre Paris e pelos quais o nosso herói seria capaz de enfrentar sozinho um batalhão inteiro de boches.

— Engana-se, padrinho — ela respondeu. — Não há mais ânimo combativo e pouco se ouve da metralha nas trincheiras. Além do mais, são falsos os beijos que o Miramar, ainda assim, nega. Fora deste retiro de vícios, ele desfila entre os patriotas da cidade, cuidando dos seus negócios como um bom burguês pai de família.

— Mas para Miss Cyclone não hão de faltar beijos, nem falsos nem verdadeiros — eu disse um tanto precipitadamente.

Oswaldo não perdeu tempo e aproveitou a oportunidade para sair da linha de tiro.

— O Pedro, diante da Cyclone, é como o diretório político de Itaporanga em dia de eleição. Agita-se! — respondeu ferinamente o Oswaldo.

Achei melhor me calar.

No dia seguinte, nos encontramos novamente de manhã. Cyclone lia preguiçosamente *A Cigarra*, enquanto Oswaldo fazia arrumações e tentava pôr alguma ordem na confusão que normalmente produzíamos quando nos reuníamos até tarde. Recolhendo os jornais do dia anterior que ficaram atirados por toda a sala, ele encontrou um maço de papéis rabiscados entre os almofadões

do sofá de ramagens.

— Ora vejam vocês, o Lobato, o nosso homem do dia, acabou esquecendo as provas do *Urupês* por aqui. Certamente foi a Cyclone que o atordoou.

— Certamente ele as esqueceu por premeditação — disse Edmundo. — Assim volta hoje para buscar o livro e se atordoar um pouco mais. A Cyclone, como os grandes tóxicos, é um seguro estimulante da literatura moderna.

Ignacio, que fazia anotações no diário na mesinha da entrada, receitou enquanto escrevia:

— Se tens a alma opilada e a inventiva anêmica como um Jeca Tatu, Cyclomol é o remédio eficaz.

— A Cyclone é o grande vício desta vida — ela respondeu, recostada no canapé de palhinha, quase que sem levantar os olhos da revista.

17. As diversas formas do amor e os ciúmes correspondentes

Parti finalmente para Tatuí numa manhã molhada e noturna, de céu escuro e frio, como devem ser as manhãs londrinas que eu conheci apenas através dos romances. Despedi-me de minha mãe na porta de casa e meu pai e Paulinho, meu irmão mais novo, me acompanharam até o embarque. Meu trem partia às sete e vinte e três da velha estação da Sorocabana e eu ainda tinha duas malas e um baú com as minhas coisas para despachar. Precisava chegar cedo à estação, mas prolonguei ao máximo as despedidas e, quando enfim saí de casa, o tempo já era curto e meu pai, preocupado com o horário, resolveu chamar um táxi. Eu queria muito assumir esse cargo de delegado de polícia, havia lutado efetivamente para consegui-lo. Porém, deixava a cidade com a alma pesada e com o sentimento de que deveria ficar. Obviamente isso não era possível. Na estaçõzinha modesta, que ainda existia naquele tempo, muito menor do que aquela que anos depois se construiu e que existe hoje, tomei às carreiras as últimas providências para o embarque. Nas despedidas, meu pai, que notava minha aflição, me abraçou.

— Pedro, o mundo dá voltas, quem de nós pode saber o que nos reserva o futuro? Vá sossegado, pois esta sua nova posição é um grande triunfo que você obteve graças ao seu esforço. Quando saímos de Tatuí, você era um meninote e agora, veja só, volta para lá delegado. Você não imagina, meu filho, a satisfação que nos dá vê-lo assim encaminhado. Eu, se pudesse, iria também, só para gozar o prazer de presenciar você sendo recebido lá em Tatuí depois de tantos anos, como autoridade. Infelizmente isso não é possível. Mas vá com Deus!

Atrapalhado e sem saber bem o que dizer, abracei e beijei a ele e ao meu irmão, e embarquei, quando o chefe do trem já dava o último aviso e se preparava para fechar a porta do vagão da primeira classe. Tinha a voz embargada e os olhos molhados e eles naturalmente perceberam a minha

atrapalhação. Não sabia explicar por que estava sendo tão difícil para mim partir. Afinal, não era uma longa viagem, apenas quatro horas de trem iriam me separar da capital e eu esperava poder vir a São Paulo com frequência. Eu, no fundo, não queria ir-me embora, mas só entendi perfeitamente o porquê algum tempo depois.

Além da minha família, eu deixava em São Paulo a minha roda, a garçonnière do Oswaldo, onde diariamente nos encontrávamos, nossas intermináveis discussões e uns pobres amores, que se resumiam a uma atrizinha da Cia. do Arruda, que logo mais embarcaria para o Rio de Janeiro com a trupe e desapareceria da minha vida, e uma viúva ainda jovem, que vivia num casarão sinistro da avenida Liberdade e que eu visitava discretamente de vez em quando. O que mais me incomodava era deixar a convivência, agora quase diária, com a Cyclone. No entanto, ela também — com as férias da Escola Normal — havia deixado a cidade e viajado para Cravinhos, onde passaria algumas semanas com a família. Conversamos muitas vezes antes da nossa partida e tanto ela quanto eu achávamos que a garçonnière não seria a mesma sem a nossa presença nem teria mais a animação dos melhores dias. Isso, porém, não nos consolava e ambos queríamos ficar.

— Minha mãe faz questão que eu vá passar as férias em Cravinhos. Ela tem saudades, é óbvio, e quer que eu fique mais tempo com meus irmãos. Diz que eu vou tão pouco para casa que eles já nem me conhecem.

Estávamos na saleta e eu escrevia minhas últimas despedidas em nosso diário. Ela, encostada à janela, observava o céu de chumbo e a chuva miúda que caía.

— Tenho saudades dos meus pequenos — ela disse, olhando o céu com os olhos perdidos, como se estivesse vendo outras coisas, coisas distantes que só ela via. — E da minha mãe, é claro. Mas se eu pudesse ficaria aqui.

Naquela situação, como em muitas outras, eu percebia que nossos sentimentos eram parecidos. Quando voltou de seus pensamentos, olhou para mim e me apanhou olhando fixamente para ela, com a pena na mão, pingando tinta no nosso livro. Daisy riu com aquele riso claro e grave que era sua marca.

— Dr. Pedro, o senhor aí sonhando vai borrar o diário!

Apanhei apressadamente o mata-borrão que havia na mesa e limpei o livro e a pena. Logo ouvimos o barulho da porta metálica do elevador e Oswaldo e Pippo entraram trazendo o almoço.

Naquele 1918, a garçonnière de Oswaldo transformou-se em ponto de reunião

de um grupo que foi se ampliando e que não incluía mais apenas os velhos companheiros do *Pirralho*, como eu, Guy, Ignacio, Edmundo e o Jairo. Um pouco pela atração que inegavelmente a Cyclone exercia e um pouco pela própria agitação daqueles tempos — que nos fazia viver uma vida frenética —, nosso grupo se ampliara bastante. Além de Lobato, que nos frequentava sempre, contávamos agora também com Léo, professor de primeiras letras vindo do interior, que tentava aqui uma posição no jornalismo e que, como todos nós, escrevia seu primeiro romance; o Sarti, jovem advogado com vagas pretensões literárias muito amigo de Oswaldinho, e que vivia sempre na casa dele; o Paulo Menotti, outro que veio do interior, onde havia publicado um livro de poesias e que chegara à cidade para tentar trabalhar no *Correio Paulistano*, onde Oswaldo o conhecera e incorporara ao nosso grupo. Não tendo obtido o cargo que pretendia, passou uma temporada em Santos e depois voltou para São Paulo, quando arranjou colocação na *Gazeta*. Morava num hotel na rua Líbero, entre o jornal e o nosso Retiro, e logo se tornou assíduo frequentador. Outros também nos visitavam eventualmente e com isso o Retiro vivia movimentado. Mas ele não servia apenas às nossas reuniões e discussões literárias. Era lá que, graças à generosidade de Oswaldinho, podíamos concretizar os encontros secretos, que eram a nossa principal preocupação naqueles tempos. Nessas ocasiões, às vezes preparadas cuidadosamente por semanas, hasteávamos no Retiro a “Bandeira Vermelha”, sinal de que o Covil do Oswaldo estava ocupado e um de nós estava consumando uma conquista.

Nos primeiros tempos, utilizávamos uma pequena bandeira de seda do reino do Marrocos, que tinha ido parar na garçonnière sabe-se lá como e que instalávamos com uma presilha no batente da porta, para alertar os demais frequentadores que um de nós estava lá acompanhado e não podia ser interrompido. Mais tarde, quando nossa relação com o Pippo se tornou mais sólida, ele passou a ser o guardião da garçonnière e portador de todos os nossos recados. Ele, então, se encarregava de montar guarda e avisar aos que chegavam, ainda no elevador, que o Retiro estava ocupado e que um de nós estava realizando mais uma façanha amorosa, para a eterna glória do Covil. Foi lá que o Ignacio encontrou a Yvonne Mirval, uma linda atriz parisiense que mais tarde trabalhou no cinema e que tinha vindo a São Paulo com a Cia. Brulé. A conquista de Ferrignac, consumada no sofá de ramagens de Oswaldinho, foi festejada por todos e comentadíssima em nosso diário. Nos momentos de grande excitação e euforia, estimulados pela Morgada, registrávamos naquele livro muitas das nossas conquistas boêmias, embora em geral tomássemos muito

cuidado para não colocar nada ali que provocasse as censuras da Cyclone. Às vezes, porém, no calor das discussões, escrevíamos comentários aos trambolhões e escapavam frases ou detalhes que denunciavam os nossos amores clandestinos. Isso incomodava intensamente a Daisy, que sabia que Oswaldinho participava ativamente da nossa vida boêmia, embora ele jamais se permitisse nenhum comentário no diário ou na frente dela. Mas era evidente que ela sabia, ou percebia, o que fazíamos e sempre que estava na garçonnière realizava uma discreta, mas minuciosa revista em tudo, buscando sinais denunciadores dos nossos pecados e, sobretudo, dos pecados de Oswaldinho. Ainda que a relação deles houvesse alcançado alguma estabilidade e estivessem juntos sempre que possível, não era uma situação tranquila e estava longe de ser pacífica. A Cyclone se incomodava muito com a vida secreta de Oswaldinho e, muitas vezes, percebia as traquinagens que ele cometia e sofria intensamente com isso. Creio que pretendia ter com ele uma relação de fidelidade e exclusividade que Oswaldo, evidentemente, não poderia lhe oferecer, mormente levando-se em conta a sua situação com Kamiá, que, para todos os efeitos públicos, passava-se como a sra. Andrade e desfilava pela cidade com o filho dele pela mão.

Oswaldo, no entanto, a cada dia que passava, mais se enrabichava pela Cyclone e isso todos nós víamos. Principalmente depois que ela começou a aparecer na garçonnière com mais constância. No início, ela era uma conquista que ele se orgulhava em mostrar para nós, como muitas outras vezes aconteceu, mas com o passar do tempo ficou nítido que eles estavam cada vez mais envolvidos. Ela principalmente. Mas era um relacionamento conturbado. Oswaldo mantinha ainda o mesmo procedimento de sempre e, embora estivesse cada vez mais próximo da Cyclone, tocava a vida como fazia antes. Desde o fim do caso da bailarina, ele havia conseguido uma relativa paz doméstica e tentava de todas as maneiras mantê-la. Mesmo que fosse um relacionamento pouco mais que formal, Oswaldo estabeleceu com Kamiá uma relação que, para qualquer um, parecia um casamento. Nos fins de semana, ele sempre saía com ela e o filho para passear e era visto por todos na cidade. Para efeito público, eles formavam um casal comum com um filhinho pequeno, e ninguém discutia se eles de fato eram casados. Como Kamiá era francesa e ainda falava com bastante sotaque, muita gente fora da nossa roda acreditava que eles houvessem se casado na Europa. Kamiá reforçava essa ideia, comportando-se como uma esposa legítima e lutava para viver uma vida de mãe de família comum e burguesa, muito diferente daquela de sua juventude na França. Além do mais, já beirava os trinta anos e não era mais a garota que viera com Oswaldinho da Europa. Ele

obviamente resistia a isso, mas não tinha forças para afrontar seu Andrade, que, preocupado mais do que tudo com o neto, insistia para que ele assumisse suas obrigações e encerrasse a vida alegre que vivera até então, concentrando-se na família e nos negócios que ele teria de herdar e que sempre enfrentavam dificuldades de toda a ordem.

Desde o caso da bailarina, as relações entre pai e filho se tornaram difíceis e a confiança que o seu Andrade tinha em Oswaldo era agora muito limitada e Kamiá usava largamente essa circunstância contra Oswaldo. Para mim, que frequentava a casa deles, era fácil perceber isso. Sempre que tinha oportunidade, Kamiá — exercendo com bastante competência, é preciso reconhecer, o papel de vítima — denunciava as transgressões de Oswaldinho e o vigiava como um verdadeiro cão de guarda. Revistava seus bolsos, verificava sua correspondência e cercava Oswaldo por todos os lados. Uma ocasião, vasculhando seu paletó, achou uma carta com o endereço do Retiro e foi lá fazer uma inspeção. Aconteceu numa terça-feira, pelo meio da manhã, e por muito pouco ela não deu de cara com a Cyclone, que, conforme ela mesma contou depois, havia chegado cedo naquele dia e, não encontrando ninguém, desceu até o Fiore para telefonar para a *Gazeta*, atrás de Oswaldo. Como não o encontrou no jornal, resolveu ir ao Colombo para buscar uma média e um pão doce. Quando atravessava a rua de volta, viu, na calçada do outro lado, Kamiá entrando no prédio. O Fiore, já suficientemente treinado por todos nós, lhe barrou a entrada no “iscritório du dottore Oswaldo”, que infelizmente não estava e só devia voltar, se voltasse, no fim da tarde. Apesar do cerco de perguntas de Kamiá e preocupado com Daisy que ele supunha iria voltar a qualquer minuto, Fiore tratou de despachá-la o mais rápido possível.

— *Mi dispiace, ma o dottore Oswaldo non istá. É um uomo molto ocupato, istá sempre cum pressa. O dottore solo faiz negocio qui, cum gente importante, avvocati, giornalisti, tutto genti di molta consideração.*

Kamiá ainda insistiu, mas logo percebeu que com o Fiore não ia conseguir nada. Fez mais alguns rodeios e finalmente perguntou diretamente se ali vinham mulheres. O Fiore, espertamente, se fez de escandalizado com a pergunta e, puxando-a discretamente pelo braço, fez questão de lhe mostrar o quadro que havia logo na entrada com as placas dos gabinetes instalados no prédio, onde se via o nome de alguns médicos, advogados e outros profissionais que haviam montado escritório ou consultório ali. Embora o edifício fosse originalmente residencial, muitas salas já tinham uso comercial em razão dos aluguéis, que ali se valorizavam continuamente. Desanimada, Kamiá acabou desistindo de

arrancar alguma informação dele e foi-se embora. Cyclone, que observava tudo do outro lado da rua, esperou que ela saísse e foi se refugiar na casa do Fiore até chegarmos. Apesar do susto de todos, fizemos um almoço descontraído e registramos a visita inesperada no nosso diário, onde Daisy escreveu “Kamiá!”, com letras enormes ocupando quase meia página e, em seguida, lavrou a sentença, sem apelação: “Oswald entrou cá miando!”.

Cyclone, que também já não era a mesma dos primeiros tempos, agora cobrava de Oswaldinho as incongruências dele e sublinhava na frente de todos nós as diferenças entre seu discurso libertário e anárquico e seu comportamento burguês com relação à família. Isso evidentemente mortificava o Oswaldinho e as brigas entre eles foram se tornando épicas e frequentes. O pior de tudo é que era difícil argumentar com ela e todos sabíamos disso. Daisy era muito ágil, respondia depressa e sem pestanejar e o fazia olhando diretamente nos olhos da gente, de uma maneira que acabava por confundir o antagonista.

Naquele dia não foi diferente e ela mirou direto no coração.

— O Miramar é como aqueles leões velhos dos circos do interior. Ruge muito alto, mas já não tem os dentes e nem as garras e só assusta as plateias simples. O apetite está satisfeito com os bifés que recebe e já não quer outra vida. Foi selvagem um dia, é certo, mas agora está domesticado.

Oswaldinho quis reagir, mas era inútil. Enfezado, foi para a saleta escrever no diário. Ignacio rapidamente levantou o tema da guerra, que sempre era certeza de uma longa discussão. No entanto a conversa morreu logo e, ademais, Cyclone tinha que ir embora. Oswaldinho a acompanhou na saída e eles desceram pelas escadas em vez de tomar o elevador. Com certeza tiveram outra briga. No final do dia, antes de ir ao *Jornal do Comércio*, ele anotou no diário, referindo-se ao ex-libris de Ferrignac: “*Un bel morir tutta la vita onora*”, dos versos de Petrarca, que ele sabia de cor. Antes de sair, transcreveu os versos num bilhete que endereçou a Cyclone e o colocou ao lado do diário.

*Chi nol sa di ch'io vivo, et vissi sempre
dal dì che 'n prima que' belli occhi vidi,
che mi fecer cangiar vita et costume?
Amor, (et vo' ben dirti),
disconvensi a signor l'esser sì parco.
Tu ài li strali, et l'arco:
fa di tua man, non pur bramand' io mora,
ch'un bel morir tutta la vita onora.**

Apesar das brigas constantes, eles estavam cada vez mais próximos. O foco

principal dos conflitos, embora nenhum dos dois dissesse isso com clareza, vinha das cobranças de Daisy, que esperava que ele rompesse com suas amarras familiares e sociais, como ela, aliás, estava disposta a fazer e, francamente, já estava fazendo. Oswaldinho, ao contrário, dessa vez fazia o papel do sensato e demonstrava uma ponderação que, na verdade, nunca tínhamos visto nele. Se no caso da bailarina ele mostrara-se disposto a cometer os maiores desatinos, a romper com tudo e atirar-se num amor louco, apesar de todas as terríveis consequências, dessa vez ele parecia ponderado e cauteloso, tudo aquilo que ele nunca fora. O caso com Daisy, que de início pareceu que iria provocar uma avalanche de emoções desenfreadas e outro escândalo, corria pacificamente e Oswaldinho tomava muitos cuidados, principalmente com Kamiá. Embora eles dormissem em quartos separados, em público ele a tratava como esposa e a respeitável mãe de seu filho. Mesmo que não pretendesse de maneira nenhuma regularizar sua situação com ela, o delicado equilíbrio familiar dependia agora da manutenção de uma relação pacífica — na medida do possível —, já que seu Andrade continuava defendendo a francesa e o neto ferozmente. Daisy permanecia invisível e ia assumindo cada vez mais a condição de “amor secreto” e isso lhe parecia insuficiente e, o que é pior, totalmente burguês. Ela alimentava aqueles sonhos românticos, dos quais falava às claras, sonhos de um amor que rompesse com a estreiteza da vida convencional. O Oswaldo que ela conhecera através dos jornais e visitara com a Antonieta na casa da rua Augusta era o dom-quixote que lutava publicamente por um amor impossível, acima e fora de todas as convenções. Mas naquele momento Oswaldinho não parecia disposto a lutar contra outros moinhos de vento. Ela, sim. O relacionamento que Oswaldinho mantinha com ela era apenas uma caricatura dos seus sonhos. Ela já dera muitos passos para além do que as normas sociais permitiam, estava disposta a dar outros e se impacientava cada vez mais com a acomodação dele.

Mesmo com as discussões, que todos acompanhávamos, e com esse conflito, que não parecia ter solução imediata, eles estavam sempre juntos e pareciam a cada dia mais apaixonados.

* “Quem não sabe que eu vivo e vivi sempre/ desde que pela primeira vez seus belos olhos vi/ que me fizeram mudar vida e costumes?/ Amor, (bem dizer-te quero),/ desiste de ser um senhor tão parco./ Tu tens a flecha e o arco:/ faz, com tua mão, que eu não lamentando, morra,/ que um belo morrer toda uma vida honra.”

18. A cidade branca

Já em minhas primeiras semanas em Tatuí, minha aflição era crescente, eu já não podia me ver na cidade, embora ela fosse acolhedora e me recebesse bem. Meus pensamentos estavam longe. Uma vez terminado o miúdo expediente da delegacia, restava-me pouca coisa a fazer. De início, eu tentara avançar com a escrita dos meus romances — que permaneciam inacabados — nas noites longas e solitárias do interior, mas me faltava ânimo para coisas de fôlego e eu continuamente adiava o trabalho. Em vez disso, procurava escrever peças mais curtas e comecei a preparar uma memória histórica de Tatuí, que pretendia depois encaminhar ao Instituto Histórico e Geográfico, do qual eu era sócio, ao lado de vários luminares das letras paulistas. Minha entrada no instituto fora uma vitória que eu havia obtido graças à minha habilidade em estabelecer contatos e manter relações. Agora, com a minha mudança, eu me tornara sócio correspondente e pensava que não faria mal nenhum à minha carreira literária se eu preparasse um trabalho que pudesse ser lido na sessão mensal e, quem sabe, apreciado. Isso, porém, não era tão fácil de realizar, além do quê, havia pouca informação disponível na cidade. A região fora explorada pelos bandeirantes ainda no século XVII e por lá foi erguida a Fábrica de Ferro de Ipanema, mas a cidade só havia sido fundada na época da Independência. Havia poucos documentos para consulta e nenhum erudito local que orientasse a busca de informações e desse base à memória que pretendia escrever. Com o passar dos dias, descobri que o trabalho era árduo e a minha disposição não era assim tão firme. Também essa tarefa foi deixada para mais adiante e, na falta absoluta do que fazer, acabei por arrecadar velhos casos locais que eu ouvia na delegacia e nas rodas de conversa na farmácia. Histórias de crimes e assombrações que eu conseguia mais ou menos rapidamente transformar em contos que ia enviando a Oswald, para mostrar-lhe que me mantinha ativo e que a vida do interior não me embotara por completo a inventiva. O que eu queria mesmo era ir a São Paulo e sentir o pulso das coisas lá, o que eu não conseguia apenas através do

correio. Com pouca paciência para correspondências, Oswaldinho mandava cartas raras e curtas. Edmundo me escreveu uma vez, mas tratou apenas de trivialidades. Depois de quase três semanas de exílio interiorano, recebi um cartão da Cyclone, endereçado “à boa amiguinha Nenê Rodrigues”, em férias em Tatuí, onde ela dizia que pretendia voltar a São Paulo no dia 24. Foi o que me fez decidir finalmente. Deixei as questões da delegacia encaminhadas e comuniquei ao dr. Agrícola, o juiz de direito, que iria à capital despachar umas pendências na Secretaria de Justiça e ficaria cinco dias fora, aproveitando para passar o fim de semana com a família. Não pude embarcar imediatamente por conta de depoimentos já marcados no fórum e dos quais o juiz, evidentemente, não podia me dispensar. Mas estava tão ansioso para voltar a São Paulo que resolvi pegar o trem noturno, que passava por Boituva às cinco e doze da manhã, em vez de aguardar o expresso que só partiria de Tatuí para a capital às nove e meia. Apanhando o noturno na linha tronco, eu chegaria por volta das oito horas, teria tempo de dar um beijo em minha mãe, deixar a minha bagagem em casa e estaria na Cidade antes que o comboio de Tatuí partisse. Como só teria uns poucos dias em São Paulo, era a melhor forma de aproveitá-los ao máximo.

Para apanhar o trem na linha tronco naquele horário, eu teria que arranjar condução ou percorrer a cavalo, em plena madrugada, os vinte quilômetros que separavam Tatuí de Boituva. Mas eu era autoridade e requisitei ao chefe da estação — com a justificativa de ter que tratar de assuntos urgentes na capital — um *trolley* de linha da ferrovia, que podia, correndo sobre os trilhos, fazer o percurso em meia hora, se a via estivesse livre. Teria de partir às quatro da manhã, mas eu contava dormir no trem e chegar a São Paulo disposto e em condições de aproveitar bem o dia. Pedi à minha ordenança, que dava plantão na delegacia durante a noite, que me chamasse no hotel às três horas, já que eu não possuía um relógio despertador e tinha medo de perder a hora.

Lembrei-me também de pedir emprestado ao Afonso do hotel um cobertor, porque o *trolley* não era exatamente um carro de luxo e, com o vento e o inverno rigoroso que enfrentávamos, o capote de lã que minha mãe me dera não seria suficiente. Com tudo preparado, fui para a cama por volta das oito, esperando dormir cedo e acordar descansado. No entanto, demorei muito para pegar no sono. Eu não dormia tão cedo nem quando era criança e estava no colégio e — bem, por que não dizer? — também estava excitado com a viagem e fazia mil planos sobre o que fazer na cidade que eu deixara havia pouco mais de três semanas e que me parecia, naquele momento, ter abandonado há anos. Além do mais, era noite de São João e havia festas, fogueiras e muitos fogos de artifício.

A cidade, usualmente pacata e silenciosa, trazia naquela ocasião o ruído das festas que se espalhavam pelas ruas e principalmente o vozerio das crianças que corriam na praça em frente ao hotel, atrás dos balões e busca-pés.

Dormi a custo e, quando a ordenança veio me chamar, despertei rápido. Estava muito frio, muito mais frio do que eu esperava. Lavei-me como pude e desci à cozinha para esquentar um bule de leite com café que o Afonso mandara deixar à minha espera. Acendi o fogão tremendo e aproveitei a chama para me aquecer um pouco e lembro de ter pensado que mesmo o cobertor do hotel não seria suficiente para me proteger até Boituva. Tomei o café o mais quente que consegui, mas confesso que recordei com grande saudade da Morgada que nos aquecia no velho Retiro. Estava tão entretido com meus pensamentos que a ordenança, à minha espera para levar a bagagem até a estação, foi quem me alertou.

— Doutor, não se consegue enxergar daqui nem a delegacia do outro lado da praça. Está tudo coberto de neblina. Nunca vi coisa igual!

Só então me dei conta. A praça estava inteiramente coberta por uma névoa branca, de tal forma densa — como eu também nunca vira antes — que mal se distinguiam os lampiões acesos nas ruas. A visibilidade era nula e só com dificuldade se podia andar pela calçada, correndo o risco de tropeçar em qualquer obstáculo. Era incrível, mas eu mal enxergava meus próprios pés e a neblina tomava conta de tudo. A cidade estava virtualmente invisível e o frio era de rachar. Não havia um ruído ou movimento nas ruas e os cachorros, que sempre perambulavam nas madrugadas, haviam desaparecido. Desembrulhei o cobertor que pretendia usar só no *trolley* e me cobri com ele. O soldado, agasalhado como podia, tremia como vara verde.

— Doutor, Deus nos acuda! Se o senhor me permite, acho melhor apressar o passo. Tenho medo de que a gente morra aqui congelado.

Concordei, claro. Do hotel até a estação era uma boa caminhada e nem havia me passado pela cabeça arranjar uma condução para nos levar e acabamos vencendo aqueles quarteirões quase às carreiras. A cidade havia desaparecido e tudo estava mergulhado naquela névoa branca. Era assustador, reconheço. Em Tatuí, as lendas e casos da roça corriam à vontade e histórias de almas penadas, lobisomens e assombrações eram comuns. Na situação em que estávamos não havia como não lembrar dessas fantasmagorias. O soldado, carregando as minhas malas, arfava cada vez mais alto, mas não diminuía o passo. Estava tão alarmado que, mesmo quase sem fôlego, procurava manter a conversa. O silêncio da cidade era tão opressivo quanto o frio, e eu mesmo me esforçava para

falar.

— Vai dar geada — ele disse. — Com este frio é geada certa. Se aqui fosse zona de café, acho que não sobraria um pé verde amanhã. A gente tem sorte de estar em zona de algodão, que sofre um pouco menos.

Eu novamente concordei.

— Mas será que apenas nós estamos nesta situação? — perguntei.

Se naquele interior quase sempre quente estava assim, como seria em São Paulo? Chegamos arfando e suados à estação. Mas o esforço valeu e, apesar do cansaço, nos sentíamos reconfortadoramente aquecidos. O chefe de plantão já estava à minha espera e o *trolley* pronto. Na sala, o telégrafo martelava.

— É o tempo, doutor! Todas as estações da linha estão informando um frio igual ou pior que este. A geada vai ser brava. Em vinte anos que estou aqui, nunca vi coisa igual. Quem estiver na baixada vai perder tudo, anote o que estou dizendo.

A estação não tinha nenhum movimento àquela hora da madrugada e o ruído do aparelho telegráfico era ouvido em todo o prédio. Atravessei o pequeno salão de passageiros para acompanhar a ordenança que iria acomodar a bagagem. Meu transporte me aguardava junto à porta de saída dos passageiros. O *trolley* de linha era pouco mais que uma carroça com dois bancos de madeira e um pequeno motor a gasolina na traseira e era completamente aberto. Como se tratava de um veículo de inspeção, quem viajava ficava exposto ao frio e ao vento. Com certeza o cobertor do hotel não seria capaz de me proteger. Além do quê, eu enrolado nele, com o chapéu meio amarrotado enterrado até as orelhas, certamente não fazia boa figura. O inspetor de linha que iria me conduzir e que me olhava com um ar meio divertido teve a bondade de resolver rapidamente o problema.

— Seu delegado, o senhor, assim, não chega à linha tronco, não senhor. É preciso mais agasalho. Pegue aqui um capote de ferroviário! — disse.

Em seguida, me entregou um pedaço de lona amarela mais ou menos limpa, daquelas que se usam para cobrir os vagões. Era uma peça grande, com um buraco rasgado no meio, por onde se enfiava a cabeça, como um poncho de gaúcho. A lona grossa e impermeável realmente não deixava o vento penetrar e, com o cobertor protegendo meu terno de cidade, consegui me acomodar com certo conforto.

Logo que saímos de Tatuí, a neblina se dissipou e deu lugar a uma noite escuríssima, totalmente sem nuvens. Era pouco mais de quatro horas da manhã e

a alvorada ainda estava longe. No céu limpo as estrelas brilhavam de uma forma como eu nunca mais veria na vida. Não me lembro de ter visto outra vez um céu tão cristalino e com tal quantidade de estrelas. Encontramos a linha inteira livre e em quarenta minutos chegamos à estaçãozinha de Boituva, antigo fim de linha da Sorocabana antes da construção do ramal de Tatuí, depois prolongado até Itararé, obra da qual meu pai participara e que, no final das contas, foi a causa indireta da minha chegada a este mundo. A estação, pouco maior que uma casa comum, que, em vez de quintal, tinha nos fundos uma plataforma de embarque, estava quase deserta e apenas dois passageiros aguardavam, como eu, o noturno que vinha de Assis e iria para São Paulo. Na pequena sala de espera, ouvia-se também, como em Tatuí, o martelar contínuo do telégrafo. Logo que me apresentei aos outros passageiros, já livre do poncho de lona e um pouco mais composto, soube das novidades. As notícias eram péssimas, falava-se de geada em toda a Alta Sorocabana. Assim que o dia amanhecesse, os fazendeiros saberiam até que ponto suas lavouras tinham sido atingidas. Meus companheiros de viagem eram um caixeiro-viajante, que, antes de voltar para casa, em São Paulo, ainda ia fazer a praça em Sorocaba, e o guarda-livros da cidadezinha, que iria à Secretaria da Fazenda resolver pendências fiscais para os fazendeiros da região, seus clientes.

— Nunca se viu frio como este por aqui. Este ano não se escapa da geada — disse o caixeiro. — Mês que vem não vai sobrar praça onde se trabalhar nesta zona. Se os fazendeiros se arrebitarem, o dinheiro some e adeus, comércio.

Concordamos, a situação era mesmo preocupante. Logo que o trem chegou, embarquei na Primeira e os meus companheiros entraram no vagão da Segunda. Enquanto me acomodava, notei que no meu carro a maioria dos passageiros não dormia, ao contrário do que seria natural naquele horário, pouco mais de cinco da manhã. Muitos tinham as cortinas das janelas abertas e observavam a paisagem. Era o medo da geada que assombrava a todos aqueles que, de alguma maneira, dependiam do café. Mas eu estava muito cansado, quase não dormira ainda, e o vagão, fechado, aquecido e balançando suavemente, logo me fez pegar no sono.

Mal percebi quando o trem parou em Sorocaba e muitos passageiros embarcaram e desembarcaram. Ajeitei o chapéu sobre os olhos e tentei voltar a dormir. Mas havia muita gente conversando e eu tinha a cabeça cheia de planos e de coisas para fazer em São Paulo. Iria encontrar Oswaldinho logo cedo e depois, quem sabe, almoçar no Retiro. Daisy provavelmente passaria por lá na hora do almoço e eu poderia vê-la. Meio dormindo, meio acordado, ia fazendo

planos. Levava meus últimos escritos para mostrar e queria que o Lobato os lesse. Oswaldo já havia feito isso com rascunhos que eu lhe mandara e que eu ainda não considerava prontos. Trabalhei mais naquelas histórias e queria ouvir a opinião do Lobato. Ele era o mais hábil escritor do nosso grupo, as palavras para ele fluíam fáceis e suas observações sobre o que escrevíamos sempre eram úteis. Ainda meio sonolento, eu notava que as conversas no vagão só aumentavam e que ninguém se preocupava em dormir. Enquanto o trem subia a serra, as estações foram passando sem que eu abrisse os olhos: Inhaíba, Piragibu, Rodovalho, Pantojo, Mayrink, São Roque, Maylasky, as pequenas estações da Sorocabana que percorri toda a minha vida e cujos nomes até hoje sei de cor. Mas, em Maylasky, o ponto mais alto da ferrovia, acordei de vez e resolvi abrir a minha cortina. Já era dia claro e vi que todos os passageiros estavam junto às janelas. A paisagem era de sonho. O mato baixo, os mourões das cercas, as copas das árvores, tudo estava coberto por uma fina camada de gelo e, ao lado da linha férrea, ele se acumulava formando um manto branco. As poças d'água pareciam vidro e o céu, ainda amanhecendo, era claro e limpo como cristal.

Não dormi mais. Na descida até São Paulo, campos e matas se sucediam como numa paisagem de folhinha. Quase tudo estava coberto de gelo, das folhas nas árvores ao mato rasteiro. Nas estações do percurso, praticamente não havia ninguém na plataforma, no máximo um funcionário da ferrovia, cuja respiração se enxergava de longe, transformada em vapor branco. Em Barueri, a ferrovia alcançava o rio Tietê e, na extensa baixada que se estendia além da estação, via-se o rio serpenteando em curvas infinitas e a cidade, além, coberta por uma densa neblina, igual àquela que eu vira em Tatuí na madrugada. Porém o que mais chamava a atenção e fazia com que todos os passageiros se acumulassem nas janelas do lado esquerdo do trem era a incrível paisagem que se podia enxergar daquele ponto elevado de onde se descortinava a extensa várzea ao longo do Tietê. Através das janelas, se viam quilômetros das margens do rio, cobertas por uma contínua camada de gelo que formava um único véu branco que envolvia tudo como numa paisagem de cartão-postal da Suíça. Ao chegar à baixada, o trem seguia por um longo trecho acompanhando o rio e o cenário europeu desfilava diante dos passageiros grudados às janelas. Logo depois de Osasco, ao cruzarmos a ponte e já nos aproximando da Lapa, vimos uma pequena lagoa ao lado da linha, não apenas com aquela aparência vítrea que tínhamos visto várias vezes no caminho, mas sim branca e solidamente congelada. Quando chegamos à gare da Sorocabana, ainda havia neblina e os passageiros desembarcados tomaram rapidamente a plataforma, comentando

animadamente a inusitada viagem que fizéramos. Para mim, foi um choque deixar o vagão mais ou menos aquecido e enfrentar o frio da plataforma. Estava muito mais frio naquela manhã em São Paulo do que durante a madrugada em Tatuí. Era um frio cortante e quase não havia vento. Enquanto um carregador recolhia as minhas coisas, fui até a sala do telégrafo saber notícias. Vários passageiros tiveram a mesma ideia e formou-se uma roda no balcão do telegrafista. Reencontrei lá o guarda-livros de Boituva, que também buscava informações.

— Pois é, doutor. A situação parece muito grave. Não sei o que será de nós, que dependemos da agricultura. Dizem que houve geada grande no estado inteiro, atingiu Campinas, Ribeirão Preto e até o sul de Minas. Vai ser uma calamidade. Se eu tivesse um emprego num banco ou numa casa comercial, estaria bem, a gente sabe, essas dificuldades passam. Mas eu, que só vivo do meu trabalho com os fazendeiros, como é que vou me arranjar? Nem sei o que vou fazer aqui na cidade. Eu ia à Secretaria da Fazenda para resolver pendências dos meus empregadores, mas, com esta situação, quem é que vai pensar em pagar impostos? — Ele dizia isso com um ar francamente desamparado e torcendo o chapéu com as mãos.

Quando o telegrafista se aproximou do guichê e falou conosco, confirmou os piores receios de todos.

— Nós temos informação de geada em todas as estações da linha, tanto na tronco quanto no ramal de Itararé. Até meia hora atrás tínhamos duas composições paradas na linha tronco, em Botucatu e Conchas, porque os depósitos de água da via congelaram e não se pode abastecer as locomotivas. Aqui também a água congelou e o pessoal das oficinas está aquecendo os depósitos e tubulações com maçarico, mas alguns canos estouraram com o frio. Imaginem só os senhores, onde já se viu isso?

Sáímos de lá preocupados. Mas as surpresas desse dia estavam longe de terminar. Enquanto eu pedia ao carregador que me arranjasse um tílburí, assisti, na calçada da rua Mauá, a neblina, agora tênue, se dissipar quase instantaneamente e um pó branco e leve começar a cair sobre a cidade, cobrindo as ruas e calçadas. Surpreendidos, todos os veículos pararam imediatamente e até o bonde que passava naquele momento bem na minha frente interrompeu a marcha e os passageiros desceram para a rua para apreciar o espetáculo.

Era a neve, a primeira neve que a cidade já vira, a única que eu vi em toda a minha vida! Apesar do frio congelante, todos saíram à rua, e as calçadas imediatamente se encheram. Embora qualquer um em São Paulo, pobre ou rico,

nativo ou recém-chegado, soubesse perfeitamente que o vigor econômico da cidade dependia das boas safras do café, e as geadas, que certamente estavam atingindo as plantações em muitas regiões, podiam afetar dramaticamente a vida de todos, ainda assim e apesar disso, durante uns minutos a cidade, maravilhada, parou por completo para apreciar o espetáculo.

À medida que a manhã foi avançando e o sol subiu no horizonte, a neve e o gelo foram se dissolvendo, embora o frio permanecesse. Corri até em casa para deixar lá minhas coisas. Minha mãe queria conversar e me encheu de perguntas, mas eu tinha pressa e prometi que voltaria à tarde para jantar com ela e meu pai. Queria ir à cidade o mais rápido possível, rever a garçonnière e a minha roda. Tomei um banho rápido, mudei de roupa e saí. Passava das nove horas quando peguei o bonde na rua da Glória. Embora a neve e o gelo já tivessem derretido e restasse apenas uma lama cinzenta nas ruas, a manhã extraordinária que tivéramos era o assunto de todos e, mesmo entre desconhecidos, comentavam-se animadamente as incríveis cenas daquele dia.

Desci do bonde no largo de São Bento e fui caminhando até a garçonnière. Ao passar em frente ao prédio da *Gazeta*, vi no quadro, que exibia os últimos telegramas e que um pequeno grupo se aglomerava para ler, um comunicado do dr. Belfort Mattos, diretor do Observatório da avenida Paulista, resumindo os fenômenos meteorológicos dos últimos dias e no qual se declarava que a temperatura mínima naquela manhã havia atingido a marca de 3,2 graus centígrados negativos! O número, sublinhado com lápis vermelho, chamava a atenção. Ao lado, diversos telegramas do interior descreviam com pouca variação a situação da maioria das cidades: geada intensa e grandes danos à agricultura. Apesar da pressa, não consegui deixar de gastar alguns minutos lendo os telegramas. A situação parecia grave em todo o estado e certamente as lavouras seriam muito prejudicadas. Quem dependia do café — e era a maioria — iria ter problemas.

Assim que me aproximei do nosso prédio, vi Pippo na porta de entrada. Como sempre, quando o Fiore não estava por ali, ele fugia do elevador e ia conferir o movimento da rua. Naquele dia, aproveitava também o sol que batia na calçada em frente, sol fraquíssimo, que quase não amenizava em nada o frio reinante, mas de toda a maneira, sol! — que se não era capaz de esquentar a nossa terra, pelo menos a alegrava e coloria. Eu estava com saudades do Pippo e o cumprimentei alegremente. Ele, logo que me viu, veio me abraçar e, com seu jeito de sempre, fez mil perguntas, uma atrás da outra, sem me dar tempo de responder. Queria saber do frio no interior, quando eu tinha chegado e,

finalmente, a pergunta que todos faziam naquele dia e durante muitas semanas depois.

— *I a neve, dottore? Una neve assi, só in Verona la mia madre ha visto! Que belo, he?*

Respondi rapidamente às suas perguntas. Se eu permitisse, acabaria falando com ele durante uma hora. Fui logo me desvencilhando e ia entrando pelo corredor. Mas o Pippo me segurou pelo braço.

— *Bandiera rossa, dottore!*

— Ué, mas a esta hora? E quem é o felizardo? — perguntei.

— *O dottore Oswaldo. Deu ordi para eu ficá de plantó i num deixá ninguém subi. Tá lá com a mucinha nuralista.*

PARTE III
CENAS DE AMOR E DE GUERRA

19. O desastre

Quando voltei para Tatuí no dia seguinte, pude ver da janela do meu vagão o resultado daquela noite de frio intenso e de geada. Em grandes extensões, mas principalmente nas baixadas, manchas marrons tingiam o verde da paisagem. Era a geada negra, a forma mais agressiva de geada, que congelava a seiva das plantas e matava instantaneamente. Na nossa região, onde predominava a cultura do algodão, o frio havia feito um grande estrago; era fácil imaginar o que devia ter acontecido na zona cafeeira. O frio era o assunto geral e no trem que me levou de volta não se falava em outra coisa. Ele dominava o noticiário e o *Correio Paulistano* até publicou uma crônica bem-humorada que guardei no meu baú de recortes, como lembrança daqueles dias:

O frio... Nem a guerra, nem a derrota dos austríacos. O frio é o assunto capital, o motivo de todas as palestras, o fenômeno maior que o da “menina santa”... Tudo caiu na banalidade, no lugar comum; bastou, para isso, que à medida que os austríacos recuavam no Piave, o frio avançasse sobre São Paulo a grandes passadas de exército ocupante. Os velhos contam que nem em 1870 se registrou um tal caso de frio e que nem em 1902 gelou tanto. O frio é a saudação, é a senha, é o “como vai você”? de todo o encontro. E é o frio, indubitavelmente, que dá à cidade o seu aspecto mais característico. Para completá-lo só falta a garoa, pouco menos civilizada e amável porém mais tradicional. É no frio que a cidade tem um aspecto mais europeu, que melhor assenta à própria feição dos seus edifícios.

Todos os jornais traziam artigos estimando o montante dos prejuízos, e os prognósticos eram assustadores. Em São Paulo, tudo dependia do café e até a Light vendia mais passagens de bonde quando o café trazia a prosperidade. Embora o governo contasse com grandes estoques e pudesse enfrentar a crise aproveitando a subida de preços que certamente viria, a geada com certeza iria arruinar muitos fazendeiros, que apesar de ricos eram, em geral, cronicamente endividados. Um pé de café levava quatro ou cinco anos para começar a produzir e só atingia o auge anos depois. Para formar uma fazenda e mantê-la enquanto o cafezal não produzia, os proprietários necessitavam de muito capital e, com os preços garantidos pelo governo, todos queriam plantar cada vez mais. Assim, os

cafeicultores expandiam permanentemente as suas culturas e as suas dívidas. O desastre, com certeza, atingiria muita gente, tanto no campo quanto na cidade.

Quando cheguei a Tatuí, fui logo conversar com o dr. Agrícola. Ele era um velho juiz do interior, fora dos primeiros nomeados pela República, já passara por inúmeros postos e vira muita coisa. Agora, próximo da aposentadoria, queria encerrar a carreira em sua terra natal, onde tinha família.

— Ué, delegado, o senhor por aqui? Só o esperava de volta na semana que vem. Foi o frio da capital que o espantou?

— Não — respondi. — Resolvi rapidamente os meus assuntos e achei melhor voltar para o meu posto.

— Pois é, a geada aqui fez um estrago grande, pegou muita gente desprevenida. O coronel Quinzinho Moreira, meu contraparente, veio ontem me pedir orientação. Está com as fazendas hipotecadas ao Banco de Crédito Real e não sabe o que fazer. Imagine você a minha situação. Se o banco resolve executar, sou eu que devo decretar a penhora. O que é que eu vou poder fazer?

Não havia resposta, claro. Nas semanas seguintes, essas histórias se repetiram, e a maioria dos fazendeiros temia a ruína. O clima era de medo e o comércio da cidade, sempre muito ativo, decaía nitidamente. Todos tinham suas preocupações e se preparavam para o pior. Não somente no interior. Havia um pessimismo difuso que chegava à capital e se podia perceber nos jornais e nas conversas. Foi a primeira vez que senti isso. Durante toda a nossa vida, acreditamos que o futuro sempre nos reservaria dias melhores e tanto os jovens quanto os velhos pensavam assim e todos ansiávamos pelas coisas maravilhosas que ele nos traria. Havíamos assistido ao crescimento assombroso de São Paulo e vimos a riqueza brotar do chão, junto com as novas cidades que se formavam quase do dia para a noite. Além disso, tínhamos testemunhado as mudanças do mundo e acompanhamos o surgimento da luz elétrica, dos telefones, dos automóveis e, naqueles dias, dos aviões, do cinema e de um sem-número de novas invenções. Vivíamos a era das máquinas e da velocidade e ninguém cogitava que o futuro pudesse nos trazer surpresas desagradáveis. Eu nunca tinha ouvido a palavra “crise” pronunciada daquela maneira; e em São Paulo, todos sempre prosperaram, mesmo os pobres, independentemente do que estivesse ocorrendo no resto do mundo. Mas desde a greve algo mudara e havia agora uma sombra de dúvida e a geada vinha agravar essas preocupações.

Esse clima mais sombrio, no entanto, estava bem de acordo comigo, que naqueles dias pretendia me recolher e fugir um pouco da agitação da capital.

Passados cerca de quinze dias, justamente quando eu pretendia ficar mais

tempo em Tatuí, tive de voltar a São Paulo, dessa vez chamado oficialmente. Havia inúmeros assuntos que eu precisava resolver na Secretaria da Justiça e, além de mim, muitos delegados novos foram convocados. Foi lá na Secretaria que gastei o meu primeiro dia na cidade, de manhã com o delegado-geral e depois, à tarde, resolvendo problemas da complicada burocracia da Justiça. À noite jantei com meus pais e fui dormir cedo.

Eu pretendia passar aqueles poucos dias na cidade dedicado exclusivamente ao trabalho e encontrando o menor número de pessoas possível. Mas isso não era fácil e, ao sair da Secretaria da Fazenda na manhã seguinte, cruzei com Ignacio, que me avistara de longe e me chamou. Sem que eu lhe pedisse, começou a fazer um resumo pormenorizado dos últimos acontecimentos no Covil de Oswaldo.

— A Cyclone está sequestrada — ele me disse. — Praticamente já não pode mais sair à rua sozinha e os parentes do Brás vigiam cada passo que ela dá. Apesar disso, outro dia ela conseguiu escapar e esteve lá rapidamente, bem cedo, mas por azar não encontrou ninguém.

Embora eu lhe dissesse que estava com pressa e não tinha muito tempo porque me esperavam na Polícia Central e precisava correr, ele me arrastou para a Leiteria Campo Bello. Sentamo-nos numa das mesas próximas da porta, para tomar um café rápido. Mas Ignacio pediu uma média e um pão com manteiga e aboletou-se na cadeira com a calma de quem tinha muito o que conversar.

— Imagine você como ficou o Oswaldinho, ansioso da maneira que é, sabendo que a Cyclone esteve lá e não achou ninguém! Oswaldo — ele foi me contando —, impacientíssimo como sempre, tentou vê-la no Brás, lá nas lonjuras onde ela mora.

Para essa excursão, tinha convocado Ignacio, que lhe serviu de escudeiro em meu lugar e, num fim de tarde, ambos deram um longo plantão na rua Almirante Barroso, tentando avistá-la de alguma forma. Exaustos, depois de horas de espera, indo e vindo no quarteirão dela, voltaram ao Retiro e souberam pelo Fiore que Daisy, na casa de uma amiga, telefonara vinte vezes tentando achá-lo.

— Um azar danado! Contando ninguém acredita. Foi mais um triunfo do desencontro — concluiu Ignacio.

Perdi uns bons quarenta minutos com ele, embora não fosse essa, de maneira nenhuma, a minha intenção. Mas fui cedendo à curiosidade por saber tudo o que se passara na minha ausência. Às vezes, as mais sólidas deliberações podem ser dissolvidas por uma simples xícara de café. E, afinal, havia muitas novidades. A ruína das fazendas do Paulo, o novo emprego do Léo na *Gazeta* e mil outras

coisas que movimentavam a nossa roda e que eu desconhecia e não podia acompanhar do meu posto em Tatuí. E havia também o caso da Cyclone. Era óbvio que os cuidados que o Oswaldo tomara em relação à Daisy não haviam sido suficientes e a família dela percebera que algo estava acontecendo e que ela lhes escondia o que fazia. Isso, dessa vez, não se devia às imprudências do Oswaldo e tinha mais a ver com ela do que com ele.

A verdade é que Daisy já não queria mais a sua vida antiga e nem tinha paciência para continuar nela, é o que penso hoje, passados tantos anos, e eu posso avaliar as coisas com um certo distanciamento. Eu acho que ela nunca pretendeu levar a vidinha típica de uma moça de sua classe e formar-se professora enquanto aguardava passivamente a chegada de um marido. Como adquiriu essas ideias tão divergentes do comum das moças daquele tempo, não sei dizer. Ela lia muito, tudo o que lhe caía nas mãos, e tinha um espírito naturalmente inquisitivo, coisa que exasperava o Oswaldinho, que nunca antes havia conhecido uma mulher capaz de lhe questionar até os menores atos da vida. Daisy não só discutia conosco como estava sempre disposta a apontar as contradições em quaisquer das coisas que dizíamos. Devia ser assim também em sua casa e, talvez por isso, ela sentiu muito a mudança para o Brás. Na rua Olinda, com o tio viúvo e a avó muito velha, vivia com mais liberdade, e a velhinha, enquanto pôde, a cercava de carinhos e tinha toda a paciência com as esquisitices da neta, a quem protegia escancaradamente, como a própria Daisy nos contou muitas vezes. No Brás, não era assim e a tia professora era uma figura severa e convencional, cheia de certezas inabaláveis, que não admitia muitas contestações.

Quando nos conheceu, apesar das enormes limitações que enfrentava, Daisy teve acesso a outro mundo, um mundo cheio de ambições, glórias futuras e de sonhos que poderiam se realizar. Todos nós tínhamos aquela atitude de quem queria — e presumia que podia — mudar o mundo. Nas discussões na garçonnière, reescrevíamos as notícias dos jornais, alterávamos o curso da guerra, fazíamos pouco dos livros publicados, enfim, mostrávamos que éramos capazes de ver o que ninguém mais via, coisas que só se pode fazer e pensar na juventude. Ademais, se a nossa roda não era exatamente composta de celebridades incontestes, éramos conhecidos e nossos nomes estavam frequentemente nos jornais. Guy havia acabado de publicar com sucesso seu primeiro livro de poemas; Ignacio, feito uma boa exposição de seus trabalhos meses antes e seus desenhos estavam sempre nas revistas; e o Lobato — este, sim, uma verdadeira celebridade — acabara de lançar seu *Urupês*, que vendia

como pão quente e estava se transformando no maior sucesso literário que já se vira em São Paulo. Oswaldo, todos conheciam não apenas como jornalista e jovem escritor, mas também como personagem do caso da bailarina. Até eu, um modesto delegado do interior com alguns poucos contos publicados aqui e ali, merecia nota no *Estado* anunciando a minha chegada de Tatuí, que algum dos amigos publicou sem que eu pedisse. O mesmo acontecia com os outros, e cada um tinha sua cota de notoriedade.

Nosso grupo, evidentemente, fazia um contraste gritante com a estreiteza da sua rotina familiar, ainda mais agora que morava na casa do Brás com a tia intransigente e vigilante. A escola da Praça, que ela se empenhara em frequentar poucos anos antes, parecia-lhe agora opaca e ensebada como os seus velhos lentes e naturalmente não era páreo para a energia e vitalidade algo juvenis do nosso Covil. Por tudo isso, ela sentia cada dia menos disposição de ir à escola e mais vontade de frequentar o nosso alegre instituto. E havia Oswaldo, claro. Cyclone, ao contrário da maioria das moças, não queria apenas um marido, mas buscava um sentimento arrebatador que fugisse da regra geral e lhe desse mais do que apenas uma vida doméstica e filhos. E desde que seguiu o caso da bailarina pelos jornais, viu em Oswaldo um homem com a capacidade de se apaixonar intensamente, como ela pretendia.

À noite, não tive como escapar de ir à garçonnière e encontrei todos. Bastou-me estar lá uns poucos minutos para enterrar de vez a ideia de passar mais tempo em Tatuí. Todos continuavam com aquela contagiante alegria e logo me envolvi nas conversas, lamentando a tristeza e o isolamento em que vivia. Além do mais, todos sentiram a minha falta e me receberam calorosamente e Oswaldinho me disse que tinha muito o que me contar. Ele estava tomado de amores pela Cyclone e já dava sinais da mesma impaciência da época da bailarina. Mal podia suportar uma curta separação e a ida ao Brás foi sinal disso. O fato de não poder estar com ela evidentemente atiçava ainda mais a sua paixão.

Mas não era só ele que estava aflito. Todos sentiam falta de Daisy e a noite inteira discutimos de que maneira poderíamos restabelecer a comunicação com ela. Em meio à discussão, fui encarregado novamente, graças à minha boa letra, de escrever mais uma cartinha da “boa amiguinha Nenê Rodrigues”, naquela altura a única forma que tínhamos de penetrar na fortaleza do Brás e nos comunicar com ela.

No dia seguinte, houve mais um desencontro: Cyclone novamente passou às carreiras, logo cedo, no Covil e não encontrou ninguém. Mas deixou um

animador recado no diário:

Chego toda atarefada no casaco d'inverno, busco em toda esta esplêndida "garçoniere" os vultos amigos dos meus rapazes. Mas qual. Nem um sequer a quem dar o beijo rápido de chegada.

Muito grata, meus queridos pelo lindo presente.

Estou com febre 38 ½!! (não se assustem) Até 3ª. feira às 11 horas: aprontem um almoço "à Trianon" q. virei passar aqui toda a "matinée".

Oswaldo, quando chegou, ainda a avistou de longe subindo no bonde, mas não conseguiu alcançá-la. Apesar de não a termos encontrado, o recado que ela deixou no diário agitou a todos. Na terça-feira seguinte, primeiro dia de aula, depois de praticamente três semanas de ausência ela viria almoçar conosco e passaria a tarde no Retiro. Eu, que já deveria estar de volta a Tatuí, dei um jeito de prolongar minha estada em São Paulo por mais uns dias. Todos fizemos grandes preparativos e na véspera estávamos tão ansiosos que até redigimos um menu fantasioso, com pratos como *dinde à la Cyclone*, *mouton-chopp à la "femme de Fiore"*, *petites cuisses de femme à 30 ans* e, de sobremesa, *salade de fruits... défendus*, que desenhemos cuidadosamente no diário para que ela visse no dia seguinte. Tudo isso, evidentemente, com o único objetivo de passar o tempo e enfrentar as horas de espera.

Foi uma alegria para todos reencontrar Daisy. Constatei que ela e Oswaldo estavam sem dúvida nenhuma mais próximos e que agiam abertamente como um casal apaixonado. Mas todos sabíamos que era uma relação que permanecia difícil. Ele tinha ciúmes e desconfianças sobre o que acontecia no Brás nos dias em que não podia vê-la e ela, premeditadamente, eu acho, atiçava as suas dúvidas e não cedia às suas queixas. Apesar do contentamento geral pelo reencontro, os dois acabaram discutindo e no final, quando já era hora da Cyclone encontrar-se com as colegas na porta da Escola Normal, Oswaldo desceu com ela pelas escadas do prédio, sinal certo de que continuariam a brigar fora de nossas vistas. No dia seguinte, ele escreveu no diário:

Toda a psicologia complicada de uma mulher está num efeito de má ótica — elas dão grande valor às coisas mínimas e com isso nos contrariam e às vezes nos assombram; às coisas realmente grandes dão o valor mínimo e por isso nos perdem.

Por fim, tive que voltar para Tatuí, mas naquele período, em razão da reorganização da delegacia, passei a vir a São Paulo toda semana, por isso não deixei de acompanhar as peripécias dos dois. Apesar das discussões, agora Cyclone comparecia à garçonnière todos os dias e o amor deles era muito mais explícito e compartilhado por todos. Eles procuravam chegar cada vez mais cedo

e aproveitar, na intimidade, os momentos em que deixávamos livre a garçonnière. Sempre chegavam antes de nós e todos compreendemos rapidamente que não seria mais adequado bater à porta do Retiro antes das onze da manhã. Num desses dias, quando chegamos mais ou menos juntos por volta dessa hora, encontramos a Cyclone saída do banho, na banheira que ela obrigara Oswaldinho a consertar e que ninguém havia usado antes. Lobato, divertido e irônico, anotou no diário:

Tufãosinho, de kimono, agoniza no “Miramar”... Garôa, ao lado, a estalar dentro das banhas, fuma n’um silêncio trágico. A pira fumeça. E eu, miro com gula de trapista, “un petit bout de mollet” que uma prega indiscreta do kimono lilás descobre maliciosamente...

Mas esta nova intimidade que se criou entre eles não serviu para aplacar os ciúmes do Oswaldo e nem a insatisfação da Cyclone. As brigas mantiveram-se constantes e, numa sexta-feira, não sei por qual motivo exatamente, a discussão foi mais séria e Daisy rompeu com ele e foi embora da garçonnière prometendo não voltar mais. Eu não estava em São Paulo, mas pude acompanhar o desentendimento pelo diário que registrava tudo. Todos pudemos ler a anotação que Oswaldinho deixou:

Ciclone partiu... voltará?

No dia seguinte, ele foi buscá-la na porta da escola e a custo a levou, de táxi, para uma capelinha longínqua que diziam ser milagrosa, onde ele a fez jurar, ante a Virgem — depois de ter jurado também —, que seriam um do outro, para sempre. Esse lance dramático, muito próprio de Oswaldo quando estava apaixonado, aplacou um pouco as dúvidas de Daisy, que escreveu comovida:

Para o meu companheiro

9 horas... partimos os dois pela manhã, franjada ainda de nevoeiros úmidos. E o céu tão alto... e tão azul! A paisagem que nos corria à beira do auto, tinha espanejamentos bruscos de vida e a cidade ao longe, batida de sonolência era como esses desenhos a cores, que um papel de seda encobre por inteiro. E a capelinha clara que assombrava com seu traço o cenário de luz, se desfazendo da névoa, surgiu radiosa e linda, a nos ditar na majestade real todo um poema de unção e de verdade...

Vivendo emoções tão intensas, Daisy já não ia às aulas, que haviam começado há pelo menos dez dias. Ela praticamente passava o dia na garçonnière e só ia embora lá pelas quatro da tarde, no horário justo para pegar o bonde para o Brás e chegar em casa num horário que não despertasse suspeitas. Todos nos adaptamos a esses horários e organizamos a nossa vida para estar no Retiro entre a hora do almoço e o fim da tarde e poder aproveitar ao máximo a presença dela.

Sempre que possível, fugíamos de compromissos naqueles horários. Ela era o centro das nossas atenções, e o diário estava repleto de referências que demonstravam isso. Algumas acabavam borradas pela censura da Cyclone ou às vezes pelo Oswaldinho, mas, ainda assim, ficavam todos lá.

Cyclone: O traço a matéria a forma exterior e palpável da Cyclone é a mecha. A mecha é o seu tipo, o seu caráter — a palpitação de seus nervos. Há nuvens que no seu esfarrapado branco são tanto um prenúncio de azul ou tempestade — há manhãs que são toda no flutuar toda uma promessa de amor. A mecha da Cyclone é assim. A flutuação nervosa, o esvoaçar caprichoso à espera em toda sensibilidade da dona.

Ou na anotação mais atrevida de Ferrignac, bem no seu estilo:

Cyclone! Suculentíssima! Assim, de manhã, essa visão cyclonica adoça a alma e enrija o coração!

Daisy, porém, a cada dia mais que passava no Retiro, aumentava o número das suas faltas e tornava pior a sua situação na escola e por consequência os riscos que corria. Seu maior receio era que denunciassem suas ausências à família. No final de julho, muito a contragosto, ela finalmente voltou às aulas e no dia seguinte fez o seu relatório no diário.

Fui à aula! Mas como envelheceram os meus pobres lentes — (biconvexas...) O Mérico de Moura cada vez mais chato e mais encardido, fazendo uma profusa distribuição de “Hinos Nacionais” de sua lavra.

Para o que havia de dar a peste... p’ra poeta! A seguir esse modesto vate, invade a sala, a tropeçar atrapalhado, a figura melada e fofa do Mister Buarque. Encarou-me um instante a dizer

— Então: cuidei que morrera. Causava pena o perder tão eminente aluna. “É exatamente, o que eu não desejava”. Da parte do pessoal miúdo da classe, recebi uma manifestação respeitosa e... escrapulosa.

Enfim, eis todo o meu dia de nova vida.

A Escola Normal era a escola-modelo da cidade e suas regras, muito severas. Não era fácil obter uma vaga lá, e a própria Daisy só conseguira ser aprovada nos exames de admissão na segunda tentativa. A não ser em casos de luto ou doença grave, as alunas não faltavam nunca. Léo, professor experiente, mas que cursara apenas a escola complementar em Piracicaba e sabia bem como funcionava a escola da Praça, antevia — entre nós — que a Cyclone poderia enfrentar grandes problemas. Mas a sua presença era tão envolvente que não ousávamos dizer nada e na realidade, independentemente das consequências, nenhum de nós queria perder a possibilidade de viver aqueles almoços e aquelas tardes com ela. Oswaldinho então, nem se fala, estava outra vez tão apaixonado quanto na época da bailarina. Não pensava mais em nada, e cada minuto de ausência da Cyclone custava-lhe um esforço gigantesco.

Oswaldo, definitivamente, não estava com sorte e poucos dias depois de voltar às aulas a Cyclone sumiu de novo. Como a comunicação com ela era difícil, passamos o dia apreensivos, aguardando por ela, e desconfiados de que algo ruim pudesse ter acontecido. Só no final da tarde Daisy conseguiu falar com a mulher do Fiore por telefone e contou que estava doente e que ficaria em casa por uma semana. No dia seguinte, Oswaldo e eu fomos ao Brás e, com muito custo, conseguimos fazer contato com ela através de uma amiguinha, que nos trouxe um bilhete endereçado ao Oswaldinho e um raminho de flores de jardim.

3-8-1918

Miramar

Imagino, o quanto esperas-te ontem, pela minha ida. Porém, uma pleurocongestão, me retém ao leito desde 5^a, à noite.

Há já 4 vezes que Graziella te telefona, sem que te encontre.

Escrevo-te, de cama tendo Graziella e outra amiguinha como enfermeiras. Até 2^a. se Deus quiser; se passar bem, irei à aula.

Adeus. Recebe todo o coração da

Cyclone

Peço-te que Amanhã às 2 1/2, passes por cá, e fiques ao lado esquerdo da casa minha. Saudades a Ferrignac, Viruta, Léo, Fiori, Valente, etc... Ontem tive um ameaço de hemoptise: quase morri.

Adeus, Ziza vem vindo.

Cyclone

Essas flores são para os nossos amigos, acima discriminados.

Mais tranquilos depois de saber o que se passava com ela, resolvemos ir à igreja da Penha rezar pela melhora da Cyclone. Oswaldo, que foi místico a vida inteira, sempre recorria à igreja e à religião nos momentos cruciais de seus grandes romances e, quanto mais envolvido, mais apelava para rezas e promessas. Com o amor, a sua frequência à igreja aumentava e nós, seus amigos, sabíamos que esse era um sinal certo de grande paixão.

Subimos a ladeira íngreme e chegamos quando a missa das seis se iniciava. A igreja estava quase cheia e havia muita gente pagando promessas, como era comum lá todos os dias. Enquanto assistíamos à missa, Oswaldo chamou a minha atenção para uma senhora muito bem-vestida e com a cabeça inteiramente coberta por uma mantilha de renda que atravessava a igreja de ponta a ponta, de joelhos. Como usava um vestido elegante, provavelmente de seda, cumpria a penitência em cima de uma espécie de tapetinho de algodão grosso, que impedia que ela arruinasse a toalete no chão sujo da igreja. Saímos só quando a missa terminou e, depois de uma viagem de mais de uma hora de bonde, chegamos ao Retiro quando já passava das oito da noite, para encontrar os outros que ainda estavam lá. Léo, Edmundo e o Jairo estavam ainda firmes à nossa espera,

ansiosos por saber como ela estava. Enquanto comentávamos as últimas novidades, não se podia deixar de notar que não havia nem sombra da animação que existia ali normalmente. Oswaldinho, largado no canapé de palhinha, praticamente não abriu a boca, ainda preocupado com Daisy. Embora estivéssemos quase todos lá, o nosso alegre Retiro parecia deserto, unicamente em razão da ausência dela, que era quem de fato dava vida àquelas pequenas salas da rua Líbero. Da conversa sonolenta e desanimada só despertamos quando o Ignacio chegou, já bem tarde, também em busca de notícias. Ao contrário de nós, veio animadíssimo e contou que havia testemunhado um quase suicídio na esquina do Viaducto.

— Ah! A alma encantadora das ruas! Imaginem vocês que uma rapariga de catorze anos, um frutinho verde como a tinta que o Miramar comprou para escrevermos os nossos mais finos pensamentos no diário deste instituto, tentou se atirar do alto dos terraços do Automóvel Club para os jardins do Anhangabaú, tantos metros abaixo!

Ferrignac, como ele disse cinicamente, “abiscoitou durante alguns minutos os mistérios fatais da psicologia feminina e a tentação embriagadora de umas pernas perfeitas”. Tratava-se, naturalmente, de um caso de amor e a menina confessou, entre soluços, ao urbano que logo atendeu à ocorrência, que tentara o gesto extremo porque era uma “vencida da vida”.

— Adorável, a rua! — sentenciou.

Com tal declaração, nos rendemos ao chamado da vida e saímos ainda a tempo de encontrar no Galo Verde as atrizes e a gente dos teatros que ia até lá se divertir depois das funções da noite.

Em poucos dias a Cyclone voltou. Nós a recebemos com um grande buquê de rosas vermelhas e Oswaldo encomendou, para comemorar, um pato que ele e o Pippo foram buscar no Campo Bello. O almoço renovou a animação de todos e Daisy saiu de lá feliz na hora costumeira. Porém, apenas uns minutos depois que ela partiu, enquanto ainda limpávamos a desordem que fizéramos, alguém bateu à porta. Oswaldo, em mangas de camisa, se adiantou para atender.

— Deve ser o Pippo, que veio tirar o lixo!

Mas quando abriu a porta, viu-se diante de uma senhora com cara de poucos amigos, acompanhada de um rapazinho, que perguntavam por Maria de Lourdes, se ela estava lá ou se tinha estado.

— Não há ninguém com esse nome. Aqui é um escritório de advogados — disse Oswaldo, embora estivéssemos todos um pouco descompostos e em

mangas de camisa e só o Léo, que ia saindo para uma entrevista na *Gazeta*, estivesse de paletó e com o chapéu na mão.

Essa visita inesperada fez soar em todos nós um alarma. Embora o episódio fosse preocupante e o contássemos à Daisy no dia seguinte, acabamos por não lhe dar a devida importância. A alegria daquelas tardes no Covil suplantava as maiores preocupações.

No outro dia, por via das dúvidas, almoçamos todos na casa de Oswaldinho, na rua Augusta, aproveitando a ausência de Kamiá e de seu Andrade, que continuavam na praia. Daisy estava preocupada e nos contou da discussão que tivera com a tia. Ela tinha certeza de que eles desconfiavam dela e temia que alguém a seguisse. Ela queria de alguma forma voltar para a rua Olinda, mas sabia que seria difícil que a família permitisse. Diferentemente do dia anterior, quando seu riso claro e franco encheu a garçonnière, ela foi ficando, à medida que a tarde seguia, cada vez mais soturna e sensível. Todos vimos isso e as suas anotações no diário revelavam a sombra que desceu sobre ela.

Que será que eu tenho em mim? uma ansiedade má que me tortura um pouco...

Sinto a premeditação que a alma tem para a desgraça!

Que será que eu tenho em mim?...

A medalha mostrou-me o reverso...

Cyclone

Oswaldo, bem-humorado, fazia pouco do pessimismo dela.

O dia hoje acordou bom. Estou otimista.

Será cinismo?

Mas as preocupações que nublavam a vida da Cyclone de certa forma nos contaminavam. Eu secretamente achava que compreendia muito bem o que se passava em sua alma e a angústia que ela sentia. Apesar dos meus firmes propósitos iniciais, desisti de ficar mais tempo em Tatuí. Bastou a primeira tarde na garçonnière para que eu abandonasse totalmente a ideia. Eu também procurava fugir da minha delegacia como ela fugia da família e da Escola da Praça. E usava o menor pretexto para vir a São Paulo, pois sentia uma falta enorme do nosso Retiro e os dias em que era obrigado a passar em Tatuí eram para mim os de um frio exílio. É claro que na cidade já se comentavam, discretamente, as minhas ausências, mas o trabalho de reorganização da delegacia e a proteção paternal do dr. Agrícola — além, é claro, do fato de que naquele interior calmo pouca coisa sucedia — garantiam a minha reputação. Em São Paulo, estava a vida, a agitação da grande cidade, as discussões no Covil, os rumos da guerra, o fuzilamento do tsar, as noites nos cafés. Enfim, em São Paulo

estava tudo o que me seduzia naquele tempo e ainda havia o Retiro da rua Líbero Badaró e a presença encantadora da Cyclone. Era difícil para mim ficar longe e eu compreendia perfeitamente a dificuldade dela em se trancar na escola enquanto a vida fervia aqui fora.

Daisy seguia as aulas precariamente e faltava o mais que podia. Mas muitas vezes a sua alegria voltava e Oswaldo anotou no diário:

Dasy fala, fala... Está uma gralha em dia de sol: Falou alegre, depois falou triste e partiu. Que esplêndida convalescença!

E assinou: *Miramédico*.

No dia 13 de agosto, ela foi obrigada a chegar cedo à praça da República e passou voando pelo Retiro. Em São Paulo, decretou-se ponto facultativo e as escolas suspenderam as aulas para as comemorações dos cinquenta anos do primeiro discurso de Ruy Barbosa, proferido quando ele ainda era estudante da Academia. Ruy, considerado em São Paulo o maior dos nomes da política nacional e candidato permanente da dissidência do Partido Republicano Paulista à Presidência da República, parou as escolas e repartições públicas para a comemoração de seu Jubileu Oratório. A Escola Normal, mesmo com as aulas suspensas, realizaria um retumbante ato cívico, com a presença obrigatória dos alunos, e Daisy não teve como escapar. Mas, apesar da rapidez com que passou pela garçonnière, ela e Oswaldo ainda encontraram tempo para brigar. Dois dias depois, no dia santo da Ascensão de Nossa Senhora, ela conseguiu escapar das festividades religiosas da escola e anotou no diário um resumo pessimista de sua vida, revelando aquele amargor que às vezes inexplicavelmente tomava conta dela.

Agosto 15...

As ruas calmamente festivas me lembraram o dia de hoje. Dia de festa, para todo o Brasil, talvez, só para mim, não. Essa festividade religiosa que se celebra hoje, fez maior o meu tédio, a minha lástima! Até a garçonnière parece em “dia santo”. Leio Verlaine: mas as suas frases que geralmente me produzem uma sensação de ternura cruel, pareceram-me agora complicadas, cheias de adjetivos contraditórios de sutilezas retóricas e de flores de escola literária...

Lembro-me então de “Santiago” e digo com ele — Como a beleza é dolorosa!

Exato: sofro mais, desde que é bela a minha vida. Sofro com intermitências cáusticas com um sentir doentio de mulher sensível e nervosa. Mas é um sofrimento verdadeiro, que sente sem razão, que sente por que sente, que sente por tédio, enfim. Mas, de que preciso para ser feliz? Glórias? essas passam!

Riquezas? oh! se eu quisesse!

Gozo? mas se esses momentos me são odiosos... Deformada sentimentalmente pelos livros, sofro nos meus momentos de “veemência crítica”, o sofrimento de muitas almas de ficção. Sofro como Vinci, como Sandri, como La Faustin...

Preciso de sofrer, e... sofro por tudo!
Missa Litteraria.

As anotações pessimistas dela no diário provocaram a reação imediata de todos e os protestos foram unânimes. Mas ninguém se preocupou de verdade.

Aproveitei o feriado de quinta-feira para vir a São Paulo e passar a sexta e o sábado na cidade. Como era autoridade, podia requisitar as passagens, pois, caso contrário, meu salário não seria suficiente para financiar tantas viagens. Cheguei exatamente a tempo para o almoço da sexta-feira e apanhei pelo meio a discussão sobre a peça levada pela Cia. Brulé no Municipal no dia anterior e que o *Estado* desancara. O jornal considerou o espetáculo de estreia da companhia de Paris verdadeiramente escabroso e imoral. Ou, como disse Ferrignac, “*brûlait la langue...*”. Todos tinham uma opinião e a conversa correu animada. Cyclone, que comia apressada a fim de não se atrasar para a aula, se entusiasmou com a discussão e foi ficando. Quando nos demos conta, o relógio da saleta bateu uma hora, e as aulas estavam perdidas. Mas assim mesmo Daisy insistiu em ir para a escola. No dia anterior ao feriado, ela havia recebido um chamado para comparecer à Secretaria e temia por más notícias.

No dia seguinte quando cheguei na garçonnière por volta do meio-dia, encontrei apenas os recados de Oswaldo reclamando da ausência da Cyclone, que ainda não havia aparecido, e avisando que estava em casa almoçando. Telefonei para ele e fui eu também almoçar em casa.

Quando voltei ao Retiro, estavam todos, Oswaldo, Edmundo, Paulo, Ignacio, mas a Cyclone não aparecera. Oswaldinho estava entediado e irritadíssimo. Como estávamos no sábado, só saberíamos dela na segunda e Oswaldo já ardia de impaciência, antevendo um domingo enfadonho, preso em casa com a família sem poder saber o porquê de mais esse desaparecimento. A verdade é que nós nos comportávamos como viciados de quem se retirava a substância do vício e a ausência de Daisy desalentava completamente o nosso grupo, em geral muito animado. Todos nós, cada um de uma maneira diferente, nos tornamos dependentes da alegria dela e a sua ausência, de certa forma, retirava o motor que nos impulsionava. Vagávamos no Covil sem ter assunto ou o que fazer. A fonola estava quieta e nenhum de nós se animou a colocar um disco. Enquanto o Edmundo escrevia versinhos e Oswaldinho reclamava daquela tarde inútil, alguém bateu à porta. Ignacio, que estava na saleta fazendo anotações no diário, atendeu. Era Pippo, vermelho e atrapalhado, com cara de quem tinha feito alguma arte e se preparava para receber uma descompostura.

— *Intó, io tive que i no correo pro seo Fiore i dispois fui comprá ovo pra a*

Garmé i si isqueci de trazê a cartinha qui as minina da iscola deixaro pro dottore Oswaldo.

Oswaldo, que meio que dormia no sofá, deu um pulo e veio ver o que era.

— Meninas? Que meninas?

— *As nurmalista. Una italianinha e otras duas.*

— Deve ser a Graziella, amiga da Cyclone. O que será dessa vez? — disse Oswaldo, arrancando a carta das mãos do Pippo.

A carta de Daisy, em duas folhas de caderno escritas a lápis, contava tudo. O desastre tão temido se concretizara.

M.

Deu-se o golpe. Não o esperava desse feitio. Ziza pediu-me a guia e como eu não a tivesse ela me pôs na rua. Antes porém eu declarava q tinha perdido o ano. Foi um horror. Fui chicanada e maltratada como nunca. Bem, mas pegando na ordem de Ziza, comecei a arrumar a mala para sair qdo ela me disse que eu tinha de ir primeiro pedir licença a minha mãe p. ser independente. Portanto parto hoje à noite com minha avó p.a Cravinhos. Peço-te que mandes Ferrignac à estação (tu não, porq. seria o maior escândalo: desconfiam de ti) e o Paulo que me leve toda a roupa que eu tenho aí (na última gaveta daquele móvel nosso.) Caso possas manda-me também o vestido q Lulucé me deu. Mas, olhe: faz com que os gravatas façam tudo com arte. Eu preciso falar com o Ferrignac e receber o embrulho do Paulo sem que contudo, os meus “megeiras” desconfiem. Olha, diz ao Dr. Leonardo Pinto que no caso de ser interrogado, diga que de fato eu, Maria de Lourdes Pontes, trabalhei 15 dias em julho e 15 em Agosto no seu ginásio, ganhando 50\$000.

Adeus: e recebe todo o coração da

C.

Eu não ficarei lá. Voltarei dentro de 1 mês. Naturalmente ficarei o resto de Agosto. Quero que me escrevas p.a lá. (Cravinhos; — Caixa do Correio 19. M. de L. Pontes. Ao cuidado do Snr. Ignacio da Costa). Eu responderei para a *Gazeta*, porque o nosso retiro já é conhecido deles. Caso possa te telegrafarei da 1ª. estação. Guarda as memórias contigo.

Adeus. Beija a cabeça da pobre

Cyclone

Nos organizamos às pressas e fizemos como ela pediu. Ignacio e Paulo foram à estação da Luz assistir ao embarque e tentar fazer contato com ela. Como poderíamos ser reconhecidos, Oswaldo e eu ficamos no fundo de um táxi, esperando as notícias. Segundo o Ignacio, “ela chorava abundantemente, porém com compostura, tendo ao lado a vovó, a tremenda vovó”. Na gare, uma senhora espigada e de boá parecia satisfeita, acompanhando a partida com um grupo de rapazes de bigodinho. Ignacio fingiu-se de passageiro e colocou os pacotes que arrumamos rapidamente no Retiro no compartimento de bagagens, acima dos assentos que elas ocupavam. Daisy olhou tristemente para ele, mas não disse

nem uma palavra.

No dia seguinte passamos um domingo péssimo, depois de uma noite mal dormida. Fomos todos dar busca, sem sucesso, no Correio, para localizar o telegrama que ela prometeu enviar. No fim do dia, para a suprema irritação do Oswaldinho, o Fiore nos disse que viu o homenzinho do telégrafo com “u paperzinho na mó”, à tarde, no prédio. Mas não teve a ideia de apanhar o telegrama.

20. O amor não conhece barreiras

Uns dias antes da partida da Cyclone, Oswaldo havia nos avisado, através do diário, que iríamos nos mudar. O Fiore iria subir o aluguel para duzentos e oitenta mil-réis, uma soma altíssima para aquela época — quase tanto quanto eu ganhava na polícia —, e teríamos de arranjar outro lugar. Ademais, a viagem inesperada da Cyclone afetara a todos nós e cada um à sua maneira sofreu com a sua perda e o Retiro, sem ela, nunca mais seria o mesmo. Depois de sua partida, íamos todos lá como quem volta a uma casa antiga e abandonada, tentando resgatar as velhas lembranças.

Passados dois dias, recebemos finalmente a primeira cartinha dela. Rabiscada a lápis, em papel almaço, ela pedia “o peignoir roxo, para vestir nos pores de sol”. Dizia que “nós somos ainda os amores mais lindos da terra”. E terminava: “Ferrignac que não se esqueça muito de mim e Viruta e Léo e Sarti, o meigo poeta, enfim todos os pequeninos deuses do meu paraíso perdido”. Era a Cyclone de sempre, com o mesmo espírito, sem sombra de abatimento, apesar dos trezentos quilômetros que a separavam de tudo o que ela amava. Respondemos imediatamente.

À noite, no Retiro, escrevemos as nossas mensagens para ela, procurando animá-la. Todos queríamos que ela soubesse a falta que estava fazendo. Conforme pediu, arrumamos uma pequena mala que despachamos para Cravinhos, com todas as coisas que lhe pertenciam e que estavam ainda na garçonnière.

Oswaldo anotou no diário, lembrando o hino do Retiro da rua Líbero Badaró que cantávamos quando ela estava lá:

Seguiu a valise da Cyclone, cheia de bom humor e de blusas. Para Cravinhos, 400 quilômetros iguais de trilhos! Cyclone, Tipperary é longe!

It's a long way

To Cravino's

It's a long way

*To go!
Goodbye Badaró Street!
Farewell Republica square!
It's a long, long way to Tiperary...*

Apesar do seu aparente bom humor, Oswaldinho não suportava mais a separação e não deixou um só minuto de pensar nos meios de restabelecer a comunicação com ela e, de alguma forma, não perdê-la de vista. Cada dia sem notícias era motivo de mais tristeza, que ele deixava registrada no diário.

Agosto 22

Só, tenho o sentimento de um faraó mumificado na catacumba piramidalesca de Quéops. Léo aparece — José d'este Egito morto. A fonola mais rouca, o Fiore mais bêbedo, o bidet mais irônico. No canto, o Miramar empalidece. Lá fora 0 grau, a temperatura de um dia sem cartas.

Garôa

Seu desânimo era patente, pois ele sabia que não seria fácil restabelecer o contato com ela. Nenhum de nós conseguia imaginar uma solução. A família, enfim, havia se dado conta de que ela fugia das aulas e que havia perdido o ano, coisa inconcebível para uma moça direita naquele tempo. A desculpa que ela arranhou, de que conseguira um emprego e passara aquele mês, em que ia todos os dias ao Covil da rua Líbero, trabalhando no Ginásio do dr. Leonardo, amigo de Ignacio, era bem difícil de aceitar e só com muita boa vontade a mãe e o padrasto em Cravinhos engoliriam uma história como aquela. Mas como ela era habilíssima, talvez fosse capaz de conseguir esse prodígio. Mesmo assim, havia o problema de que ela estava lá e nós continuávamos aqui, e Oswaldo não tinha como se apresentar em Cravinhos atrás dela. Porém, em matéria de amor, os recursos de Oswaldo também eram infinitos, além da experiência adquirida no caso com a bailarina, quando suas invenções rocambolescas espantavam até a nós, seus amigos mais fraternos. Ele, evidentemente, não nos decepcionou e logo encontrou um jeito de ir a Cravinhos ver Cyclone.

No ano anterior, a Liga de Defesa Nacional de São Paulo havia se proposto a organizar, todo dia 7 de setembro, uma série de conferências em comemoração ao Dia da Pátria. Fundada em 1916 por Olavo Bilac, no Rio, a Liga propunha, entre outras coisas, a instituição do serviço militar obrigatório e a alfabetização da população. Entre seus dirigentes, estava o presidente da República, vários ex-presidentes, grande parte da elite política e econômica e até Ruy Barbosa, como dirigente nacional. Em 1917, em São Paulo, esses atos se restringiram à capital, mas em 1918, com o país em guerra contra a Alemanha, o espírito patriótico

tomou conta das ruas, e a seção paulista da Liga resolveu que era urgente ampliar suas atividades e organizar uma série de eventos que atingissem todo o Estado. O coroamento dessas comemorações seriam os atos cívicos do sete de Setembro, que seriam realizados no maior número possível de municípios. Para impulsionar essas manifestações, os dirigentes estaduais da Liga de Defesa Nacional resolveram enviar conferencistas a diversas cidades, para falar em nome da instituição. Em agosto, muitos professores da Academia de São Paulo, principalmente Thomaz Lessa e Frederico Steidel, principais chefes da Liga no Estado, se encarregaram de arregimentar jovens bacharéis e acadêmicos do último ano para representar a Liga nessas localidades mais distantes. Caberia a ela a organização dos eventos, em associação com as prefeituras e os diretórios municipais do PRP, e o pagamento da despesa dos conferencistas, que atuavam como voluntários. Numa manhã em que fui com Ignacio encontrar Oswaldo e Edmundo na Academia no final das aulas, Jairo, que participava desses preparativos, perguntou se não queríamos ser voluntários. Nenhum de nós tinha espírito para esse tipo de empreitada. Porém, quando a conversa chegou a Oswaldinho, entre as galhofas de todos, logo ele percebeu uma oportunidade ali.

— Você tem Cravinhos nessa lista de cidades? — perguntou a Jairo na hora.
— Irei a Cravinhos com prazer.

— Não — respondeu Jairo. — Naquela região eu tenho Ribeirão, mas para lá vai já um deputado. Cidade importante, você sabe.

— E não tem aí nenhuma cidade perto?

— Qual, por exemplo? — perguntou Jairo, que tinha uma lista de cidades, organizadas mais ou menos em ordem alfabética, num caderno que ele carregava.

— Sei lá. Quem com os diabos sabe onde fica esse lugar? Como vou saber quais são as cidades próximas?

— Logo na entrada da biblioteca — eu disse —, existia um mapa velho de São Paulo. Pelo menos estava lá na época em que eu era acadêmico.

Subimos as escadas correndo até a biblioteca. O mapa de fato era antigo, por isso não trazia detalhes do extremo oeste do estado, ainda não desbravado na época de sua confecção, no começo do século. Mas, com algum esforço, conseguimos localizar a cidade de Cravinhos, perto de Ribeirão Preto. Íamos dizendo o nome das cidades vizinhas enquanto Jairo consultava sua lista. Nenhuma fazia parte da relação. Oswaldo já ia se impacientando, até que Jairo descobriu Jardinópolis, cerca de quarenta quilômetros depois de Cravinhos e de

Ribeirão Preto. Havia trem da Mogiana até lá e, o que era melhor, ele passava por Cravinhos. Era uma viagem viável, embora as cidades não fossem exatamente vizinhas, e o melhor que se podia conseguir. Oswaldinho imediatamente se converteu num ardente patriota — logo ele, o mais cético de nós — e se responsabilizou por proferir uma palestra em comemoração ao Dia da Pátria no progressista município de Jardinópolis, do qual nenhum de nós, até então, tinha ouvido falar. Naquela noite, nos encontramos na garçonnière e Oswaldo contou, orgulhoso e feliz, o estratagema que havia arquitetado para ver Cyclone. Como não conseguiu se lembrar do nome da cidade, rebatizou-a de “Tijucópolis”. E assim a chamamos daí em diante.

Resolvida a questão da ida, ficava por resolver como Oswaldinho se apresentaria em Cravinhos e, sobretudo, a título de que procuraria Cyclone. Mas o amor não conhece barreiras e ambos eram mestres em transformar os outros em cúmplices de sua paixão. Daisy, informada sobre o plano e animadíssima, tratou de anunciar Oswaldo aos pais como um grande nome, um jornalista famoso e influente que ela conhecera em São Paulo através da prima Antonieta, que se interessara por ela e queria aproveitar a chance de conhecer sua família e pedi-la em namoro oficialmente. Como sua família morava há tempos no interior, certamente eles não conheciam a agitada biografia de Oswaldinho nem tinham ouvido falar em Kamiá, filho, bailarina, atrizes *etc.* Daisy pintou um quadro retocado dele e enfatizou sua influência social e seus vastos bens, condição que costumava lhe abrir muitas portas. Com jeito, transformou-o num personagem importante e fez com que fosse recebido em sua casa. Além do mais, Oswaldo iria à região como conferencista e representante da Liga de Defesa Nacional, com seu nome divulgado nos jornais e sendo recebido em Jardinópolis, cidade próxima. Mas aí estava também o principal problema de Oswaldinho. Se fosse direto para Jardinópolis, veria Cyclone apenas por poucas horas. Usando de habilidade, conseguiu, no entanto, organizar a viagem de forma a pernoitar em Cravinhos e seguir para Tijucópolis no dia seguinte, no primeiro trem da manhã.

Cravinhos, como tantas outras cidades, nasceu da riqueza produzida pelo café, em torno da estação da Estrada de Ferro Mogiana, que cortava a melhor região cafeeira do estado. Como muitos municípios do Oeste Paulista, era mais jovem do que nós — não tinha nem vinte anos. A ferrovia era a artéria que transportava o produto para o mercado internacional, trazendo de volta riqueza, progresso e mais gente para desfrutar de tudo isso. Apesar de recentemente fundada, já

possuía uma população considerável e estava próxima a Ribeirão Preto, a capital mundial do café. Naquela época — e foi assim até a crise de 1929 — as cidades brotavam do chão de terra roxa do Planalto Paulista, e a riqueza, a imensa riqueza produzida pelo café, dava para tudo.

Oswaldo nos contou como tinha sido sua aventura em Cravinhos por meio de um minucioso relatório, que escreveu em nosso diário assim que voltou. Quando chegou à cidade, descobriu que o único hotel dali, para sua sorte, não tinha vagas. Ele não teria, portanto, onde pernoitar. Depois de rápidas providências, dona Guilhermina e seu Costa comunicaram a Oswaldo que ele ficaria na casa deles e arrumaram o quarto de Daisy para hospedá-lo, enquanto ela dormiria com seus irmãozinhos.

Miramar, no entanto, pelo seu último amor sério, foi a Tijucópolis, trezentos e muitos quilômetros de trilhos! Recebeu-o na gare, Aristides, diretor úmido do Grupo.

— Que o esperava desde ontem!

Sim, mas é que ontem, quando o trem parou na madrugada da estação de tijolo de Tiperary ele revira a Senhorita Tufão. Conhecem?

Está mais carnuda e sem a mecha. Apresentou-o com precipitação, onde havia isto de angústia, ao Sr. de Costignac e sua senhora, a melhor das sogras. Costignac é o búfalo ibero de calças listadas de brim. Tem um punho notável.

No hotel, onde Miramar se banha, há um palhaço tomando café. Não, positivamente, não há quartos nesse hotel.

Dia inquieto. Quem será Costignac?

— É o melhor dos pais, explica Tufãozinho. Deslumbrei-o. Fará por mim tudo. Apenas se souber que me seduziste com promessas levianas...

— Arcabusa-me!

— Morremos... eu também... porque morre a minha vida!

Ele a enlaça, no silêncio do quarto rude que a fantasia d'ela alegrava de travessuras. Um mosquito virgínia o pequeno leito, a parede do fundo reproduz de um lado a decoração do Retiro de Líbero Street. Michelangelo, além, Baudelaire arrancado do volume e, em recortes de jornal, Miramar e Brulignac. Um móvel esquisito de madeira e bronze, suspende uma biblioteca, onde há Ibsen junto de uma brochura da “Vingança da Morta”.

A família o recebeu com todas as honras; tanto o padrasto quanto a mãe o trataram muito bem.

Almoço. Costignac acentua para Miramar a sua figura de fundibulário. Mede florestas para a venda. Avalia toros. Faz escritas de fazendas. Na casa, a mesa é farta e bom o linho.

Mas, discretamente, vigiavam a filha, que ficou ao lado de Oswaldo até tarde, enquanto ele terminava a redação da conferência que faria no dia seguinte.

E a noite desce sobre Tiperary. Eles têm um grande passeio, pelo escuro, sob árvores, brigando. Voltam. E a conferência? Miramar empalidece. Tijucópolis o espera, com a banda do Victorino, ávida de

dobrados. Precisa fazer a conferência. Tufãozinho o auxilia. Até 1 hora, ante a lâmpada implacável que ela borrou de vermelho, os dois fabricam a encomenda nacionalista, enquanto na sala, pressentem que alguém vela. É a boa senhora, a mamã triste e sorridente. Só se retira, só se deita quando viu a filha deixar o quarto onde escreviam. Miramar ficou no leito dela. Ela irá passar a noite com os irmãozinhos. Mas voltará quando todos dormirem, promete no último beijo. Miramar adormeceu depois de esperá-la muito. Madrugada velha. Alguém ao seu lado, no roupão roxo.

No dia seguinte, viagem de trem a Tijucópolis, para a conferência. O Costa fez questão de acompanhá-lo até a estação e, depois de quase duas horas de viagem, ele chegou ao seu destino para encontrar, aflitos, o padre e o diretor do Grupo Escolar que o esperavam, ansiosos, desde o dia anterior.

Miramar recebe o programa dos festejos. Conferência e sessão cívica, às três. Jantar de gala, às cinco e meia. Espetáculo no cinema, com discurso às oito. Miramar reage. Não pode ser. Deve fazer outra conferência a essa hora, em outro lugar, a quarenta quilômetros. Exige mesmo condução. Não, não pode!

— Mas já saiu no jornal!

— Não. Exijo em nome do Dr. Steidel, do Dr. Thompson e do Dr. Thomaz Lessa!

Mobilização de Tijucópolis. Conferência e festa cívica às dez. Se quiserem! O sacristão e os dois fiscais distribuem boletins improvisados. E, como Miramar, sobre o alçaço, decepa e reúne períodos, na mesa central da grande sala do Grupo, Aristides vai e vem, esfrega as mãos.

Oswaldo, ansiosíssimo para voltar para a Cyclone, fez a conferência o mais rapidamente que pôde. Na falta de trem que o levasse, conseguiu um automóvel, que o deixou numa estação próxima, onde havia um comboio para Cravinhos em horário conveniente. Apesar das dificuldades da viagem improvisada, conseguiu passar mais uma noite junto dela.

E de novo Tiperary. De novo os braços morenos de Miss Tufão!

Miramar ficou. Oh noites de Maupassant, com alvoradas de Shakespeare! Desafiando a guarda rude de Costignac, no roupão roxo, ela veio, ilustração esguia de Pierre Louys! Ela veio, para realizar com ele o milagre do riso no amor, o Eu em ti, tu em mim, nós dois em “Tiperary!” que deixaram riscado na cama minúscula, presente do fulo tio Pontes!

A passagem do Thomaz Lessa, o leito do Pontes!

Ao cair da última noite, Costignac envolvido na força do idílio, esqueceu-se ao piano, em cantares de velha alma coimbrã.

Obrigado, Costignac! murmurou recolhidamente Miramar.

Tu, como Tijucópolis, cumpreste o teu destino na minha vida sensacional.

Tijucópolis poderá prosseguir lerdamente a sua existência parada de burgo brasileiro. Padre João Emerenciano amassará, por vinte anos inúteis, a lama vermelha das suas ruas quietas. Outros Aristides virão fazer outras sessões cívicas, sem resultado!

Ficar-lhe-á, porém, a benção da minha viagem, pelo amor de Miss Tufão!

De ti, Costignac, que me deste vigílias de assassinato entre braços adorados, levo a melhor saudade!

Assim que Oswaldinho embarcou, Daisy lhe escreveu uma longa carta de amor, que chegou apenas dois dias depois dele. Nela confessava:

... Tem ainda na boca um pouco do teu beijo e teu vulto assombra ainda de luz o coração da Miss.

300 quilômetros de novo! mas as almas tão juntas, o coração tão bom!!

Partiste e é como se não partisses. A Miss balbucia devagar com olhos mortos, toda a cena de amor que tu lhe deste. Arfa-lhe mais o seio miudo e o corpo de “nevrose” tem cintilações de gata...

É como se não partisses... Traz a Miss nas carícias das mãos reais sutilezas elegantes de volúpia. A fúria de amar-lhe lateja no sexo...

O leito que te tive, Miramar, guarda, no sulco macio de teu corpo, a requintada “pose” de Miss Cyclone. E o céu, que deixou de ser azul! Velha, a paisagem! Rosas no toucador se espreguiçam de tédio!...

Beatriz, mascarada em marroquim, cai suave, aos pés da Miss e a mão perfeita, retém distraída o Dom Casmurro.

A Miss sofre... A Miss desmaia... A Miss morre... A aluna, bêbada de ti, Miramar, define no silêncio festivo! Oh! Miss Sublime! Guarda no 5º. andar dessa casa assombrada, a saudade dos pedaços de amor...

Beija-te com alma e coração

A tua

Cracia Lohe

O relato de Oswaldinho ocupou as últimas páginas do livro que se ia encerrando junto com o nosso Retiro, que vivia naqueles inícios de setembro os seus últimos e abandonados dias. A verdade — e só depois que tudo aconteceu é que pude compreender perfeitamente — era que Oswald, mesmo antes da partida dela, já havia perdido o entusiasmo pelo Retiro. Depois que os dois consumaram seu amor, a intolerância dele em relação à intimidade que todos nos permitíamos com Daisy passou a incomodá-lo cada vez mais, e seus ciúmes, que sempre foram exagerados, não conseguiam mais suportar aquele nosso convívio tão estreito. Agora que ela era, de fato, o seu “atual amor”, como o Ferrignac definia jocosamente, as atenções que tínhamos com ela e principalmente as que ela tinha conosco já não lhe pareciam aceitáveis. As cartas da Cyclone só reforçavam isso.

Mas, ainda antes de desmontarmos a garçonnière, Cyclone mandou outra carta. Ela, a seu modo, chorava também pelo fim do Covil da rua Líbero.

Meu Miramar

Esta manhã, chegou-nos o teu mimo: agradecidos. Serás sempre o mesmo rapaz adoravelmente delicado!

Como vai o nosso amor: É preciso velar por ele muito, muito!! O teu bilhete apressado e quase indiferente, me deu uma horrível manhã: cuido que é a má vontade que te impede de escrever cartas longas... consola a tua pobre amiguinha! Como me sinto morrer! E isto sem gesto teatral, e olhos em alvo... sabes como sou simplória a esse respeito. Quando virás de novo visitar a Miss? Domingo falarás comigo pelo aparelho, ou dirás por carta o que se passa contigo? Aí vai um pedido manda-me revistas: nesses momentos de febre, devorei Beatriz... reli capítulos de Dom Casmurro. Maupassant, decorei-o e as Flores do Mal são o meu repertório de arte. Talvez seja exigente, não? mas sou tão só e tão triste sem ti...

O Brulé já partiu? Landray ficou-te? Mirval ainda te preocupa muito? E Ventania? Viruta já voltou

das termas? Sarti menos sentimental, e menos cético o Léo? Padrinho que me mande um Urupê: pede-lh'o em meu nome. Convince-o de que ainda não fez um único presente à afilhada. E o presente que Ventania promete... E o Fiori, Garmé La Bonne, Gui-gui, Don Garcia...

Manda-me água de Colônia: desfaz essa “garçonière” e manda-me o vime. A fonola é minha. A Pina também, e a Cyclone a fumar e o Miramar... Ferrignac! Lego-te o bidet, mas, manda-me o espelho. Essa mesinha de chá, e a outra... as minhas almofadas verdes... a preguiçosa... o teu retrato... O reposteiro claro... os tapetes macios... o mocho, a secretaria branca... Os discos... os “Di”, Malfatti... e ‘tantas cosas mas...’ E o tamanduá? Deixo-te as andorinhas...

— A princípio sorriste, depois riste forte... agora franzes o farto sobrolho...

— Isto é o diabo! Que exigências extravagantes!!!

— Que queres, querido, são coisas!!!

Beijo-te o olhar verde

Gracia Lohe.

Numa quinta-feira nublada e chuvosa, fomos pela manhã, por uma última vez ao Retiro, que durante tantos meses felizes fora o centro das nossas vidas e das nossas atenções. Oswaldo e eu chegamos cedo e terminamos de desmontar a decoração que ainda havia nas paredes, o tamanduá, o florete; colocamos numa caixa os discos da fonola e embalamos tudo. Fomos comer alguma coisa no Colombo da esquina enquanto esperávamos os outros. Aos poucos, todos foram chegando, Ignacio, Edmundo, Guy, Leo, Sarti e o Lobato, que foi o último a aparecer, resfriadíssimo. Todos fizemos as derradeiras anotações no diário e o Lobato foi o encarregado de encerrá-lo e o fez no seu estilo sarcástico habitual:

Para encerrar este álbum, convidado, neste horrível dia de constipação ponho aqui o único pinga de que disponho... o pinga do nariz!

Mas foi o Sarti quem resumiu melhor o sentimento de todos:

... e o livro se fecha silenciosamente, com a prestigiosa atração das coisas silenciosas: “mon silence est ma force...”

Na guarda da contracapa eu escrevi com lápis vermelho e uma bem desenhada letra de forma:

Da capo al fine.

Brevemente 2ª. razão.

Foi mais uma ilusão.

21. Três cartas

Minha Dasy

Recebendo esta, não poderás dizer que é má vontade o que me impede de te escrever cartas longas. Pretendo que ela vá bem longa, bem completa, e se possível definitiva para assegurar a nossa real situação, em face um do outro. Podes continuar a ler sem susto, não é ruptura que te proponho e juro-te mesmo que desde o momento em que daí parti, talvez mortalmente empolgado pelo teu amor, não deixei um só minuto de te adorar e ser fiel.

Escuta, minha vida, precisamos evitar sobretudo os mal-entendidos, os desencontros idiotas de emoção, os ciúmes inúteis... ou então não nos amarmos mais.

Dasy, o meu coração está cansado de sofrer, precisa de segurança e de repouso. Eu preciso de alguém que não só me ame mas também me queira um bem infinito!

Há dois anos, alguém nesse momento era muito íntimo meu, escrevia-me mais ou menos isto numa carta que reli ontem: “Agora é tratar do futuro, do futuro ao lado de uma terceira, definitivamente tua, ela adorando o seu senhor e a sua casa, tu, querendo infinitamente a tua mulher e a tua arte.”

Dois anos se passaram sem que sequer eu tentasse descobrir essa terceira, suicida voluntário e pachorrento! Mas eis que em julho último, sempre em julho! descobri que tinha ainda o direito de viver pois que germinava de novo o árido coração. Amei-te, disse-te com toda a sinceridade, incerto ainda do teu papel na minha existência. E pareceu-me ver que o anjo trevosos dos dias passados que tanto se carregara de maus presságios para mim, se transfigurava luminosamente na companheira dedicada e constante, amorosa e perfeita!

Foi tal a convicção com que respondeste ao meu chamado, que acreditei... A separação só fez com que nos adorássemos mais.

A viagem... Porque, no entanto, agora nos havemos de magoar com a estupidez mais cruel? Por quê? Por que, para me fazeres um mal incalculável, mandaste, com teu nome, o teu nome que é só meu! aquela carta cínica a...?

Dasy, não continues assim, meu amor. Podes te defender dizendo que te fizeram ter ciúmes de comediantes banais que sabes bem como desprezo! Queres ser minha ou não? Então porque não te conservas a altura do nosso sonho comum? Não basta o passado para nos fazer solucionar? Não basta o sofrimento de não te ter descoberto antes? Não basta a vida horrível que tivemos, antes de nos ampararmos um ao outro com a alma sangrando!

A tua carta, que violei felizmente e não entreguei, fez-me passar uma tarde frouxa e neurastênica. Escrevo-te agora, à noite, no retiro abandonado, onde já pendem das paredes os troféus antigos para a mudança.

Mudo-me sem tristeza, sem esfarrapamentos d’alma, pela primeira vez. Sim, porque a minha vida aqui é uma ficção diária. A minha verdadeira vida, aí está, com os teus menores gestos, com as tuas menores ideias e sensações.

Acredita Dasy, AMO-TE PROFUNDAMENTE!

No entanto, penso, outros já te escreveram cartas assim! Como é triste! E isso não basta à tua sede de

tortura, oh reedição paulista de Salomé!

Literatura, dirás. Não é, meu bem, essa carta vai burríssima, sinto-o, mas conformo-me. Não estou compondo para as amáveis leitoras da Cigarra ou para os senhores graves da Revista do Brazil. Estou pleiteando o meu dia de amanhã e para ganhar tribunais caprichosos como o do teu incrível amor, só pondo a alma a nu. É um gesto belo e a beleza comove quase sempre.

Ama portanto o teu amor, sê fiel, sê boa, sê eterna!

Sabes, embarco para o Rio amanhã, em ligeira visita à minha família, estarei lá dois dias.

Continua a me escrever para cá, no jornal. As cartas serão guardadas. Comunica a teu pai que ainda não tive a resposta que quero e por isso não lhe escrevo ainda. Já estive, porém, com o meu amigo que se pôs à minha inteira disposição não só para favorecer essa como qualquer outra pretensão sua. Por carta que lhe mandarei na minha volta ou talvez amanhã, combinaremos excelentes coisas, ao que me parece.

Dia 16 chegaram dois cartões. Vejo que renuncias facilmente a mim. Manda dizer. Conformo-me.

Beijo-te infinitamente.

Miramar

*

Cravinhos vermelho — 918

Minha doce Ventania

Sabes: a Miss morreu! Aquela Miss branca, um pouco cipreste um pouco flor, aquela que no bom retiro de “Piratininga” firmou numa época e ressuscitou num período canalha. O tufão... abriu Gracia Lohe, uma burguesita de boas cores e...higiênica, nada mais. Meu amigo, tudo cansa nesta vida. Miss Gracia só tem uma ambição: engordar embrutecendo.

Ventania, lê isto que te vai, de camisolão de flanela e chinelos de ouro, nesse mesmo quarto do retiro, e depois faz desaparecer os vestígios... Padre Faustino, aqui te vai a Idalina!

Para a sua recente viuvez — bons ares, bons caldos — Cravinhos! — vem, vem, vem — Meu Ventania (“31”).

Miramar, passando só a Landray! Mas isso faz mal: depois do ar puro de Cravinhos, uma atmosfera de alcova... perfil de cera, lábios roxos... apendicite... pés de galinha... Enfim, “chacun a son métier”.

Então, a Pina, trevosa hein? Bicha? Fera? Paciência, são coisas, — mas nada de 5º. ato: Piratininga ser-te-ia o cenário adequado a ti, Nhambiquara selvagem... mas São Paulo? Onde Brulé faz estação? Onde viveu Maustino Barreto.

Não, Ventania, calma, coragem e sobretudo coragem. Para quem tem 30 anos honestos...

Léo doente? — Cravinhos — Sarti romantizando a vida? — Cravinhos — Vicente... pobre amigo, aconselha-o... olha as extravagâncias... postes da Light... avestruz...

Chega, Ventania, chega de estupidez. Que venha um chazinho de amaraliol, não? Chega de maldade! Tens impagável ventinho (no bom sentido).

Beija-me o coração, a alma.

Gracia Lohe

*

Meu implacável amor.

Nem chuva, nem negócios que neste plácido e quente domingo me impeçam de te escrever.

Fui pela manhã rever os móveis do 67 que seguem amanhã. E tu, que não me mandas dizer nada!

Escuta querida, senta-te um pouco aí onde estiveres, no hotel mesmo e manda com a tua linda letra,

máscula e audaz como a tua alma, manda dizer que me adoras, que sem mim nada serás, que sem o meu amor não poderás viver! Jura que eu sou a tua razão exclusiva, a tua força, o teu mistério e tua solidão!

E verás como a vida é boa, construída assim, num contente desafio às misérias de redor!

Teu Oswaldo

Nesta carta, que Oswaldo conservou na velha maleta de viagem por toda a vida, Daisy anotou com sua letra inconfundível, a lápis, nas entrelinhas:

Que verdade! que saudade! Que arrependimento!

Oh! minha Santa Virgem, faze com toda a tua misericórdia, o milagre supremo, que o coração brote de novo e de novo dias lindos, e de novo o grande amor a fazer prodígios. Que ele me ame e será o mais feliz dos homens. Como eu o amo.

Virgem, tu que és minha Mãe e Mãe do meu amor concilia esses corações que lutam e se despedaçam de dúvida

22. A guerra chega até nós

A guerra, que já durava mais de quatro anos, ia modificando, quase que sem que nos déssemos conta, o cotidiano da cidade. Desde seu início, começaram a escassear os produtos importados, que eram a base do consumo, tanto dos ricos quanto dos pobres. Tudo o que se usava aqui, no dia a dia, vinha de fora. O sal de cozinha, de Portugal, e os fósforos, da Noruega. O pinho para as construções era sueco, e as ferragens, inglesas. As louças também eram inglesas, das mais simples às mais finas. Panelas vinham da Alemanha ou da Suécia. Eu, que não era rico e não podia me considerar um dândi, embora gostasse, confesso, de me vestir bem, só usava as camisas francesas Bertholet. Com a guerra, isso foi se acabando. Num primeiro momento os preços subiram até quase se tornarem proibitivos, mas, com o desenrolar do conflito, os produtos simplesmente deixaram de ser importados e desapareceram das prateleiras das lojas. A indústria paulista, que dava naquela época os seus primeiros passos, aproveitou-se dessa situação e tentou rapidamente substituir os artigos que sempre foram trazidos de fora por similares nacionais e assim suprir a demanda que não parava de crescer, houvesse guerra ou não. Até a eclosão da guerra, produto nacional destinava-se apenas para o consumo das classes baixas e nenhuma boa família serviria em casa, para as visitas, manteiga que não fosse da Normandia. No entanto, fazia já tempo que a boa manteiga francesa, bem como uma infinidade de produtos de consumo diário, não se viam por aqui. Latarias importadas, biscoitos e chocolates, os finos tecidos ingleses para os homens e os franceses para as mulheres tornaram-se verdadeiras raridades ou desapareceram completamente. Máquinas e equipamentos ainda se obtinham da América, mas os preços eram altos e o fornecimento incerto. Naqueles últimos quatro anos, a solução encontrada foi produzir aqui mesmo aquilo que já não podia vir de fora. Washington Luís, o prefeito da cidade, era um paladino do progresso e, desde que surgiu na política e ocupou os primeiros cargos públicos, se fez notar pela sua incansável atividade de modernizador.

Num sábado, 21 de setembro de 1918, uns dias depois de fecharmos o Retiro da rua Líbero, inaugurou-se a Exposição Industrial de São Paulo, organizada pela prefeitura no novo Palácio das Indústrias, que estava sendo construído na Várzea do Carmo. Embora ainda longe de ser concluída, a construção já possuía amplos pavilhões, e foi ali que mais de duzentos expositores apresentaram produtos que iam de chocolates a tecidos de algodão e seda, de chapéus a embalagens e também móveis, tapetes e objetos de uso doméstico que nunca antes haviam sido fabricados por aqui. Toda a cidade foi à abertura da exposição. Quem tinha alguma importância estava lá. Mas a estrela mais brilhante era Washington Luís, o jovem prefeito que já era visto por todos como representante do que havia de verdadeiramente moderno nessa cidade em permanente transformação. Fui lá com Oswaldo, que, entre uma carta e outra da Cyclone, não sabia mais como preencher o tempo. Washington Luís por diversas vezes nos ajudou no início do *Pirralho* e ele e Oswaldo se davam bem. Talvez os unisse a vocação para o novo.

Eu também o admirava. Sendo delegado de polícia, conhecia bem a sua história. Ele havia sido Secretário de Justiça e fora o responsável pela vinda da Missão Francesa que, antes da guerra, modernizou a Força Pública. A presença dos oficiais franceses marcou época e fez uma verdadeira revolução, transformando a Força paulista num corpo militar de elite. Foi ele também que instituiu a prática de nomear delegados de polícia apenas entre os funcionários públicos concursados que fossem bacharéis em direito. Assim, acabou com as nomeações de protegidos dos coronéis locais, e seu lema “Polícia sem política” passou a ser a norma. Era necessário coragem para fazer esse tipo de coisa naquele tempo, é preciso reconhecer. Eu, que me tornei delegado por concurso, sei bem como foi. Também foi graças a ele que se iniciou em São Paulo a identificação por impressões digitais, uma grande novidade. Mas isso são histórias de um velho policial. Se me descuido, estas memórias de velho acabam desandando e perco o fio da meada. Na minha idade é preciso impor certa disciplina ao cérebro!

Fomos cumprimentá-lo no tumulto da multidão. Oswaldo adorou seu discurso. Nele, o prefeito admitia que o surto industrial era provocado pela guerra e pela falta de produtos de qualidade para suprir as necessidades da população, mas disse acreditar que a criação das novas indústrias, mesmo que nem todas se mantivessem quando a guerra terminasse, formava a base para transformar a cidade num pujante polo industrial.

Encontramos o prefeito numa roda de políticos tomando chocolate num

quiosque da Falchi na saída da exposição. Ele estava sentado numa das mesas ao ar livre. O presidente do Estado, Altino Arantes, havia acabado de se retirar e o pequeno grupo bebia o chocolate descontraidamente.

— Então prefeito, o senhor espera que a guerra dure outros quatro anos para que a nossa indústria cresça ainda mais? — perguntou Oswaldo, logo que se aproximou da mesa.

— Ora, Oswaldinho, não brinque com coisa séria. O que eu disse é que ninguém sabe quando esta guerra acaba e, se ela durar mais, precisamos estar prevenidos. Você veja, a exposição do ano passado tinha cento e cinquenta participantes e nesta já alcançamos duzentos. Quem haveria de dizer, há quatro anos, que teríamos tantas indústrias na cidade?

— O fato é que a guerra está no fim. A Europa está exausta, não tem mais como prosseguir nesta matança — rebateu Oswaldo.

— É verdade. A guerra um dia acaba. Por isso temos que tirar o máximo proveito dela. Embora tenham sido dias de horror para a humanidade, não se pode negar que, para nós, só trouxe benefícios.

— Perdemos uns poucos navios e algum café — acrescentei. — Mas São Paulo progrediu muito. Temos que dar graças a Deus.

Mas tudo isso logo iria mudar. A guerra ia de alguma forma nos alcançar.

As primeiras notícias que recebemos pelos jornais sobre a gripe espanhola vieram misturadas às muitas informações sobre as batalhas. Era mais uma praga a se abater sobre o Velho Mundo, outra epidemia que se originava nas trincheiras e que atingia a população exausta e faminta depois de tantos anos de luta. Estávamos cansados disso. Milhões haviam morrido e o horror já não causava espanto. As epidemias se sucediam e, recentemente, a Europa tinha sido atingida por surtos de cólera e difteria. Agora essa gripe. Para nós parecia estranho porque, afinal, era apenas gripe, e de gripe ninguém morria. Lembro que numa de nossas conversas na garçonnière falamos de gripe. Foi logo depois da partida da Cyclone e o Lobato estava lá. Fazia um frio infernal e, num daqueles dias em que o inverno castigava a cidade, eu cheguei de Tatuí para uma audiência na Secretaria de Justiça. Saindo do meu posto onde a temperatura era amena, encontrei São Paulo gelada quase a zero. No dia seguinte já estava espirrando. Ao entrar na garçonnière, li no alto da página do nosso diário uma anotação de Léo: “*Constipation Day*”. Ele, que quase não falava e pouco escrevia, estava atirado no sofá com um lenço enorme numa das mãos. Na outra, pinga com

limão.

— Atravesso rios e montanhas, percorro duzentos quilômetros de trilhos para chegar aqui e assistir a esta lamentável cena de sanatório? Todos com gripe? — comentei.

— Todos, mas com variações — respondeu Lobato. — Léo, Ferrignac e você, pelo que se vê, pegaram a gripe simplesmente. Já o Edmundo foi pegar a espanhola.

— Olé! E ele já fez o relatório? — perguntei.

— Ainda não — disse Léo. — Mas foi visto saindo do Galo Verde na alta madrugada, de braço com a Ifigênia, da companhia de zarzuelas, rumando para destino incerto. Com esse frio polar, deve ter ido procurar um lugar quente.

— E ela? Tocava as famosas castanholas? — quis saber Oswaldo.

— Não que se pudesse ver — respondeu Léo —, mas é possível. — E espirrou.

Na santa ingenuidade em que vivíamos, a gripe ainda podia ser motivo para brincadeiras.

Em fins de agosto e início de setembro, as notícias já falavam de uma epidemia de verdade e diziam que até o rei da Espanha havia caído doente. Mas naqueles dias isso ainda parecia coisa de pouca monta. As informações que vinham da Europa relatavam sempre mais mortes e tragédias. Estávamos todos já fartos dessa guerra e agora, depois da vitória dos aliados no Marne, parecia que ela já estava próxima do fim. Nós, que acompanhávamos passo a passo as lutas na Europa e éramos radicalmente antigermânicos, ansiávamos pelo término do conflito e pela previsível derrota da Alemanha. Contudo — e isto eu só compreendi muito mais tarde — a guerra não nos atingia de fato e era coisa distante e difusa. Encarávamos tudo aquilo como literatura e líamos as notícias como os livros franceses que comprávamos no Garraux. Mesmo com o afundamento dos navios brasileiros e com a entrada do Brasil no conflito, tudo parecia uma aventura de romance e o nosso patriotismo, que em alguns casos era exaltado, não ia além das discussões nos cafés. Os horrores da guerra estavam longe e nenhum de nós, nem em sonho, poderia supor que eles pudessem nos atingir. Os debates que travávamos sobre a guerra eram apenas diversão de estudantes, como os teatros ou os cabarés. Para dizer a verdade, de todos nós, o Oswaldo era o mais cético e nunca acreditou realmente nas inflamadas polêmicas que mobilizavam a cidade e incendiavam as mesas do Guarany nas

madrugadas. Nem ele, nem o Lobato. Não levavam a sério o cônego Valois, que causara escândalo quando abraçara o diretor do *Deutsche Zeitung*, nem os estudantes que o atacavam, inflados de brio patriótico. Mesmo com a entrada do país na guerra, ele não se impressionou e mais de uma vez tivemos que intervir para que as suas críticas ácidas não provocassem reações violentas dos adversários.

As coisas começaram a mudar quando membros da Missão Médica Brasileira, enviada à Europa, foram atingidos pela gripe em Dacar, logo que o navio tocou o porto daquela cidade africana. No primeiro momento houve troça, já que as forças militares brasileiras enviadas para a guerra começaram a sucumbir muito antes de chegarem ao teatro da luta. Vários deles eram figuras conhecidas na cidade e a sua partida fora cercada de festas e banquetes. Seus nomes e fotografias saíram em todos os jornais. Os médicos, principalmente, eram figuras de projeção social e, os paulistas, eram todos professores da Faculdade de Medicina e pertenciam à elite da escola e até seu diretor, o dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, tinha um filho engajado no grupo, com a comissão de primeiro-tenente médico. Alguns oficiais médicos mais jovens levaram as esposas, que formaram um pequeno contingente da Cruz Vermelha. Todos saíram daqui previamente aclamados como heróis. Quando as notícias de fato começaram a chegar, houve um choque. Primeiro, foram os boatos e informações ainda vagas de uma travessia tempestuosa; depois, falou-se em torpedeamento dos navios da esquadra brasileira por submarinos alemães. O governo, preocupado com as repercussões, censurou os telegramas vindos do exterior. Mas a pressão das famílias e a confirmação inexorável dos piores relatos acabaram por liberar as informações. Finalmente se soube que mais de cem brasileiros, entre oficiais e praças, haviam sido dizimados em poucos dias pela gripe espanhola que assolava o porto de Dacar. Pela primeira vez se ouviu falar em brasileiros mortos por gripe. E eram justamente os membros que compunham a Missão que ia à guerra e que morriam antes de colocar os pés nos campos de batalha. No dia 10 de outubro, depois de confirmados definitivamente os nomes dos oficiais e marinheiros mortos, o governo brasileiro, na impossibilidade de realizar os enterros, fez celebrar na igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, uma missa de réquiem em honra dos membros da Missão Médica Militar falecidos na África. Assistiram ao ato, que lotou a igreja e praticamente paralisou a capital, além das famílias e amigos, todos os ministros e o presidente da República.

A partir daí as notícias começaram a chegar de todos os lados, e finalmente entendemos que a gripe matava de verdade, embora isso fosse uma surpresa que

fugia um pouco à nossa compreensão. Atingia a África, a Europa e os Estados Unidos e inevitavelmente chegaria ao Brasil. Mas, não sei por que razão, poucos acreditavam que pudesse atingir São Paulo.

Naquele inverno de 18, o frio assombroso que enfrentamos destruiu os cafezais e fez quase todos nós ficarmos doentes, de gripe ou simples resfriado. Mas era a gripe de sempre, com um pouco de febre e mal-estar. Nada que pudesse de alguma maneira nos assustar. Porém, depois do episódio de Dacar, houve uma sombra de preocupação. Em setembro ainda fazia frio à noite, embora de dia o tempo esquentasse um pouco. Era a típica primavera paulistana, só que mais fria do que o normal. Minha mãe, que sempre recomendava que eu saísse agasalhado, como fazem todas as mães, independentemente da idade dos filhos, agora insistia para que eu levasse o guarda-chuva e galochas. Eu podia ser autoridade lá na minha delegacia — ela dizia —, mas em casa, enquanto ela estivesse viva... E nunca completava a frase, cujo desfecho era óbvio. Eu sempre detestei usar galochas, mas naqueles dias foi se tornando impossível sair de casa sem elas. Quando estava em São Paulo, a vigilância de minha mãe era intransponível e cada vez que eu saía, ela lembrava:

— Tome cuidado, não vá pegar um resfriado! Leve as galochas, pode chover!

— Mas o tempo está firme — eu retrucava.

— Aqui é São Paulo e não Tatuí, o tempo vira. Onde já se viu! Você pensa que está no interior? E leve um capote! A friagem da noite é um perigo. Não vá você me pegar uma constipação numa época dessas.

As notícias foram piorando rapidamente. Em outubro, os jornais informavam sobre a erupção da epidemia em Recife, Salvador e finalmente na capital federal. Ela chegava pelos navios, e as cidades portuárias eram as primeiras a serem atingidas. Em São Paulo não se via mais ninguém sem agasalho e, embora o tempo esquentasse, as crianças não saíam de casa sem um cachecol pelo menos. Em meados de outubro, o Rio de Janeiro se viu tomado pela gripe e os mortos chegaram rapidamente às centenas. Os telegramas que líamos na redação do *Estado* e da *Gazeta* eram cada vez mais tenebrosos e os jornais do Rio bradavam contra a incompetência das autoridades e a ineficiência da Saúde Pública, que não conseguia sequer impedir o desembarque de suspeitos da doença no porto. Mas a verdade é que o combate à doença era difícil e ninguém sabia muito bem como se defender.

Lá pelo meio de outubro a gripe finalmente fez a sua aparição em São Paulo. Um grupo de esportistas cariocas que vieram se apresentar na cidade ficou hospedado no Hotel d'Oeste, no largo de São Bento. No mesmo hotel também se

hospedaram alguns dos membros da Missão de Estudantes do Rio de Janeiro, em visita a São Paulo. O encontro com os estudantes foi organizado pelo Jairo e eles foram recebidos com um jantar festivo no Clube Concórdia onde Oswaldinho discursou, em nome dos alunos da Academia de São Paulo.

No domingo depois da missa, quando saímos da igreja e fomos caminhando pela rua São Bento, como era nosso hábito, encontramos um dos rapazes cariocas que já conhecíamos e ficamos conversando. Ele nos contou que alguns dos jogadores haviam adoecido e provavelmente não haveria a partida programada para o Velódromo naquela tarde. Os cariocas que não estavam de cama iriam voltar para o Rio no noturno daquele mesmo domingo. Ficamos preocupados.

No dia seguinte, Oswaldo fez a costumeira ronda pelos jornais e à noite, quando nos encontramos, nos apresentou um quadro sombrio.

— Os rapazes do Rio trouxeram a gripe. Ela já está se espalhando, mas o Arthur Neiva diz que não há motivo para preocupações. Hoje ele distribuiu aos jornais um comunicado do Serviço Sanitário, dizendo que não há razão para alarme e que a gripe, embora altamente contagiosa, não passa de gripe comum e que as mortes são causadas por outros fatores e males já existentes. O Amadeu Amaral conversou pessoalmente com ele e a sua explicação é mais ou menos esta: como a gripe é muito contagiosa, pega em muita gente. Disse que entre esses gripados há doentes de outras moléstias que, em razão da fraqueza, acabam morrendo.

— *Se non è vero... è ben trovato!*, diria o velho Fiore. Mas o fato é que assusta — disse Ignacio.

— E vai assustar mais — completou Oswaldo. — A *Gazeta* de amanhã sai com a gripe na primeira página e vai dizer que os doentes já são mais de vinte. E que no Rio, apesar da opinião do Arthur Neiva, morreram quase trinta gripados num único dia.

— E o Neiva acha pouco? — perguntei.

— Se acha pouco, eu não sei. Mas, no comunicado que sai amanhã, ele pede o fechamento temporário das escolas noturnas e das igrejas à noite.

— E os nossos templos, os teatros e cafés, onde oficiamos até a madrugada? — quis saber Edmundo.

— Disso ele não fala — respondeu Oswaldo —, mas vai insistir para que se evitem as aglomerações, principalmente depois das seis da tarde, e recomenda mil cuidados com a friagem noturna. A ordem vai ser cama e cobertor às nove

horas.

— Então logo estaremos completamente fora da lei — disse Edmundo.

— O que mais vai dar o que falar é que o Neiva quer fechar a Exposição Industrial depois das cinco horas da tarde — acrescentou Oswaldo.

— Essa o cavanhaque não vai engolir! — disse Edmundo, referindo-se a Washington Luís.

No dia seguinte, os jornais estampavam em grandes manchetes a chegada da gripe espanhola. Traziam também páginas inteiras de recomendações da Saúde Pública e conselhos dos médicos. A abordagem era otimista e todos concordavam que os casos constatados eram benignos e que a crise não duraria muito. O Arthur Neiva, chefe do Serviço Sanitário, chegou a prever que a epidemia estaria debelada em seis semanas e que não traria grandes danos. Na capa da *Gazeta* daquele dia aparecia a notícia:

Pinga com limão também cura a influenza...

A cidade ainda era incapaz de compreender o que a aguardava. Todos queríamos acreditar que os males do mundo não poderiam nos atingir. Nós, o prefeito, os imigrantes, os ricos e até os pobres, que vieram para ficar ricos também, todos nos considerávamos imunes às tragédias, que nos atingiam apenas através dos jornais. Embora houvéssemos enfrentado a greve e agora a geada, esses eram problemas passageiros que logo seriam esquecidos, todos sabiam disso. Vivíamos ilhados numa cidade onde os sonhos se realizavam, e todos os que vinham para cá tinham o seu. Não acreditávamos realmente que as más notícias pudessem nos atingir.

Tivemos as primeiras suspeitas sobre a doença no domingo depois da missa. A informação não se espalhou e a cidade só ficou sabendo dos primeiros casos pelos jornais da quarta-feira. A *Gazeta*, principalmente, abriu manchetes e começou a publicar estatísticas do Rio de Janeiro, onde a gripe matava mesmo. O *Correio Paulistano*, a voz autorizada do governo, só foi dar a primeira nota sobre o mal na quinta-feira, e era otimista:

A gripe começou a registrar-se nesta capital, em casos benignos — Várias pessoas estão já atacadas desse mal, sem contudo oferecer cuidados o seu estado.

Na sexta-feira, enquanto os jornais publicavam números alarmantes sobre a rápida expansão da doença, o *Correio* mantinha a fleuma:

Foram notificados ontem 99 casos em S.Paulo — O desenvolvimento da moléstia não justifica, por enquanto, grandes temores.

Mas, contraditoriamente, acrescentava:

Todas as escolas do Estado vão ser fechadas.

A coisa seguiu assim. A cada dia o número de infectados aumentava, e a progressão era veloz. Logo, chegaram a centenas por dia. Os ânimos iam se exaltando e as reclamações contra a Saúde Pública cresciam. Todos cobravam medidas imediatas que impedissem a propagação do mal. No domingo à noite, uma semana apenas depois de termos tido a primeira informação sobre a gripe, encontramos-nos no Guarany. O Triângulo já sentia os efeitos da crise e, embora o dia tivesse sido ensolarado e a noite fresca e agradável, o movimento das ruas não era o de sempre. Ainda que muita gente circulasse, fazendo o tradicional footing do fim da tarde, as ruas não pareciam as mesmas e havia menos senhoras e quase nenhuma criança passeando. A nossa roda, no entanto, se apresentou completa, e todos pretendíamos resistir à fúria gripal. Como dizia o Edmundo, nenhum de nós se dispunha a ser intimidado por um ataque de espirros. Esse era mais ou menos o pensamento geral das rodas boêmias e de estudantes que frequentávamos. No Guarany estavam todos e o movimento não se alterara. Guy, que foi o último a chegar, veio com a novidade de que o pai pretendia levar a família para Campinas, por via das dúvidas. Seu Andrade já havia cogitado disso também.

— Meu pai, ontem, teve a mesma ideia — contou Oswaldo. — Pensa em levar Kamiá e Nonê para São Vicente e ficar por lá enquanto durar esta gripe. Mas não acho uma boa solução. A gripe entra pelos portos, e as cidades do litoral estão muito mais expostas. E, depois, lá não se acham os recursos que temos aqui.

— É o que eu disse ao papai — observou Guy. — Mas você sabe como ele é. Pensa que a gripe é resultado da aglomeração da cidade grande e que aqui ninguém sabe com quem cruza. Diz que temos contato com centenas de pessoas por dia. No campo, fica-se mais protegido.

A gripe era o assunto de todas as mesas. Lá pelo fim da noite cruzamos com o Adalgiso Pereira, redator do *Estado*, numa das rodas de jornalistas. Lobato estava com ele, o que era um espanto porque a sua vida noturna em geral terminava às sete da noite, quando ele ia para casa jantar com a família. A conversa era grave.

— É verdade e está confirmadíssimo — disse Adalgiso. — É o primeiro morto

de gripe e não há dúvidas. O próprio Neiva confirmou para o Julinho Mesquita que a *causa mortis* foi a gripe. Amanhã está nos jornais.

— É, a coisa agora muda — disse Lobato.

E mudou. No dia seguinte, os jornais estampavam a notícia. O tom passou a ser outro e todos exigiam providências imediatas. As críticas ao Serviço Sanitário se avolumavam. São Paulo já tinha medo. O que assustava não era aquela única morte, mas as centenas havidas no Rio e em outras cidades. Um dia após a primeira morte em São Paulo, a *Gazeta* publicava as últimas notícias do Rio, com centenas de mortes num único dia. Nos jornais apareciam as mais disparatadas sugestões, desde remédios infalíveis até medidas de salvação pública, que muitos defendiam. As escolas do Estado suspenderam as aulas e o comércio começou a fechar mais cedo. O Mappin Stores anunciou que em novembro funcionaria somente até as cinco da tarde. Algumas escolas particulares que permaneciam abertas eram alvo de protestos. Oscar Thompson, diretor de ensino, prometeu medidas enérgicas para fechar todos os colégios. Os jornais cobravam providências e, no meio da semana, surgiu a proposta de isolar São Paulo. Esta tinha o verdadeiro espírito da cidade. Ao contrário do que se fizera nas muitas epidemias que a humanidade enfrentara em tempos antigos, quando os portões das cidades eram fechados para que os infectados não saíssem e seus habitantes postos em quarentena, discutiu-se seriamente em São Paulo a hipótese de fechar os acessos à capital e impedir que os forasteiros entrassem. Pensava-se em suspender a circulação dos trens, tanto os de Santos quanto os do interior. Por mais absurdo que pudesse parecer, a proposta saiu na capa da *Gazeta*, foi até defendida nos outros grandes jornais e era um retrato perfeito de como os paulistanos naqueles dias viam a própria cidade. O mal só poderia vir de fora e, sendo assim, era preciso afastar os estranhos. Tínhamos que nos prevenir dele, fechando as nossas portas. Mas é claro que São Paulo não tinha portas, nem muros e a ideia morreu com o avanço inexorável da epidemia.

Se na primeira semana de gripe, quando a cidade tomou consciência de que também seria atingida, os ânimos se exaltaram; na segunda semana, quando as mortes se tornaram diárias, já não se podia falar ou pensar em outra coisa. Voltei a Tatuí, mas só consegui ficar lá dois dias. No interior, o medo era o mesmo e já se divulgavam os primeiros casos em diversas cidades, inclusive com mortes. Com minha mãe em São Paulo, não me era possível ficar longe. Depois de duas noites insones, voltei. Desembarquei na acanhada estação da Sorocabana, ao lado da Luz. Era sexta-feira e usualmente o movimento seria grande, mas a

estação estava quase vazia. Nas ruas próximas, o trânsito era visivelmente menor e o bonde que apanhei rodava quase sem ninguém. Os poucos passageiros sentavam-se bem longe uns dos outros. Duas senhoras tinham lenços numa mão e uma latinha redonda, provavelmente com vaselina mentolada, na outra. Ora cobriam o nariz com o lenço, ora cheiravam o que havia na lata. Perto de mim, um senhor já idoso mantinha um lenço no rosto que ia embebendo em álcool de quando em quando. Fui lendo a *Gazeta* que eu havia comprado ao sair da estação. Parecia incrível como, nos poucos dias em que estive fora, as coisas tivessem evoluído tanto e para pior. As notícias eram de assustar. A *Gazeta* informava que, só no dia anterior, haviam sido registrados 2208 casos de gripe, coisa rigorosamente inacreditável! E mais dois mortos. A situação positivamente parecia fora de controle. O jornal estampava que o governo federal havia acabado de decretar feriado em São Paulo e Santos a partir do dia seguinte, sábado, até a próxima sexta-feira, 1º de novembro, dia de Todos os Santos. Emendando com o feriado de Finados e o domingo, a cidade só voltaria a funcionar no dia 4 de novembro. A notícia me pegou de surpresa. Não imaginei que as coisas pudessem ter chegado a esse ponto.

Ao invés de seguir para casa, resolvi parar na Cidade e ligar para a minha mãe para saber se ela precisava de alguma coisa. Afinal, seriam nove dias de comércio fechado. Desci no largo de São Bento e segui para a praça Antônio Prado. Lá certamente encontraria alguém ou poderia obter notícias na redação do *Estado* ou do *Correio*. Senti naquele momento, mais uma vez, a falta do nosso Retiro, onde sempre podíamos nos encontrar ou, pelo menos, localizar a nossa roda, estivesse onde estivesse. Ao contrário da Luz, no Triângulo as ruas estavam repletas e o movimento era enorme. Mas não era o movimento normal. Não havia ninguém passeando nem moças e senhoras olhando as vitrines. A maioria carregava pacotes e quem tinha uma das mãos desocupada cobria o nariz com um lenço. Havia uma agitação e uma certa pressa que diferia muito do usual. Encontrei dois ou três conhecidos que apenas acenaram com o chapéu de longe e seguiram em frente. Parecia que ninguém queria perder tempo. Na praça sempre havia, a qualquer hora, gente parada conversando, olhando as vitrines ou apenas observando o movimento. Mas não naquele dia. Todos seguiam apressadamente para algum lugar. Chegando ao prédio Martinico, subi as escadas para a redação do *Estado*. O movimento era grande e logo encontrei o Lobato, que quando não estava na *Revista do Brasil* marcava ponto no jornal. Mas a sua cara não era nada boa.

— Ué, seu Pedro, o senhor por aqui? Abandonou aquela distante ficção

geográfica onde exerce a sua autoridade em nome da pátria, para se meter de volta neste buraco pestífero?

— Voltei porque lá não tinha sossego. Não se pode estar longe de casa numa hora dessas. E as novidades, seu Lobato?

— Ah! Só tristeza e más notícias. Já encontrou o Oswaldo? Ele está como louco! A Cyclone caiu de gripe naquele fim de mundo onde ela anda exilada! Você pode imaginar como o Oswaldinho está!

Fiquei mudo. Não podia imaginar isso. Voltei com mil preocupações e tinha medo de que a maldita gripe pegasse em alguém próximo. Mas não imaginei que pudesse atingir a Cyclone naquelas lonjuras de Cravinhos. Saí dali transtornado e fui à *Gazeta* tentar encontrar Oswaldo. Desci a ladeira de São João e entrei na Líbero. A *Gazeta* ficava quase na esquina do largo de São Bento. Subi as escadas correndo. Na redação, o movimento era grande, embora o jornal já tivesse saído. Na sala do telégrafo, muitos jornalistas e alguns visitantes liam os últimos telegramas vindos do Rio. As notícias eram péssimas. No Rio falava-se já em milhares de mortos. Os relatos eram tétricos. O presidente Wenceslau Brás caíra de cama e, apesar dos relatos oficiais tranquilizadores, não se sabia ao certo se a sua situação era grave ou não. O presidente eleito, Rodrigues Alves, também contraíra a gripe e permanecia recolhido em sua casa em Guaratinguetá; e falava-se até em adiar a posse, marcada para 15 de novembro. A cidade do Rio de Janeiro estava à beira do colapso e havia mortos abandonados nas ruas. Será que seria assim também em São Paulo? Acho que essa era a pergunta que todos se faziam, embora ninguém a formulasse abertamente.

Éramos sete ou oito pessoas na sala e todos falavam ao mesmo tempo. Discutia-se muito naqueles dias, mas a verdade é que ninguém sabia exatamente o que fazer. Da janela da sala do telégrafo podia-se ver a rua. A velha rua Líbero sempre estivera presente na minha vida. Foi o nosso caminho do colégio para casa, num tempo em que ainda era ocupada pelas casas alegres das prostitutas e estreita como as outras velhas ruas do centro da cidade. Lá também ficava o nosso Retiro. Quantos milhares de vezes passamos por ela, subindo e descendo as suas ladeiras? Naquele dia — lembro-me nitidamente até hoje —, eu a olhei com outros olhos, quase como se a estivesse vendo pela primeira vez ou, quem sabe, pela última. A cidade, que sempre me pareceu tão acolhedora e compassiva, estava agora muito diferente. Será que ela poderia matar um de nós? Haveria nesta cidade, que parecia indomável, corpos abandonados pelas ruas? Poderia acontecer comigo? Da janela eu via também a igreja de Santa Ifigênia, além do viaduto. Naqueles dias a igreja servia de catedral e substituía a velha Sé

demolida. Olhando para a igreja rezei um pouco e, pela primeira vez, tive certeza de que tinha medo.

Saí da sala e telefonei para casa. Conteí mentalmente quantas vezes a campainha tocou. Minha mãe, que demorou para atender, se surpreendeu ao ouvir a minha voz. Estavam todos bem, graças a Deus! Ela estava preocupada sem ter notícias minhas e meu pai havia lhe prometido passar pela Secretaria de Justiça para tentar falar comigo através do telefone da polícia. Minha irmã, que morava em Santos, havia subido no dia anterior com o filho pequeno, e também estava lá. Meu irmão havia saído logo cedo, atrás de um português que criava cabras no morro do Piolho, e voltou antes do almoço com uma cabrinha leiteira. Com isso garantiria o leite para o menino, caso faltasse. O enorme galinheiro que a minha mãe mantinha no quintal certamente forneceria os ovos e frangos que fossem necessários. Com essas providências e, agora, todos os filhos reunidos em casa, minha mãe se sentia em condições de enfrentar qualquer tempestade. Depois de ter feito esse detalhado relatório, me fez prometer que chegaria cedo. Mas eu não iria para casa sem antes encontrar Oswaldo e saber da Cyclone. Para não ter que apanhar outro bonde até a rua Augusta, liguei para a sua casa. Kamiá, como sempre, não sabia dele e o seu Andrade também não estava. Ela queria conversar e saber notícias da cidade, mas eu não tinha nenhuma vontade de esticar o assunto e estava um pouco aflito. Acho que ela percebeu e desligou de mau humor. Kamiá fazia sempre um grande esforço para se aproximar dos amigos do Oswaldo e todos nós a tratávamos muito bem e tínhamos mil cuidados ao falar com ela. Sempre tentou estabelecer uma relação com algum de nós, mas isso era impossível e dos nossos apenas o Sarti se aproximou dela. Sabia perfeitamente que éramos todos fiéis ao Oswaldinho e que seríamos capazes de dizer as maiores mentiras para protegê-lo. Apesar dos seus esforços, ela nunca pôde constituir um círculo de relações. Depois que o seu português melhorou, teve no seu Andrade talvez o único interlocutor mais ou menos presente. Mas ele era um velho e nunca foi de muita prosa. Era seco e parecia que economizava as palavras. Num momento como aquele, ela não tinha com quem conversar e vivia num mundo à parte com o filho. Me arrependi quando desliguei o telefone, mas tinha a cabeça ocupada com os meus próprios problemas.

Saí da *Gazeta* sem saber ao certo para onde ir. Não trouxera mala, mas apenas um pacote de roupas para a Arminda lavar e engomar como eu gostava, e o embrulho incômodo ia me aborrecendo. Não tinha, porém, onde deixá-lo. O comércio ia fechar às cinco da tarde e ninguém sabia se os cafés ficariam abertos

até a noite. Havia um clima de debandada e todos pareciam querer ir para casa. Subi a Líbero até o largo de São Bento, pensando em passar pelo Guarany, na rua Quinze, cortando caminho pela Boa Vista. Quem sabe por lá encontrasse alguém. Logo na esquina da Boa Vista, em frente ao Hotel d'Oeste, avistei Oswaldo. Ele não ficou nem um pouco surpreso ao me ver, me conhecia muito bem, e foi logo contando em detalhes a história da Cyclone.

— Passei a manhã na Telephonica — disse — tentando completar um interurbano para Cravinhos.

— Conseguiu falar com ela? — perguntei.

— Claro que não! Ela está de cama, com febres. Porém consegui a custo que localizassem o Costignac e há pouco falei com ele. Disse que, por coincidência, estava voltando dos Correios, onde postou uma carta da Cyclone para mim. Disse que ela está bem, mas muito fraca e que a gripe é benigna. Os médicos só recomendaram repouso absoluto e injeções. Mas o que é que ele pode saber? Pelo menos por lá não morreu ainda ninguém. E Tatuí?

— A mesma coisa — respondi já mais aliviado. — Vários casos nas fazendas e na cidade. Também lá ninguém morreu, mas quando eu estava na estação, vindo para cá, tive notícia, por um soldado, de que havia morrido uma pessoa em Itapetininga. Será que iremos enfrentar aqui a mesma situação do Rio de Janeiro?

— Não sei — disse Oswaldo. — Por via das dúvidas, por enquanto o melhor é ir para casa.

Seguimos pela São Bento até os Quatro Cantos. Oswaldo ia pegar o bonde e eu queria seguir a pé, mas paramos uns minutos em Santo Antônio, para rezar pela Cyclone. A igreja estava deserta e não havia mais água benta na pia. O Serviço Sanitário, com o apoio do bispo, ordenara a troca diária da água, porém naqueles dias até a água benta já assustava e ninguém mais queria molhar a mão nela. Rezamos por uns minutos e saímos. Fui pela rua Direita e, antes da Sé, parei na Casa Lebre. As lojas já estavam fechando e eu, por via das dúvidas, queria comprar alguns enlatados e um chocolate Suchard para a minha mãe. Mas eles não tinham mais o chocolate importado e comprei o Falchi mesmo. Havia ainda gente fazendo compras, mas todos apressados, e só vi duas mulheres no primeiro andar, onde ficava o empório. Em dias normais, deveria haver dezenas delas. Também não havia aglomerações, como era comum. Embora a loja estivesse movimentada, era visível que as pessoas procuravam guardar uma certa distância umas das outras e os caixeiros também não se aproximavam muito. Comprei o que pretendia e saí. Queria chegar logo em casa e ver os meus.

No dia seguinte, logo cedo, meu cunhado chegou. Ele trabalhava numa grande casa comissária de café, em Santos, e, com os feriados, não teria mais o que fazer. Conforme foi me contando enquanto tomávamos café, o porto estava quase paralisado. Poucos navios atracavam e havia muitos ao largo, aguardando autorização para aportar. As autoridades portuárias não se entendiam sobre que decisão tomar, mas era claro que as embarcações não poderiam permanecer indefinidamente ao largo. Os negócios pararam, a cidade já estava dominada pelo medo da gripe e quase ninguém saía de casa. Ele estava preocupado e sem poder trabalhar, não sabia muito bem o que fazer.

Armando, meu cunhado, era um “rapaz esforçado”, como dizia meu pai. Trabalhava muito, não havia dúvida. Mas, na linguagem cifrada da época, isso queria dizer que não provinha de uma família abastada, ou pelo menos em boa situação e, pior que isso, não tivera recursos para estudar e logo aos quinze anos metera-se no comércio de café, primeiro em São Paulo e depois em Santos. Graças ao seu esforço, vinha prosperando e tornara-se o braço direito de um rico comerciante de café santista, que, como todos os outros, mantinha uma sucursal em São Paulo, onde Armando trabalhou muito tempo. Quando ele se casou, como prêmio e promoção, foi transferido para Santos onde era subgerente da Casa Comissária Carvalho. Minha mãe detestou a mudança que obrigava sua filha a viver em outra cidade. Depois do nascimento do meu sobrinho, não deixava nunca de reclamar, já que o seu único neto crescia longe de suas vistas. Ela, naturalmente, nunca achara o pobre Armando um bom partido. Esperava mais para a minha irmã. Afinal, meu pai era engenheiro e eu, advogado e agora delegado de polícia. Meu irmão já cursava o segundo ano na Escola Politécnica e seria engenheiro também. Armando, ao contrário, trabalhava no comércio. Minha mãe sempre achou que a filha poderia almejar coisa melhor e se casar com “alguém de posses”. Mas o amor e um fatídico baile no Club Germania acabaram com seus planos. Com o tempo, ela foi se acostumando com Armando. Era difícil não gostar dele. Descendente de suíços que vieram para o Brasil antes da Independência, sua família morava em Friburgo, uma pequena cidade do estado do Rio. Viera para São Paulo para trabalhar. Era alto, louro e com olhos muito azuis que chamavam imediatamente a atenção e produziram um efeito enorme em minha irmã, que se apaixonou por ele tão logo o viu. Ele era gentil e educado e tratava a esposa muito bem, ninguém poderia negar. E estava de fato prosperando. Quando a geada acabou com o café e arruinou centenas de fazendeiros, os negócios sofreram um baque. Armando, ao contrário da maioria, se animou com a crise. Nos dias seguintes, quando praticamente não havia café

disponível no estado, ele correu os ramais mais distantes das ferrovias para adquirir, às vezes, apenas umas poucas dezenas de sacas dos fazendeiros semiarruinados. Com o seu esforço, a Casa Carvalho conseguiu obter um razoável estoque, comprado a bom preço e que foi, depois, revendido ao exterior com um lucro substancial, quando os preços no mercado internacional inevitavelmente subiram. Ganhara um bom dinheiro e seu prestígio na praça de Santos aumentara muito. Minha mãe já se conformara há muito tempo e, depois do nascimento do neto, abandonou de vez qualquer restrição ao genro. Além do mais, meu sobrinho era lindo e tinha os cabelos escuros e quase negros como os nossos e os olhos claros do pai. E para a minha mãe, com gripe ou sem gripe, a oportunidade de ter todos em casa era suficiente para fazê-la feliz.

Depois de brincar um pouco com meu sobrinho, que já começava a andar, decidi ir atrás de Oswaldo e de notícias.

23. A peste

Encontrei Oswaldo e Edmundo na *Gazeta*. Quando cheguei, o jornal estava sendo impresso e uns trinta garotos aguardavam a saída da edição. Costumeiramente, o jornal saía às duas e meia da tarde e, a partir de duas horas, os pequenos jornaleiros já se aglomeravam na porta da oficina esperando pelos primeiros exemplares. Havia uma competição feroz entre eles e não raro surgiam brigas. Quem pegasse os primeiros exemplares tinha a vantagem de vendê-los mais depressa e não corria o risco de ficar com o encalhe. Uma vez impresso, o jornal desaparecia em segundos e os garotos eram capazes de distribuí-lo em toda a cidade em pouco mais de uma hora, gritando as manchetes a plenos pulmões. Pippo, o nosso comandante do elevador, havia sido jornaleiro da *Gazeta* antes do Fiore contratá-lo como ascensorista do prédio da garçonnière. Espertíssimo, era sempre dos primeiros a apanhar o jornal e era ele quem vendia a *Gazeta* no nosso lado da Líbero. Tinha muitos fregueses no prédio, entre eles o Fiore. Para ele, o emprego havia sido uma grande promoção, pois passara a trabalhar calçado, uniformizado e protegido do tempo, ao contrário dos seus antigos colegas que o mais das vezes trabalhavam descalços sob o sol e a chuva.

Na redação, o ruído das máquinas, mais a algazarra dos garotos, tornavam difícil a conversa. Depois de ler rapidamente os telegramas, fomos tomar um café no Colombo em frente à velha garçonnière. Oswaldo mostrou a carta da Cyclone, endereçada para a redação da *Gazeta*, como ela fazia ultimamente.

Miramar

Leio neste momento a sua carta que aliás não entendi muito bem. É o efeito da gripe sobre o cérebro! Aqui em Cravinhos há 4 casos de gripe, 5 com o meu: e em S. Simão há já bastantes casos de febre amarela. Uma desgraça enfim.

Hoje, 25, passei a manhã mal, mas o dia bem, ou melhor, quase bem. Tenho gargarejado bastante porque a garganta está muito irritada. Vômitos poucos, febre 40° só, e assim mesmo com favoráveis alternativas.

Almocei caldos de cevada e jantei muito pouco — sopa de galinha.

Tu como vais, querido?

Não continuo porque tenho que fazer a difícil higiene antigripica.

Adeus com alma e coração.

Gracia

25 out. 918

Última hora: acabo de pôr o termômetro, 39° de febre.

Gracia

— É um alívio saber que ela está bem — eu disse, sem muita convicção.

— Engano seu — disse Oswaldo. — Esta maldita doença é traiçoeira, só Deus sabe que reviravoltas pode ter. E febre de trinta e nove não é brincadeira.

Quando saíamos do Café Colombo, vimos Pippo na porta do nosso prédio do outro lado da rua. Aquele posto de observação era ocupado regularmente pelo Fiore, que naquele horário sempre estava por ali e nunca permitia ao Pippo abandonar o elevador e ficar na rua naquela folga. Antes que cruzássemos a rua, Pippo já nos abordava.

— *Hê dotores com'stan? Qui rebuliçu questa gripi, hein! Porca miséria! Já sabem du Fiore?* — Ele ia respondendo às nossas perguntas antes que tivéssemos a oportunidade de fazê-las, como era o seu estilo. — *Caiu co'a gripi e istá male, poveraccio. A Garmé istá si arrancandu us cabelu. Fá dois dia que não sai da cama.*

— E o médico? Ele já procurou um médico? — perguntou Edmundo.

— *Pois entó, desdi ontem io larguei o elevadô e saí atrais do médico três veis. Má num tem médico pra tanto doente. Veio um só hoji, ficô cinco minutu e deu um monti di remédio. Acabei de voltá da farmácia agorinha, agorinha.*

— Diga a Garmé que estivemos aqui e desejamos melhoras pro Fiore — disse Oswaldo. — Amanhã ou depois voltamos para saber dele.

E, virando-se para nós:

— E mais essa agora. A gripe está nos cercando. Quem será o próximo?

Demos meia-volta e subimos a São João em silêncio. Queríamos ver como estava a praça Antônio Prado e se havia gente na rua Quinze. A cidade estava quase vazia e o aspecto geral era deprimente. Era feriado, é claro! Mas mesmo nos feriados, o centro tinha uma vida que não se via naquelas ruas sem movimento. As lojas estavam todas fechadas e as vitrines, que em geral ficavam abertas durante o dia e parte da noite, estavam cobertas pelas portas metálicas. Os toldos coloridos que havia em todas as lojas estavam recolhidos, embora fosse uma bela tarde de sol. Todos andavam apressados e, mesmo nos poucos cafés abertos, o movimento era pequeno. Os jornais traziam recomendações do

Serviço Sanitário, insistindo para que a população não fizesse esforços, não se expusesse à friagem da noite e que corresse para a cama ao menor sinal de mal-estar. Essas instruções, aliadas aos feriados tão prolongados e às notícias tenebrosas que chegavam do Rio e de outras cidades brasileiras, acabaram por quebrar o ânimo da cidade. Em condições normais, os estudantes, desobrigados de comparecer às aulas, teriam invadido os cafés e tomado conta das ruas. Mas não naquele dia.

— Talvez à noite haja mais movimento — disse Edmundo, meio desanimado.

— Qual, isto já parece um sanatório! — respondeu Oswaldo. — Se não cuidarmos, logo vamos nos infectar de tédio e morrer de pasmaceira galopante.

Oswaldo não queria ir para casa, mas não havia mais o que fazer ali. O fato é que desde que a Cyclone partira — já fazia dois meses —, Oswaldo parecia estar sempre à procura de algo com que se ocupar e não ficava satisfeito em lugar nenhum. Eu já estava habituado a isso e quando vinha a São Paulo nos encontrávamos três ou quatro vezes por dia e todas as vezes ele me dava a sensação de que procurava o que fazer. Não sei como ele se arranjava quando eu estava no interior. Combinamos de nos encontrar à noite no Guarany e reunir toda a nossa roda. Cada um de nós se encarregaria de chamar um dos outros e nos encontraríamos depois do jantar.

Para surpresa de minha mãe, cheguei cedo em casa. Assim que abri a porta, ouvi sua advertência:

— Cuidado com o inspetor geral!

Era o meu sobrinho que, atrás da porta, examinava com toda a atenção a chapeleira e o guarda-chuva de meu pai, pendurado nela. Ele já começava a andar e vistoriava todos os cantos da casa que para ele era estranha. Minha mãe não disfarçava a satisfação de nos ver ali novamente reunidos. Estando eu na minha delegacia no interior e minha irmã em Santos, a nossa velha casa ficava sempre vazia e sem vida. Meu irmão, que apenas dois anos antes era um menino, agora estava na Politécnica e vivia a vida de estudante e, portanto, chegava sempre tarde em casa.

Tivemos um jantar alegre. Minha mãe fazia planos para o almoço de domingo e prometeu ao Paulinho um frango ao molho pardo que ele adorava. Ia pedir à Arminda para matar as aves no dia seguinte e minha irmã, como de costume, lhe disse que resolvesse isso bem cedo, porque não queria ver e muito menos ouvir a algazarra das aves sendo executadas. Meu pai e Armando estavam preocupados com a situação do café, que afetava tanto a Estrada de Ferro Sorocabana quanto os negócios do Armando.

— Antes de viajar para cá, recebi os últimos conhecimentos de exportação do porto. Imagine o senhor que Santos não embarcou mais do que quatro milhões de sacas de café até agora, e estamos praticamente com a colheita encerrada — explicou Armando. — E no ano passado fizemos quase oito! Todos apostavam que passaríamos disso e poderíamos chegar perto de nove milhões de sacas!

— Só nos faltava essa gripe para completar o ano — disse meu pai. — Nunca vi coisa igual. São Paulo nunca enfrentou uma situação como essa. Desde a greve do ano passado, só temos tido desastres. Veio a praga dos gafanhotos, depois este inverno brutal, com a geada que acabou com os cafezais e agora isso. Parece que a ira de Deus se abate sobre nós. Será que voltamos aos tempos bíblicos?

— Se o senhor se refere às sete pragas do Egito, papai — disse meu irmão —, veja que nos faltam ainda três.

— Isso não é coisa com que se brinque — respondeu meu pai. — O movimento da ferrovia caiu brutalmente e vai afetar todo o comércio. Com os fazendeiros arruinados, não se movimentam os negócios. Aqui dependemos todos do café.

— Até mesmo os engenheiros que ainda estão no ovo, esperando serem chocados — disse minha irmã.

Meu irmão quis responder, mas não lhe dei tempo.

— O Guy me contou que o Paulo voltou de Itapira arrasado. A geada pegou em cheio as fazendas da mulher dele. Segundo o Guy, parece que eles vão perder tudo — acrescentei, lembrando que o Paulo desde julho vivia num redemoinho, indo e voltando do interior e correndo os bancos na tentativa de salvar uma parte que fosse do patrimônio que adquirira com o casamento. Mas a cada vez as notícias eram piores.

— Pois é o que eu digo ao seu Carvalho — emendou Armando. — Agora é a hora de ele transformar a comissária em casa bancária e dar um salto adiante. Afinal ele tem um bom capital e a cada dia que passa os cafeicultores precisam mais de financiamento. Hoje em dia ninguém prospera sem crédito. E essa coisa de ir dando adiantamentos sobre a colheita futura é um modo atrasado de se fazer negócios. Quando eu comecei a trabalhar com o seu Carvalho, cansei de ir à Academia entregar as mesadas aos filhos dos clientes que a comissária adiantava. No final das contas, ele se empenha com os fazendeiros e na hora agá não consegue cobrar as dívidas. Todos são compadres e o velho Carvalho se vexe de cobrá-los.

— Mas o que você quer que ele faça? — interveio meu pai. — Arranque as fazendas dos seus clientes, leve os velhos camaradas à hasta pública, como está acontecendo com o Paulo Menotti?

— Ninguém quer se aproveitar, mas, se um raio cai na cabeça de um sujeito, o que se pode fazer? — disse Armando. — A vida é assim, quando se quebra, se quebra! É dessa forma que vai o mundo, não adianta reclamar.

— Pois é, eu sei que agora as coisas são diferentes, mas no meu tempo isso não se dava. Um comerciante conhecido não negaria uma prorrogação a um devedor honesto. Os financistas tinham vergonha de executar.

— Outros tempos, dr. Almeida, outros tempos. Agora, só os mais fortes sobrevivem — concluiu Armando.

Depois do jantar, saí para encontrar nossa roda. Minha mãe ainda insistiu para que eu levasse ao menos o guarda-chuva, embora o tempo estivesse perfeito e a noite estrelada. Só consegui convencê-la quando lhe assegurei que fatalmente acabaria esquecendo-o no primeiro lugar onde parasse. A noite estava mesmo bonita e subi a rua da Glória em direção à Cidade, como costumava fazer. Na praça João Mendes se via algum movimento de pessoas à espera do bonde. Passei em frente da igreja dos Remédios e entrei na Sé, contornando as obras da catedral. A luz azul dos lampiões iluminava fracamente aquele trecho de rua e o movimento era mínimo. Depois de cruzar a Sé, cheguei à rua Quinze. No ponto de táxi que havia ali, não vi nenhum automóvel. Apenas três ou quatro tálburis faziam ponto na praça ao invés das dezenas que se poderia encontrar ali num sábado à noite.

O Guarany era logo no começo da rua. O café iluminado chamava a atenção naquela cidade estranhamente deserta. Estava instalado num belo sobrado de dois andares e no térreo ficava o salão principal, estreito e comprido, com a cozinha ao fundo, protegida por um biombo, por trás do qual saíam os garçons. Nele ficavam os estudantes, os jornalistas e a nata da vida boêmia da cidade. Ficava sempre cheio e quem não fosse “da casa” e tivesse lugar cativo tinha que esperar por uma mesa. O andar de cima era mais reservado e em geral ocupado pelas famílias que saíam dos teatros ou dos cinemas. Subia-se por um par de escadas que havia logo na entrada, uma de cada lado do salão. Quase nunca íamos lá, o nosso território era o térreo. Tínhamos uma mesa cativa mais ou menos no meio do salão, do lado esquerdo. Era uma mesa grande, como nos convinha, e estava quase inteiramente decorada pelos desenhos do Ferrignac.

Naquele tempo, as mesas de mármore branco dos bares eram usadas como se fossem de papel e os clientes faziam desenhos, deixavam recados ou faziam críticas políticas. A nossa era lindamente decorada com as caricaturas e desenhos do Ferrignac, que se encarregava de mantê-la sempre limpa e livre de rabiscos estranhos.

Fui dos primeiros a chegar. Havia mesas desocupadas, mas o ambiente era alegre. Logo estávamos todos: Oswaldo, Guy, Ferrignac, Jairo, Edmundo, Léo, Sarti, além dos muitos que passaram na nossa mesa. Por mais que se tentasse mudar de assunto, todos falavam da gripe. A mesa ao lado era habitualmente ocupada por jornalistas. Era uma mesa eclética e nela se reunia gente do *Estado de S. Paulo*, do *Correio Paulistano*, da *Cigarra*, da *Vida Moderna*, e outros mais. Cada um trazia uma informação diferente e todas pareciam ruins. O Simões Pinto, do *Jornal do Comércio de São Paulo*, que era na realidade uma espécie de filial do *Jornal do Commercio* do Rio e que reproduzia quase inteiramente as suas matérias, fazia os piores relatos. Em contato permanente com o Rio de Janeiro, eles tinham acesso a informações que nós ainda não conhecíamos e que, ao que parecia, os nossos jornais evitavam publicar para não alarmar ainda mais a população. As notícias do Rio eram tremendas e o Simões Pinto, que havia estado lá a serviço dias antes, voltara horrorizado.

— É assim mesmo como estão dizendo: há mortos abandonados nas ruas. Não há socorro para todos nem meios de fazer os enterros. A capital do país está virtualmente paralisada. Os jornais publicam-se como é possível e muitos já não estão mais circulando. Falta tudo, é um horror.

— Mas e essas estatísticas que repetem por aqui — perguntou Léo —, que falam em centenas de mortos?

— É pior, muito pior. Em São Paulo não sabemos nada. Quando eu parti do Rio, um colega me assegurou que os mortos já chegavam a dez mil — respondeu Simões Pinto.

— Não é possível. Isso há de ser exagero desses cariocas — disse Sarti. — De mais a mais, o clima do Rio é outra coisa, lá sempre grassaram as epidemias. Vejam a varíola, a febre amarela. Não fosse o Oswaldo Cruz... É um clima africano, totalmente diferente de São Paulo.

— Pode ser, mas o fato é que a gripe começou na Europa, e não na África. O melhor é estarmos prevenidos — disse Guy.

Quando a conversa ia tomando um tom francamente lúgubre, veio à nossa mesa o Porchatinho, uma das figuras mais divertidas do Guarany. Nós o

conhecemos na Academia, onde ele estava se formando quando entramos para fazer o primeiro ano e fomos seus calouros. Era da turma da *Cigarra*. Na revista, publicava versos e artigos satíricos e, no Guarany, era sempre o engraçado da roda. Dei graças a Deus quando ele se aproximou da nossa mesa, pois com certeza desanuviaria o ambiente. Eu o saudei efusivamente.

— Dr. Arnaldo Porchat, que notícias traz para nos alegrar neste momento funesto? — perguntei.

— Nada menos que a cura definitiva e infalível desta maldita gripe. Descobri e vou publicar na *Cigarra* que sai na próxima quinta-feira.

— Mas conte tudo então. Que milagre é este?

O Arnaldo Porchat era excelente declamador e fora um dos poucos rivais do Ricardo Gonçalves nesta arte nobre de fazer poesias nos cafés. Puxou um pigarro para garantir a atenção da plateia e nos deu a sua receita.

*Guerra, fome, e, por fim, epidemia!
Meus Deus! Que horror assola a terra inteira!
Quem poderá viver com alegria
A não ser em contínua bebedeira!*

*Por toda a parte o pânico irradia,
Por toda a parte a mesma choradeira:
Qual morre, qual de febre desvia,
Qual, evitando a multidão, se esgueira*

*E eu vejo a epidemia ir se alastrando
Com a mesma calma, fria e indiferente,
De quem a vida já lhe vai custando.*

*É que não teme febre e infecções
Quem bebe todo dia pontualmente,
Um garrafão de pinga e dois limões...*

Nossa gargalhada uníssona paralisou o Guarany e deu ao café um certo ar de normalidade, que naquela noite lhe faltava. Entre vivas ao Porchatinho, festejamos a nossa renovada alegria em várias rodadas de pinga com limão, o remédio infalível.

Sáimos do Guarany com os garçons já colocando as cadeiras por sobre as mesas e combinamos nos encontrar na missa das dez em São Bento.

Fui para a cama muito tarde e dormi muito mais do que costumava fazer. Era o efeito da pinga com limão, com certeza. Acordei por volta das oito horas quando meu pai entrou no meu quarto. Me assustei imediatamente, bastava ver o seu rosto com uma expressão que eu, até então, não conhecia.

— Levanta, Pedro! Sua mãe não está bem. Ela começou a tossir durante a noite e agora está com febre. É preciso chamar o dr. Ricardo. Vá você, porque eu não quero deixar a sua mãe sozinha e não quero que a sua irmã entre no quarto. Se for a gripe, temos que pensar no menino. Levante e vá logo!

Pulei da cama e me lavei e vesti em segundos. O dr. Ricardo, médico amigo da casa, cuidara de todos nós desde pequenos, quando nos mudamos para São Paulo, e também fizera o parto da minha irmã. Ele ainda não tinha telefone, embora a Cia. Telefônica promettesse instalá-lo já havia uns dois anos. Morava num grande casarão na avenida Liberdade, depois do largo da Pólvora, quase na esquina da rua Fagundes, e curiosamente as linhas ainda não haviam chegado até lá, embora já cobrissem praticamente toda a cidade. Quando ainda tínhamos o *Pirralho*, eu publiquei uma nota reclamando da Telefônica, mas foi inútil.

Subi a ladeira da rua dos Estudantes até a avenida quase às carreiras e em menos de dez minutos eu tocava a campainha da porta do médico. Uma empregada atendeu e me pediu para esperar numa saleta ao lado da entrada. O dr. Ricardo tinha consultório na rua Quintino Bocaiuva, mas quando estava em casa era aquela sala que lhe servia para atender aos pacientes que o procuravam. Era um cômodo octogonal que se projetava para fora na fachada da casa e com o andar de cima do sobrado, que era coroado por um terraço, formava uma pequena torre que dava à residência a aparência de um castelinho. Quando éramos crianças, era assim que nos referíamos àquela casa e o dr. Ricardo era o “médico do castelinho”. Logo sua esposa chegou, vinda do quintal. Era uma senhora loira, de um tipo bem italiano e ainda muito conservada. Eles tinham um filho pequeno, nascido quando ela já passava muito dos trinta, e graças a ele, se bem me lembro, o dr. Ricardo tinha uma grande clientela de senhoras. Resumi rapidamente o caso.

— Fique tranquilo, Pedrinho, não há de ser nada — ela disse. — Vai ver que nem é gripe. Vou chamar o Ricardo, que ainda está dormindo. Quando ele chegou a noite passada, já eram mais de duas da manhã. Nesses dias não tem parado um minuto, quase não fica em casa. Ontem atendeu pelo menos dez pacientes novos, além dos que estão convalescendo. Se as coisas continuarem assim, não sei o que vai ser. Tenho medo de que ele também acabe doente, trabalhando desse jeito — disse com uma sombra de preocupação no rosto. Mas ela rapidamente percebeu que aquela conversa só aumentava a minha ansiedade e encerrou o assunto: — Sente-se um pouco, eu vou mandar servir um cafezinho.

Acomodei-me numa das poltronas em frente à escrivaninha do médico. Bem em frente a mim, um crânio de bronze numa base de mármore verde, muito

vistosa, dominava a mesa. A sala, como a maioria dos consultórios médicos daquele tempo, era decorada com reproduções de obras de arte com temas ligados à medicina. Na parede ao meu lado se via a *Lição de anatomia*, de Rembrandt, um clássico dos consultórios, encaixado numa bela moldura dourada. Na outra parede, uma gravura de Caravaggio, *A ressurreição de Lázaro*, outro quadro sempre presente nos gabinetes dos nossos esculápios.

O médico demorou bem meia hora para aparecer e enquanto isso a minha impaciência aumentava. Chegou ainda estremunhado e com o colarinho meio desarranjado. Tinha, de fato, um ar fatigado e foi logo me relatando as agruras dos seus últimos dias.

— A cidade está à beira do caos, esta é a verdade. É preciso começar a internar os doentes já. Não se pode continuar a atender os pacientes em casa. Logo não teremos os médicos necessários. Você imagina que tenho visitado mais de vinte por dia? E os casos não param de aumentar.

Vendo minha cara agoniada, ele rapidamente acrescentou:

— Mas você não se preocupe, ainda não perdi nenhum — disse, dando uma risada sem muita convicção. — Vamos logo ver a sua mãe.

Chegamos em pouco tempo. Descendo a ladeira, antes de cruzar a rua da Glória, vi meu pai na janela do andar de cima, nos aguardando, certamente mais impaciente do que eu. O médico subiu logo. Encontrei a minha irmã na cozinha, com os olhos vermelhos, fervendo no fogão o leite para a mamadeira do menino. Numa bacia sobre o mármore branco da pia jaziam os dois frangos depenados, mas ainda com as cabeças, que minha mãe havia planejado preparar para o nosso almoço.

— Por que vocês demoraram tanto?

— O dr. Ricardo ainda estava dormindo quando eu cheguei. A mulher dele me disse que ele chegou ontem de madrugada e que todos os dias tem sido assim. Ela também está assustada. O dr. Ricardo contou que só ontem ele atendeu dez casos novos. Acha que a cidade em pouco tempo não terá médicos suficientes para todos.

— E se não houver médicos suficientes? As pessoas vão morrer pelas ruas?

— Ele acha que os doentes têm que ser internados. Não só os pobres, mas todos. Segundo ele, os hospitais possuem muito mais recursos e o atendimento fica facilitado.

— Se vocês acham que eu vou permitir que internem a minha mãe como se fosse uma mendiga e deixar que ela seja cuidada por estranhos, vocês estão

loucos! Não vou deixar a minha mãe de jeito nenhum, ora onde já se viu? Que ideia! Nem papai vai concordar. — Clara disse isso num impulso, com o rosto vermelho e num tom de voz que eu nunca ouvira antes nela.

— Mana, o dr. Ricardo não falou em internar a mamãe, tenha calma. Ele nem sequer a tinha visto ainda. Ele se referiu à situação da cidade e às dificuldades que enfrentamos. Ninguém vai tirar mamãe de casa. E nem sabemos se é gripe.

— Acho bom mesmo!

— No entanto, se for a gripe — disse eu, medindo cuidadosamente as palavras — temos que pensar no menino. Talvez fosse melhor tirá-lo daqui e... — Mas ela nem me deixou concluir a frase.

— Nem pense nisso! Meu filho não fica longe de mim, e eu não vou sair daqui enquanto a mamãe não ficar boa. Já combinei com a Arminda. Mandeí que ela e as duas meninas peguem as camas de vento no porão. Se for mesmo gripe, vou armar uma cama para mim no quarto deles e o papai vai dormir com você. A Arminda dorme no nosso quarto com o menino, e o Armando vai para o quarto do Paulinho. Já pensei em tudo.

Nisso, o médico e meu pai desceram a escada. Ele dava instruções e, ao nos ver, fez questão de nos tranquilizar.

— Sua mãe está com gripe mesmo, mas não precisam se assustar. A doença é violenta e muito contagiosa, porém, com os devidos cuidados, não haverá maiores consequências. Basta seguir as prescrições e, agora que a gripe entrou na casa, todos devem adotar os cuidados preventivos básicos. O fundamental é manter a calma e seguir as orientações. Já recomendei a seu pai que mantenha sua mãe isolada e com o mínimo contato com o exterior ou outras pessoas. Quanto menos gente entrar no quarto, melhor. Estou prescrevendo inalações de vaselina mentolada para todos, ao menos de manhã e antes de dormir. Também é recomendável gargarejos com água e sal ou, melhor ainda, com água iodada. Todos devem tomar sal de quinino a 2,5 miligramas. A doente vai tomar 5 miligramas diariamente. Aviem a receita no Veado d'Ouro, que é mais garantido. Vejam bem, com os devidos cuidados tudo passará em poucos dias. Não se assustem com as notícias e muito menos com o número de mortos que os jornais noticiam. Vocês têm que lembrar que a nossa cidade é muito grande e a maior parte da população não tem recursos e vive em condições miseráveis. Para estes, infelizmente, é preciso reconhecer que a gripe faz uma verdadeira devastação. Mas todo o cuidado é pouco.

— Mas não se pode fazer mais nada? — perguntou minha irmã.

— Desinfetem tudo com Creolysol, pratos, talheres, e peçam que as criadas apliquem o produto também nos banheiros. É preciso desinfetar todos os dias. E, antes que eu me esqueça: isolem o menino e, sobretudo, fervam tudo o que ele usa, fraldas, toalhas, mamadeira, tudo. Amanhã volto para ver a doente e não quero encontrar aqui mais nenhum gripado, hein, vejam lá! — Ele riu novamente, com aquele riso forçado que usou comigo na sua casa de manhã.

Durante a conversa, meu pai não pronunciou uma palavra sequer. Acompanhou o médico até a porta e apanhou o jornal no chão do alpendre antes de voltar para a sala. Ninguém havia se lembrado de recolhê-lo e nenhum de nós tomou o café da manhã. Ele sentou-se na sua cadeira no escritório, mas não abriu o jornal. Quando fui ter com ele, me pediu:

— Vão ver sua mãe. Ela está preocupada e quer ver vocês.

Minha mãe parecia estranhamente frágil na velha cama de madeira escura dos meus pais. Tossia bastante e a tosse, muitas vezes, interrompia suas frases. Não quis que nos aproximássemos e nos falou com a voz cansada, muito destoante de seu proceder natural, sempre muito enérgico. Fez mil recomendações a mim, ao meu irmão e a minha irmã. O tom ia ficando fúnebre e minha irmã, muito atenta, nos pôs fora do quarto e pediu que fôssemos à farmácia buscar os remédios.

— E já que vão à cidade, tragam também um termômetro, porque o meu ficou em Santos. Quero ver como anda essa febre — disse.

Descemos as escadas e, antes de sair, fomos ver meu pai no gabinete. Ele continuava praticamente na mesma posição e o jornal jazia nos seus joelhos, intocado. Perguntamos se queria alguma coisa da cidade.

— Não, meus filhos, comprem logo esses remédios, porque a sua mãe precisa se medicar o quanto antes. Vejam se encontram algum armazém aberto e tragam uns limões, se houver. Dizem que o limão é muito bom para a gripe e ajuda a limpar a garganta. Vamos precisar de um bom estoque.

Sáímos. Paulinho, meu irmão, lembrou que tínhamos farmácia a três passos de casa, na rua da Glória, em frente ao largo de São Paulo.

— Podemos comprar tudo no seu Manoel, lá ele deve ter.

Mas eu não concordei.

— Não vale a pena arriscar. Vamos ao Veado d'Ouro, que é mais garantido. Essa história de quinino em quantidades exatas... é melhor aviar lá. Vamos pegar um bonde.

Ao entrar na rua São Bento, me lembrei da missa. Havia esquecido completamente do combinado. Mas eu bebi um pouco além da conta na noite

anterior e Oswaldo e os outros não deviam ter estranhado a minha ausência. Mais tarde falaria com eles.

No dia seguinte, o dr. Ricardo não apareceu, como havia prometido. Mamãe acordou melhor e parecia mais animada. A febre continuava alta, mas a tosse diminuía. Comandados por minha irmã, todos nós seguíamos rigorosamente as prescrições do dr. Ricardo. Para mim, o pior eram os gargarejos, que minha irmã me obrigava a fazer de manhã e à noite. Ela entregava pessoalmente ao Armando, ao meu irmão e a mim um copo de água iodada e ficava aguardando que terminássemos o processo à porta do banheiro. Era impossível escapar. Desde que minha mãe caíra doente, ela assumiu as rédeas da casa, e todos, inclusive meu pai, a obedecíamos. Clarinha estava decidida a impedir que a gripe nos tirasse mamãe, e o vigor com que lutava nos obrigou a segui-la. Ela e mamãe tinham o mesmo espírito combativo. Nós nunca prestamos a isso a devida atenção, mas agora, com nossa mãe doente, era visível.

Depois do almoço, como o médico não aparecesse, minha irmã pediu ao Paulinho que fosse até a casa dele. O telefone do consultório na cidade não atendia, mas, com o feriado, era mais provável mesmo que não houvesse ninguém lá. Ele foi e voltou em quinze minutos.

— A casa está fechada. Só havia uma negrinha que atendeu à porta e me disse que a família não está e que não sabe quando volta. Falou comigo rapidamente e correu para dentro — contou meu irmão.

— E essa agora! Será que esse médico covarde abandonou a clientela e fugiu da gripe com a família? — exclamou minha irmã.

— Não diga uma coisa dessas, filha. Eu conheço o Ricardo há mais de trinta anos. Deve ter acontecido alguma outra coisa. Vamos esperar até a noite e enquanto isso continuamos fazendo o que ele prescreveu — disse o meu pai.

Depois do jantar, meu irmão e eu fomos atrás do dr. Ricardo. Não havia ninguém e a casa estava totalmente às escuras. Pensamos em falar com algum dos vizinhos, mas àquela hora da noite não fazia muito sentido. Combinamos de voltar no dia seguinte.

Mas logo cedo ficamos sabendo. Na segunda página do *Correio Paulistano*, logo no alto da Crônica Social, a coluna mais lida do jornal, estava a notícia:

Enfermos

Acham-se enfermos, recolhidos ao Hospital da Cruz Vermelha montado pela Associação Palestra

Italia, em sua sede à rua Líbero Badaró, 41 o Sr. Dr. Ricardo Bolla, sua digníssima esposa, Dona Maria do Carmo Bolla e o filho do casal, atacados pelo surto de influenza que grassa nesta cidade.

— Que horror! Não posso acreditar. No domingo ele estava tão bem — disse minha irmã. — E eu, que cheguei a pensar mal dele... Que pecado!

— Não contem nada para a sua mãe. Ela não pode, nesse estado, sofrer mais abalos. Vou visitar o Ricardo logo depois do almoço. E você, Pedrinho, veja se consegue um outro médico para a sua mãe. Embora ela pareça melhor, não podemos nos arriscar.

24. O terror

Não sei se sou capaz de descrever os dias que se seguiram. Nunca mais os esqueci e muitas noites enfrentei pesadelos horríveis povoados por suas imagens. Sei que todos os que viveram aquele tempo sentem algo parecido. Mas nunca mais falamos disso. Ninguém que eu conheça jamais mencionou o período da gripe espanhola. Nem na minha casa nem entre os meus amigos ou conhecidos. Agora, quando se comemora o Quarto Centenário de São Paulo e os jornais publicam todos os dias histórias do passado da cidade, não se vê quase nenhuma menção a esse episódio. Acho que os paulistanos preferiram borrar essa imagem tenebrosa e, já naqueles dias, logo depois que a gripe abandonou São Paulo, se podia perceber isso. Quando o perigo passou, as notícias sobre a gripe foram relegadas a um cantinho de página, mesmo se a vítima fosse alguém importante. Tenho a impressão de que todos queriam afastar essas lembranças, como se fosse possível se livrar delas. Eu não consegui. Talvez porque eu seja prisioneiro das imagens e lembranças do passado e carregue essas memórias como um fardo.

*

Depois daquele sábado no Guarany, nossa roda já não se reuniu mais. A maioria ainda foi à missa de São Bento no domingo, mas foi só. Com os feriados não havia movimento na cidade e todos foram se recolhendo às suas casas, esperando que a maldita peste não os apanhasse. A gripe avançava e quase todos tinham um parente ou amigo próximo com que se preocupar. Até o Oswaldo se conformou e pouco saía de casa.

Oswaldo e eu nos encontramos apenas na quarta-feira na *Gazeta*. A gripe já atingira o jornal e mais da metade da redação não estava lá. Logo que entrei, encontrei com ele numa roda de jornalistas. Todos falavam baixo, o que era inusitado.

— Pedrinho, acabamos de saber. Morreu o Porchatinho! Caiu de gripe no

domingo, depois da nossa noitada no Guarany. Morreu hoje de manhã.

— E essa agora! — Foi só o que pude dizer. Mas senti imediatamente um buraco no estômago, uma sensação desagradável que passou a me acompanhar em todos aqueles dias. O Nini tinha apenas três anos mais do que nós e era o mais farrista e pândego dos boêmios da cidade. À sua volta sempre havia risadas.

— Pode-se dizer que morreu gozando de perfeita saúde — disse um dos jornalistas da *Gazeta*. — No domingo ainda andava pela cidade. No dia seguinte delirava de febre e em menos de quarenta e oito horas, morreu. E o incapaz do Arthur Neiva ainda vem dizer que a gripe só mata os velhos, os fracos e os que não têm recursos. Tudo ilusão. O fato é que eles não sabem o que fazer!

— E o enterro? — eu quis saber.

— Será ainda hoje — disse Oswaldo. — Antes das cinco. O Serviço Sanitário não permite mais velórios. É preciso enterrar rapidamente.

As notícias eram a cada dia piores e as recomendações do Serviço Sanitário, cada vez mais restritivas. Por falta de quem trabalhasse, os jornais tiravam edições reduzidíssimas, às vezes com apenas quatro páginas. Segundo soubemos no *Estado* a situação era péssima e até o Lobato havia assumido um posto na redação, para suprir a falta de jornalistas e permitir que o jornal continuasse circulando. Mas na *Cigarra* era pior, e a edição que seria impressa no dia seguinte não ia mais sair. A *Cigarra* era a revista de maior circulação em São Paulo, e a suspensão da publicação abalaria ainda mais os ânimos.

Eu tinha, porém, meus próprios problemas para resolver. Devia achar o quanto antes um médico para atender minha mãe. Oswaldo me lembrou do seu amigo Buarque. O dr. Carlos Buarque era o médico da elite e continuava atendendo a sua seleta clientela a domicílio, coisa que a maioria dos médicos já não fazia. Fomos atrás dele. Naturalmente, não estava no consultório e nem em casa. Na casa dele, aonde fui em companhia de Oswaldo, uma enfermeira anotou o meu pedido e o endereço e nos garantiu que o doutor veria a minha mãe ainda naquele dia. Cobrava caríssimo, mas aquela não era hora para economias.

Quando nos separamos, perguntei ao Oswaldo se iríamos ao enterro do Porchatinho. Ele balançou a cabeça e disse:

— Pedrinho, agora é hora de cada um cuidar dos seus. E salve-se quem puder.

O dr. Buarque veio, como prometido, ver mamãe ainda naquela noite. Ele era apenas alguns anos mais velho do que nós, mas já tinha fama de grande médico.

Fez um exame muito mais extenso e confirmou, com poucas alterações, a medicação que o dr. Ricardo prescrevera. Depois do exame, reuniu todos nós no gabinete de papai e nos explicou detalhadamente a doença.

— A gripe é muito violenta e todo o cuidado é pouco. Mas é a gripe pulmonar que mata. Não é o caso de sua mãe, e é de crer que a febre vá baixar nos próximos dias. No entanto não se descuidem da prevenção e procurem desinfetar tudo. Continuem a fazer a higiene grípica com vaselina mentolada e gargarejos. É preciso proteger as vias aéreas. Se todos seguirem rigorosamente as prescrições, quem sabe em alguns dias tudo pode ter passado.

Mas, naturalmente, não foi assim.

No dia seguinte, o jornal trazia na capa a notícia do falecimento do dr. Ricardo e do seu filhinho, que morreram com poucas horas de intervalo. Sua esposa resistiu mais dois dias, mas morreu também, num fim de semana. Meu pai, apesar da nossa resistência, fez questão de ir a todos os enterros. O dr. Ricardo foi um dos primeiros médicos da cidade a morrer em consequência da epidemia. A notícia do seu falecimento chocou a todos e o assunto estava na capa da maioria dos jornais. O fato de o filho ter sido vítima da gripe no mesmo dia acrescentou dramaticidade ainda maior ao episódio. Havia uma centena de pessoas no enterro e dezenas de coroas. O dr. Ricardo organizara pessoalmente o Hospital da Cruz Vermelha, que seria inaugurado na sede do Palestra Itália no dia 1º de novembro. Era um dos muitos hospitais de emergência que foram criados naqueles dias para fazer frente à epidemia. Mas antes de as instalações serem totalmente concluídas, o pobre médico caiu doente com a família e foi o primeiro paciente do hospital que ele mesmo organizara. No seu enterro houve muitos discursos e as homenagens se multiplicaram pelos jornais no dia seguinte. A gripe que o vitimou já atingia a cidade de forma tão esmagadora que ninguém mais se considerava seguro. Durante o enterro praticamente todos cobriam o nariz com um lenço embebido em álcool mentolado e foram pouquíssimos os que se aproximaram dos caixões. Quando eu e o meu pai voltamos do Araçá, comentei isso com ele. Ele estava muito abatido.

— Meu filho, temos que rezar para que Deus nos traga sua mãe de volta com saúde e nos proteja a todos dessa peste. Quando se poderia pensar que passaríamos por essa provação? O Ricardo, em pleno vigor, morrer assim. Imagino como ele deve ter se afligido vendo o filho e a mulher doentes, talvez infectados por ele mesmo, que cumpria o seu dever de médico. Que horror! E que martírio para um pai! Graças a Deus ele morreu antes do filho e não assistiu

a essa tragédia. E que será dessa pobre mulher se sobreviver? Sem marido e filho? Quem seria capaz de enfrentar tanta dor?

Ele dizia isso enquanto caminhávamos em direção ao Hospital de Isolamento, onde apanharíamos um bonde para a Cidade. Nem se podia pensar em apanhar um carro de praça, pois nos últimos dias todos haviam desaparecido de circulação e somente os mais abnegados continuavam trabalhando no atendimento aos doentes, às ordens do Serviço Sanitário. Esperamos uns bons quarenta minutos até que aparecesse um bonde. Era um fim de tarde quente, mas apesar do tempo agradável, a cidade parecia mergulhada no mais profundo recolhimento. Descemos a rua da Consolação quase deserta. Só se viam os autos de socorro do Serviço Sanitário. Muitas empresas e particulares haviam cedido seus automóveis para o atendimento aos doentes e para a distribuição de medicamentos. Os escoteiros organizaram uma tropa especial que também fazia a entrega de remédios aviados pelas farmácias. Fora estes, não havia quase mais ninguém na rua. Quando passamos em frente ao cemitério da Consolação, já estava anoitecendo e pudemos ver o cemitério iluminado pela luz elétrica de emergência que a prefeitura havia instalado para permitir que os enterros pudessem ser realizados também à noite. No fim da ladeira, em frente à igreja, um caminhão da Casa Rodovalho carregava dezenas de caixões empilhados, num lúgubre aviso sobre o que nos aguardava.

Dois dias depois, fiz o mesmo percurso acompanhando meu pai ao enterro de dona Maria do Carmo, esposa do dr. Ricardo. Todos em casa insistiram com ele para que não saísse e se expusesse inutilmente aos perigos da gripe, mas foi em vão. Até a minha mãe, já bastante melhor e ensaiando os primeiros passos para fora da cama, depois de quase uma semana de febre, ralhou com ele. O seu pedido, porém, foi tão fraco e sem ênfase que só reforçou a vontade do meu pai. Acho que ela, no fundo, achava que eles tinham a obrigação de acompanhar esses velhos amigos na sua hora final e se afligia por ela mesma não poder ir. O fato é que fomos, eu e meu pai. O enterro da pobre mulher diferiu em tudo ao do marido. O corpo chegou à capela do Araçá por volta das dez horas da manhã. Não mais que uma dúzia de pessoas, além de nós, estava à espera. Não havia padres nem coroas. Uma senhora de cor, provavelmente ex-empregada da casa, puxou uma ave-maria. A reza durou no máximo um minuto e o caixão sem flores seguiu para o jazigo ainda revolvido pelo enterro recente do dr. Ricardo e do filho. Tudo se resolveu em menos de quinze minutos, sem cumprimentos, pêsames, nada. Enquanto buscávamos a saída do cemitério, eu e meu pai fomos observando o enorme número de campas havia pouco revolvidas, atestando os

enterros recentes. O cemitério ocupava um topo de colina que se prolongava do espigão da avenida Paulista e descia abruptamente em direção ao córrego do Pacaembu. Do ponto em que estávamos, caminhando em direção ao portão de entrada, podíamos ver nitidamente, na manhã ensolarada, os operários da prefeitura cavando dezenas de covas nuas nas fraldas da colina até o final dos terrenos do cemitério, lá embaixo. Meu pai, muito acabrunhado, ainda me disse:

— Filho, acho que Deus nos reserva uma provação que ainda está longe de acabar.

Era o último dia do feriado decretado pelo governo federal uma semana antes, mas a cidade já não funcionava e toda a atividade se restringia ao combate à gripe e ao enterro dos mortos. Era a véspera de um funesto Dia de Finados e os jornais faziam a estatística das primeiras duas semanas de gripe na cidade. O número de mortos já passava de cem, mas o mais assustador era o número de casos novos publicados todos os dias pelos jornais. Era fácil para qualquer um fazer as contas e prever que a mortalidade ia subir muito. O que todos já percebiam é que a gripe não cedia e já não havia defesa possível. O próprio presidente eleito, Rodrigues Alves, permanecia de cama em sua cidade e não se sabia se haveria posse no dia marcado. O presidente Wenceslau Brás, também doente, apresentava melhoras, segundo os jornais. Mas quem poderia saber ao certo? A verdade é que a vida se transformara em uma loteria e alguns seriam sorteados; não se podia encarar as coisas de outra forma. Não havia como se proteger e nenhum remédio se mostrava eficaz. Era impossível fugir, porque a gripe cruzara o mundo e não existiam lugares tão isolados que ela não os alcançasse. Só podíamos esperar e rezar. A maior parte dos jornais e revistas já não circulava e só mesmo os grandes jornais iam, a duras penas, publicando aquelas edições reduzidas e que tratavam quase que só da gripe e dos telegramas sobre a guerra na Europa. Nesse dia, o *Estado* trazia, na primeira página, mais um comunicado do Serviço Sanitário, recomendando da maneira mais enfática possível a internação dos doentes de gripe.

Sob o título de “Ao Povo” dizia:

É da maior conveniência para os enfermos a sua ida para um dos hospitais montados pelo governo ou por particulares. Nesses hospitais, arejados, limpos, claros, há todo o conforto — boas camas, boa roupa, remédios, médicos e enfermeiros para acudir ao doente a tempo e hora.

A população, tanto os pobres quanto os ricos, não via os hospitais com bons olhos. A tradição era a da Santa Casa, que recolhia os doentes sem recursos e

sem ter quem olhasse por eles. Todas as crianças nasciam em casa e, embora a cidade já possuísse grandes hospitais modernos — a Santa Casa em primeiro lugar —, a realidade é que ninguém aprovava a ideia de internação a não ser no raro caso de uma cirurgia. Mas todos, de alguma maneira, iam percebendo que as internações seriam inevitáveis. Os casos novos aumentavam continuamente e já ultrapassavam cinco mil num único dia. Isso representava mais ou menos 1% da população da cidade, que tinha nessa época pouco mais de quinhentos mil habitantes. Já não havia médicos para todos e, conforme a epidemia avançava, os jornais publicavam mais um caso de médico falecido em razão da gripe. Mesmo o dr. Buarque, com sua clientela de elite, já não conseguia atender os pacientes. Embora minha mãe melhorasse a olhos vistos e já começasse a se movimentar pela casa, seu estado ainda nos preocupava. Mas o Carlos Buarque ia acompanhando tudo apenas pelo telefone e praticamente já não saía da Santa Casa.

Os jornais confirmavam nossos piores temores. Naquele dia de Todos os Santos, o *Correio Paulistano*, verdadeiro *Diário Oficial* e porta-voz do governo, que sempre tratara a questão da epidemia com todos os cuidados, evitando ao máximo criar alarme, publicou na primeira página um artigo de João do Norte, pseudônimo do escritor Gustavo Barroso, que escrevia do Rio de Janeiro e pintava um quadro tenebroso dos efeitos da gripe sobre a capital federal. Pela primeira vez, o *Correio* confirmava o que os outros jornais vinham afirmando e dizia que:

Houve, sem o menor exagero, corpos apodrecendo nas casas e atirados ao meio das ruas, das próprias ruas por onde passam bondes.

Disse o que todos sabiam, mas que agora se confirmava na última trincheira do otimismo oficial.

Depois do Dia de Finados, começou a nossa verdadeira agonia. Durante duas semanas intermináveis, a gripe tomou conta da cidade e quem não foi diretamente atingido por ela teve de cuidar dos doentes ou enterrar os mortos. Poucas casas passaram incólumes pelo flagelo, a de Oswaldinho foi uma delas. Mas todos os outros amigos ou conhecidos sofreram com a peste de alguma maneira. Na casa do Lobato a gripe pegou em todos, menos na mulher, só Deus sabe por que razão. Ele, que nos começos da epidemia, supriu a falta de jornalistas na redação do *Estado* e parecia tão bem-disposto, logo caiu doente e trancou-se em casa. O mesmo aconteceu com todos os outros. A maioria tinha

alguém para cuidar. A cidade simplesmente se esvaziou e, fora os que eram obrigados a trabalhar e ainda podiam fazê-lo, já não havia ninguém nas ruas, e os cafés, cinemas e teatros fecharam todos. Não havia mais senhoras circulando e muito menos crianças, apenas os dedicados escoteiros que faziam a entrega dos remédios para as farmácias. Durante a primeira semana de novembro, parte do comércio ainda tentou manter as portas abertas, mesmo precariamente ou com o pessoal desfalcado. Mas, na segunda semana, já não havia movimento nenhum no Triângulo e as lojas ainda abertas praticamente não vendiam nada, pelo desaparecimento dos fregueses. Apenas a necessidade imperiosa de ganhar a vida impelia as pessoas para a rua. Quem podia, não saía mais de casa e praticamente só os médicos e encarregados do Serviço Sanitário permaneciam circulando pela cidade, procurando cumprir o seu dever como podiam. Nos bairros, só se viam abertas as farmácias, padarias e mercearias, algumas com apenas meia porta levantada. Por falta de outros meios, os bondes começaram a ser usados para o transporte de cadáveres para o cemitério e era um espetáculo tétrico vê-los passar repletos de caixões.

A gripe dominou a cidade e já não havia outro assunto ou outro interesse que ocupasse a atenção das pessoas. Mesmo a guerra, que tanto entusiasmo e mobilização provocara e que foi o assunto que dominou a capa dos jornais todos os dias desde 1914, foi perdendo espaço para a gripe. Quando a Alemanha desistiu da luta em 8 de novembro e a guerra finalmente se encerrou com a vitória dos Aliados, a notícia — que em outras circunstâncias seria motivo de júbilo popular, grandes demonstrações públicas e o soar festivo dos sinos das igrejas — passou quase despercebida e dividiu a primeira página dos jornais com as informações, muito mais destacadas, sobre a evolução da epidemia. Nesse dia, a *Gazeta* publicou na sua capa um balanço tenebroso da gripe, ao lado da notícia sobre a derrota da Alemanha, onde se destacava uma foto do marechal Foch, o “glorioso comandante dos exércitos vencedores”. Segundo o jornal, até aquele dia haviam morrido já 1679 pessoas em virtude da gripe e eram 82 859 os infectados. Números extraordinariamente altos para a São Paulo daquele tempo, que nunca havia visto coisa igual. O número de novos infectados passava dos sete mil a cada dia e as mortes chegavam próximo de duzentas. Mas, por incrível que possa parecer, a gripe ainda não mostrara toda a sua força.

Se a primeira semana de novembro de 1918 foi tenebrosa, a segunda instalou definitivamente o terror na cidade. O número de mortos subiu rapidamente e, no auge do flagelo, chegou a quase trezentos por dia. A doença matava cada vez

mais depressa e os serviços de assistência e de sepultamento já não davam conta. Em São Paulo, os funerais eram realizados havia décadas pela Casa Rodovalho, que ficava no largo de São Francisco, e atendia aos ricos e aos pobres. Segundo publicavam os jornais, o número médio de enterros na cidade não passava dos vinte e sete nos dias anteriores à gripe e não havia meios de atender agora a uma demanda dez vezes maior. Os enterros, mesmo os dos ricos, foram simplificados ao máximo e os pobres foram levados ao cemitério em pilhas acomodadas precariamente em caminhões ou nos bondes que a Light reservou para esse serviço macabro.

Minha maior preocupação era com a minha mãe, naturalmente. Embora ela viesse melhorando dia a dia, todos nós temíamos a possibilidade de uma recaída, que era a causa da morte de muitos gripados que pareciam quase curados. Apesar das ordens férreas da minha irmã, que nos submetia a uma disciplina quase militar para o combate à gripe, minha mãe, depois de mais de uma semana de cama, trancada no quarto, queria ao menos se levantar e andar pela casa. Mesmo com a feroz oposição de Clarinha, ela conseguiu a duras penas começar a se movimentar e numa manhã, quando acordei, a vi na cozinha preparando o café junto com a Arminda. Naquele dia, Clara demorou a descer e minha mãe se aproveitou da situação e fugiu do quarto, que para ela já havia se transformado em verdadeira prisão. Logo depois meu pai desceu também e não conseguiu disfarçar o contentamento em vê-la de novo na sua cozinha.

Quando a Arminda nos servia o café, por uns momentos eu senti que a minha vida poderia de novo voltar à normalidade e minha mãe, que tantos cuidados nos causara, estaria de volta novamente. Mas a minha alegria não durou mais do que uns poucos minutos. Enquanto bebíamos o café com leite da Arminda, Paulinho entrou na cozinha, pálido e ainda de pijamas.

— O Armando está com febre! Clarinha ficou lá com ele, mas acho que ele não está bem.

Eu e meu pai subimos para vê-lo, enquanto a Arminda e Paulinho acalmavam a minha mãe. Bastou entrar no quarto e ver minha irmã para compreender que a situação era muito séria.

— A febre já passa dos quarenta e há meia hora, quando eu medi pela primeira vez, era ainda de trinta e oito — disse Clara. — Ele já está delirando! Precisamos levá-lo imediatamente para um hospital!

Desci as escadas correndo, para telefonar para o dr. Buarque. Por sorte o apanhei ainda em casa. Depois de ouvir o meu resumo da situação, ele diagnosticou:

— Pedro, pela rapidez com que a febre aumenta e pelo estado geral dele, conforme você descreve, certamente trata-se da gripe pulmonar, perigosíssima. É preciso mesmo interná-lo imediatamente. Vou ligar já para a Santa Casa e pedir para que o recebam lá, como meu paciente. Mas não tenho como mandar buscá-lo. A Assistência Pública não está dando conta do trabalho e se pedirmos uma ambulância, ela pode demorar horas para chegar e ele não vai poder esperar. Tratem de levá-lo imediatamente, com o veículo que puderem arranjar. Mas redobrem os cuidados higiênicos e depois que ele sair, peça para que desinfetem tudo o que ele usou. Prestem muita atenção nisso!

Tão logo desliguei, comecei a buscar um táxi, ligando para os pontos conhecidos. Mas não havia nenhum, nem na Sé e nem no largo do Municipal, que eram os maiores. Na Garagem Moderna, na rua Conselheiro Nébias, o homem que me atendeu disse que podia reservar um automóvel e me perguntou o horário. Quando eu lhe respondi que queria um imediatamente ele deu risada. Só aceitava pedidos com 24 horas de antecedência e tinha apenas um veículo para o dia seguinte. Sem outras alternativas liguei para a Polícia Central em busca de um carro da Assistência Policial. Por sorte, o encarregado me conhecia e me prometeu uma ambulância em uma hora. Me valeu nesse momento o meu cargo de delegado e minha condição de autoridade. Quando voltei à cozinha, já estavam lá todos, menos Clara. Minha mãe, que acordara tão disposta e quase alegre, mostrava na expressão do rosto aquele mesmo abatimento do seu primeiro dia de gripe. O seu estado de espírito se refletia naturalmente em todos nós. O menino, que passara a manhã inteira com a Arminda, chorava de vez em quando. Mas a minha mãe se recusava a pegá-lo no colo, embora essa obviamente fosse a sua maior vontade, porque não se sentia ainda segura e tinha medo de passar-lhe a doença.

— Clara está lá em cima se arrumando para ir com o Armando para a Santa Casa; ela não quer que ninguém suba lá até que ela chame — disse o Paulinho, que subira para se vestir. — Ela mandou que a Arminda fique por enquanto com o menino e não quer que ele chegue perto dela.

— Acho melhor mesmo que ele fique no quarto da Arminda, lá fora — disse minha mãe. — As duas meninas podem me ajudar na cozinha, enquanto ela cuida da criança. É até melhor que a Clara nem veja o menino quando sair. Eu sei que se ele chamar por ela, vai lhe partir o coração.

— E como vamos fazer para tirar o Armando do quarto? — perguntou Paulinho. — Ele não vai conseguir descer as escadas sozinho.

— Podemos colocá-lo na cadeira de braços do gabinete de papai — sugeri. — Se o pusermos sentado lá, podemos trazê-lo. Mas vamos precisar de ajuda. O Armando pesa mais de cem quilos!

Quando a Assistência chegou fizemos isso. Eu, meu irmão e meu pai subimos até o quarto e, ajudados pelo motorista e o auxiliar da ambulância, conseguimos colocar Armando na cadeira e, com muito custo, descemos com ela as escadas de casa. Ele ardia de febre e quando o tiramos da cama se podia sentir o calor que emanava do corpo dele, mesmo sem tocá-lo. Ele delirava e os seus olhos azuis estavam vermelhos e injetados e olhavam para o vazio, sem nos reconhecer. Clara acompanhava tudo em silêncio, colocando compressas frias na testa dele. Minha mãe, preocupada com o fato de que ela não havia tomado café e nem almoçado, preparou um embrulho com alguma coisa para ela comer, mas Clara com um gesto enérgico não permitiu que minha mãe se aproximasse dela. Paulinho, porém, para alívio da minha mãe, pegou o embrulho e o colocou rapidamente na bolsa que Clara ia levando. Ela não permitiu que nenhum de nós se aproximasse e não beijou e nem abraçou ninguém. Eu e meu irmão naturalmente queríamos acompanhá-la, mas no carro da Assistência não havia lugar. Quando ela entrou nele apenas virou-se para mim e disse:

— Cuidem da mamãe e do menino enquanto estou fora. Não deixem de fazer a higiene que o dr. Carlos recomendou. E isolem o menino. Não permitam, de maneira alguma, que ele entre em casa até tudo isso passar. É melhor que ele fique fora, no quarto da Arminda. Ninguém sabe de onde vem essa doença maldita.

Paulinho e eu comemos qualquer coisa rapidamente e fomos até a Santa Casa encontrar nossa irmã. No bonde, fomos combinando que, se a situação se prolongasse, nos revezariamos no hospital para não deixar Clara sozinha.

— Vamos ver como está a situação e dar uma notícia em casa, depois eu volto — disse Paulinho. — Você pode ficar até o fim do dia com ela enquanto eu descanso um pouco, mas, mais tarde, eu rendo você e passo esta primeira noite com ela. Amanhã revezamos. O importante é não deixá-la sozinha.

— Papai vai querer vir, com certeza! Mas alguém tem que ficar com a mamãe. Agora que ela já está quase recuperada, não podemos correr riscos. Tudo o que não precisávamos era que ela passasse por mais esse choque. Quem poderia imaginar que o Armando, forte como um touro, sairia de casa daquela maneira, carregado e quase inconsciente?

— Essa doença não respeita nada! — disse Paulinho. — Ninguém está a salvo dela.

Chegamos à Santa Casa no máximo uma hora depois deles. Descemos do bonde no largo de Santa Cecília e subimos a ladeira. O hospital era sem dúvida o maior da cidade e, com a gripe, o movimento era grande. Nos belos jardins, havia muita gente circulando e alguns formavam grupos. Nestes, em geral havia gente chorando. O clima era depressivo e, apesar do dia ensolarado e do céu sem nuvens, a atmosfera era pesada e acentuava o ar sombrio do prédio, construído uns anos antes em estilo gótico de gosto vitoriano, todo em tijolos vermelhos. Os corredores, em arcos ogivais, acentuavam o aspecto lúgubre do edifício, onde não era difícil imaginar fantasmas escondidos nos muitos vãos escuros. Apesar do hospital estar lotado, o dr. Buarque conseguiu um quarto particular para o Armando. Quando entramos, Clarinha estava ajoelhada ao pé do leito, rezando. O Armando ia na mesma. A febre passava dos quarenta graus e ele apenas balbuciava baixinho coisas ininteligíveis. Olhando para ele estirado naquela cama de hospital e para a minha irmã com os olhos vermelhos e lutando para manter a calma e o controle, senti novamente aquele buraco no estômago que tantas vezes eu sentira naqueles últimos dias, desde que a morte começou a rondar perto de nós. Era medo, não tenho vergonha de reconhecer, embora a mão me trema um pouco ao escrever a palavra, mesmo depois de tantos anos! Era medo o que eu sentia, medo de que a desgraça nos atingisse, medo de perder minha mãe ou minha irmã, medo de que os corpos pudessem ser largados nas ruas, como se dizia que havia sucedido no Rio de Janeiro, medo de que eu próprio pudesse ser mais uma vítima e acabar numa cama como aquela, me consumindo em febre.

Pouco depois o médico chegou. Pediu que todos saíssemos do quarto e, acompanhado de uma irmã de caridade, examinou o doente. O exame durou uns dez minutos, que, para nós três, que aguardávamos no corredor, pareceu uma eternidade. Tentamos fazer com que Clarinha comesse alguma coisa, mas ela mal tocou no lanche que a nossa mãe preparara. Quando o dr. Buarque saiu, nos explicou a situação no corredor.

— O caso dele, infelizmente, é muito grave e ele tem de fato a gripe pulmonar, que é a mais perigosa. Porém ele é jovem e muito forte e está recebendo todos os cuidados possíveis e a medicação mais adequada. Mas eu preciso preveni-los de que será uma batalha longa e os próximos três dias serão decisivos. Tenham fé em Deus e, sobretudo, mantenham a calma. Com um pouco de sorte, quem sabe em três dias tenhamos notícias melhores.

Clara fez ao médico muitas perguntas que ele respondeu pacientemente. Mas era evidente, e isso todos nós entendemos imediatamente, que o destino do

Armando já não dependia do que os médicos ou Clarinha pudessem fazer. Passei toda a tarde com ela, enquanto Paulinho foi para casa para dar notícias aos nossos pais e descansar um pouco para atravessar a noite no hospital. Ele chegou de volta mais ou menos às sete da noite e a situação se mantinha igual. Clara não saiu de uma cadeira ao lado da cama do Armando e quase não falou comigo durante a tarde inteira. Quando fui embora, prometendo voltar no dia seguinte logo cedo, quis lhe dar um beijo, mas ela não consentiu e me manteve afastado dela.

— É melhor assim — disse. — Precisamos tomar cuidado e pensar na mamãe, que não pode correr o risco de uma recaída. Antes de sair, passe no banheiro e procure se lavar o melhor que puder. Quando chegar em casa, faça o mesmo antes de falar com papai e mamãe. E por favor... — ela hesitou um momento. — Não chegue perto do menino por enquanto, está bem? O melhor é ele ficar só com a Arminda até este pesadelo passar.

Eu, naturalmente, concordei e fiz tudo como ela pediu. Dei as notícias da melhor maneira que pude aos meus pais, mas eles imediatamente perceberam que o caso era sério e que teríamos dias terríveis pela frente. Jantamos tristemente e fomos dormir. Por volta das três da manhã o telefone tocou e eu, meu pai e minha mãe acordamos quase que ao mesmo tempo e descemos as escadas para atender. Fui eu, que era mais ágil, quem pegou o aparelho primeiro. Era Paulinho do outro lado da linha.

— Pedro, Clarinha pediu para que você traga o terno azul que o Armando usou no casamento. Ele acabou de falecer. Morreu faz uns dez minutos e a Clarinha pediu que vocês tragam as roupas dele porque ela quer vesti-lo.

Passei o aparelho para o meu pai e subi para o banheiro para fazer a barba e me vestir para ir ao hospital.

Enterramos Armando no dia seguinte, ao meio-dia. Logo cedo, fui aos Correios para passar um telegrama para a família dele, em Friburgo, mas não havia como esperar por eles. Graças à minha condição de autoridade policial, consegui um coche no Rodovalho e com muito custo organizamos um enterro decente para ele. No dia em que Armando morreu, a gripe vitimou mais de 280 pessoas e os enterros realizavam-se às pressas e com o mínimo de cerimônia. Nós o enterramos no jazigo de nossa família, no Araçá, e, apesar de tudo, o defunto foi acompanhado por umas trinta ou quarenta pessoas, inclusive o seu Carvalho, que veio de Santos, acompanhado por dois funcionários da Comissária, tão logo soube. Não houve maneira de impedir que minha mãe acompanhasse o enterro e apenas a Arminda ficou em casa cuidando do meu

sobrinho.

Na volta, minha irmã trancou-se no banheiro e tomou um longo banho. Quando nossa mãe já começava a se preocupar, ela desceu com uma trouxa com as roupas que usara no hospital. Depois de apanhar um litro de álcool na cozinha, queimou tudo no tanque do quintal. O menino, que ficara todo o tempo trancado no quartinho com a Arminda, a viu pela janela e começou a chorar. Mamãe, se roendo de angústia, perguntou se não era melhor trazer o menino para dentro para ficar com ela.

— Não quero de jeito nenhum que a criança entre em casa esses dias! Eu acompanhei o Armando o tempo todo e não sei se estou também com gripe. Se tivesse para onde ir, preferiria ficar longe de todos até ter certeza. A senhora mesmo, por favor, fique longe de mim até sabermos se eu carrego esta peste.

— Não pense assim, minha filha — disse meu pai, que ouvia tudo. — Ninguém sabe como sua mãe pegou a gripe nem como o Armando ficou tão doente. Não há quem conheça verdadeiramente esse mal e não adianta você se sacrificar dessa maneira à toa.

— À toa ou não, é assim que quero fazer. E, depois, não custa ter uns dias de cuidado.

Disse isso e subiu para o quarto e quase não saiu mais. Mas todos nós podíamos sentir, mesmo do andar de baixo, o cheiro penetrante do Creolysol que ela espalhara pelo banheiro e agora usava em tudo o que fora tocado por ela ou pelo Armando.

Mas tantos cuidados foram inúteis. Três dias depois, apesar da firme decisão de minha irmã e dos cuidados higiênicos que ela impôs a todos, o menino adoeceu. Quando a febre se manifestou, Clara finalmente trouxe o filho para dentro de casa e se encarregou de cuidar dele. Eu e Paulinho fomos atrás do dr. Carlos Buarque novamente e imploramos a ele que fosse ver a criança. Ele veio, no mesmo dia, já bem tarde. Ele era um dos poucos médicos que possuía um automóvel e bateu em nossa casa já depois de dez da noite. Estávamos todos acordados, velando o menino. Ele fez um longo exame na criança e, quando saiu, repetiu as recomendações que todos já sabíamos. Prometeu voltar no dia seguinte e cumpriu a promessa e veio todos os dias, enquanto a criança resistiu. Passamos todos os cinco dias insones, mas ao final do quinto dia o menino morreu.

Na véspera, morreu a Arminda, a empregada de mamãe que nos criara e vinha com ela há décadas e que, se Deus houvera permitido, criaria o meu sobrinho e os outros netos de minha mãe que viessem. Ela morreu na Santa Casa, para onde

a levamos, no dia seguinte ao da primeira febre do menino. Apesar dos nossos cuidados, não houve meio de impedir que nossa mãe fosse visitá-la e ela foi ao hospital um dia antes da Arminda falecer. No dia do enterro dela, por volta da cinco da tarde, o menino morreu. Quando o garoto nasceu, minha irmã quis que eu e Paulinho o batizássemos, embora fosse inusitado uma criança ser batizada com dois padrinhos e sem madrinha. Ela dizia que, se ela ou o Armando faltassem por algum motivo, queria ter certeza de que nós dois cuidaríamos do menino no lugar deles. Meu pai, que era muito amigo do vigário de Santa Ifigênia, conseguiu convencê-lo a fazer como minha irmã queria. Em homenagem aos padrinhos, o menino foi batizado com o nome de Pedro Paulo. Nós o enterramos naquela noite mesmo, junto ao pai, no cemitério do Araçá iluminado pelas lâmpadas elétricas de emergência que a prefeitura havia instalado nos primeiros dias da epidemia.

No final da segunda semana de novembro, a gripe foi perdendo a força e o número de mortos e infectados declinou rapidamente. Na terceira semana do mês, morreram de gripe apenas 905 pessoas, segundo a *Gazeta*, e todos viram esses números com alívio. A cidade aos poucos recuperou o aspecto de normalidade, embora os jornais ainda trouxessem todos os dias a lista dos mortos pela gripe. Passados mais uns dias, o movimento da cidade já parecia normal, apesar das poucas mulheres e quase nenhuma criança nas ruas. As fábricas voltaram a funcionar e o comércio reabriu as portas. Mas os teatros e cinemas só reabriram no dia 1º de dezembro, depois de rigorosa desinfecção das salas e da vistoria do Serviço Sanitário. As notícias do Rio davam conta de que a crise por lá já havia passado e a capital voltara plenamente à normalidade. No entanto, assumiu a presidência da República o mineiro Delfim Moreira, vice-presidente eleito, empossado no lugar de Rodrigues Alves, que, atingido pela gripe, não pudera assumir no dia 15 de novembro e continuava recolhido em Guaratinguetá, sua terra natal, onde morreria semanas depois. Os jornais faziam balanços da epidemia e no Rio de Janeiro falava-se em mais de 13 mil mortos. Em São Paulo, no final de tudo, morreram 5500 moradores da cidade e mais de duzentos mil ficaram doentes. Foi o maior flagelo que a cidade conheceu e, talvez por isso, hoje ninguém queira mais se lembrar dele.

Mas eu nunca vou me esquecer.

Aos poucos, nossa roda foi saindo da toca e voltando a se reunir. Na missa do meu sobrinho, estavam o Edmundo, que voltara de Santos, e Ignacio. Saindo da

igreja de Santa Ifigênia, passamos pela *Gazeta*, para ver se encontrávamos Oswaldo. Ele não estava lá, mas todos tinham uma história de horror para contar. A gripe cobrara um preço alto do jornalismo paulistano e todas as redações foram muito desfalcadas. Na *Gazeta* soubemos da morte, no dia anterior, do Adalgiso Pereira, redator do *Estado*, amicíssimo do Lobato. Lá encontramos o Léo, que havia ido um dia antes ao enterro do Simões Pinto, do *Jornal do Comércio*, e iria naquela mesma tarde ao do José Maria Lisboa, decano do jornalismo paulistano e fundador do *Diário Popular*. Em pouco mais de dez minutos de conversa, listamos mais de uma dezena de amigos e conhecidos levados pela gripe. Na sala da redação da *Gazeta*, se podia ver muitas mesas vazias e, segundo o Léo contou, havia ainda muitos doentes em casa. Para desanuiar o ambiente, Ignacio propôs que fôssemos tomar um café no nosso velho Colombo, como nos tempos da extinta garçonnière. Descemos a rua Líbero, ainda com pouco movimento, e entramos no café, na esquina com a São João.

— Algum de vocês tem notícias do Fiore? — perguntou Ignacio.

Com a marcha avassaladora da epidemia, havíamos nos esquecido completamente dele. Nenhum de nós voltou para saber como ele passava e não tivemos mais nenhuma informação. Instintivamente nos levantamos e fomos para o fundo do café de onde se podia ver, quase em frente, a porta do prédio da garçonnière. Para nosso alívio, no seu tradicional posto de observação estava o Fiore, sentado numa cadeira encostada à porta. Atravessamos a rua quase correndo. Mas mesmo antes de chegar perto se podia ver que a sua aparência já não era a mesma. O Fiore era um italiano bonachão, sempre risonho, gordo e corado. À medida que nos aproximávamos, percebemos que ele emagrecera muito. As roupas sobravam folgadas e o rosto, antes rechonchudo, era agora magro e escavado. Com certeza perdera uns dez quilos, talvez mais. Mas ele abriu um sorriso assim que nos viu. Nós rapidamente o cercamos e o abraçamos alegremente, quase que todos ao mesmo tempo. Era óbvio que a gripe o maltratara muito, mas ele estava lá, inteiro e era o velho Fiore de sempre.

— *Hê dottori, com'estan! Conseguiro iscapá di questa gripi schifosa? Io, quasi imbarqué! Si vede, nó?*

Ele foi contando que na sua família todos escaparam e só ele ficou doente por dez dias e quase morreu. Perguntou de cada um de nós e estava visivelmente aliviado de saber que estávamos todos vivos.

— *Já sabem do Pippo, cuitadinho? A gripi pigô nele. Morreu com'um*

passarinhu. Io istava na cama i num pudi nem visitá ele. Faiz una semana já e a Garmé inda istá chorandu, cuitada. Ela agustava tanto du mininu. Mamma mia! Qui maledeta, questa gripi!

Na segunda-feira dia 2 de dezembro, dia seguinte ao da reabertura dos teatros e cinemas, a capa da *Gazeta* decretava o fim do tormento para os paulistanos. Conforme dizia o jornal:

Ontem tivemos ocasião de constatar que a vida normal da cidade completamente se restabeleceu, como uma prova evidente, tão evidente quanto as estatísticas, de que a epidemia está em vésperas de ser inteiramente eliminada e que já se não constitui o monstro pavoroso que por tantos dias encheu de justificado medo a nossa população. De dia a cidade apresentou um aspecto festivo, sendo notável a concorrência do Hipódromo, para onde acorreram numerosas famílias da nossa melhor sociedade e os teatros e cinemas estiveram repletos em suas matinês. À noite, todas as casas de diversões lograram um público avultado, tendo estado animadíssimas as ruas do Triângulo até depois das 22 horas.

25. Carnaval

Naquele dezembro, minha irmã desfez a casa em Santos e voltou a morar com os meus pais. Não quis tirar o luto depois da missa de um mês e, na passagem do ano, ainda se vestia de preto. Mas, mesmo sem as roupas escuras, seria possível ver o luto nitidamente estampado em seu rosto. Antes que a gripe nos atingisse de maneira tão cruel, era uma moça comum e alegre, como todas as jovens mães de sua idade, que o ar severo e compenetrado que ela herdara não conseguia esconder. Já não era mais assim e Clara, agora, parecia muito mais velha, quase tão velha quanto nossa mãe.

Eu fui obrigado a voltar a Tatuí e reassumir meu posto, mas procurava vir a São Paulo sempre, nem que fosse para passar apenas o domingo. A verdade, porém, é que não me sentia bem nem num lugar e nem no outro e demorei muito para reatar o fio da minha vida. Durante as semanas da gripe, nossa roda não se encontrou mais e não vi o Oswaldo e nem os outros naquele período. Soube das melhoras da Cyclone, porque ela respondia às minhas cartas e foi me tranquilizando com as notícias que mandava. Ela sofreu com a gripe por duas semanas, se recuperou sem maiores consequências e prometia voltar tão logo comessem as aulas. Daisy, segundo me dizia em suas cartas, estava ansiosa por voltar para São Paulo e tencionava fazer isso o mais rapidamente possível. A sua vontade era voltar para a rua Olinda e concluir lá o último ano da Escola Normal. A escola ficava a cinco minutos da casa e ela poderia ir e voltar a pé, sem problemas. Mas a família não concordou e o tio Pontes não quis de forma alguma assumir essa responsabilidade, ainda mais tendo em vista os antecedentes da sobrinha. Na opinião dele, o melhor seria ela se acomodar no interior e ajudar a mãe a cuidar dos irmãos menores e tocar a vida adiante. A tia do Brás não a aceitaria de novo em razão da briga horrível que tiveram e sobretudo com medo da possibilidade de um escândalo que manchasse a sua família.

O único apoio que Daisy tinha para voltar era a sua mãe, que fazia grande

empenho em que ela se formasse. Isso era um velho sonho que ela alimentava desde que o primeiro marido morrera, deixando-a só, com uma filha pequena para criar. Vendo-se desamparada e dependente da família, ela decidiu que a sua filha iria estudar e ter uma profissão que pudesse sustentá-la decentemente, se no futuro fosse necessário. Desde que Daisy ficou órfã, a mãe a preparou para os estudos e incentivava as suas leituras. Sua ambição mais ou menos secreta era ver a filha professora, como Daisy nos contou muitas vezes. Para aquela gente simples, ter uma filha formada na Escola da Praça, onde estudavam as moças da elite e cujo diploma tinha quase tanto prestígio quanto os das escolas superiores, era uma conquista tremenda. Ela concordou com a volta da filha desde que houvesse garantias de que o desastre do ano anterior não se repetiria. Sendo impossível viver com os tios, Daisy tentou convencer a mãe a permitir que ela morasse num pensionato para moças e havia diversos na cidade, alguns dirigidos por freiras. Mas, apesar de toda a sua boa vontade, a mãe nem quis ouvir falar disso. Por mais que ela tivesse a ambição de que Daisy se formasse, não estava disposta a permitir em hipótese nenhuma que a filha ficasse sozinha em São Paulo.

A solução quem deu espertamente foi o Oswaldinho, que propôs alugar Daisy numa casa que ele providenciaria e mobiliaria, onde ela poderia ficar em companhia da avó, que viria do interior para São Paulo com ela. Para a família em Cravinhos, eles estavam oficialmente namorando e Oswaldinho acenava com um noivado próximo. Com a sua costumeira habilidade, ele convenceu facilmente a família dela a aceitar esse arranjo e, considerando que a avó se responsabilizava, ninguém viu maiores problemas. Além do mais, ela voltaria para São Paulo praticamente noiva, e Oswaldo — para quem não conhecia os detalhes da sua vida anterior — parecia um excelente partido, muito melhor do que qualquer um que ela pudesse arranjar em Cravinhos. Assim, preservadas a moralidade e as conveniências, Daisy poderia voltar para São Paulo para o início das aulas. Oswaldo montou para ela e a avó uma casa que foi mobiliada com os restos da garçonnière, que naquela altura Oswaldinho nem pensava em ressuscitar, preocupado apenas com a volta da Cyclone. Ele, diplomaticamente, havia se prontificado a atuar em favor dos interesses do seu Costa, o padraсто dela, em São Paulo e, já na volta da sua primeira viagem a Cravinhos, intermediou negócios para ele, usando amplamente os seus muitos contatos e influências. No final, somando-se tudo, o resultado não era mau, a mãe se sentia tranquila, o futuro sogro parecia satisfeito com um genro tão bem colocado e Daisy finalmente obteria o diploma ambicionado.

Foi isso o que Oswaldinho me disse quando nos encontramos no início do ano no Guarany, numa das minhas vindas a São Paulo depois das festas. Após reclamar muito de que eu há tempos perdera o ânimo costumeiro e agora parecia sempre amuado, Oswaldo me contou, animadíssimo, que havia achado uma casa onde Daisy poderia morar com a avó até concluir o curso. Mas ele teria ainda que resolver a questão com Kamiá e esta era a maior preocupação dele naquele início de 1919. De forma nenhuma a família de Cravinhos poderia vir a saber das suas relações com a francesa e nem da existência de um filho. Para que a família de Daisy permitisse a vinda dela, era necessário que acreditasse que ele era tudo aquilo que ela lhes havia dito e, principalmente, que ele era de fato um pretendente à sua mão e poderia brevemente se casar, tão logo ela concluísse o curso da Escola Normal.

Quando nos encontramos e ele me contou alegre as novidades, eu não pude de forma alguma demonstrar o contentamento que ele esperava. Ele reclamou muito do meu estado de espírito sombrio. Mas eu não tinha muitos motivos para animação.

— Você é que tem sorte, Oswaldinho — eu disse. — Na sua casa não houve nada e a gripe passou por vocês como se fosse uma brisa. Comigo não foi assim, você bem sabe e minha mãe ainda não se recuperou. Eu sinto que ela envelheceu dez anos e agora, com minha irmã morando em casa, a angústia dela aumenta cada dia mais. A verdade é que é impossível ver a Clarinha e não sofrer a dor que ela sente. Se a minha mãe envelheceu dez anos, minha irmã envelheceu vinte. Ela até agora não tirou as roupas pretas, imagine você.

— Mas o fato, seu Pedro, é que precisamos dar graças a Deus por estarmos vivos! Uns tiveram mais sorte, outros menos, nem há dúvida, mas agora é seguir em frente e aproveitar enquanto podemos, esta é a lição que se pode tirar desta crise. E, sobretudo, é o que eu pretendo fazer! Com a volta da Cyclone, só vejo pela frente um céu aberto.

Eu deveria ficar feliz por eles e por também estar vivo, no entanto, por mais que tentasse, não conseguia retomar o ritmo da minha vida. As lembranças não me abandonavam, eu tinha pesadelos constantes e as noites não me traziam quase nenhum descanso. Vivía numa aflição contínua, sem ter pela frente algo que pudesse me animar. Muito ao contrário do Oswaldinho, que, desde que conseguira se entender com a família da Daisy, exibía um bom humor e uma disposição de fazer inveja a qualquer um. As notícias, para ele, eram todas boas e até a crise dos terrenos havia passado. Ele e o seu Andrade viviam mais sossegados e Oswaldinho finalmente iria concluir o curso de direito, iniciado

tantos anos antes. Além disso, para a alegria do pai, ele fora eleito diretor do XI de Agosto, o centro acadêmico que representava os alunos da faculdade, e seria o orador da turma, falando em nome dos colegas durante aquele ano e na cerimônia de colação de grau.

Tudo parecia correr bem para ele e lhe bastaria resolver o problema que Kamiá representava. Ela, provavelmente, deve ter percebido que Oswaldo pretendia arranjar um jeito de se livrar dela. Kamiá, depois de muitas tentativas inúteis de estabelecer relações com os amigos do Oswaldo, conseguiu achar no Sarti um aliado. Ele, que ultimamente frequentava bastante a casa, agora não saía mais de lá, mesmo quando Oswaldinho estava fora. Além de escoltar a francesa, fazia mil pequenos serviços e favores ao seu Andrade e, visivelmente, se empenhava em tornar-se indispensável. Num sábado em que vim a São Paulo, fui procurar Oswaldinho em casa e aproveitei para dar um abraço no seu Andrade. Quando entrei, me surpreendi ao ver Kamiá, Sarti, a irmã Úrsula e dois padres que eu não conhecia reunidos com o velho na sala de visitas. Sentado no sofá de palhinha, ele ouvia os outros, que, acomodados nas cadeiras em volta, pareciam tentar convencê-lo de alguma coisa. O assunto, não pude deixar de perceber, era Nonê, o filhinho de Oswaldo, que havia acabado de completar cinco anos e corria pela casa, alheio a tudo. Quando eu entrei, notei que a conversa imediatamente mudou de rumo e, quando Oswaldinho chegou, uns minutos depois, a reunião se dissolveu quase no mesmo instante e todos foram embora, inclusive Kamiá e Sarti, que, curiosamente, saíram juntos. Quando saímos, eu não pude deixar de comentar o caso com ele.

— O Sarti virou o *chevalier servant* de Kamiá e — ele disse — andam juntos para cima e para baixo. Ele poderia me fazer o favor de carregá-la de vez! Mas não tenho essa esperança. Agora que o estão cercando, nenhum dos dois quer se afastar de papai.

— Mas, e a conversa sobre o menino? O que diabos pode ser isso? — perguntei.

— Isso eu ainda não sei, mas vou descobrir — ele respondeu.

Duas semanas depois, voltei novamente a São Paulo, pelo noturno de Assis. Apesar do esforço que representava apanhar o trem na madrugada, eu assim podia aproveitar o sábado e o domingo na cidade e ver os meus. Eu procurava fazer um pouco de companhia à minha mãe, que, sem conseguir ver reação de Clarinha, ia abandonando as esperanças de que a filha se recuperasse das perdas e voltasse a ser novamente a mesma menina de sempre. Clara, quanto mais

passava o tempo, mais se fechava e em casa quase não se ouvia a sua voz. Minha mãe sofria por ela e eu temia já pela sua saúde.

Logo depois do almoço fui atrás do Oswaldinho para saber das novidades. Dando uma volta pelo Triângulo encontrei o Jairo, que também não sabia dele. Corremos as redações e ninguém o havia visto. Mas na *Gazeta* encontramos o Léo e o Edmundo, que acabara de chegar de Santos, e também buscava as últimas notícias. Não havia muitas, já que o movimento da cidade ainda não recuperara inteiramente o vigor costumeiro. Os efeitos da epidemia haviam se espalhado pelo mundo e atrapalhavam a rotina de viagens das companhias teatrais. Na cidade havia ainda poucos espetáculos e quase nada que valesse a pena, mas o Léo nos fez um relato entusiasmado sobre duas portuguesinhas recém-chegadas, que estavam no Café Concerto da Cia. Alonso, no Apollo. Segundo ele, embora o espetáculo fosse medíocre, as moças eram de “fechar o comércio” e valiam a viagem. Apesar do pouco movimento nas rodas boêmias, talvez pudéssemos encontrá-las no Galo Verde depois da apresentação. À falta de melhor programa, combinamos de nos ver à noite e tentar a sorte com as portuguesinhas. Nos separamos logo, mas eu queria ainda tentar encontrar o Oswaldinho.

Eu fazia grandes esforços para vir a São Paulo pelo menos a cada quinze dias e, sempre que estava em Tatuí, me afligia por não estar em casa e ajudar a minha mãe e o meu pai a vencerem o luto e retomar a vida normal. No entanto, quando estava com eles, era obrigado a enfrentar a tristeza obstinada de Clara, e não resistia por muito tempo. Na maior parte das vezes, acabava buscando a rua quase imediatamente. A infelicidade que dominava minha irmã me parecia contagiosa e o clima em casa, que sempre fora descontraído, era agora o de um mosteiro. Clara nunca fora carola, mas desde que voltara de Santos ia todos os dias à igreja das Almas, que ficava a uns poucos passos de casa, acender velas e rezar novenas intermináveis. Como ainda era cedo para o jantar e eu não queria voltar e enfrentar aquele clima lúgubre de minha casa mais do que o tempo necessário, liguei da redação da *Gazeta* para a casa do Oswaldo. Ele atendeu quase que ao primeiro toque do aparelho e, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, foi me contando:

— Pedrinho, papai passou muito mal esta noite e acho que não está bem. Venha já para cá.

Saí imediatamente e apanhei um bonde no largo de São Bento. Quando cheguei à casa deles, já na porta notei um movimento pouco usual. A sala de visitas estava cheia e todas as cadeiras ocupadas. Além de Kamiá e do agora

indispensável Sarti, estavam lá a irmã Úrsula, um dos primos de Oswaldo, dois padres, uma outra freira e algumas pessoas que eu não conhecia. Oswaldinho logo apareceu, acompanhado pelo dr. Murtinho Nobre, que, além de médico homeopata afamado, era velho amigo do seu Andrade. Quando ele saiu, Oswaldinho, muito assustado, me disse:

— É a segunda vez que ele vem ver papai hoje. Eu o achei muito soturno e por três vezes ele me falou da idade dele e que temos que ter esperança. O pior são esses urubus — ele me disse, apontando para o grupo reunido na sala — que sentem de longe o cheiro de cadáver e ficam voejando por aqui. Eu não sei o que fazer e, para não afligir papai, não posso expulsá-los.

Enquanto falávamos, em voz baixa, na sala de jantar o grupo de visitantes iniciou uma oração e quando eu passei em direção à porta, pude ver que estavam todos de joelhos.

Fui embora preocupado. Eu gostava muito do seu Andrade e muitas vezes procurei intermediar os conflitos entre ele e Oswaldinho, principalmente durante o caso da bailarina. Apesar do exterior áspero e severo, ele tratava muito bem aos seus e, a mim, sempre considerou quase como um filho. Acho que me julgava uma influência positiva, mas, a despeito das minhas tentativas, não transigia nos seus princípios. Creio que era incapaz de ceder, mesmo para proteger o filho único, que era o que havia de mais importante na vida dele. Agora, com o netinho crescendo, seu Andrade colocava muitas das suas esperanças no menino, que ele procurava educar dentro das suas regras e queria proteger a qualquer custo. Talvez temesse que Oswaldinho pudesse colocar em risco o futuro da criança. Era nítido que a casa deles já não era a fortaleza que dona Inês havia construído para proteger o filho de toda e qualquer ameaça que pudesse atingi-lo. A vida no lar dos Andrades já não girava em torno dele, muito pelo contrário. A velha fortaleza de dona Inês havia sido invadida por outras forças e parecia se voltar contra Oswaldinho e o tratava quase como um estranho. Aquela gente toda na sala de visitas era o retrato disso e ele próprio admitiu que também não conhecia alguns dos que estavam lá, rezando pelo seu Andrade.

Oswaldo naturalmente não nos acompanhou na noite de café-concerto. Eu fiquei até a madrugada no Galo Verde e no domingo não consegui acordar cedo e perdi a missa de São Bento. Almocei em casa e, à tarde, embarquei para Tatuí sem ter tido tempo de voltar a falar com ele. Antes de sair de casa liguei para ele, mas o Sarti atendeu e disse que Oswaldo não estava e me transmitiu, da maneira mais solene, um relato pessimista sobre o seu Andrade. Achei aquilo tudo muito

estranho, a solenidade do Sarti, nosso companheiro do Covil da rua Líbero; o fato de ele atender ao telefone e dar notícias numa casa onde ele era não mais que uma visita e o tom geral do relato, cheio de expressões religiosas e carolas. Eu, que vivera naquela casa desde os meus dez anos de idade, nunca havia tido a ideia de atender ao telefone e muito menos responder pela família. Parti preocupado.

No meio da semana procurei saber notícias dele sem sucesso. Mas consegui falar com meu pai em casa e ele me disse que havia encontrado com o dr. Murtinho na Cidade e este lhe havia dito que o caso do seu Andrade era muito sério e que ele estava “nas mãos de Deus”. À noite, pedi no hotel que me fizessem uma chamada interurbana para a casa deles. A ligação só foi completada depois das nove da noite e Oswaldinho me atendeu rapidamente. Disse que precisava muito falar comigo e que ligaria de manhã da *Gazeta*. No dia seguinte, finalmente consegui falar e contou que tivera uma briga horrível com o pai e que este o chamara de louco e irresponsável. Ele estava arrasado e me disse que a casa estava repleta e ele não podia se afastar um minuto, pois alguém chamara um tabelião naquela manhã e ele temia que as pressões, que vinham de todos os lados e eram todas hostis a ele, fizessem com que seu pai alterasse o testamento. Prometi voltar a São Paulo o mais cedo possível e marquei viagem no noturno de Assis na madrugada de sábado. Porém na sexta-feira haveria o aniversário do dr. Agrícola, e os amigos e as lideranças locais iam promover uma grande festança da qual eu era um dos organizadores. Era um evento importante que estava movimentando a cidade e foi noticiado até na capital, onde o *Correio Paulistano* publicou, uns dias depois, um relato minucioso. O recorte, que eu guardo até hoje, faz o retrato mais acabado da minha vida no interior naquele tempo.

Transcorreu ontem o aniversário natalício do sr. dr. Agrícola de Campos Salles, íntegro juiz de direito desta comarca.

Às 19 horas, grande massa popular, precedida pela corporação musical São Vicente, empunhando lanternas venezianas, tomou rumo da moradia do dr. Campos Salles, sendo o ilustre aniversariante saudado pelo dr. Pedro Rodrigues de Almeida, digno delegado de polícia, que em eloquente discurso, pôs em destaque as grandes qualidades que ornaram o fino espírito do jurista e extremoso cultor da justiça a que esta comarca muito deve, pelo inextinguível critério e zelo, que presidem a todos os atos da sua nobre missão.

S. exc. visivelmente comovido, externou o seu agradecimento em breves palavras.

Em seguida foi servida aos presentes fina mesa de doces. Cerca das 24 horas, retiraram-se os manifestantes, guardando todos a mais grata recordação da maneira afetuosa e fidalga com que os acolheu a exma. família Campos Salles.

A festa, como informou o jornal, terminou muito tarde e eu não consegui

acordar de madrugada para apanhar o trem em Boituva e acabei só embarcando no expresso das nove. Quando cheguei a São Paulo, por volta das duas da tarde, em casa já se sabia que o seu Andrade havia falecido no final da manhã. Deixei minha bagagem, me arrumei depressa e fui direto para a rua Augusta.

— Eles conseguiram dar o golpe! — Oswaldo disse, transtornado, no primeiro momento em que ficamos sozinhos na saleta ao lado da sala de visitas, onde o corpo do seu Andrade estava sendo velado.

A casa já estava repleta e chegavam coroas a todo minuto. No centro da sala, em frente ao esquife, uma enorme coroa de flores brancas trazia a inscrição: “A papai, gratidão imorredoura de Oswaldo”. Colocadas ao lado dela, porém, duas outras, muito vistosas, chamavam a atenção. A primeira, com uma fita roxa e letras douradas, dizia: “A papai, saudades da sua filha adotiva”. A outra, praticamente igual, estampava: “Homenagem e saudades de Sarti Prado”.

No dia seguinte, saiu um grande enterro, com representantes do prefeito, da Câmara Municipal, dos principais jornais e centenas de amigos do seu Andrade e de Oswaldinho. Ele, naturalmente, ficou muito abalado com a morte do pai e principalmente por conta da discussão que tiveram antes da agonia. Apesar dos conflitos, o seu Andrade sempre teve muita influência na vida do filho e agora o Oswaldinho teria que enfrentar o mundo sozinho, sem a proteção da mãe e do pai e isso visivelmente o assustava um pouco. O seu Andrade, antes de morrer, alterou o testamento, deixando uma considerável parte da herança para o neto com usufruto para a Kamiá, o que dava à francesa a posse imediata de uma fortuna respeitável. Mas mesmo com esse desfalque, a herança de Oswaldinho era enorme e a morte do pai lhe permitiria pela primeira vez tocar a sua vida sem ter que prestar contas a ninguém.

Ele não perdeu tempo e, dois dias depois da missa de sétimo dia na cripta da nova Catedral em construção, fechou a casa da rua Augusta e mudou-se para o Grande Hotel de La Rotisserie Sportsman, o hotel mais elegante da cidade, e instalou Kamiá e o menino em um sobrado numa travessa da rua da Consolação, próxima ao cemitério. De um golpe, ele conseguiu se livrar da francesa, que era o maior obstáculo à regularização de seu relacionamento com Daisy. Para ela, alugou uma casinha na Bela Vista, e, uns dias depois do enterro do seu Andrade, Daisy e a avó se mudaram. Depois de seis meses no interior, a Cyclone finalmente estava de volta, agora como a futura noiva de Oswaldinho.

Apesar de precedido por três semanas de chuvas contínuas que provocaram grandes enchentes em toda a cidade, o Carnaval de 1919 foi de fato um dos mais

animados que se haviam visto em São Paulo até então. Embora grandes áreas da cidade estivessem inundadas e houvesse centenas de desabrigados, a animação popular não diminuiu e o Triângulo permaneceu cheio de gente até muito tarde à noite. O curso da avenida Paulista foi realizado, com todo o brilho, mesmo debaixo de chuva, e foram muitos os automóveis e carros alegóricos que desfilaram. A maioria dos carros ornamentados trazia alegorias à paz e comemorava o fim da longa guerra. No Trianon, a “nossa melhor sociedade” realizou um animadíssimo baile oriental e as fantasias mais reluzentes foram depois reproduzidas nos jornais e revistas. Todos os clubes e sociedades realizaram bailes e a *Cigarra* dedicou aos festejos mais de vinte páginas repletas de fotos. Nas ruas, havia uma alegria quase brutal em todas as manifestações carnavalescas e, apesar da chuva insistente, as pessoas teimavam em prosseguir com a folia, que quase ninguém abandonou. Até o sempre circunspecto *O Estado de S. Paulo* publicou todos os dias notícias entusiasmadas sobre o Carnaval daquele ano.

Carnaval

Conforme prevíamos, a animação carnavalesca, ontem, continuou forte. Há muitos anos que não tínhamos uma segunda-feira de Carnaval com tanto povo e tanta festa, nas ruas centrais e por outros pontos onde tradicionalmente se cultua a Folia.

Às 21 horas, o [Triângulo Central] estava repleto e a multidão que se comprimia por essas ruas apertadas era como um só grande organismo, coleando, rabeando, esfregando-se pelas paredes, ululante, vibrante, estardalhaçante de berros, de assovios, de gargalhadas, de estalos, de guinchos de corneta, de sonoridade cacofônicas e musicais de toda a sorte.

A alegria transbordou até altas horas, triunfalmente como uma enorme vingança da vida imortal contra os horrores que a quiseram ralentar e escurecer.

À meia-noite o centro ainda estava cheio de gente e de ruído.

Foi assim. Nas festas de Natal e Ano-Novo daquele fim de 1918 e início de 1919, ainda se sentiu a marca que a gripe deixara nas famílias e muitas ainda choravam os seus parentes perdidos para a peste.

Mas no Carnaval os sobreviventes celebraram a sua própria vitória sobre a morte.

26. As incertezas do amor

Uma semana antes das aulas recomeçarem, Daisy e dona Rosa Júlia, a avó portuguesa, vieram de Cravinhos e se instalaram na casinha que Oswaldo havia montado para elas na rua Santa Madalena, na Bela Vista. Na primeira oportunidade que tive de vir a São Paulo, fui visitá-la com Ignacio, que já era assíduo. Fazia quase seis meses que eu não via Daisy e me comunicava com ela apenas pelas cartas que íamos trocando enquanto estávamos ambos exilados, ela em Cravinhos e eu na minha delegacia. Estava ansioso por reencontrá-la e ela também não escondeu sua alegria ao me ver. Daisy havia engordado um pouco, tinha as formas mais definidas, parecia mais madura e mais mulher. Ainda guardava o jeito de menina que exibia quando a conhecemos, mas o escondia bem. Os cabelos escuros tinham agora um corte moderno e já não eram tão revoltos, embora a mecha, mais ou menos domesticada pelo novo penteado, permanecesse e caísse sobre os seus olhos fundos, quando ela se exaltava e começava a discutir, o que ela continuava a fazer com frequência, como nos velhos tempos.

Oswaldinho já estava lá quando chegamos. Continuava abatido pela morte do pai e permanecia às voltas com as dificuldades familiares e o arranjo dos negócios. Nossa conversa acabou girando em torno dos seus muitos problemas domésticos. Logo percebi que a discussão tinha que ser cifrada porque a vovó, a sempre atenta vovó, não saía das imediações e naturalmente não sabia — nem podia saber — dos detalhes da vida de Oswaldinho, que ela e a família de Cravinhos ignoravam inteiramente. Ainda assim, ele conseguiu nos fazer um relatório detalhado das providências que tomara e estava satisfeítíssimo com o que obtivera. Apesar dos pesares e das complicações com a herança, ele agora estava livre e tinha um patrimônio que lhe permitiria fazer o que quisesse. A conversa corria animada até que, pontualmente às dez e meia da noite, a vovó, sem muitas cerimônias, nos pôs para fora com a justificativa de que a neta teria aula no dia seguinte e afinal, ela fez questão de lembrar, não ficava bem uma

moça da idade dela receber visitas até tão tarde. Dona Rosa Júlia não pretendia facilitar as coisas para Oswaldinho e não se intimidava com ele, e eu penso que, tendo em vista os antecedentes, não estava disposta a correr riscos. Sem alternativa, saímos de lá e fomos terminar a noite no Galo Verde.

Naquele começo de 1919, passado o pior da crise em minha casa e com as coisas mais ou menos voltando ao normal, passei a ficar mais em Tatuí e acompanhava o que acontecia em São Paulo através das cartas. Oswaldo escrevia pouco, mas Daisy me escreveu sempre e mantivemos uma correspondência frequente. Livre de Kamiá e sem a sombra de seu Andrade, Oswaldinho agora podia organizar a sua vida como quisesse e eles pretendiam se casar quando ela concluísse a Escola Normal e ele finalmente recebesse o canudo de bacharel no final do ano. A família dela fazia questão que Daisy concluísse o curso e obtivesse o diploma, que naquele tempo era muito invejado. Para Daisy, frequentar as aulas já não era um sacrifício tão grande, uma vez que a finada garçonnière já não existia. Oswaldo e os poucos amigos a que ele dava acesso podiam visitá-la à noite em sua casa, que, se não fosse pela avó, teria logo se transformado numa versão reduzida e selecionada do velho Covil da rua Líbero.

Mas essa relativa tranquilidade não era o suficiente para o espírito ciclônico de Daisy e ela queria algo a mais e expunha isso nas cartas que me mandava. Lia avidamente tudo o que lhe chegava às mãos, mas naqueles dias se dedicava sobretudo a Maupassant e Baudelaire, que lia e relia até praticamente decorar os volumes. Como eu também gostava desses autores, em especial de Maupassant, que no início do *Pirralho* procurei imitar descaradamente, trocávamos ideias e comentávamos as obras. Eu lhe emprestei uma edição da qual gostava muito, de contos escolhidos de Maupassant, que discutimos muitas vezes. Seu preferido, *Une aventure parisienne*, incendiou sua imaginação. Contava a história de uma boa esposa burguesa da província que sonhava com as aventuras e a devassidão de Paris — que ela conhecia apenas através dos romances — e que temia envelhecer sem conhecer nada da vida, além da sua rotina provinciana. Um dia, e esse era o conto, resolveu ir a Paris, experimentar os prazeres da capital. Conheceu um famoso escritor e passou com ele toda uma noite, indo a cafés, restaurantes, teatros e finalmente para a cama dele. No dia seguinte, questionada por seu boêmio companheiro, que não encontrava explicação para tão estranho encontro, respondeu: “*J’ai voulu connaître... le... le vice... eh bien... eh bien, ce n’est pas drôle*”.* Daisy várias vezes repetiu que um dia teria a coragem de,

também, fazer semelhante experiência.

Oswaldinho, por seu lado, mantinha a mesma vida e vez ou outra se envolvia rapidamente em alguma relação boêmia que, justiça seja feita, ele logo descartava. Ela, só Deus sabe como, acabava sabendo e lhe fazia grandes cobranças. Ele, no entanto, era muito ciumento, vigiava Daisy e suspeitava de tudo o que ela dizia e fazia. Brigavam continuamente, como na época da garçonnière. Nas cartas, Daisy se queixava disso e não compreendia como ele, sendo tão liberal na sua vida pessoal, fosse capaz de ciúmes tão exagerados em relação a ela. Uma ocasião chegou a me dizer que não podia aceitar que ele pudesse fazer tudo aquilo que considerava inconcebível que ela fizesse.

Oswaldinho sempre foi muito ciumento e, na época da garçonnière, fizera um grande estardalhaço com a história de um rapaz do Brás, farmacêutico ou coisa assim, que ele supunha cortejar Daisy, ou pior, manter algum relacionamento com ela, que era conhecido da família. Todas as vezes que, por qualquer motivo, Daisy passava uns dias no Brás, Oswaldinho enlouquecia e as brigas quando se reencontravam eram inevitáveis. Daisy me disse depois, quando nossa relação se tornou mais próxima, que nunca negava as acusações e conjecturas de Oswaldinho e considerava inconcebível que ele lhe fizesse tais cobranças, vivendo a vida livre que levava.

Oswaldo — eu penso assim hoje — teria se dado por muito satisfeito se ela apenas negasse suas acusações, muitas das quais não passavam de óbvias invenções dele, transtornado de ciúmes. Mas Daisy nunca deu o braço a torcer e jamais o desmentia e isso enlouquecia Oswaldo. Com o fim da garçonnière e a ida dela a Cravinhos, todos achamos que o período das discussões havia terminado. Mas Daisy quase imediatamente descobriu que ele andava com a Landray, atriz da Cia. Brulé em temporada na cidade. Embora nossos comentários no diário mencionassem apenas o tórrido caso de Ignacio com Yvonne Mirval, atriz da mesma companhia, Daisy soube que Oswaldinho acompanhava a linda Sabine Landray para cima e para baixo. Os dois discutiram por telefone e por correspondência. Para provocá-lo, nas cartas que mandava a Oswaldinho, ela também narrava, com humor e ironia, a história de um presunçoso primo fazendeiro que tentava namorá-la, e esse simples relato já enfurecia o Oswaldinho. Com a volta dela para São Paulo, longe dos parentes do Brás e vigiada pela avó severíssima, eu honestamente pensei que eles acabariam se entendendo. Mas, para minha surpresa, Oswaldinho manteve a sua desconfiança e procurava vigiá-la o tempo todo.

Daisy, isto eu sabia bem, não iria se render facilmente. Havia algo nela que

era único e soava de maneira muito estranha para nós rapazes, que nunca havíamos visto uma moça igual. Para todos nós naquele tempo, o lugar destinado aos homens e às mulheres estava claramente delimitado e ninguém tinha dúvidas. Embora vivêssemos a vida boêmia, nunca nos haviam recriminado por isso e o seu Andrade, quando brigava com o filho, o fazia porque Oswaldinho, às vezes, queria levar excessivamente a sério os seus amores boêmios — como sucedeu no caso da bailarina — e não dava a necessária atenção aos negócios e às formalidades da vida burguesa. Mas nem ele e nem o meu pai nunca fizeram restrições à vida que levávamos, desde que cumpríssemos com as nossas obrigações e não ultrapassássemos os limites da decência estabelecida. Às mulheres, evidentemente, não se permitia que tivessem certas liberdades e nenhum de nós se casaria com uma que tivesse conhecido outro homem. Era uma coisa óbvia e sem discussão e esse foi o motivo pelo qual Oswaldinho nunca pensou, nem por hipótese, em casar-se com Kamiá, ainda que isso pudesse trazer problemas para o filhinho no futuro.

Essas verdades estabelecidas e tão evidentes parece que não entravam na cabeça de Daisy e ela as discutia todo o tempo. A sua cabeça bizarra abrigava ideias que até eu não entendia e tinha dificuldade em discutir com ela. Os livros que ela lia incendiavam o seu espírito inquieto, mas os Balzac, Maupassant e Baudelaire que ela devorava rapidamente retratavam um mundo de romance que evidentemente não podia existir por aqui. Nisso ela seguia fielmente ao Oswaldinho, que, desde que fora para a Europa, muitos anos antes, e tivera acesso a literatura e a poesia mais modernas — que poucos por aqui conheciam e que ele fizera questão de apresentar à Daisy —, desdenhava abertamente da sociedade paulistana e da nossa vida limitada e provinciana. Mas ele era homem. Ela simplesmente não era capaz de aceitar aquilo que toda a gente aceitava e quanto mais lia, mais inquisitiva ficava.

Nessa época, conversávamos muito, e várias vezes, quando Oswaldinho não estava, fui encontrá-la na saída da Escola Normal e a acompanhava no bonde até sua casa. Íamos conversando, e ela expunha suas ideias.

— O Miramar tinha razão quando dizia que esta cidade é a mesma daquele tempo em que as mulheres viviam atrás das rótulas e se comiam iças no fundo das casas. Hoje temos eletricidade, telefones e automóveis, mas o miolo continua o mesmo!

— Pode ser — respondi, rindo. — Meu pai conta que, quando ele era pequeno, o pai dele, que era grande apreciador de iças, o fazia caçar as formigas bundudas depois das chuvas da primavera, a encher vasilhas com as saúvas; depois de

arrancar suas asas e perninhas, minha avó as fritava e servia com farinha. Uma vez meu pai me fez caçar içás também e depois quis que minha mãe preparasse para eu experimentar. Queria manter a tradição. Mas minha mãe se horrorizou e jogou fora toda a minha colheita de formigas. Depois dessa, meu pai desistiu e eu, veja você, nunca provei essa fina iguaria. O Lobato garante que é bom e faz alarde, como é típico dele. É um entusiasta! Mas eu duvido muito que coma isso em público. Como outros hábitos paulistanos, esse também só se pratica em segredo.

E acrescentei:

— Lembro que antigamente se recitava na Academia uma quadrinha que um carioca inventou para espicaçar os daqui:

*Comendo içá, comendo cambuquira
Vive a afamada gente paulistana
A mesma a quem chamei gente caipira
Que parece não ser da raça humana.*

— Recitar isso era briga certa nos velhos tempos. Mas agora ninguém mais se importa com essas coisas. São histórias que ficaram no passado.

— Engano seu — ela me disse. — Apesar dos enfeites da civilização, a vida aqui segue igual ao que era. E vocês, embora não queiram reconhecer, fazem o mesmo que os seus avós. Só que têm vergonha de comer as formigas.

* “Eu queria conhecer... o... vício... e bem... bem, não é divertido.”

27. Venha já!

Em meados de maio eu recebi em Tatuí um cartão-postal mandado por ela.

Daisy sabia que eu estaria em São Paulo naquele final de semana e me pediu que a encontrasse no sábado, na saída da escola. Queria muito falar comigo, escreveu. Naqueles dias conversávamos sempre e eu não cheguei a estranhar o pedido. Mas me surpreendi quando ela me disse o motivo da conversa.

— O Miramar me vigia o tempo todo. Já vou lhe avisando porque você corre o risco de que ele nos veja juntos.

Aquilo me apanhou totalmente desprevenido e, no primeiro momento, não consegui atinar como responder.

— Mas que bobagem. Que mal há em que alguém nos veja conversar? Não fazemos nada que tenhamos a necessidade de esconder!

— É, pode ser. Mas a verdade é que o Oswaldinho não sabe destes nossos encontros. Ele não é o meu senhor, como gostaria, e eu não lhe devo satisfações. Portanto, nunca lhe disse nada. Você, eu presumo, também não.

— Daisy, eu não estou entendendo esta conversa — respondi da maneira mais atrapalhada. — O que, afinal, está acontecendo?

— Acontece que o Miramar além de verificar cada passo que eu dou, agora também deu de me seguir. Na realidade, eu me sinto muito mais vigiada agora do que quando morava com a tia Ziza no Brás. Com o detalhe de que os interrogatórios são iguaizinhos. É um inferno!

— Segui-la? Eu não acredito! — disse, tentando ainda encobrir os impulsos de temperamento do Oswaldinho que eu conhecia muito bem. Sabia que ele era mesmo capaz de fazer isso. — Mas como você sabe? — perguntei, já bastante preocupado.

— Eu sei porque noutro dia ele me seguiu e me viu entrando numa casa e fez um escândalo.

— Numa casa? — Me surpreendi com a resposta. — Como assim? Que casa?

— Uma casa simplesmente. Apenas não era a casa de nenhuma amiguinha. Entrei onde queria entrar e fui lá porque eu quis. Mas ele fez uma grande cena e me disse as piores coisas. Me tratou como se eu fosse a última das prostitutas.

— Quer dizer então que vocês romperam? — perguntei um tanto afoitamente.

— Não, dr. Pedrinho, não se precipite. Ainda não chegamos ao fim desta história. Mas eu já não sei o que vai acontecer. Isso foi na semana passada e, desde então, temos discutido quase todos os dias.

— Ué, ele viu você entrando na “casa” de alguém que você obviamente não vai me dizer quem é, fez escândalo e vocês continuam a se encontrar normalmente? — perguntei, agora sinceramente surpreendido.

— Normalmente, não, porque desde então temos brigado muito, mais do que o costumeiro. Até a minha avó já percebeu nossas brigas e está desconfiada. Agora ela também me vigia e me interroga o tempo todo. Como você vê, estou vivendo numa verdadeira prisão. Se pudesse, eu largaria tudo e começaria uma vida nova em outro lugar, onde ninguém me conhecesse!

Eu queria muito continuar conversando com ela, mas o bonde, que subia lentamente a ladeira da Brigadeiro Luís Antônio, já se aproximava da esquina da rua Santa Madalena, onde ela tinha que descer. Quis acompanhá-la, mas Daisy não permitiu.

— Nada disso, dr. Pedrinho, depois continuaremos esta prosa. O Miramar pode estar me esperando e, se nos vê descer juntos, faz outro escândalo. Fique o senhor sabendo que ele também desconfia de você! Vamos continuar numa outra hora — disse, ao mesmo tempo que puxava a cordinha do sinal para descer.

Naquele fim de semana em São Paulo, acabei não me encontrando com Oswaldo. À noite, jantei no Campo Bello com Ignacio e Edmundo e depois fomos ao teatro. Ele, que tinha um compromisso qualquer, não apareceu e terminamos a noite num cabaré da rua do Arouche. Como fui dormir muito tarde e, para variar, havia bebido um pouco, perdi a missa das dez em São Bento. Almocei em casa e, à tarde, peguei o trem para Tatuí. A cada duas, três semanas, fazia isso. Era a minha rotina naquele tempo. Vinha à cidade tomar uns goles de civilização, ver os meus e voltava rapidamente para o meu posto de delegado. Foi a forma que encontrei para enfrentar o meu exílio. Embora o tempo me sobrasse, escrevia cada vez menos e com mais dificuldade. Consumia os meus dias em Tatuí na espera da próxima viagem e aguardando as cartas, que às vezes chegavam, às vezes não. Nas duas ou três semanas que passava no interior, quase

não via ninguém, jantava uma vez por semana com o dr. Agrícola e, com muito esforço, escrevia meia dúzia de páginas, que acabava jogando fora antes de embarcar para São Paulo.

Num fim de manhã, voltando ao hotel para almoçar, apanhei a correspondência com o Afonso na entrada. Havia duas cartas, uma de minha mãe e outra de Daisy, que me chamou a atenção. Assim que apanhei o envelope, senti que continha várias páginas e, embora ela escrevesse bastante, nunca havia me enviado carta tão grande. Abri logo e li tudo de um fôlego. Ela dizia que estava grávida e que tivera uma briga horrenda com Oswaldo, que “teve a ousadia de lhe perguntar de quem era o filho”.

Ainda era quarta-feira e o fim de semana me pareceu tão distante e longínquo que eu tive certeza de que não iria suportar a espera. Almocei às carreiras enquanto tentava organizar os meus pensamentos e logo que terminei, fui procurar o dr. Agrícola no fórum. Fiz isso tão às pressas que não me dei conta que ainda não era meio-dia quando cheguei à sala do juiz. E ele — como eu bem sabia — tinha o hábito de fazer a sesta depois do almoço e nunca chegava ao gabinete antes da uma da tarde. Nos corredores vazios apenas um contínuo da repartição fazia também a sua sesta, atrás dos processos empilhados numa mesa escondida. Saí para a praça e, enquanto caminhava sob as mangueiras no sol forte do meio-dia, fui pensando na desculpa que teria de inventar para mais esta ausência inesperada. Pouco depois da uma, o juiz apareceu atravessando a rua.

— Delegado, o senhor por aqui a essa hora? Está aproveitando a sombra? — ele perguntou. — Veja só, no ano passado, por esta época, não se suportava o frio e hoje, em pleno inverno, temos que aguentar mais de trinta graus. Mas o que o traz aqui? Veio me procurar?

— É que recebi uma carta de São Paulo e minha mãe não está bem. Sei que teríamos audiência na sexta-feira, mas eu queria ir para casa. Não fico sossegado aqui, sem saber exatamente como ela está. Sei que vai ser um incômodo, mas...

— Ora, meu filho, não se preocupe. Por aqui tudo se ajeita. Vou ver como fazer e adiar o julgamento. O importante é você ver a sua mãe. A família vem sempre em primeiro lugar. Mas se não for nada grave, como eu espero, esteja aqui na segunda-feira. Temos a instrução do processo do Miguelzito e vou precisar de você.

Garanti ao juiz que estaria de volta na segunda e me despedi rapidamente. Temia que ele me fizesse outras perguntas e me obrigasse a mentir mais. Passei a tarde na delegacia, sem me concentrar em nada. Pensei também em apanhar o trem da madrugada em Boituva, mas seria um sacrifício inútil, pois eu só

conseguiria ver a Cyclone na saída das aulas, no fim da tarde e, para isso, ainda precisaria me certificar de que o Oswaldinho não estaria lá.

Quando entrei em casa no meio da tarde do dia seguinte, minha mãe naturalmente se surpreendeu com a minha chegada intempestiva. Ela e Clarinha me encheram de perguntas que eu não queria responder e, para me livrar delas rapidamente, lhes disse que vinha para uma reunião urgente na Secretaria de Justiça e que ficaria até o fim da semana. Enquanto falava com elas pensava em como localizar Oswaldo e ter certeza de que ele não estaria com Daisy na saída das aulas.

Depois de algumas tentativas, achei-o na *Gazeta*. Ele nem me perguntou o que fazia em São Paulo no meio da semana.

— Preciso muito falar com você, Pedrinho! Vamos nos encontrar hoje.

— Bem, acabei de chegar, mas, se você quiser, posso passar lá pelas quatro horas aí na *Gazeta* — eu propus, arriscando a sorte.

— Não, à tarde não posso. Marquei com o Rao no escritório dele, para tratar das questões da herança. Vamos jantar. Mas vá sozinho. O que eu quero lhe contar é coisa de sigilo.

Com Oswaldinho seguramente afastado, fui encontrar Daisy na escola. Queria sair logo de casa e cheguei cedo à praça da República. Não eram ainda quatro horas e, da calçada, era possível observar, através das janelas, os alunos em aula. Matei o tempo perambulando pela praça, observando os patos que nadavam tranquilos nos laguinhos, como fazia quando era criança e meu pai me levava ao circo aos domingos, que tradicionalmente era armado ali. Dos jardins se podia ouvir nitidamente a campainha que assinalava o fim das aulas e, tão logo ela tocou, a praça em segundos se encheu de estudantes. Daisy rapidamente me localizou.

— Pedro, eu sabia que você viria! Naturalmente leu a minha carta.

— Li, é claro! Recebi ontem e vim imediatamente!

Queria falar mais, mas não encontrei o que dizer. Em silêncio, fui me encaminhando para o ponto dos bondes, mas ela pôs a mão em meu braço e me deteve.

— Não, vamos a pé. Assim teremos tempo para conversar.

No caminho, ela foi contando a sua história. Durante as férias em Cravinhos percebeu que estava grávida. Assim que voltou contou a Oswaldinho.

— Tive medo de lhe escrever. Primeiro, porque conheço o Miramar e não queria tocar num assunto desses por carta. Segundo, porque tinha receio de que a

carta pudesse ser vista por alguém ou caísse em mãos erradas. Mas a conversa que tivemos foi horrível e ele me cobriu de insultos. Naquela noite pensei em morrer. Para mim, era a única forma de encerrar dignamente este drama. Um quinto ato com veneno e sem carta de adeus. Mas faltou-me coragem, e... o veneno! Não ria, foi assim mesmo.

Meus pensamentos iam num turbilhão e eu não pretendia rir de nada daquilo. Apenas não sabia o que dizer e não encontrava as palavras certas para expressar o que eu realmente pensava. Mal consegui balbuciar:

— E depois?

— Bem, no dia seguinte ele apareceu, muito digno e formal, e disse que se sentia na obrigação de me amparar, veja você, para que “eu pudesse seguir o meu destino”. Disse isso e propôs que eu fizesse um aborto na parteira alemã que atendeu Kamiá quando ela deu à luz. Eu recusei, é claro.

— Mas o que você pretende fazer agora? — Mais uma vez não consegui encontrar nada melhor para dizer.

— Vocês, homens, são todos iguais — ela disse. — Acham que são os senhores do mundo e, na maior parte das vezes, não enxergam um palmo adiante do nariz. Você acredita mesmo que, se eu não amasse o Miramar, teria chegado aonde cheguei com ele, enfrentado o que enfrentei, e na maior parte das vezes sozinha? Mas agora atingi um ponto em que não posso prosseguir, por isso decidi te procurar. Você é testemunha e acompanhou tudo. Preciso que você fale com ele e me ajude. Eu já não saberia seguir sem Oswald. Apesar do que aconteceu, hoje a minha vida longe do Miramar não parece fazer muito sentido. Temos que ficar juntos e, se ficarmos, todas essas brigas infinitas por ciúme vão se acabar. Rezo muito, todos os dias, por isso.

Fomos assim até a esquina da rua Santa Madalena, onde ela morava. Prometi ajudar, mas saí de lá aturdido e sem saber o que pensar. Ao contrário do que eu imaginava, a reação de Daisy não fora tão radical como eu esperava e ela ainda acreditava e tinha esperanças em Oswaldinho.

Eu e ele nos encontramos à noite e fomos jantar no Campo Bello numa mesa dos fundos.

— Veja você, seu Pedrinho, a que situação chegamos. Se ao menos ela se retratasse, me pedisse perdão, me implorasse, eu acabaria cedendo. Mas a Cyclone, ao contrário, não diz nada. Quanto mais eu falo, mais em silêncio ela fica. É de enlouquecer. Outro dia eu cobreí novamente a história daquele

caixeirinho que eu descobri que ela visitava, e ela, em vez de se justificar, me atirou na cara o caso da Myrval e de não sei mais quantas atrizinhas, que ela ficou sabendo sei lá como. Teve a petulância de me cobrar novamente porque eu andava pela cidade, nos domingos, de braço com Kamiá e o menino, segundo ela como um pai de família burguês. Como eu digo, o problema das mulheres decorre de um efeito de ilusão de óptica. Elas veem em ponto grande as coisas mínimas e com isso nos contrariam. Às coisas realmente grandes, dão um valor mínimo e com isso nos perdem.

— Mas você acha mesmo que ela teve algum relacionamento com esse sujeito de quem você fala?

— É claro que eu tenho certeza... eu acho! Mas porque é que ela não nega, por mais que eu insista? Se ela ao menos negasse... Mas nem isso!

— E o que você pretende fazer? A situação, como está, não pode ficar. Isto está claro.

— Eu quero que ela vá ver a parteira do Nonê e resolva logo esse assunto. Com tudo que aconteceu, ela não pode exigir nada de mim. Você, se estivesse no meu lugar, o que faria?

— Eu... — hesitei uns poucos segundos — eu... faria o mesmo — disse num fio de voz que quase não me saiu da garganta.

No dia seguinte, sexta-feira, acordei cedo, dei uma desculpa esfarrapada em casa e corri para a estação para apanhar o trem de volta para Tatuí. Meu pai me acompanhou no bonde e, no caminho, me perguntou, sinceramente preocupado, se eu estava com algum problema.

— Mas, filho, você gosta de passar o fim de semana em São Paulo, mesmo quando seus deveres te obrigam a estar no interior, que eu sei. Por que de repente esta novidade?

— Não tenho problema nenhum, pai. Apenas vim para uma reunião na Secretaria, mas, como temos um processo complicado lá em Tatuí e o juiz precisa de mim, achei melhor voltar de uma vez.

Ele não insistiu, mas percebi que não acreditou. Na estação, me despedi rapidamente e fui ao correio para enviar um bilhete para Daisy, lhe explicando minha saída às pressas e prometendo lhe escrever uma carta longa assim que chegasse em Tatuí. Mas naturalmente isso também era mentira.

Me escondi em Tatuí por uns dez dias, procurando ficar alheio a tudo e a

todos. Escapei até do jantar semanal na casa do juiz e me enfurnei no meu quarto e saía pouco, o mínimo possível. Nesse meio-tempo, Daisy me mandou duas cartas que eu não tive coragem de abrir e que deixei sobre a minha mesa, intactas, por dias. No final do mês de julho, Oswaldinho me escreveu dizendo que finalmente a havia convencido e que, no dia seguinte, iriam ver a parteira alemã que atendeu Kamiá quando Nonê nasceu e, conforme ele disse, “resolver aquele problema”.

Mesmo tendo lido a carta de Oswaldo, não fui capaz de abrir as duas cartas que Daisy me enviou e que continuavam a pegar poeira sobre a minha mesa de trabalho. Naquela noite sonhei com ela e acordei sobressaltado, com um pesadelo terrível. Mas ainda assim, não abri as cartas.

Dois dias depois, durante o meu expediente na delegacia, um soldado bateu à minha porta com um telegrama na mão.

Era do Oswaldo e dizia apenas: “Venha já”.

28. Quinto ato

Assim que desembarquei, procurei localizar Oswaldinho telefonando, ainda da estação, para todos os lugares que eu sabia que ele frequentava. Nem na *Gazeta*, nem no *Estado* e em nenhum outro lugar sabiam dele. No *Estado*, um dos jornalistas me disse que havia dias ele não aparecia. Mais uma vez senti a falta do nosso velho Covil da rua Líbero, onde se podia localizar todos os nossos e o Pippo sempre tinha uma notícia e um recado para transmitir. Mas a garçonnière, Pippo e até a nossa roda eram sombras distantes, perdidas num tempo longínquo. Eu não iria conseguir esperar até o final da tarde para encontrar Daisy e talvez Oswaldo, na saída da escola. Sem alternativas, resolvi ir para casa deixar as minhas coisas e ver os meus. Depois do almoço eu pensava em correr a cidade e tentar encontrá-lo em algum lugar. Quando cheguei em casa, minha mãe, para minha surpresa, já estava me esperando.

— O Oswaldo já ligou duas vezes atrás de você. Pediu que assim que chegasse você fosse encontrá-lo no Hospital Matarazzo. A noiva está internada lá e parece que vai ser operada.

Saí de casa às carreiras, sem ouvir minha mãe, que queria que eu pelo menos almoçasse. O hospital era longe, ficava a dois quarteirões da avenida Paulista, e levei uns quarenta minutos para chegar lá. Não sabia bem quem procurar quando chegasse, mas assim que passei o portão vi Oswaldo cruzando o jardim em direção à saída. Ele me contou tudo às pressas.

— Precisamos ir à estação receber a mãe dela e o padrasto. Eu já estava indo, mas já que você chegou, o melhor é você ir lá buscá-los enquanto eu fico aqui com a Daisy. Ela vai ter de ser operada e os médicos precisam de autorização. Eu não posso dar porque não sou parente. Eles vão ter que assinar.

— Mas o que diabos aconteceu? — perguntei. — Desde quando ela está internada?

— Faz dois dias! A maldita parteira alemã fez qualquer coisa que não deu

certo. A Cyclone reclamou muito de dores quando saiu do consultório, mas a mulher nos disse que era normal e que no dia seguinte ela estaria melhor. Durante a noite ela teve hemorragia e, quando eu cheguei logo cedo para vê-la, estava ardendo em febre. A avó já tinha se dado conta do que estava acontecendo, gritou como uma louca e quase não me deixou entrar na casa. Chamei imediatamente o Briquet, e ele, mal a olhou, me disse que tínhamos que trazê-la ao hospital sem perda de tempo. Mas disse também que, com um pouco de cuidado, tudo se resolveria em dois dias. Ontem, porém, quando me encontrou, a conversa já era outra. Contou que o caso havia se complicado e que ela teria que fazer uma histerectomia.

— Mas que diabos é isso?

— A extirpação do útero! Ela nunca mais vai poder ter filhos. O Briquet diz que a operação é de urgência e ele quer fazer ainda hoje. Estamos só esperando a mãe e o padrasto.

— E o que você vai dizer a eles?

— Isso agora já não importa. A Cyclone está muito fraquinha e eu, sinceramente, estou com um pouco de medo. Desde que entrou aqui no hospital parece que enfraquece a cada hora que passa. Mas você chegou no momento certo! Vá lá pegar o Costa e a mãe dela, que eu fico aqui velando a Daisy. Vai ser melhor mesmo que eles encontrem com você e não comigo. Dê um resumo da situação para eles irem se acostumando e chegarem aqui mais calmos. Eu vou voltar para o quarto e ficar com a Cyclone.

— Mas eu queria pelo menos vê-la um pouco e... — Oswaldinho nem me deixou concluir.

— Não vai adiantar nada, ela provavelmente vai estar dormindo e é melhor não acordá-la. Ela dormia quando eu saí. Vá logo para a estação, porque eles esperam encontrar alguém quando desembarcarem.

Com Oswaldinho no hospital, fui receber a família de Cravinhos e levá-los para ver Daisy. Eu naturalmente não os conhecia, mas, com base nas descrições de Oswaldo, não foi difícil identificá-los entre os passageiros que desciam do expresso de Ribeirão Preto. O Costa era um português forte e atarracado, um “búfalo ibero”, como me descreveu o Oswaldinho, com cabelos muito pretos e uma vasta bigodeira com uns inícios de fios brancos. Dona Guilhermina era uma senhora bem conservada, já perto dos quarenta anos. Seu rosto lembrava um pouco o da filha, mas era a forma como ela falava, muito firme e decidida, que

reforçava a semelhança. Nisso eram muito parecidas. Ela queria explicações.

— O que vocês fizeram com a desmiolada da minha filha? — Foi a primeira coisa que ela me disse assim que me apresentei. Mas não quis esperar a resposta. — Minha irmã tinha razão! Maria de Lourdes é uma irresponsável e ia acabar arrastando a família para um escândalo! Imagine quando esta história se espalhar. O Costa é um homem de responsabilidades, trabalha com os maiores fazendeiros da região. O que é que não vão dizer quando descobrirem que ele é pai de uma perdida?

— Ela não... — Tentei interrompê-la inutilmente.

— E os irmãos, que são inocentes? Como posso ter uma filha nessas condições dentro de casa? Tudo isso é porque tive que criá-la sem pai. Quando o pai morreu, ela não tinha nem doze anos! Deus sabe o que eu fiz para tentar educá-la sozinha. E agora o Costa, que lhe deu tudo e nem é o pai dela, vai ter que carregar essa vergonha para o resto da vida!

— Calma, minha filha — disse o Costa finalmente. Enquanto a mulher falava sem parar, ele a segurava pelo braço e tentava acalmá-la. — Veja bem, ninguém sabe de nada e nem nós sabemos o que de fato aconteceu. Você tem que se acalmar. Com o tempo tudo se resolve.

— Não tente me fazer de boba. Você sabe muito bem que existem manchas que não se apagam, passe o tempo que for. Nunca imaginei que a minha família fosse passar por essa vergonha. Bem que a minha irmã me disse que esse Oswaldo era um estroina e até o pai o deserdou por ser devasso! Eu nunca deveria ter permitido que ele entrasse na minha casa! Nunca!

— Mas você não tem culpa, minha filha. Isso são coisas que o povo fala. Na nossa casa ele sempre se comportou como um cavalheiro. Quem poderia supor que...

Ele não conseguiu concluir a frase. Dona Guilhermina, estava claro, não ia se acalmar.

— A culpada disso tudo sou eu, que permiti que ela viesse para São Paulo quando todos vocês estavam contra e deixei essa responsabilidade nas costas da minha mãe. Essa é que é a verdade!

Toda essa discussão se deu na calçada, em frente à estação da Luz. Eu queria — e percebi que o Costa também — tirar dona Guilhermina o mais rápido dali. Tínhamos que pegar um táxi, mas não era possível manter aquela conversa na frente de um chofer de praça. O Costa, pensei, tinha a mesma preocupação.

— Minha filha, tenha calma. Vamos ver como ela está e depois pensamos que

providências tomar. Você pode levá-la a Poços de Caldas até ela se recuperar e depois se vê como fazer. Sossegue, que não se vai resolver tudo num dia.

— Além do mais — recomeçou dona Guilhermina —, ela vai acabar perdendo o ano de novo. E, se ela for reprovada, com certeza a escola vai expulsá-la. Onde já se viu uma moça perder dois anos na Escola Normal?

— O fato, filha, é que não podemos continuar com esta discussão na rua. Tenha paciência! Vamos vê-la primeiro e tomar pé da situação. Depois desembarcamos as malas na casa da minha irmã.

Com um pouco de relutância, dona Guilhermina acabou concordando. Eu logo chamei um táxi e fomos para o hospital.

O hospital ficava próximo à avenida Paulista e ocupava um terreno enorme. Havia sido construído pelos imigrantes italianos ricos, principalmente o conde Matarazzo, para cuidar também dos seus conterrâneos pobres. Era um dos orgulhos da cidade e quase tão grande quanto a Santa Casa. Tinha muitos jardins e prédios imensos que se comunicavam por corredores intermináveis. Depois de me informar na portaria, fomos à procura do quarto da Cyclone. Ela estava numa ala dos fundos e a caminhada era longa. Enquanto andávamos, dona Guilhermina, ainda muito nervosa, ia falando ao Costa, que insistia em acalmá-la.

— Maria de Lourdes vai ouvir poucas e boas. Quando sair daqui, se ela perder o ano, vou interná-la num convento para que se emende! Ela há de ver!

Mas, à medida que íamos penetrando no hospital, a voz dela naturalmente foi baixando, talvez intimidada pelo silêncio e a penumbra dos corredores. Quando chegamos, Oswaldinho estava na porta e rapidamente — antes que dona Guilhermina pudesse lhe dizer qualquer coisa — colocou todos nós dentro do quarto. Embora fosse pouco mais de uma da tarde e o dia estivesse ensolarado, a janela tinha as cortinas corridas e uma sombra suave iluminava o ambiente. No fundo de uma cama de hospital, Daisy descansava, muito pálida e com olheiras fundas. Ao nos ver, apenas disse num fio de voz:

— Mamãe...

Dona Guilhermina, parada a uns passos da cama, se desvencilhou rapidamente do braço do Costa e correu para a filha. Quando a abraçou, falava alto novamente.

— Minha filha... minha filhinha... meu amor... o que fizeram com você?

O dr. Briquet operou Daisy naquela noite. Ele era muito amigo de Oswaldo e o mais conceituado ginecologista de São Paulo. Assim que Daisy voltou da sala de cirurgia, Oswaldo, ansiosíssimo, foi falar com o médico para saber do resultado. Eu e o Costa fomos com ele. O Briquet procurou nos tranquilizar e disse que a operação correria muito bem, mas que tínhamos de ter paciência. Oswaldinho, agora verdadeiramente assustado, ouviu tudo calado. O Costa e eu fizemos algumas perguntas, mas estava claro que Briquet não tinha boas respostas. Quando voltamos ao quarto, procuramos sossegar dona Guilhermina e enfeitamos o mais que pudemos o relato do médico.

Todos estávamos lá desde a manhã e Oswaldinho me pediu que acompanhasse os pais dela até em casa. Ele passaria a noite com Daisy no hospital e de manhã a mãe viria levá-lo. Ao contrário do que Oswaldo temia e dona Guilhermina prometera, não houve o esperado confronto entre eles. Acho que, vendo Daisy naquele estado, ambos perceberam que tudo o mais era secundário. Para minha surpresa, a conversa entre eles era quase amigável, e dona Guilhermina logo concordou com o arranjo do Oswaldinho e lhe prometeu chegar logo cedo no dia seguinte, para que ele pudesse ir para casa descansar.

No dia seguinte e nos outros dias, essa foi a rotina. A mãe passava o dia com ela e Oswaldo, as noites. Mas o Oswaldinho não era mais o mesmo de sempre. Transtornado pelo medo de um desfecho trágico, ia mais e mais se desesperando.

No dia seguinte à operação, em vez de ir para casa dormir, Oswaldo ligou para mim logo de manhã.

— Pedrinho, vamos juntos até Pirapora. Deus pode tudo, e eu quero fazer uma promessa ao Bom Jesus na sua igreja.

— Mas, Oswaldinho — objetei. — Pirapora é muito longe, não vamos conseguir ir e voltar no mesmo dia!

— Não se preocupe com isso. Eu já tratei, pelo telefone, um táxi que estará nos esperando na estação de Barueri. De lá até Pirapora são uns trinta quilômetros, e o motorista me garantiu que em menos de duas horas nos leva até lá. Você me encontre na Sorocabana em uma hora. Nosso trem sai às oito e vinte e três, não podemos perdê-lo.

Fui com ele. Embora a viagem fosse um transtorno, também queria rezar pela Cyclone. Eu mesmo havia pensado em propor ao Oswaldinho irmos à Penha, como já havíamos feito antes, quando ela ficou doente no Brás. Mas ele não me deu tempo de falar e a fama de milagres do Senhor Bom Jesus de Pirapora era grande e, para ir até lá, o nosso sacrifício seria maior. Me arrumei rapidamente e peguei um bonde até a estação.

Por volta do meio-dia, o carro de praça nos deixou na porta do santuário. Era uma igreja antiga e modesta, mas no altar-mor ficava permanentemente exposta a imagem do Bom Jesus, encontrada milagrosamente na curva do rio Tietê, onde se construiu a igrejinha ainda no século XVIII. A fama dos milagres vinha desde aquela época e todos os anos atraía uma multidão de romeiros nas festas do dia do Bom Jesus. Rezamos por cerca de duas horas na igreja semideserta. Oswaldinho prometeu esculpir uma estátua de Daisy em tamanho natural para a sala dos milagres e subir com ela nos braços as escadarias do santuário. Eu também fiz minhas promessas, mas naqueles dias eu seguia Oswaldo como um ébrio e já não lembro do que prometi.

Quando regressamos a São Paulo, já era noite. Oswaldo foi direto para o hospital. Eu, exausto, fui para casa. Ele vivia num estado de excitação permanente e já não conseguia se controlar e muitas vezes chorou convulsivamente, nos corredores do hospital, no Guarany, numa tarde em que o encontrei lá com Guy e Edmundo, e no escritório do Rao, dias mais tarde. Eu, que vivia o mesmo tumulto interior, disfarçava a aflição e procurava acalmá-lo. Mas minha angústia era igual à dele e os meus remorsos, maiores. Eu sempre soube fingir muito bem.

Numa dessas noites, Daisy, que estava muito fraca desde a cirurgia, começou a soluçar incontrolavelmente. Ele chamou as enfermeiras, mas nenhuma conseguiu remédio para aquilo. Os soluços pareciam enfraquecer a Cyclone ainda mais e isso desesperou de vez o Oswaldinho. Do hospital ligou para a casa do Briquet e lá lhe disseram que o médico estava no Municipal assistindo ao recital de um violinista russo, muito anunciado. No auge do desespero, Oswaldinho chamou um táxi e de pijamas mesmo foi ao teatro buscar o médico. Embora os porteiros tentassem impedi-lo de entrar, obviamente não conseguiram. Quando Oswaldo apareceu na plateia, no meio do espetáculo, transtornado como um louco e de pijamas, Briquet logo entendeu tudo e foi ao encontro dele. No caminho para o hospital, depois de ouvir o relato de Oswaldinho, o médico lhe expôs com franqueza a situação.

— Oswaldo, tudo o que se podia fazer foi feito. Estes já são sinais do começo da agonia e não há remédio no mundo para que se possa apelar. Sinto demais ter de lhe dizer isso, mas agora só Deus pode salvá-la.

No dia seguinte, Oswaldo foi ao escritório do Rao para tratar do casamento. Ele queria se casar com separação de bens e o Rao resolveu tudo rapidamente. Naquele dia mesmo propôs o casamento a Daisy, que concordou um tanto relutante. Mas ela já não tinha forças para discutir. A família, naturalmente

aprovou. Soube de tudo isso pelo relato que Oswaldinho me fez pelo telefone interurbano. Com a desculpa de que não poderia deixar abandonado o meu posto, voltei a Tatuí logo depois da nossa ida a Pirapora.

Eles se casaram numa quinta-feira, 14 de agosto. Dois dias antes, Oswaldo, orador oficial do Centro Acadêmico XI de Agosto daquele ano, fez o discurso na tradicional festa de comemoração do aniversário dos cursos jurídicos, na qual era homenageado o dr. Azevedo Marques, ministro das Relações Exteriores e professor da escola. No final da cerimônia, aproveitou para convidar o ministro para ser seu padrinho de casamento.

Mesmo tendo feito tudo para fugir, não pude deixar de assistir à cerimônia, embora aquelas cenas me mortificassem a alma. Até meu pai me cobrou pelo telefone para que voltasse e, sem ter como evitar, acabei vindo para São Paulo. Às dez horas da manhã, estávamos todos no quarto de Daisy no hospital. Guy e a mãe e o Lobato e a mulher foram padrinhos. Edmundo levou duas enormes cestas de flores e todos procuravam aparentar a mais falsa das alegrias. O *Correio Paulistano* do dia seguinte descreveu o casamento. Este recorte de jornal eu guardo até hoje, junto com outros sobre ela, atrás de um porta-retratos com a minha fotografia de formatura. Nesses anos todos ninguém jamais descobriu esses segredos.

ENLACE CASTRO PONTES — ANDRADE

Realizou-se ontem, nesta capital, o enlace matrimonial do sr. Oswald de Andrade, talentoso bacharelado de direito e nosso prezado colega de imprensa, com a gentilíssima senhorita Maria de Lourdes de Castro Pontes, enteada do sr. José Ignacio da Costa, lavrador em Cravinhos.

Serviu de madrinha, no religioso, tanto da noiva quanto do noivo, a sra. d. Angelina de Andrade Almeida, esposa do sr. dr. Estevam de Almeida; e padrinhos os srs. drs. Vicente Rao, da noiva, e Guilherme de Almeida, do noivo.

No ato civil, paraninfaram a noiva a sra. d. Maria da Pureza Monteiro Lobato e dr. Monteiro Lobato; o noivo, a sra. d. Anna de Azevedo Marques, representada pela madrinha da noiva, e o sr. dr. Azevedo Marques, ministro das Relações Exteriores, representado pelo dr. Francisco Rangel.

A cerimonia teve caráter muito íntimo, devido ao precário estado de saúde da noiva.

Na cama, apoiada nos travesseiros, Daisy — os olhos muito fundos — observava tudo com um pequeno sorriso no rosto. No final da cerimônia, quando todos a cumprimentavam, ela apenas disse num fio de voz que só os mais próximos puderam ouvir:

— Que pena!

Voltei para Tatuí naquele mesmo dia e passei lá o fim de semana e os dias seguintes, procurando fugir das notícias de São Paulo. Mas no domingo 24 de agosto, o Afonso do hotel bateu na minha porta quando o dia ainda clareava. Me

disse que havia um interurbano de São Paulo. Desci sem me vestir e atendi o telefone. Era o Edmundo me avisando que ela morrera na madrugada e o enterro seria às três da tarde. Me arrumei, fiz a barba mecanicamente e fui para São Paulo. Acompanhei o enterro como um fantasma. Não me lembro com quem falei e nem o que os outros disseram. Lembro apenas que Oswaldo a enterrou no jazigo da família ao lado do pai e da mãe. No cemitério, antes de chegar ao túmulo, há uma capelinha branca. Oswaldinho fez que se abrisse lá o caixão para uma última despedida e eu pude vê-la, vestida de branco, muito pálida e serena.

Depois do enterro, voltei para Tatuí e levei meses antes de retornar a São Paulo. À medida que o tempo foi passando, vinha cada vez menos à cidade, só mesmo para ver os meus, e pouco encontrei Oswaldo e os outros da nossa roda. Um ano depois, casei-me e me estabeleci. Criei meus filhos em Tatuí e, embora fosse relativamente fácil, nunca pedi um posto em São Paulo. Acabei por envelhecer aqui.

29. *Acta est fabula*

O trem que eu tomei na Júlio Prestes percorre o mesmo caminho que eu percorri centenas de vezes ao longo da minha vida e me traz novamente de volta para casa depois que eu me despedi de Oswaldinho. Mais uma vez desembarco na velha estação.

Volto para a minha cidade.

Bem, eu sei que isso não é verdade, é apenas o que digo aos outros. Esta não é a minha cidade, eu apenas moro aqui há muitos anos.

A minha cidade, a cidade à qual eu pertenço e que me pertence é São Paulo. Foi lá que eu sempre vivi, mesmo quando estive em outros lugares e foi lá que viveram os meus sonhos.

Eu, quando chego aqui, volto apenas para a minha vida convencional, para a minha rotina de policial aposentado. Já fiz esta viagem muitas vezes. Mas desta vez é diferente. Eles agora estão lá, juntos novamente. Naquele antigo cemitério da Consolação, na mesma rua 17, quadra 17, como Oswaldo tantas vezes mencionara, referindo-se ao local onde estava enterrada sua mãe. Esses números possuíam uma certa magia para ele, que sempre foi tão supersticioso. Eles ocupam agora, depois de tantos anos, o mesmo túmulo. Para sempre. Aliás, para que ele pudesse ser enterrado, justamente os restos dela foram exumados, eu ouvi um parente comentar durante o enterro. Que mórbida ironia! Talvez fosse isso que ele temia nos últimos tempos. Ou o que no fundo queria, não sei. Acho que era o nosso destino, o meu e o deles. Eu fiquei aqui. Só, com as minhas culpas. E as minhas culpas, quem agora se importa com elas? Bem, na realidade quem sobrou aqui para saber ou se importar com isso? Acho que só eu fiquei para trás.

Desço as escadarias da pequena, mas imponente — na medida do possível — estação de Tatuí e contorno o jardimzinho de palmeiras que faz uma curva suave descendo a colina onde se localiza a estação. Não é mais a mesma na qual embarquei naquele dia de neve. Cresceu como a cidade.

Tenho que passar na venda do Horácio antes de ir para casa. Não posso chegar em casa sem os doces cristalizados que Daisinha espera sempre que eu viajo. São doces de batata-doce e de abóbora que ela adora.

Os nomes são uma sombra.

Daisy... Daisinha...

Deus não deixa de nos lembrar dos nossos pecados e o faz das maneiras mais estranhas possíveis. Mas que ninguém imagine que eu dei o nome dela a alguma filha. Muito ao contrário, nunca pensaria nisso. Mas meu filho, Paulo, casou-se uns anos atrás com uma moça de Itapetininga que se chama, justamente, Daisy. Quando ele nos apresentou a namorada, torci intimamente para que o romance não prosperasse. Carrego mais esse pecado. Mas Deus não se esqueceu de mim e eles rapidamente se casaram. Ao seu primeiro filho ele deu o meu nome, tem orgulho do pai, vê em mim um respeitado delegado de polícia aposentado, pai de família exemplar, não conhece nada da minha história. Um ano depois, sua mulher ficou grávida novamente e, quando a menina nasceu, pôs nela o nome da mãe. Minha neta, não posso negar, é o encanto destes meus últimos dias, mas chamá-la pelo nome ainda me custa um sacrifício. Tentei muitas vezes criar um apelido para ela, mas ninguém o adotou. O seu nome é Daisy e é assim que todos e eu também a chamamos. Nunca tive coragem de contar ao Oswaldo o nome da minha nora ou da minha neta. Ele também nunca se interessou.

Acho que também ele nunca mais teve contato com a Antonieta, a prima pianista de Daisy, e nem jamais soube dela. Eu a encontrei na cidade uns anos atrás, quando saía da Secretaria de Justiça, aonde eu havia ido resolver algum problema burocrático. Quando pisei na rua Quinze, uma senhora gorda e baixinha, já com uns inícios de cabelos brancos, acompanhada de uma moça, me chamou.

— Dr. Pedro! Não se lembra mais de mim? — ela me disse.

Demorei alguns segundos para reconhecer a Antonieta, a jovem pianista, nas feições daquela senhora, depois de mais de vinte anos passados da última vez em que a vi, naquele dia terrível. Ela me perguntou aquelas coisas vagas que todos os que se conheceram no passado perguntam nesses encontros fortuitos, por onde andava, pela família, filhos, essas coisas. Respondi como se costuma fazer e lhe fiz um rápido resumo da minha existência até ali. A vida de funcionário, a família, meus filhos. E ela como estava?

— Dr. Pedro, nem queira saber. Estamos numa correria danada! Daqui a quinze dias caso minha filha única e estamos correndo as lojas e fazendo os últimos preparativos. O senhor sabe como é casar uma filha hoje em dia, ainda

mais no meu caso que só tenho uma! Mas que falta de educação a minha! Nem lhe apresentei a menina. Nem sei mais onde tenho a cabeça! Estamos batendo as lojas da rua Direita e da rua Quinze desde manhã e ainda falta muita coisa. Mas esta é a futura noiva — ela disse, indicando a moça a seu lado.

— Maria de Lourdes, este é o dr. Pedro, um velho amigo da nossa família.

Quando ouvi aquele nome não soube mais o que dizer. A moça me olhou sem entender, mas a Antonieta entendeu tudo, imediatamente. Ela, assim como eu, também tinha a sua maneira de lembrar-se do nosso passado. Mas não falamos dele. Não era necessário. Despedimo-nos rapidamente e ela me convidou para o casamento, dali a duas semanas, na igreja da Consolação. Prometi ir. Não fui, mas mandei um telegrama de felicitações.

Acho que as lembranças são também uma forma de castigo. E eu as carrego juntamente com as minhas culpas.

Quais são as minhas culpas? Eu sei, mas nunca tive coragem de admiti-las. Não posso negar que tive um papel naquele episódio. Naqueles dias em que tudo aconteceu, éramos unidos como irmãos e estávamos sempre juntos. Depois que eu conheci Daisy e nos tornamos amigos, eu procurava ficar o maior tempo possível junto dela. Isso acabou por me aproximar mais ainda de Oswaldinho e nos víamos praticamente todos os dias. Quando Daisy descobriu que estava grávida, foi a mim que ela primeiro procurou e implorou que a ajudasse. Ela temia, com razão, que o patriarcalismo que Oswaldo tanto rejeitava falasse mais alto na hora decisiva e ele não aceitasse se casar com ela. Mas ela e eu sabíamos que o filho era dele! Ela contava com a minha ajuda para poder convencê-lo. Logo eu, que casaria com ela naquele momento, mesmo sabendo que o filho que ela esperava era dele. Para mim pouco importava que ela esperasse um filho dele ou de um outro sujeito qualquer. Se Daisy me quisesse ou me aceitasse, já me daria por muito satisfeito. Mas qual! Ela gostava do Oswaldinho, sempre gostou dele, por quê, não sei! Ou talvez saiba e finja até hoje não saber.

Nunca disse nada, mas ajudei Oswaldinho da maneira mais conveniente para que eles não se casassem. Jamais disse a ele quantas vezes ela me contou como estava apaixonada. Nas várias vezes que conversamos antes de tudo acontecer, eu sutilmente me esforçava para induzi-lo a não se casar com ela. Essa é a verdade! Não com palavras claras, evidentemente. Jamais disse que ele não deveria fazer isso. Ele não queria se casar com ela ou pelo menos tinha dúvidas e eu não queria que ele quisesse. Mas eu era Iago em nosso drama e fui sutilmente empurrando Oswaldo para o papel de Otelo. Mas queria um *Otelo* sem quinto

ato e nem tragédia. Que idiota pretensioso eu era! Estava cego e era a paixão louca e persistente por ela que me cegava.

É claro que se eu a tivesse ajudado a convencê-lo, como ela me pediu, talvez tudo tivesse sido diferente. Mas faltou-me coragem, como faltou-me em muitos outros momentos da vida. A mínima esperança de que ela, um dia talvez pudesse ser minha, me impediu. Ou a minha covardia, não sei. O que sei é que ela me pediu e eu lhe prometi que ajudaria. Mas não fiz isso, muito ao contrário. O simples fato de ela ter me pedido teria que ter sido suficiente para acabar de vez com as minhas ilusões. Mas quem consegue acabar com as próprias ilusões? Nós só enxergamos as ilusões dos outros, nunca as nossas. Se eu tivesse tido coragem para renunciar a ela naquele momento, talvez tudo tivesse ocorrido de outra maneira. Não sei, mas desde que tive aquela infeliz conversa com Oswald, quando ele estava no hospital, já próximo do fim, não pude mais deixar de pensar nisso.

Minhas lembranças... eu achava que me lembrava de tudo, disse isso no começo deste relato, mas era mais uma mentira. Nunca fui capaz de admitir que daquilo eu não queria mais recordar. Por quase quarenta anos vivi nessa ilusão, com estas memórias falsas, porque faltava-lhes um pedaço. Um pedaço que eu fingia não lembrar e que ele, já no final, me obrigou a recordar.

Depois que eles se casaram e tudo aconteceu, meus sonhos se acabaram. Eu, no fundo, sabia desde aquele tempo qual era a minha culpa. Desde então fugi da cidade, abandonei as rodas literárias e o jornalismo, enfiei-me aqui, tornei-me um Dom Casmurro. Eu também, como o Bentinho, perdi num golpe as ilusões de toda uma vida. Acho que, sem ser capaz de criar grandes personagens de romance, acabei por me contentar em imitar um deles. Como dizia o meu pai, “de ilusão também se vive”, lembro-me dele de novo. Eu fui vivendo. Enterrado neste interior, cada vez mais longe de São Paulo, longe das glórias, longe de todos, longe deles e destas lembranças penosas.

Mas em todos os dias da minha vida, nos bons e nos maus, sempre me lembrei do nosso Covil, da porta de madeira e vidro da rua Líbero Badaró, que não se podia abrir sem barulho, do corredor escuro que levava ao elevador, um elevador pequeno como todos os daquela época, da porta pantográfica e do Pippo ascensorista. Me lembro daquelas duas salas, uma pequena e a outra grande onde nos reuníamos. Me lembro também do Lobato, que numa tarde esqueceu os originais do *Urupês* entre as almofadas do sofá de ramagens, inebriado pela presença dela. Lembro do Léo, sempre calado, dos desenhos do Ignacio, dos

sonetos do Guy escritos no diário, das proezas boêmias do Edmundo, que fascinava as atrizinhas dos teatros, do Jairo, do Paulo, do Rao e dos outros.

Ouvia e ouço ainda a sua voz, grave e clara e a sua risada.

— Ri devagar — ela me disse.

Mas quem podia, quando ela estava presente?

Em casa, nesta noite quente e silenciosa de Tatuí, eu, sozinho no pequeno escritório que mantenho no quarto que foi dos meus filhos antes deles se casarem, termino discretamente estas minhas memórias de velho, o único livro que consegui escrever em toda a minha vida e que jamais poderei ver publicado. O escrevi para mim mesmo. E para ela, esteja onde estiver. Enquanto concluo estas últimas linhas nestes cadernos, me lembro, ainda uma vez mais, daquelas salas nos fundos de um terceiro andar na rua Líbero, da luz que entrava pela janela e do sol coado pela cortina clara que batia em cheio em seu rosto e iluminava os seus cabelos. Ela tinha apenas dezoito anos, era ainda uma menina, mas sempre me pareceu mais velha e sábia do que eu.

Depois que Oswaldo fechou a garçonnière, levou com ele o livro onde todos registramos nossos sonhos daqueles dias e o entregou para a Cyclone.

No pé da última página do nosso diário, ela escreveu a lápis, com sua letra grande e redonda:

E tanta vida, bem vivida, se acabou.

Sobre este livro

Este é um romance de não ficção. A realidade dos acontecimentos e as ideias do autor se cruzam incessantemente e muito do que vem neste livro foi obtido nos arquivos e registros deixados pelos seus protagonistas. Apenas Pedro, o narrador, é resultado da fusão de vários frequentadores da garçonnière e recebeu um tratamento ficcional.

O autor é grato a diversas instituições que contribuíram para preservar a memória daqueles episódios e permitir, cem anos depois, a reconstrução dessa história.

O Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulalio (Cedae), da Unicamp, mantém o acervo de manuscritos de Oswald, incluindo as cartas que ele escreveu à Miss Cyclone e as cartas e escritos deixados por ela — inclusive o seu diário —, lembranças que ele guardou por toda a vida. A Biblioteca Nacional conserva cópia da coleção completa de *O Pirralho* e dos jornais da época, como *A Gazeta*, *Correio Paulistano*, *O Combate*, *A Cigarra*, *Jornal do Comércio*, de São Paulo, e *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, que registraram a maior parte dos eventos narrados neste livro. O Centro de Referência em Educação Mario Covas mantém a memória do ensino paulista e os dados escolares da Cyclone na Escola Normal. O Arquivo Histórico Municipal tem o registro das transformações urbanas da cidade e publicou o interessante artigo de Luis Soares de Camargo sobre o cotidiano das mulheres em São Paulo, no período colonial, cuja pesquisa foi utilizada nesta obra. Foi também útil o arquivo do jornal *O Estado de S. Paulo*, no qual, muitas vezes, os protagonistas desta história foram mencionados.

Não posso deixar de assinalar o trabalho realizado pelo Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS) em 1990 que colheu, durante as comemorações dos cem anos de Oswald de Andrade, um número expressivo de entrevistas com alguns dos personagens que conviveram com ele e forneceram importantes informações para este livro. Devo citar, entre muitos outros, os depoimentos de

Antonio Candido, Carmem Brandão (a bailarina Landa) e Marcos Rey, que, com seu testemunho sobre os últimos meses de Oswald, deu a chave para a construção deste romance.

Este livro, portanto, tem muitas fontes. Inúmeros trabalhos e pesquisas publicados foram cruciais para a compreensão desse período e dos eventos aqui narrados, mas são muitas dezenas e seria impossível citá-los de maneira adequada numa obra de ficção que não é um trabalho acadêmico.

Finalmente preciso agradecer a Fausto Couto Sobrinho, companheiro de estudos de décadas, que leu e criticou os originais, melhorando, no que era possível, a minha escrita. E a Fernanda Carvalho, que, durante os anos de elaboração deste livro, foi eficiente assistente de pesquisas, ajudando com curiosidade e persistência a revelar muitos dos segredos dos personagens, sendo também fundamental na localização do prédio da antiga garçonnière na rua Líbero Badaró.



JAIR MAGRI / TV CULTURA

JOSÉ ROBERTO WALKER é historiador, publicitário e produtor cultural. Já escreveu vários livros sobre São Paulo, entre eles *Theatro São Pedro* e *Sala São Paulo*. É ativo produtor de espetáculos de música clássica e ópera, e foi responsável pela criação de inúmeros programas e documentários para o rádio e a televisão, bem como uma série sobre grandes músicos brasileiros, entre eles Eleazar de Carvalho, Isaac Karabtchevsky e João Carlos Martins.

Copyright © 2017 by José Roberto Walker

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

André Kavakama

Foto de capa

Guilherme Gaensly/ Acervo Instituto Moreira Salles

Preparação

Ciça Caropreso

Checagem

Érico Melo

Revisão

Huendel Viana

Adriana Bairrada

ISBN 978-85-438-0951-9

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras instagram.com/companhiadasletras twitter.com/ciadasletras

MAIS DE 1 MILHÃO DE
EXEMPLARES VENDIDOS
NO BRASIL

D O MUNDO E SOFIA

ROMANCE DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

JOSTEIN GAARDER


COMPANHIA DAS LETRAS

O mundo de Sofia

Gaarder, Jostein 9788580865189

568 páginas [Compre agora e leia](#)

Às vésperas de seu aniversário de quinze anos, Sofia Amundsen começa a receber bilhetes e cartões-postais bastante estranhos. Os bilhetes são anônimos e perguntam a Sofia quem é ela e de onde vem o mundo. Os postais são enviados do Líbano, por um major desconhecido, para uma certa Hilde Møller Knag, garota a quem Sofia também não conhece.

O mistério dos bilhetes e dos postais é o ponto de partida deste romance fascinante, que vem conquistando milhões de leitores em todos os países e já vendeu mais de 1 milhão de exemplares só no Brasil. De capítulo em capítulo, de "lição" em "lição", o leitor é convidado a percorrer toda a história da filosofia ocidental, ao mesmo tempo que se vê envolvido por um thriller que toma um rumo surpreendente.

[Compre agora e leia](#)

amós oz

MAIS DE UMA LUZ

fanatismo,
fé e convivência
no século XXI

COMPANHIA DAS LETRAS

Mais de uma luz

Oz, Amós 9788543809991

96 páginas [Compre agora e leia](#)

Em tempos conflituosos, nada mais urgente que a profundidade e a lucidez destes três novos ensaios de Amós Oz.

Com Mais de uma luz, o grande romancista Amós Oz se confirma também como um dos mais poderosos ensaístas da atualidade. O livro reúne três ensaios: no primeiro, Oz argumenta em defesa do debate e da diferença, retomando um dos temas que lhe são mais caros — a compreensão do que é fanatismo. Afinal, um fanático nunca entra num debate: se ele considera que algo é ruim, seu dever é liquidar imediatamente aquela abominação.

No segundo ensaio, Oz tece uma belíssima reflexão sobre o judaísmo como eterno jogo de interpretação, reinterpretação, contrainterpretação. A fé nada teria a ver com a ideia de verdades eternas ou absolutas; o judaísmo, para Oz, é justamente a cultura do questionamento — e do debate.

O texto final discute a candente questão da convivência em uma das regiões mais disputadas do mundo. Oz propõe um diálogo com a esquerda pacifista, sugerindo que se abandone o sonho de um estado binacional como solução para os conflitos entre Israel e Palestina — a saída, para ele, estaria na existência de dois estados nacionais diferentes.

[Compre agora e leia](#)

Dorrit Harazim




COMPANHIA DAS LETRAS

O instante certo

Harazim, Dorrit 9788543806242

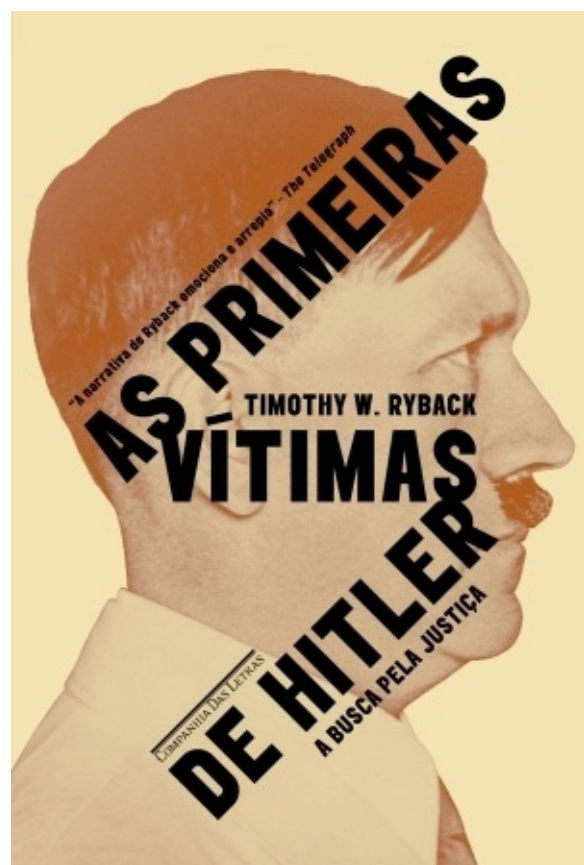
384 páginas [Compre agora e leia](#)

Com olhar arguto e sensível, a jornalista Dorrit Harazim fala de algumas das mais importantes fotografias da história.

Há cliques que alteraram o rumo da história e os costumes da sociedade. Neste O instante certo, a premiada jornalista Dorrit Harazim conta as histórias de alguns dos mais célebres fotogramas já tirados. Assim, registros da Guerra Civil Americana servem de base para analisar os avanços tecnológicos da fotografia; uma foto na cidade de Selma conta a história do movimento pelos direitos civis; e uma mudança na lei trabalhista brasileira tem como fruto um dos mais profícuos retratistas do país.

Em seu primeiro livro, Harazin nos guia não apenas através das imagens, mas de um universo de histórias interligadas, acasos e aqueles breves momentos de genialidade que só a fotografia pode captar.

[Compre agora e leia](#)



As primeiras vítimas de Hitler

Ryback, Timothy W.

9788543809472

336 páginas [Compre agora e leia](#)

A impressionante história de um dos primeiros opositores de Hitler.

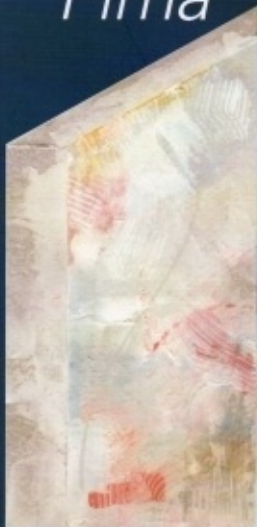
Combinando uma extensa pesquisa historiográfica a uma narrativa em ritmo de thriller, Timothy W. Ryback conta em *As primeiras vítimas de Hitler* a impressionante história de Josef Hartinger, um jovem promotor alemão que lutou para esclarecer a controversa morte de quatro jovens judeus inocentes no campo de concentração de Dachau, a poucos quilômetros de Munique, em abril de 1933.

O caso, que teria sido uma reação dos guardas a uma suposta fuga, já indicava os primeiros sinais do projeto brutal de extermínio que marcaria o regime de Adolf Hitler e que encontraria em Hartinger um dos primeiros opositores a arriscar a própria vida e a carreira em busca de justiça.

[Compre agora e leia](#)

AMÓS OZ

Fima




COMPANHIA DAS LETRAS

Fima

Oz, Amós 9788543808147

320 páginas [Compre agora e leia](#)

Fima vive em Jerusalém, mas acha que deveria estar em outro lugar. Ao longo de sua vida, teve diversos amores, foi um jovem poeta promissor, meditou acerca do sentido do universo, polemizou sobre os descaminhos de Israel, elaborou uma fantasia detalhada sobre a criação de um novo movimento político e sentiu a ânsia constante de abrir um novo capítulo em sua vida. E ei-lo agora, aos 54 anos, em seu apartamento imundo, numa manhã cinzenta e úmida, travando uma batalha humilhante para soltar a ponta de sua camisa presa no zíper da calça.

Com graça, agudeza e conhecimento profundo da alma humana, Amós Oz traça o retrato de um homem e de uma geração que teve sonhos nobres e generosos, mas é incapaz de fazer alguma coisa.

[Compre agora e leia](#)